

Vol. 16  
n,2  
2022



L A T I T U D E  
REVISTA

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - UFAL

ISSN: 2179-5428

# Dossiê Redes sociais em contexto da mudança: as relações de sociabilidade a partir das plataformas



Foto: Wenjie Dong / Getty Images

## Organizadores:

Joaquim Fialho

Valéria Macedo

Elaine Dias

Larriza Thurler



Revista do Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia da Universidade Federal de  
Alagoas (Ufal)

ISSN: 2179-5428

---

**Editor-Geral**

*Cristiano das Neves Bodart, UFAL*

**Equipe Editorial**

*João Batista Bittencourt, UFAL*

*Luciléia Aparecida Colombo, UFAL*

*Welkson Pires, UFAL*

**Gerente de assuntos internacionais**

*Plácido Adriano de Moraes Nunes*

---

**Conselho Científico**

*Alice Anabuki Plancherel, UFAL*

*Arim Soares do Bem, UFAL*

*Breitner Luiz Tavares, UFAL*

*Elder Maia Alves, UFAL*

*Ilse Scherer-Warren, UFSC*

*Joanildo Albuquerque Burity, UFPE*

*Leonilde de Medeiros, UFRRJ*

*Maria da Glória Gohn, Unicamp*

*Milene de Cássia Silveira Gusmão, UESB*

*Moacir Gracindo Soares Palmeira, UFRJ*

*Paulo Marcondes Ferreira Soares, UFPE*

*Pedro F. Guedes do Nascimento, UFAL*

*Ricardo Antunes, Unicamp*

*Ricardo Mayer, UFSP*

*Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira, UFAL*

*Sedi Hirano, USP*

---

**Pareceristas do volume 16, n.2, 2022**

*Alessandra Santos Nascimento-Unesp*

*Amanda Gomes Pereira - UFMA*

*Ana Beatriz Duarte-Universidade de  
Coimbra*

*Ananda da Silveira Viana-IESP-UERJ*

*Annahid Burnett-UEPB*

*Antonio Daniel Alves Carvalho-UFS*

*Breno Bittencourt Santos*

*Carlos Eduardo Santos Maia-UFJF*

*Cesar Alessandro Sagrillo Figueiredo-UFT*

*Cristiano das Neves Bodart-UFAL*

*Cristiano Monteiro-UFF*

*Edson Dias Ferreira-UEFS-BA*

*Gustavo Souza Santos-UNIMONTES*

*Helia Bracons - Universidade Lusofona  
(Lisboa)*

*Jaime Amparo Alves-Universidade da  
Califórnia*

*Joaquim Fialho Fialho-CLISSIS (Portugal)*

*Larriza Thurler-IBICT/UFRJ*

*Lourdes Caraça-IPSANTAREM*

*Marcelo Garson-UECE*

*Marcelo Tadvald-UFRGS*

*Maria Pilar Cabanzo-FEBF / UERJ*

*Mary Anne Vieira Silva-UEG*

*Micheline Dayse Gomes Batista*

*Moacir Freitas Junior-UFU*

*Ramatis Jacinor-Universidade Federal do  
ABC*

*Raquel Folmer Corrêa-IFRS*

*Reinaldo José de Oliveira-UNEB e UFRB*

*Rodrigo de Macedo Lopes-UFRGS*

*Rodrigo Wolff Apolloni*

*Sandro Ruduit Garcia-UFRGS*

*Tarcisio Augusto Alves da Silva-UFRPE*

*Teógenes Luiz Silva da Costa-Ufopa*

*Thiago Fidelis-UEMG*

*Valéria Macedo-UFRJ*

*Valquiria Barros-UFRJ*

*Virgínia Ostroski Salles-UTFPR*

*Wanise Borges Gouvea Barroso-Fiocruz*

*Wendell Marcel Alves da Costa-USP*

**Revisão gramatical:** Renata Dermenjian

**Diagramação:** Fabio Monteiro de Moraes

## SUMÁRIO

<b>Editorial</b>	<b>00-03</b>
<b>DOSSIÊ REDES SOCIAIS EM CONTEXTO DA MUDANÇA: As relações de sociabilidade a partir das plataformas</b>	
<b>Redes sociais em um mundo em mudança acelerada</b> Joaquim Fialho, Elaine Dias, Valéria Macedo e Larriza Thurler	<b>04-07</b>
<b>O Capital Social na Teoria das Redes Sociais</b> Joaquim Fialho, Elaine Dias e Valéria Macedo	<b>08-28</b>
<b>Like/dislike como metacódigo moral e acelerador social</b> Antonio Costa	<b>29-52</b>
<b>Sociologia Digital: o fenômeno metaverso</b> Valéria Macedo	<b>53-70</b>
<b>Vale o que vier? Considerações sobre a reprodutibilidade musical no TikTok em tempos de Hipercultura</b> Carlos Lacerda Coelho, Flávio Marcílio Maia e Silva Júnior	<b>71-89</b>
<b>Limites e possibilidades da interação social em comunidades do Facebook: o caso do grupo Direitos Urbanos  Recife</b> Micheline Dayse Gomes Batista.	<b>90-115</b>
<b>As práticas de interação social e a desinformação no contexto das redes sociais digitais</b> Joaquim Fialho e Elaine Dias.	<b>116-139</b>
<b>Política no mundo digital: o impacto da exposição ao capitalismo de vigilância nos valores políticos da juventude</b> Jennifer Azambuja de Moraes, Alexsander Dugno Chiodi e Felipe Silva Milanezi.	<b>140-157</b>
<b>Do organograma ao rizoma: o impacto das tecnologias e das dinâmicas de comunicação em rede na gestão do conhecimento organizacional</b> Larriza Thurler e Vinicius Pereira	<b>158-174</b>

**Redes e Sociabilidade da Modernidade Tardia** 175-195  
Breno Fontes

**Social Medias and Sociability in The Late Modernity** 196-215  
Breno Fontes

**ARTIGOS**

**Raul Seixas: “Baú”, habitus e juventude em Salvador nas décadas de 1950/1960** 216-241  
Lucas Souza e Janaina Lobo

**Dinâmicas de engajamento e desengajamento político: uma análise no âmbito do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo** 242-260  
Náthani Siqueira Lima e Marcelo Carlos Gantos

**Profissionais tradicionais de saúde e suas estratégias populares no combate a sinais e sintomas de doenças em Santarém-PA** 261-278  
Teógenes Luiz Silva da Costa e Paola Marcélia Acioly Fernandes



ISSN: 2179-5428

## DOSSIÊ

### **REDES SOCIAIS EM CONTEXTO DA MUDANÇA: As relações de sociabilidade a partir das plataformas**

#### ***Organizadores:***

Joaquim Fialho

Elaine Dias

Valéria Macedo

Larriza Thurler

A presente proposta contempla trabalhos inéditos no campo das ciências sociais que abordam aspetos teórico-conceituais, análises empíricas, panoramas e desafios colocados aos estudos das redes sociais, particularmente em eixos, como: capital social, redes de colaboração, gestão do conhecimento e as redes organizacionais, além das questões relativas à desinformação, fake news e o papel das redes sociais na sociedade de plataforma.

## Redes sociais em um mundo em mudança acelerada

### Social medias in a rapidly changing world

#### **Joaquim Fialho**

Professor no Instituto Superior de Gestão (Lisboa) e investigador no CLISSIS; doutor em Sociologia (Universidade Évora).

E-mail: [joaquim.fialho@gmail.com](mailto:joaquim.fialho@gmail.com)

#### **Valéria Macedo**

Bolsista de fixação de Recursos Humanos do CNPq - Nível C; doutora em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ)

E-mail:

[valeria.macedo@crie.coppe.ufrj.br](mailto:valeria.macedo@crie.coppe.ufrj.br)

#### **Elaine Dias**

Pesquisadora do CRIE, doutoranda em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ)

E-mail:

[elainedias@elainedias.com.br](mailto:elainedias@elainedias.com.br)

#### **Larriza Thurler**

Pesquisadora do CRIE, doutora em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ).

E-mail: [larriza@gmail.com](mailto:larriza@gmail.com)

#### **Resumo**

O mundo vive um processo de mudança acelerada. O local tornou-se global. O global tornou-se uma rede. Entender as mudanças e planejar o futuro é, hoje, um enorme desafio das Ciências Sociais. Este artigo apresenta uma síntese dos contributos multidisciplinares de vários autores que têm se dedicado ao estudo das redes sociais e a forma como elas influenciam ou condicionam diversos ecossistemas presenciais ou digitais.

**Palavras-chaves:** Redes Sociais. Mudança. Ecossistemas digitais.

#### **Abstract**

The world is experiencing a process of accelerated changes. The site has gone global. The global has become a network. Understanding the changes and planning for the future is, today, a huge challenge of the Social Sciences. This article presents a synthesis of the multidisciplinary contributions of several authors, who have been dedicated to the study of social medias and how they influence or condition various face-to-face or digital ecosystems.

**Keywords:** Social Networks. Change. Digital ecosystems.

#### **Introdução**

O conceito de rede social é híbrido, complexo e passível de interpretações bem distintas de contexto para contexto. O conceito de rede social não é o resultado do processo de globalização, nem surge com a chegada da internet e, muito menos, é sinônimo de Facebook, Instagram, WhatsApp ou outras plataformas de comunicação virtual. O conceito de rede social tem o seu primeiro grande impulso com a sociometria

de Jacob Moreno (nos anos 1930) e se beneficia de raízes provenientes da Sociologia, da Psicologia Social e da Antropologia. Nesta linha, as redes sociais decorrem da dinâmica das relações que se estabelecem entre pessoas, organizações, grupos ou comunidades.

O ser humano é eminentemente social e necessita do estabelecimento de interações sociais para a sua satisfação e integração em um determinado grupo e/ou comunidade. A sociedade das redes em que vivemos, e a força que as plataformas de comunicação virtual assumem nas sociedades contemporâneas, fazem com que os algoritmos funcionem como elemento estrutural e central na dinâmica do ecossistema digital, mapeando o alcance da sua influência.

Hoje, vivemos no mundo das relações algorítmicas e somos meros seres numéricos, apanhados pelas teias da construção de mapas digitais em que estes refletem as nossas preferências, expectativas e interesses.

A internet e o advento das plataformas digitais e dos aplicativos para a comunicação em rede propiciam novas formas de interações on-line e a formação de redes sociais em espaços virtuais. O número de usuários digitais no mundo já ultrapassou 5 bilhões de pessoas e isso representa mais de 60% da população mundial no ciberespaço. Destes, 4,6 bilhões são usuários ativos das redes sociais digitais.

As redes sociais on-line, redes digitais, redes virtuais ou redes sociais na internet configuram um quadro de relações mediadas pela tecnologia digital e que divergem das redes sociais enquanto interações ancoradas em relações institucionais e pessoais. As redes sociais mediadas pelas estruturas digitais são redes amplificadas, através das quais a “voz” dos seus atores se beneficiam de um alcance incomensurável.

Nesse contexto, a consolidação das redes sociais virtuais estimula a eclosão de novas experiências virtuais, que ocupam uma centralidade sem precedentes na organização da vida em sociedade. Para a ciência social, o conceito de rede social está associado às lógicas de interação. Na atualidade, este conceito foi engolido pelas redes sociais virtuais. É comum, nos nossos dias, falar-se em rede social como sinônimo de Facebook, Instagram, Twitter etc.

As novas formas de interação social das sociedades desenvolvidas assentam em interações predominantemente virtuais. São um dos componentes mais importantes

na dinâmica das relações sociais entre pessoas, organizações e grupos. Através delas partilham-se valores, expectativas, interesses, por vezes, em uma imensidão de fluxos, que as tornam realidades muito complexas.

A adoção destas tecnologias digitais alterou, significativamente, as dinâmicas das relações sociais, constituindo um fértil campo de investigação para pesquisadores que buscam entender a complexidade dessa nova realidade. Nessa nova dinâmica das relações sociais mediadas pela tecnologia, os atores nelas envolvidos desenvolvem as suas interações movidas por diversas lógicas e estratégias de ação, colocando à comunidade acadêmica e à sociedade civil, um conjunto de desafios para a sua compreensão, os quais exigem uma abordagem multidisciplinar.

Em linhas gerais, esse é o propósito que une os autores e as autoras que contribuíram para a construção do dossiê “REDES SOCIAIS EM CONTEXTO DA MUDANÇA: AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE A PARTIR DAS PLATAFORMAS” que apresentamos a vocês. Os artigos que constituem o dossiê têm as suas origens em pesquisas que problematizam, teórica e empiricamente, a dimensão das redes sociais no mundo digital, particularmente nos campos do capital social, redes sociais na sociedade de plataforma, interação social e relações mediadas pela tecnologia, capitalismo de vigilância e desinformação, além da gestão do conhecimento organizacional em rede.

No âmbito do capital social, temos a pesquisa “O Capital Social na Teoria das Redes Sociais”, de Joaquim Fialho, Elaine Dias e Valéria Macedo, apresentando a construção do conceito de capital social e a forma como ele pode ser aplicado na teoria das redes sociais. Com este contributo, os autores revisitam os principais autores que desenvolveram o trabalho na conceitualização do capital social e a forma como ele estrutura as relações que se desenvolvem no quadro das redes sociais.

No plano das sociedades de plataforma, encontramos as pesquisas “Redes e Sociabilidade da Modernidade Tardia” de Breno Fontes, sobre a abordagem dos comportamentos humanos a partir da constituição de sua estrutura reticular, ancorada a partir da mediação da tecnologia do espaço virtual, a pesquisa “*Like/dislike* como metacódigo moral e acelerador social” de Antonio Costa, que debate sobre a influência de orientações binárias produzidas por algoritmos no comportamento social e a pesquisa “Sociologia Digital: o fenômeno metaverso” de

Valéria Macedo sobre a migração dos indivíduos para ambientes interativos em plataformas descentralizadas.

O uso das redes sociais, como TikTok e Facebook, e a relação com a interação social são apresentados na pesquisa “Vale o que vier? Considerações sobre a reprodutibilidade musical no TikTok em tempos de Hipercultura” de Carlos Lacerda Coelho, Flávio Marcílio Maia e Silva Júnior e em “Limites e possibilidades da interação social em comunidades do Facebook: o caso do grupo Direitos Urbanos | Recife” de Micheline Dayse Gomes Batista.

No campo dos dilemas sociais na era digital, como a propagação de desinformação e *fake news* e o capitalismo de vigilância, apresentam-se as pesquisas “As práticas de interação social e a desinformação no contexto das redes sociais digitais” de Elaine Dias, Joaquim Fialho e Valéria Macedo e “Política no mundo digital: o impacto da exposição ao capitalismo de vigilância nos valores políticos da juventude” de Jennifer Azambuja de Moraes, Alexsander Dugno Chiodi e Felipe Silva Milanezi.

Por fim, o dossiê apresenta a pesquisa “Do organograma ao rizoma: o impacto das tecnologias e das dinâmicas de comunicação em rede na gestão do conhecimento organizacional” de Larriza Thurler e Vinicius Pereira, sobre o uso das plataformas digitais e os impactos das novas dinâmicas na gestão do conhecimento, a partir do conceito deleuziano-guattariano de rizoma.

A coordenação do dossiê agradece aos autores e às autoras pelas valiosas contribuições e aos pareceristas que avaliaram os artigos, sem os quais esse resultado não seria possível.

## COMO REFERENCIAR

FIALHO, Joaquim; MACEDO, Valéria, DIAS, Elaine; THURLER, Larriza. Redes sociais em um mundo em mudança acelerada. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 04-07, 2022

## O Capital Social na Teoria das Redes Sociais

### Social Capital in Social Media Theory

#### **Joaquim Fialho**

Professor no Instituto Superior de Gestão (Lisboa) e investigador no CLISSIS; doutor em Sociologia (Universidade Évora).  
E-mail: [joaquim.fialho@gmail.com](mailto:joaquim.fialho@gmail.com)

#### **Elaine Dias**

Mestre em Gestão, Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz.  
E-mail: [elainedias@elainedias.com.br](mailto:elainedias@elainedias.com.br)

#### **Valéria Macedo**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e pelo Instituto Brasileiro em Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT).  
E-mail: [valeria@macedo.com.br](mailto:valeria@macedo.com.br)

#### **Resumo**

O conceito de capital social tem sido utilizado por influência da Sociologia norte-americana para sublinhar a importância das redes sociais informais na construção das relações sociais e de formas de sociabilidade, que têm por base interesses pessoais e coletivos. Este artigo apresenta uma construção do conceito de capital social a partir da perspectiva de autores como Bourdieu, Portes, Coleman, Putnam e Granovetter. No decurso do artigo podem ser lidos os contributos dos autores para a construção do conceito de capital social e a forma como ele pode ser aplicado na teoria das redes sociais.

**Palavras-chaves:** Redes sociais. Capital social. Relações sociais.

#### **Abstract**

The concept of social capital has been used by North American Sociology to underline the importance of informal social networks in the construction of social relationships and forms of sociability that are based on personal and collective interests. This article presents a construction of the concept of social capital from the perspective of authors such as Bourdieu, Portes, Coleman, Putnam and Granovetter. In the article, the authors contributions to the construction of the concept of social capital and the way in which it can be applied in the theory of social networks can be read.

**Keywords:** Social media. Social capital. Social relations.

## O propósito do conceito de capital social

O capital social surge comumente associado a uma panóplia de recursos a que um ator acede através das suas relações sociais (BOURDIEU, 1980; COLEMAN, 1988; PUTNAM, 1993). A mobilização do capital social funciona como um catalisador de obtenção de fins individuais e/ou coletivos. Todavia, apesar do uso do conceito de capital social estar amplamente difundido nos discursos dos cientistas sociais, ainda encontramos algumas ambiguidades na sua utilização. Trata-se, em nosso entender, de uma disparidade de utilização do conceito. Contudo, tendo em consideração que os utilizadores do conceito têm origem nas várias disciplinas, fica, de certa forma, justificada esta ambiguidade da utilização do conceito.

Face a esta ambiguidade de usos do conceito, este artigo pretende fazer uma arrumação conceitual sobre a complexidade do conceito e a sua dispersão pelos vários autores. Comumente, encontramos duas grandes correntes teóricas. Uma corrente em que o *“ator deve possuir um grande número de laços fortes para que o capital social seja realmente considerado como um recurso vantajoso (...) [e em que] são os laços fortes e não os fracos que constituem o capital social”* (LEMIEUX & OUIMET; 2008, p. 81). A outra corrente sustenta que as relações de baixa intensidade (GRANOVETTER, 1973) e os buracos estruturais (BURT, 1992) que um ator possui formam o capital social. Isso quer dizer que:

a informação original que circula através dos laços de fraca intensidade, assim como a posição do intermediário que o ator ocupa quando este conhece indivíduos que não se conhecem, constituem recursos vantajosos a que os defensores da segunda corrente chamam de capital social (LEMIEUX & OUIMET; 2008, p. 81).

Este artigo proporciona uma abordagem elementar sobre o conceito de capital, evoluindo para a discussão do conceito de capital social a partir dos contributos de Bourdieu, Portes, Putnam e Coleman.

## O conceito de capital social

Falar em capital, por si só, coloca-nos perante uma encruzilhada de sentidos e contra sentidos, em que a acuidade e a complexidade do caminho poderá nos colocar perante as lógicas da teoria econômica clássica dos fatores de produção, assente na trilogia capital, terra e trabalho ou, até mesmo, na lógicas de David Ricardo sobre o capital fixo e o capital circulante para as matérias-primas e bens intermediários. O caminho deste artigo não vai, naturalmente, para as lógicas economicistas em que a relativa estabilidade do conceito de capital coloca à Sociologia e aos sociólogos do capital social um complexo desafio de conceitualização.

Compreender o conceito de capital social pressupõe, em uma primeira instância, delimitar o conceito de capital e os tipos de capital que encontramos, com alguma turbulência analítica, no contexto das Ciências Sociais e Humanas em geral, e da Sociologia em particular. O capital pode ser físico, humano ou social. Todavia, o “capital” por si só remete-nos para uma panóplia de recursos que concedem um conjunto de benefícios. Por exemplo, a perspectiva clássica de Marx sustentava o capital como o conjunto de relações sociais de exploração entre capitalistas e trabalhadores. Na lógica marxista, os detentores dos meios de produção formavam uma elite capitalista. O capital posicionava-se entre os meios de produção. Os que não têm os meios de produção, como o capital, têm que trabalhar para aqueles que detêm os meios de produção. O trabalho é importante para a produção de produtos e serviços que constituem a cultura. Assim, os trabalhadores, ao criarem as soluções para muitos problemas no trabalho, contribuem para o desenvolvimento da Sociedade em que se enquadram. Ainda na linha dos conceitos de capital, e no quadro da economia, podemos encontrar as teses de Adam Smith (1937). O que separa as lógicas entre os autores é a perspectiva. Em Marx, a tônica é macro, enquanto o micro prevalece em Smith.

Marx concebe o capital como parte do processo de exploração na sociedade e Smith foca-se sobre o capital adquirido por pessoas para obter benefícios. Em comum na perspectiva está a ação dos indivíduos influenciada pela “mão invisível” em Smith, e pela mudança social e interação entre estruturas com possibilidade de influência nas ações dos indivíduos (Marx). Contudo, a complexidade da análise dos conceitos nos colocaria perante um foco de análise sem fim à vista. Porém, os conceitos de “ação” e “interação” discutidos nas perspectivas anteriores, assume muitas particularidades

que podem se reportar para os conceitos de capital social no quadro da teoria sociológica, como discutiremos mais adiante neste artigo, a propósito das relações duradouras entre indivíduos/grupos.

Nos discursos do capital, o capital humano, hoje amplamente amplificado no contexto da gestão de recursos humanos, é entendido como o conjunto de recursos diversos a investir em atores individuais, com o desejo de obter um determinado lucro. Por outro lado, e centrando o foco para os propósitos deste artigo, o capital social pode ser entendido como um conjunto de recursos para investir nas relações sociais. O capital social, foco da teoria sociológica contemporânea, ocupa uma enorme centralidade na Sociologia dos nossos dias, fundamentalmente, através das influências trazidas por Bourdieu, Portes, Putnam e Coleman.

Na Sociologia, o capital social é “algo” que consubstancia a cooperação entre as partes. Esta noção não implica necessariamente uma dimensão positiva, aliás, as interações entre as pessoas podem ter uma lógica negativista, como redes de tráfico de pessoas. O capital social, para os sociólogos, pressupõe, portanto, a dinâmica das relações de sociabilidade de um conjunto de pessoas ou grupos e os aspectos que fundamentam a colaboração entre os atores envolvidos e as oportunidades que emergem dessas relações sociais. Por esta lógica, a sociabilidade pode entender-se como a capacidade gerada para a realização de um trabalho em conjunto, uma colaboração e a prossecução de uma ação coletiva. Deste modo e, no quadro da análise sociológica, têm sido identificadas três fontes de capital: a confiança mútua, as normas e as redes sociais. Independentemente das formas de conceitualizar e medir os atributos das fontes aqui referidas, o capital social traduz-se em um conjunto de oportunidades para a ação coletiva e para o bem-estar do grupo.

Há que enfatizar que o capital social é mediado pela cultura e que esta determina os princípios de reciprocidade, confiança, solidariedade e cooperação. O capital é o resultado de estratégias de interação, intencionais ou não, orientadas para a construção e a reprodução de relações sociais duradouras, potencialmente geradoras de recursos simbólicos e materiais. Igualmente, o capital social engloba um conjunto de relações sociais, as quais ocorrem, em um determinado momento ou contexto, envolvendo um sujeito individual ou um coletivo de sujeitos. O capital social gera-se, acumula-se, mantém-se e destrói-se. Trata-se de um processo social em constante

metamorfose, que constitui um enorme desafio para as análises sociológicas contemporâneas.

## **O capital social na teoria das redes**

O capital social tem por base várias tradições da Sociologia, designadamente ao nível do pensamento de Durkheim, por influência do estudo da interiorização de normas sociais e da sua funcionalidade; por Tonnies através da análise do papel integrativo da comunidade; por Marx, ao nível da compreensão da construção da solidariedade de classe; através de Weber pela explicação do sentido da ação, e também por Simmel ao nível do processo de caracterização da sociabilidade na metrópole.

O capital social ao nível da análise dos fenômenos de natureza macrossocial associa o funcionamento das instituições económicas e políticas a questões de carácter cultural, fundadas a partir da interação social dos indivíduos. Por outro lado, foca ainda na importância da edificação de uma sinergia Estado-Sociedade para o bom funcionamento das instituições democráticas, assumindo-se como uma perspectiva alternativa às análises que destacam a atuação do Estado ou a atuação dos mercados no desenvolvimento socioeconómico.

Putnam (1996) apresenta-nos o conceito de capital social, como as *“características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas”* (PUTNAM, 1996, p. 177). Sublinha o autor que o capital social é uma herança histórica, ou seja, é produzida e ampliada conforme as experiências dos grupos. Trata-se de um capital que, quanto mais utilizado, mais a comunidade cívica o deterá, ou seja, quanto mais se usa o capital social, mais se adquire por aqueles que estão envolvidos na dinâmica do processo. Desta forma, a confiança é geradora de confiança, sendo base para a cooperação. Este capital social de Putnam (1996) possibilita a existência de laços comunitários fortes, capazes de garantir a ação coletiva, levando as pessoas a participarem ativamente do processo de construção da democracia por via de mecanismos não convencionais de envolvimento político. Quando adquirido o capital social, o indivíduo racional não deseja perder a confiança adquirida. A regra de reciprocidade está relacionada, segundo Putnam, com o que

dizia Cícero, no tempo de César: “*nenhum dever é mais importante do que retribuir um favor*”. Ou seja, a reciprocidade é um dos ingredientes da estruturação do capital social ou, seguindo a perspectiva de Putnam, poderemos afirmar que sem a reciprocidade nas interações, o capital social assume uma forma muito tênue.

Porém, as contribuições de Bourdieu (1980) e de Putnam (1993, 1996) em torno do conceito de capital social, são complementares e proporcionam uma visão ampla do conceito, fato que importa discutir neste artigo.

O conceito de capital social pode ser agrupado em duas grandes perspectivas, sendo a primeira a que apresenta um maior nível de afinidades com a Sociologia:

1. Apresenta um quadro em que as ações individuais podem ser fortalecidas por meio da participação deles em redes sociais e/ou de sociabilidade, em interações diretas e indiretas com os outros atores da rede, e a relacionam aos recursos e benefícios potenciais que um ator detém, por possuir ou participar de uma rede sólida e durável de relações pessoais (BOURDIEU, 1985; COLEMAN, 1988; PORTES, 1998);
2. Mais associada à Ciência Política, nesta perspectiva, o capital social é visto como uma parte significativa das relações e dos laços internos que caracterizam as bases da ação coletiva e garantem-lhe a coesão necessária para atingir os resultados esperados (PUTNAM, 1993).

Seguindo a linha da primeira perspectiva, podemos legitimar que as posições que os indivíduos ocupam nas redes se estruturam a partir dos recursos que lhes são disponibilizados por estas. A arquitetura das redes possibilita aos atores sociais a formação de um manancial de capital social, que influencia a formação de diversos recursos. Esta concepção é defendida pelo sociólogo Granovetter (1985) que sublinha a importância da estruturação das redes egocêntricas para a inserção do indivíduo no mercado de trabalho. Deste modo, as redes sociais podem funcionar como mecanismos de estruturação da ação coletiva, beneficiando-se das ações individuais dos seus atores.

Disperso por inúmeras publicações, o conceito de capital social tem evoluído como uma “*panaceia para todas as enfermidades que afetam a sociedade*” (PORTES, 2000) nos Estados Unidos ou na Europa. Na mesma lógica de muitos outros conceitos da Sociologia, o conceito de capital social (sentido e valor heurístico) tem sido

fortemente colocado à prova pelas mais diferentes utilizações em um caminho cuja aplicação, na teoria social, aos mais diversos contextos, o tornarão um conceito, cujo significado específico se imbuí em controvérsias conceituais.

Contudo, esta generalização não produz qualquer ideia inovadora para o campo da Sociologia:

que o envolvimento e a participação em grupos pode ter consequências positivas para o indivíduo e para a comunidade é uma noção corrente, remontando a Durkheim e à sua insistência na vida em grupo enquanto antídoto para a anomia e a autodestruição; e à distinção efetuada por Marx entre uma ‘classe em si’ atomizada e uma ‘classe para si’ mobilizada e eficaz (...) [assim] o termo capital social limita-se a recuperar uma ideia presente desde os primórdios da disciplina: reconstituir o contexto intelectual do conceito até aos tempos clássicos equivaleria a fazer uma revisão das mais importantes fontes da Sociologia do século XIX (PORTES, 2000, p. 134).

As metamorfoses pelas quais têm passado as sociedades contemporâneas têm induzido a uma multiplicidade de impactos nas diversas esferas da vida social. Essas tendências regeneradoras assumem a forma de mecanismos que pressupõem a arquitetura de novos arranjos de sociabilidade, sobretudo ao nível dos vínculos sociais.

Neste quadro da descodificação dos vínculos sociais, a teoria das redes sociais tem procurado analisar estes processos de adaptação às metamorfoses da contemporaneidade. Estas redes sociais constituem-se como meios que ligam os indivíduos às instituições e/ou organizações, e que contribuem para a formação das suas identidades. Este conceito possibilita a compreensão dos processos sociais mais complexos, vivenciados a nível macrossociológico, partindo da sua relação com fenômenos situados no campo macro. Assim, segundo Wellman (1983), a análise das redes sociais parte de uma ideia simples, mas poderosa, assente em uma tarefa base da Sociologia: estudar a estrutura social.

Para Borgatti (2003), a perspectiva de redes não trata única e exclusivamente dos elementos do sistema, mas sim da forma como eles interagem:

- Estrutura: desempenho do grupo;
- Posição: oportunidades e limitações;
- Capital social: advoga que o capital social prevalece sobre o capital humano;
- Estuda as consequências da posição na estrutura da rede.

Este foco na estrutura social, por mais evidente que possa parecer, pressupõe uma explicação consistente. Assim, de acordo com Wellman (1983), a estrutura desconsidera a análise sobre a forma como as pessoas agem e enfatizam os condicionantes estruturais das suas ações. A forma mais direta de estudar a estrutura social é analisar os padrões de ligações entre os atores. A análise de redes sociais procura estruturar os mais profundos padrões de redes, no quadro dos sistemas sociais complexos.

Os investigadores procuram descrever estes padrões e usam estas descrições para tentar compreender como as estruturas de redes influenciam o comportamento social e geram mudanças. Estas suas descrições estão assentes no conceito de laços (*ties*), conectando *nós* (pontos de intersecção) de um sistema social: laços que ligam pessoas, grupos, organizações etc. A análise de redes sociais procura conhecer como as propriedades de natureza estrutural influenciam o comportamento para além das prescrições normativas, dos atributos pessoais e das relações de natureza regular. Os investigadores das redes focam a estrutura, procurando estudar como os padrões de laços estabelecidos em uma determinada rede social geram oportunidades e limitações, porque influenciam as pessoas e as relações de poder. A análise de redes sociais trata, portanto, dos sistemas sociais enquanto redes de relações de dependência provenientes de acessos diferenciados a recursos escassos (WELLMAN, 1983).

Esta questão do acesso a recursos está estritamente associada à análise de redes e, particularmente, ao seu desenho. Um número significativo de investigações provou os efeitos de diferentes padrões de redes no acesso a recursos (WELLMAN, 1988). Uma panóplia de recursos pode ser obtida diretamente do mercado, como: informações, apoio social e financeiro, entre outros que preenchem o nosso dia a dia. Contudo, a integração em uma rede desenvolve e disponibiliza aos atores outros tipos de recursos que, de forma isolada, dificilmente poderiam adquirir: redes de amizade e vizinhança, redes profissionais, organizacionais e outras tantas que não se enquadram na simples lógica de aquisição individual no mercado.

## Capital social, estrutura e redes sociais

O conceito de capital social tem sido utilizado por influência da Sociologia norte-americana para sublinhar a importância das redes sociais informais na construção das relações sociais e de formas de sociabilidade que têm por base interesses pessoais e coletivos. Pode ser compreendido como o quadro de normas de reciprocidade, informação e confiança presente nas redes sociais informais, que se desenvolvem como fruto das interações dos atores da rede, gerando benefícios diretos e indiretos, que se revestem de enorme importância para a compreensão da ação social.

Nesta relação Sociedade-Estado, autores como Putnam (1993) e Evans (1996) reforçam a necessidade da existência de regras transparentes e sólidas como forma de se desenvolver um capital social acumulado à disposição da sociedade.

A existência de capital social em uma sociedade não é sinônimo da sua utilização e de conseqüente êxito nas políticas públicas. Estas mesmas políticas podem gerar resultados em uma determinada sociedade e, aplicadas a outras podem ser condição de fracasso, dependendo da forma como esse capital social é construído e movimentado. Deste modo, o capital social pode ser considerado um recurso potencial.

Enquadrado pelo caso italiano e partindo do estudo das diferenças políticas e econômicas de norte a sul, Putnam (1993) pretendeu demonstrar a relevância da participação cívica<sup>1</sup> ao nível das instituições democráticas e na criação de sinergias de Estado-Sociedade.

Outros autores têm estudado o capital social. Na Sociologia atual encontramos nomes como Pierre Bourdieu<sup>2</sup> (1996), Glenn Loury (1981)<sup>3</sup>, James Coleman (1998,

---

<sup>1</sup>Entende-se a participação dos cidadãos nas múltiplas instâncias organizacionais da sociedade civil.

<sup>2</sup>A análise desenvolvida por Bourdieu é considerada como a de maior refinamento entre aquelas que introduziram o conceito na Sociologia contemporânea. O tratamento do conceito é de natureza instrumental e centra-se nos benefícios adquiridos pelos indivíduos, como resultado da sua participação em grupos e na construção deliberada de sociabilidades que pretendem criar o capital social. Também para Bourdieu o conceito é decomponível em dois elementos: a relação social que possibilita aos atores reclamar o acesso a recursos na posse dos elementos do grupo e, um segundo elemento; a quantidade e a qualidade desses recursos (Portes, 2000).

<sup>3</sup>Através da crítica às teorias neoclássicas de desigualdade racial de rendimento, e às suas implicações políticas, defendeu que as teorias econômicas ortodoxas se apresentavam excessivamente individualistas por se centrarem exclusivamente no capital humano individual e na concepção de um campo estruturado para a competição sustentada nessas competências. Advoga o autor que as

1990) e Robert Putnam (1992, 1993 e 1995). De um modo geral, para estes autores o capital social reside na panóplia de relações que se verificam na estrutura social e que facilitam as ações dos indivíduos que estão enquadrados nessa estrutura. Sublinhe-se que o conceito de capital social tem subjacente que o relacionamento entre pessoas favorece o acesso aos recursos disponíveis na sociedade.

O trabalho levado a cabo por Loury (1981) abriu portas para a sustentação de uma análise mais refinada do processo iniciado por Coleman designadamente, no que concerne ao papel do capital social na criação de capital humano. No estudo do conceito, Coleman recorre aos contributos de Loury, tal como aos do economista Ben-Porath (1967) e dos sociólogos Nan Lin (1982) e Mark Granovetter (1973 e 1985).

Coleman (1988 e 1990) concebeu o capital social partindo da sua função, designando-o como se tratando de uma variedade de entidades com dois elementos em comum: todas elas constituem em um certo aspecto estruturas sociais e facilitam determinadas ações dos atores – pessoas ou atores coletivos no interior da estrutura.

Assim como outras formas de capital, o capital social está inerente a tipologias de relações, neste caso relações sociais assentes em redes sociais informais entre indivíduos e por formas de sociabilidade representativas da vida nas mais diversas organizações. Por outro lado, e, apesar da crescente racionalização da vida moderna, as relações sociais continuam a ser decisivas na construção da sociabilidade, relações estas que podem ser utilizadas como forma positiva de programas sociais e, assim, assumirem a designação de capital disponível na sociedade.

As redes sociais implicam a observância de normas de reciprocidade e confiança entre os atores. A função destas normas traduz-se no valor para os atores na estrutura social como recursos que podem ser utilizados para o prosseguimento dos seus interesses. Por outro lado, a positividade implica que os atores participem em redes relativamente maiores ao invés de quem está fora dela, pois isso pode ser considerado um fator negativo desse capital.

---

proibições legais contra as preferências raciais dos empregadores e a aplicação de programas para a igualdade de oportunidades, não seriam suficientes para diminuir as desigualdades raciais. A transmissão de pais para filhos e as relações mais escassas dos jovens trabalhadores negros com o mercado de trabalho aliadas a sua falta de informação para as oportunidades seriam as razões para o fracasso (Portes, 2000).

De acordo com Portes (2000), a primeira análise sistêmica de capital social foi realizada por Bourdieu (1980) que definiu o conceito como o agregado do atual ou potencial recurso, ligado ao pertencimento de uma forte rede social de relações supostamente institucionalizadas e de reconhecimento mútuo. Neste contexto, o capital social pode ser desmultiplicado em duas partes:

- O conjunto das próprias relações que possibilitam aos atores reivindicar recursos comuns aos participantes;
- A quantidade e a qualidade dos recursos.

No destaque para a interação entre as múltiplas formas de capital (social, econômico e cultural), o capital econômico seria o centro de todos os “capitais”. Por outro lado, se verificaria uma circularidade com epicentro no capital social, na qual os atores podem ter acesso direto a recursos econômicos, bem como aumentar o seu capital cultural. Contudo, o primeiro é o do capital econômico.

O conceito desenvolvido por Loury (1981) partiu de uma crítica às teorias das desigualdades raciais e às políticas que delas resultam nos Estados Unidos. Para Loury, as proibições legais contra a discriminação racial no emprego e a implementação de programas de oportunidades iguais não anulam as desigualdades. Em primeiro lugar, pelo ambiente (*environment*) no qual vive a população assente em círculos de pobreza com possibilidades de reprodução nos seus descendentes. Por outro lado, temos as reduzidas conexões dos jovens de raça negra com o mercado de trabalho e a conseqüente falta de oportunidades. Em síntese, o acesso diferenciado aos bens materiais e simbólicos resulta das parcas e limitadas redes sociais e, forçosamente, do reduzido capital social dessa parcela da população.

Coleman (1988 e 1990) desenvolve o capital social como uma teoria da escolha racional, rejeitando o individualismo externo que nela subjaz. A sua investigação decorreu com estudantes do ensino secundário de várias gerações, em Chicago, durante os anos 60, procurando identificar a influência dos estudantes de maior idade nos mais novos ao nível das questões da participação social, liderança e participação em associações recreativas. Para o autor registraram-se duas grandes correntes intelectuais ao nível da descrição e da explanação da ação social. Por um lado, uma que atendia ao ator socializado em que a ação era determinada pelas normas sociais

e restantes regras da comunidade em que se inseriram. A principal contribuição desta corrente residiu na habilidade de descrever a ação no seu contexto social e explicar a ação enquanto constrangida pelo contexto social em que se inseria. Uma outra, mais comum entre os economistas, focava o ator com objetivos independentes e inteiramente direcionados para interesses privados. A sua principal contribuição residia no fato da ação ser entendida como maximização utilitária, advogando a inclusão no desenvolvimento da teoria sociológica de componentes das duas correntes: a aceitação do princípio da ação racional ou ação prepositiva e a tentativa de apresentar como este princípio, em determinado contexto social, poderia contar não somente com a ação de indivíduos em contextos particulares, mas também no desenvolvimento da organização social. Para Coleman, o capital social é um recurso presente na ação, introduzindo a estrutura social no paradigma da ação racional.

Depois de Bourdieu, Loury e Coleman, tem sido desenvolvidas até os nossos dias outras análises sobre capital social. Baker (1992), considerou o capital social como *“um recurso que os atores fazem derivar de estruturas sociais específicas e usam depois para a realização dos seus interesses; recursos esses criados por alterações na relação entre atores”* (PORTES, 2000, p. 137).

Se o enfoque de Loury & Coleman se traduziu na necessidade de redes densas como circunstância para a gênese do capital social, o enfoque de Burt (1992) é no sentido contrário. Este autor introduziu a designação de “laços estruturais”, querendo significar que a ausência de laços facilita a mobilidade individual, na medida em que as redes densas se inclinam para transmitir informação redundante, sendo que os laços fracos podem se assumir como uma fonte geradora de conhecimentos e recursos.

Em suma, estas reflexões em torno do conceito de capital social remetem-nos para a capacidade de os atores poderem usufruir de benefícios pelo fato de estabelecerem laços/vínculos/interações de pertencimento com redes e outras estruturas sociais. Isso pode significar que o capital social abrange o conjunto de recursos que um determinado indivíduo pode retirar do resultado da sua participação/posição em uma rede de relações sociais estáveis.

## **A materialização do capital social nas redes sociais**

Como se tem demonstrado, o capital social tem sido fruto de uma enorme discussão e reflexão por vários cientistas sociais, nas mais diversas áreas de investigação. Os já mencionados Bourdieu e Coleman, sociólogos da década de 80, centraram-se no capital social como elemento de estudo específico, procurando interpretar e compreender como os indivíduos enquadrados por uma rede de relações sociais podiam se beneficiar da sua posição ou despoletar externalidades positivas para os outros atores.

O capital social é constituído pelas normas e pelas redes que facilitam a confiança, a cooperação e a ação coletiva. Trata-se de um bem que estrutura as relações sociais (MERCKLÉ, 2004).

Hobbes referiu que “ter amigos é ter poder”. Nesta linha, e reportando ao espectro do capital social, será lícito dizer que as formas em que se materializam o capital social assentam nesta lógica do poder.

Bourdieu (1980, 1985 e 1986) identificou analiticamente três formas de capital na construção e na reprodução dos sistemas de diferenciação social:

- Capital econômico: constituído pelos rendimentos, a posse de meios de produção e de património material e financeiro;
- Capital cultural: caracterizado pelos recursos simbólicos, as tendências e as qualificações intelectuais;
- Capital social: o conjunto dos recursos atuais ou potenciais que se encontram associados à posse de uma rede duradoura de relações mais ou menos institucionais de intra e inter-conhecimento (Mercklé, 2004).

Por outro lado, também, o capital social tem se manifestado como extremamente útil em diversos campos de aplicação, permitindo um melhor entendimento da tipologia de relações entre os indivíduos ou organizações. Contudo, e tal como já foi referido, por vezes o conceito surge erradamente confundido com o de socialização, confiança mútua ou relações pessoais a longo prazo. O capital social é mais que isso!

Em rigor, o capital social envolve um vasto conjunto de laços fortes e fracos, sendo que os primeiros possibilitam o desenvolvimento de confiança mútua e os últimos permitem o recolhimento de informações e conhecimentos novos. É em torno deste jogo dos laços que se estruturam as funções básicas do capital social.

Na abundante bibliografia internacional sobre o tema podemos identificar três funções básicas para o capital social:

- Fonte de controle social;
- Fonte de apoio familiar;
- Fonte de benefícios através de redes extrafamiliares (PORTES, 2000).

Entre estas três funções básicas do capital social e não sendo esta investigação um tratado sobre capital social, o enfoque vai, sobretudo, para o capital social enquanto fonte de benefícios através de redes extrafamiliares. Este afinamento deve-se, por um lado, à necessidade de compreender os benefícios provenientes da “participação” nas redes e, por outro lado, por se tratar daquele que recorrentemente tem sido utilizado em investigações similares.

Esta função está explicitada nos trabalhos de Anheier et al., citado por Portes, ao nível das técnicas de *blockmodelling* para cartografar os laços sociais entre artistas e intelectuais de Colônia (Alemanha). Os frutos deste estudo referiram que redes muito fortes entre membros do núcleo de elite intelectual da cidade restringiam o acesso a elementos que se dedicam a outras atividades, como o comércio e as atividades periféricas. Na ótica metodológica, este estudo é uma das utilizações mais aprimoradas das concepções de Bourdieu à Sociologia da cultura (PORTES, 2000).

Por conseguinte, é no campo da estratificação social que esta forma de capital social tem sido mais utilizada, sobretudo ao nível da explicação do acesso ao emprego, à mobilidade através de oportunidades profissionais de ascensão social e do sucesso empresarial. Foi neste quadro que Granovetter (1974) desenvolveu a terminologia e posterior teoria da “força dos laços fracos”, reportando-se ao poder praticado pelas influências indiretas, externas ao círculo imediato da família e dos amigos que se encontram mais próximos, em uma ótica de sistema informal de referências para a obtenção de emprego. Este pensamento foi inovador, na medida em que fazia oposição à noção do senso comum de que as redes densas, como as que estão subjacentes nos

círculos familiares, eram mais eficientes ao nível da procura de emprego. Cerca de vinte anos depois, Burt (1992), recorrendo à abordagem de Granovetter, fomentou o conceito de “buracos estruturais”. Assim como Bourdieu, Burt utilizou o conceito de capital social definindo-o de forma instrumental. Contudo, Burt assenta o seu capital social na escassez relativa de laços entretecidos em redes, ao invés da intensidade (PORTES, 2000).

Sendo o capital social um conceito assente na análise de redes de relações sociais, será pertinente estabelecer aqui alguns paralelismos entre capital social e redes sociais. Foi Granovetter que desenvolveu o conceito de *embeddedness*<sup>4</sup> cujo sentido se reporta ao “encaixar” de indivíduos em uma rede extensa de relacionamentos interpessoais. Deste modo, a análise de transações econômicas entre indivíduos não pode ser desligada do contexto social em que elas se inserem, sendo que a confiança é uma fonte de capital social.

Alguns estudos no âmbito do capital social enfatizam a estrutura formal de laços ou de relações que constituem uma rede social ou no conteúdo dos laços sociais. Isso pode significar que as fontes de capital social seriam estruturais ou relacionais. Por conseguinte, a essência das relações interpessoais seria a explicação para as motivações e habilidades decisivas para a formação do capital social. Neste quadro, Granovetter qualificou a natureza dos laços sociais:

- Laço forte – Verifica-se entre dois indivíduos e pressupõe um considerável nível de tempo e esforço de relação, feição emocional, confiança e reciprocidade. Trata-se de um relacionamento que vai se construindo ao longo dos tempos;
- Laço fraco – Surge em uma posição oposta e envolve transações de caráter pontual entre agentes, nas quais a identidade dos indivíduos assume uma menor importância. Neste tipo de laço, os níveis de confiança e reciprocidade são mínimos.

---

<sup>4</sup>Segundo Granovetter existem duas tipologias de *embeddedness*: o estrutural e o relacional. O estrutural tem o enfoque em como a posição estrutural de um determinado ator na rede influi no seu comportamento. O relacional sublinha a dependência do comportamento dos atores com a estrutura de mútuas expectativas.

Outras das contribuições mais significativas de Granovetter foi evidenciar (em ruptura com a lógica do senso comum) que os laços que têm uma maior probabilidade de gerar informações novas e, conseqüentemente, fomentar um maior valor no relacionamento são os laços denominados fracos. Granovetter pretendeu com isso significar que, no decurso do tempo, os laços fortes vão perdendo a sua funcionalidade se os mesmos indivíduos transacionarem por tempo indeterminado, podendo resultar um endurecimento do relacionamento, sendo que as questões de caráter pessoal se sobrepõem as da eficiência, e as possibilidades de inovação começam a ser reduzidas.

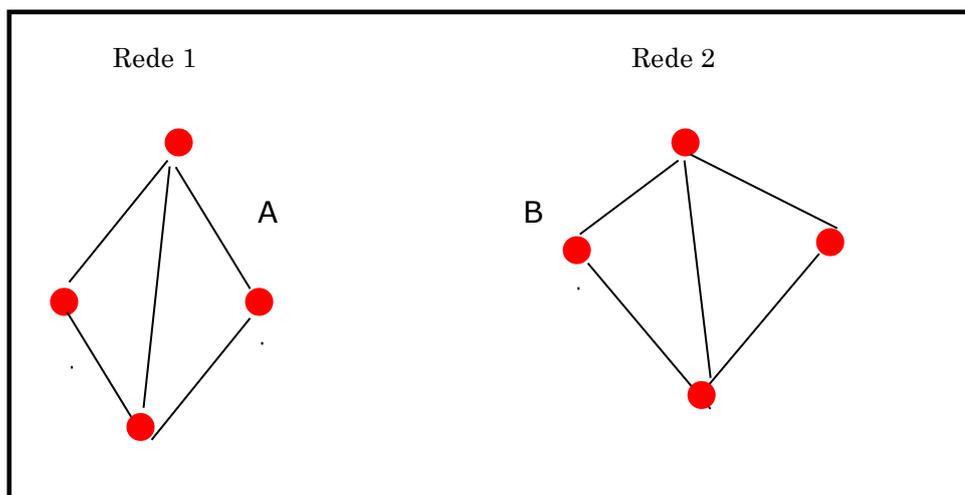
A figura seguinte (Fig. 1) exemplifica uma situação de relações sociais. As linhas contínuas representam os laços fortes e as linhas a tracejado representam os laços fracos. **A** e **B** significam um laço fraco entre atores. **A** e **B** estabelecem uma relação/ligação no buraco estrutural entre a **rede I** e a **rede II**.

Em relação à estrutura de redes sociais preconizada por Burt, foi desenvolvida a concepção de Granovetter, reforçando que os laços fortes são importantes para gerar a transmissão de novas informações, só que de forma não redundante. Com base na figura anterior, as redes sociais I e II estão conectadas por um laço fraco entre os atores **A** e **B**. Aqui é importante verificar que o laço **A** e **B** não é redundante, na medida em que nenhum outro agente nas **redes I** e **II** possui laços entre si. Isso pode significar que o relacionamento entre **A** e **B** apresenta potencial para ser condutor de informações novas e com relevo para as redes **I** e **II**. É neste quadro que Burt designa o laço **A-B** de *structural hole*<sup>5</sup> (buraco estrutural) entre as **redes I** e **II**.

---

<sup>5</sup>A perspectiva dos “buracos estruturais” apresenta-se como alternativa, que sublinha os benefícios que resultam do acesso à informação e a partir de oportunidades de intermediação relacionadas com a manutenção de relações não redundantes. Também, tanto os laços fortes como os fracos possibilitam a um dos atores o acesso às novas informações. Por conseguinte, fica evidente que os benefícios da informação que resultam dos vínculos fracos se encontram menos relacionados com a intensidade do vínculo e mais com os buracos estruturais que não estão regularmente associados a eles e a partir dos quais as organizações se beneficiam do acesso a recursos não redundantes de informação.

**Figura 1 - Buracos estruturais<sup>6</sup>.**



A investigação de Lin, Ensel & Vaughn (1981) veio desenvolver uma perspectiva alternativa. Em oposição a Burt e a Granovetter, desenvolveram a “força dos laços fortes”. Nesta investigação, o enfoque foi para o estudo das iniciativas empresariais de imigrantes ou de grupos étnicos, nas quais as redes e o capital que fluem no seu interior e se encontram identificados como se tratando de um recurso central para a gênese de micro empresas. Aqui o capital social funciona enquanto confiança de cada membro no quadro da rede em que se insere. A ausência desta confiança poderia ser um entrave e privaria os membros de receberem fundos de contribuição de todos os outros elementos da rede (PORTES, 2000).

### **Considerações finais**

Para Bourdieu (1986) o capital social é um tipo de capital que qualifica a posição relativa das pessoas na estrutura de classe, mas é importante sublinhar que o capital social sustentado no pensamento por Bourdieu é, como outros tipos de capital, referente em “*última instância*” à habilidade de indivíduos e/ou grupos de classe adquirirem capital econômico.

Enquanto o conceito de capital social de Bourdieu se encontra amplamente associado a redes sociais, em que estas dispõem ou não de capital social dependendo da posição relativa na estrutura de classe das pessoas que as compõem, em Coleman

---

<sup>6</sup>Segundo R. Burt um buraco estrutural é a ausência de relações entre dois atores.

(1990) o capital social é uma propriedade inerente dos grupos, independentemente da sua posição social. O aspecto mais relevante do conceito de Coleman não é, ao contrário de Bourdieu, o de rede social e sua posição estrutural na sociedade. Para Coleman, o “fechamento” das relações dentro do grupo; ou seja, de coesão interna do grupo, é o ponto central no conceito.

Todavia, apesar do pioneirismo de Bourdieu e Coleman na criação e na discussão teórica do conceito de capital social, dois outros autores foram fundamentais para a extensão do debate no universo acadêmico e no quadro da formulação de políticas públicas. Um dos enormes contributos deriva de Putnam (1996) nos seus trabalhos sobre o processo de mudança no sistema político italiano entre 1977 e 1989, enfatizando que a democratização da política italiana estava diretamente arrolada a uma forte cultura cívica, típica da região norte do país, associada a uma ampla difusão de associativismo, no estilo mais puro de uma organização social *tocquevilleana*, conduzia um processo amplo de desenvolvimento econômico e de eficiência governamental. Este fenómeno do associativismo cívico, visível no norte da Itália, é o que Putnam nomeia de capital social.

O dilema destes conceitos de capital social, à exceção de Coleman, é que não agregam nada mais, em termos heurísticos, ao que outros conceitos, já há muito disponíveis na literatura sociológica, ofereciam para o tratamento analítico dos fenómenos sociais a que são aplicados. Assim, o conceito de capital social de Bourdieu não agrega nada ao conceito de poder social, entendido como a posição diferencial das pessoas em redes de influência na sociedade. A vasta e profícua literatura americana dos anos sessenta sobre “poder local”, tanto na perspectiva elitista quanto na pluralista, já havia mostrado os efeitos diferenciais do poder das pessoas relacionado à sua posição em redes sociais. Igualmente, podemos sustentar que o conceito de capital social de Putnam (1996) não acumula nada ao conceito culturalista de sistema normativo ou cultura política. Porém, o conceito de Coleman (1990) distingue-se dos outros na medida em que se refere a um fenómeno próprio dos recursos que emergem da sociabilidade, dentro de um grupo ou comunidade. Coleman (1990) enfatiza as dimensões de densidade socioestrutural e a de “fechamento (*closure*)” dentro do grupo das relações sociais que compõem o capital social.

Para concluir há que ter em linha de consideração que na Sociologia contemporânea, além da literatura já referida (GRANOVETTER, BURT, LIN) é importante evidenciar o estudo de Blau (1987) sobre as relações macro e micro da realidade social, através de um estudo empírico em que emprega o conceito de rede social para mostrar como as relações sociais em redes estruturadas demográfica e ecologicamente constituem um contexto macrosocial na determinação das decisões individuais, no nível microcontextual para a escolha do(a) parceiro(a) matrimonial.

## Referências

BAKER, Wayne E. *The Network Organization in Theory and Practice*, In. NOHRIA, Nitin; ECCLES, Robert G.; *Networks and Organizations: Structure, form and action*, Cambridge, Havard Business School Press, 1992.

BEN-PORATH, Yoram. The Production of Human Capital and the Life Cycle of Earnings. *Journal of Political Economy*, vol. 75(4), pp. 352-365, 1967.

BLAU, Peter. *Exchange and Power in Social Life*, New York, Wiley, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa, Campinas, Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *The forms of capital*, In: Richardson, J. G. (Ed.), *Handbook of theory and research for the sociology of education*, Connecticut, Greenwood Press, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *Le capital social: notes provisoires*, Actes Rech, Sci.Soc, nº30, 1980.

BORGATTI, Steve. “*Conceptos Básicos de Redes Sociales*”, 2003. Disponível em: <http://www.analytictech.com/networks>. Acesso em: set, 2021.

BURT, Ronald. *Structural holes*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1992.

CAILLE, Alain. *Antropologia do Dom. O terceiro paradigma*. Petrópolis, Vozes, 2002.

COLEMAN, James. *Foundations of social theory*, Cambridge, The Belkness Press of Harvard University Press, 1990.

COLEMAN, James. “*Social capital in the creation of human capital*”. *American Journal of Sociology* 94 (Supplement), 1988.

EVANS, Peter. *Government action, social capital and development: reviewing the evidence on synergy*. *World development*, v. 24, n. 6, pp. 1119-1132, 1996.

FONTES, Breno A.; EICHNER, Klaus. *A formação do capital social em uma comunidade de baixa renda*. 2005. Disponível em: <http://revista-redes.reiris.es/html-vol7>. Acesso em: ago. 2021.

FREY, Klaus. Desenvolvimento sustentável local na sociedade em rede: o potencial das novas tecnologias de informação e comunicação. *Revista de Sociologia e Política* n° 21; novembro, 2003. Disponível em: <http://www.esterkaufman.com.ar/sitio/kaufman/publicaciones>. Acesso em: set. 2021.

GRANOVETTER; Mark. Ação econômica e estrutura social - o problema da incrustação. 1985. In: PEIXOTO, J.; MARQUES, R. *A nova sociologia econômica*. Oeiras, Celta, pp. 69-102, 2003.

GRANOVETTER; Mark. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78, 1973.

HEIN, Alex; BOSCH, J. L. Capital social en Chile: avances sobre su formación y aplicación. CPU, Chile, 2003. Disponível em: <http://www.ub.es/epp/redes/chile.PDF>. Acesso em: ago. 2021.

HIGGINS, Silvio Salej. *Fundamentos Teóricos do Capital Social*. Argos, Chapecó, 2005.

LEMIEUX, Vicent; OUIMET, Mathieu. *Análise estrutural das redes sociais*. Lisboa, Instituto Piaget, 2008.

LIN, Nan. *Social structure and network analysis*. California: Sage Publications, 1992.

LOURY, Glenn. *Intergenerational transfers and the distribution of earnings*. S. Paulo, *Econometria*, n° 49, 1981.

LOCKE, Richard M. *Remaking the Italian Economy*. Ithaca, Cornell University, 1995.

MATOS, Heloiza. *Capital Social e Comunicação: Interfaces e articulações*. Summus, São Paulo, 2009.

MERCKLÉ, Pierre. *Sociologie des réseaux sociaux*. Paris, La Decouverte, 2004.

PORTES, Alejandro. *Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea*. *Sociologia* [online], set. 2000, n° 33 [citado 09 Agosto 2005], pp. 133-158. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php>. Acesso em: set. 2021.

PORTES, Alejandro. *Social capital: Its origins and applications in modern sociology*. *Annual Review of Sociology*, 24, pp. 1-24., 1998.

PUTNAN, Robert. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

PUTNAM, Robert. Bowling alone: America's Declining Social Capital. *Journal of Democracy*, 6, 1995.

PUTNAM, Robert. Tuning In, Tuning Out: the strange disappearance of social capital in America. *Political Science and Politics*, 27, 1995a.

PUTNAM, Robert. *Making democracy work: civic traditions in modern Italy*. Princeton, Princeton University Press, 1993.

PUTNAM, Robert. *Making democracy work: civic traditions in modern Italy*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 1992.

SCHIFF, Maurice. *Social capital, labor mobility and welfare*. *Ration Soc.*, nº 4, 1992.

WELLMAN, Barry. *Social Structures: a network approach*. New York, Cambridge University Press, 1988.

WELLMAN, Barry. Network analysis: some basic concepts. In: WELLMAN, Barry (ed.) *Sociological theory*, vol. 1, pp. 155-200, 1983. Disponível em: [https://courses.cit.cornell.edu/info435\\_2006sp/w13/wellman.pdf](https://courses.cit.cornell.edu/info435_2006sp/w13/wellman.pdf). Acesso em: jan. 2022.

WOOLCOCK, Michael. Social capital and economic development: Toward a theoretical synthesis and policy framework. *Theory and Society*, 27(2), pp. 151-208, 1998.

**Recebido em:** 10 de outubro de 2022.

**Aceito em:** 22 de dezembro de 2022

#### COMO REFERENCIAR

FIALHO, Joaquim; DIAS, Elaine; MACEDO, Valéria. O Capital Social na Teoria das Redes Sociais. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 08-28, 2022.

---

## Like/dislike como metacódigo moral e acelerador social

## Like/dislike as a moral meta code and social accelerator

### **Antônio Luz Costa**

Professor titular do curso de Ciências Sociais, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas (DFCH), da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC; doutor em Sociologia pela Universidade de Hamburgo. E-mail: [aclcosta@uesc.br](mailto:aclcosta@uesc.br)

### **Resumo**

O tema deste artigo é a influência de orientações binárias produzidas por algoritmos no comportamento social. O objetivo é evidenciar os efeitos sociais amplos que a introdução e a estabilização de uma diferença podem produzir. A diferença aqui tomada como exemplo é entre gostar/não gostar, ou *like/dislike*. O procedimento metodológico é orientado pela análise de problemas sobre o tema evidenciados em outras pesquisas com o auxílio de conceitos de moral e tempo da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann. O resultado do trabalho conduz ao entendimento de que a diferenciação entre *like/dislike*, em suas diversas formas, tornou-se um metacódigo moral e provoca uma aceleração social.

**Palavras-chaves:** Algoritmos. Moral. Tempo. Teoria dos sistemas sociais. Luhmann.

### **Abstract**

The subject of this article is the influence of binary orientations produced by algorithms on social behavior. This study aims to highlight the broad social effects that introduction and stabilization of a difference can produce. The difference taken here as an example is between like/dislike. The methodological procedure is guided by the analysis of problems on the subject highlighted in distinct researches with the help of the concepts of morality and time from Niklas Luhmann's theory of social systems. The result leads to the understanding that the differentiation between like/dislike, in its various

forms, has become a moral meta code and a cause of social acceleration.

**Keywords:** Algorithms. Moral. Time. Social Systems Theory. Luhmann.

## Introdução

Algoritmos estimulam a orientação social pela seleção binária entre gostar ou não de pessoas, coisas e atividades em geral. A possibilidade de aprovações rápidas sobre temas e objetos diversos espalhou-se de modo veloz em vários países no mundo desde meados da primeira década deste século com a introdução do botão “like” ou semelhantes em aplicativos diversos na *web*. A sustentação dessas afirmações acima e os seus efeitos sociais são o tema deste artigo. O argumento principal é de que a diferenciação entre *like/dislike*, em suas diversas formas, tornou-se um metacódigo moral e provoca uma aceleração social.

Essa questão mais específica insere-se em um contexto maior de influência de “algoritmos” ou da “inteligência artificial” no comportamento social. Em si, são termos por vezes muito gerais e imprecisos. Há inúmeras definições para algoritmos e elas frequentemente se assemelham. Vejamos duas que sintetizam de modo geral as definições mais usadas. Gillespie (2018, p. 97) define algoritmos como “procedimentos codificados que, com base em cálculos específicos, transformam dados em resultados desejados. Os procedimentos dão nome tanto ao problema quanto aos passos pelos quais ele precisa passar para ser resolvido.” Para Cormen e outros (2022, p. 40), um algoritmo “é uma sequência de etapas computacionais que transforma *input* em *output*” ou, mais especificamente, “é qualquer procedimento computacional bem definido que parte de alguns valores, ou conjunto de valores, como *input*, e produz algum valor, ou conjunto de valores, como *output*, dentro de uma quantidade finita de tempo”.

Pretendemos fazer um uso conceitual que possa evidenciar a estrutura operativa básica inicial, que resulta em programas usados cotidianamente por diferentes agentes. Com base nesse objetivo e em definições como as duas acima apresentadas, projetamos a nossa própria, de modo mais simplificado: algoritmos são uma série limitada de instruções operativas que objetivam solucionar tarefas e problemas dentro de um espaço de tempo limitado. Essas séries são em forma de números, códigos e fórmulas.

Esses conjuntos constituem as operações básicas dos programas usados na *web* em geral.

Importante, inicialmente, como resultado do que se define como algoritmo, é observarmos que boa parte dos recursos comunicativos que usamos com base nesses programas é composta por caminhos estruturados para se atingir determinados objetivos, os quais são determinados por terceiros, humanos ou não.

Quanto ao termo “inteligência artificial”, entendemos neste artigo que aquilo que se está chamando de inteligência não deve ser comparado às características humanas. Assim, este termo não será usado na construção do argumento.

Quando, neste texto, nos referimos à influência de algoritmos, queremos indicar a influência dos produtos que resultam do uso de algoritmos em suas constituições, como aplicativos em geral, redes sociais, páginas da internet e máquinas de busca, como o Google. Nosso entendimento próprio de “redes sociais” é o de um conjunto de conexões de descrições, imagens e avaliações (curtidas) desses elementos que conduzem a um processo de reconhecimento social, positivo ou negativo, e a formação de seguidores que contribuem para esse processo. Esses modelos prestam os mais variados serviços sociais, ao mesmo tempo que nos tornam dependentes deles e, muitas vezes, adictos. Essa influência dos algoritmos em momentos decisivos da nossa organização social e no modo como pensamos, assim em como fazemos as nossas escolhas tem aumentado de modo veloz e descontrolado. Essa afirmação e o contexto maior de influência dos algoritmos na sociedade mencionado acima serão tratados na seção 1.

O objetivo deste artigo é evidenciar os efeitos sociais amplos que a introdução e a estabilização de uma diferença podem produzir. A diferença aqui tomada como exemplo é a entre gostar/não gostar, ou *like/dislike*.

Jaron Lanier (2012), um dos precursores da engenharia de produção de realidade virtual, pioneiro da internet e figura fundamental das ideias do Vale do Silício, afirma que a lógica inicial de desenvolvimento da programação de um aplicativo pode afetar todo o desenvolvimento tecnológico a seguir e, assim também, o comportamento humano, pois detalhes podem ter profundos e imprevistos efeitos sobre as experiências dos seres humanos e dos seus padrões de comportamento (LANIER, 2012, p. 18-19). Facilitar e estimular a utilização de um botão, por exemplo, pode provocar alterações intensas de padrões de comportamento.

Devemos refletir sobre os efeitos do botão *like* e, eventualmente, do *dislike*, quando disponível, seja qual for a forma que ele assuma. A ideia de “*like*” surgiu com o Vimeo, em 2005, depois foi usada também pelo FriendFeed (2007) e em 2009 ela ganhou forma mais definida e uso mais intenso com o Facebook. Em março de 2022, o Twitter apresentou também a opção de *dislike*, em forma de uma seta para baixo. A preocupação de Lanier foi reconhecida pelo próprio inventor do mecanismo de seleção *like/dislike* do Facebook, Justin Rosenstein, importante programador e *designer* daquela empresa, do Google e, por último, da empresa de software Asana. Conforme podemos ver e ouvir claramente em um dos seus depoimentos no documentário *The social dilemma* (O DILEMA, 2020), ele reconhece que foi um erro e não previa os resultados de vários mecanismos e estratégias do Facebook para prender mais a atenção dos seus usuários e ganhar mais adeptos.

É importante entender que não se refere somente às palavras *like/dislike* ou gostar/não gostar quando essas expressões forem usadas neste texto. A referência pretendida é ao sentido desta diferenciação. De modo que o que deve ficar evidenciado aqui é o efeito social de se empregar intensamente e de maneira radicalmente generalizada uma distinção entre o que se gosta e o que não se gosta e, assim, também entre o que agrada e não agrada, ou formas semelhantes. Observa-se que um ponto fundamental é perceber os limites dessas diferenciações com outra, a entre o certo e o errado. Em si são diferentes, mas tomadas, refletidas e usadas no turbilhão de avaliações e comentários em redes sociais e aplicativos em geral, elas acabam se confundindo.

Consideramos que essa diferenciação acima mencionada conduz a uma codificação binária que se emprega em nossa comunicação como orientação geral em vários momentos de nossos relacionamentos: a binaridade entre o que se aprecia e o que não se aprecia, o que se gosta e o que não se gosta, o que se considera como válido ou não. Essa distinção sempre existiu, de certo modo, desde que se conhece um mecanismo social que chamamos de “moral”. A questão nova é que essa codificação está cada vez mais servindo de base para outras distinções. Ou seja, uma distinção moral que antecede e perpassa distinções de caráter político, econômico, artístico, de saúde, além de aprovações importantes no nível íntimo e de amizade. Por ser, então, um código

que vem antes e serve de orientação geral para outros, aplicamos aqui o prefixo “meta” e o chamamos de metacódigo da moral.

Niklas Luhmann analisou a moral como um recurso de avaliação de um ser humano como uma “pessoa” que se torna, então, uma referência comunicativa para ser ou não estimada ou considerada positivamente. Como esse recurso tende a avaliar o conjunto da pessoa e conduzir as comunicações a polêmicas e desprezos, ele deveria ser evitado e, principalmente, não se tornar um metacódigo. A avaliação moral entre desprezo e estima avalia de modo perigosamente simplificador o conjunto de características complexas e singulares das pessoas. Essa abordagem de Luhmann nos permite refletir que com o advento de avaliações do tipo *like/dislike* em redes sociais e aplicativos, vemos essa diferença com uma tendência a se tornar cada vez mais um metacódigo, que serve de orientação e de gerência para outros tipos de codificações binárias que decidem sobre áreas diversas. Na política, por exemplo, ter ou não um número “x” de votos em diferentes tipos de votações depende, muitas vezes, da avaliação sobre gostar ou não de um candidato, avaliação essa que inicia em redes sociais populares comuns, mas que se estende ou se fortalece de modo mais decisivo em plataformas partidárias ou, até mesmo, em votações diretas para cargos políticos. O destino e o sucesso de um ator ou um cantor pode ser definido por suas avaliações em redes sociais, interferindo diretamente no modo de avaliação de seu talento, ou seja, a diferença *like/dislike* atuando como fator decisivo na diferenciação entre ter ou não capacidade de atuar/cantar/desempenhar.

Essa afirmação da existência de um metacódigo não é possível de ser testada empiricamente. Portanto, este artigo limita-se a emitir reflexões teóricas sobre essa possibilidade. A moral como metacódigo será desenvolvido na seção 3.

### **Notas sobre a metodologia e a escolha teórica**

A teoria de Luhmann é escolhida para fundamentar os conceitos de moral e tempo empregados neste texto. O motivo principal é por ela oferecer conceitos e concatenações adequadas para se tratar de comunicações que podem ou não ser desempenhadas por humanos. No mundo *web* temos humanos, *bots*, *bots* humanos, fazendas de *likes* entre vários outros meios e agentes que se comunicam naquele espaço.

Assim, para analisar interações com essas formas, opta-se aqui por não depender de teorias de comunicação presas, fundamentalmente, a resultados de processos psíquicos humanos. Sobre fundamentos gerais da teoria dos sistemas sociais de Luhmann ver a seção 2. Sobre moral ver a seção 3 e sobre tempo ver a seção 4, na qual também é desenvolvido o argumento sobre a aceleração social.

Este artigo é resultado de duas linhas de trabalho desenvolvidas nos últimos anos. Por um lado, temos tentado explorar os limites da teoria dos sistemas sociais de Luhmann para analisar problemas atuais. Até então, em nossos projetos anteriores, a empregamos para análise de criminalidade e noções de lícito e ilícito. Esses trabalhos haviam sido feitos, em sua maioria, com base em material empírico, como entrevistas, observações e análises de documentos. Agora tenta-se refletir sobre as possibilidades de uso daquela teoria para analisar as influências de algoritmos no comportamento social. Este artigo é um resultado inicial desta tentativa. Na segunda linha de trabalho desenvolvemos um projeto de análise de influência das diferentes formas virtuais que usam algoritmos (redes sociais, aplicativos, jogos...) em sociedades modernas industrializadas, como a maioria que temos no Brasil. Nele analisamos também a relação dessa problemática com o direito e com um novo tipo de animismo, o neoanimismo digital. De modo que os problemas aqui apresentados resultam de diversos levantamentos realizados, até então, de pesquisas na área. Na seção 1 são apresentadas apenas aquelas explicações mais gerais sobre o tema.

## **1 Influência de algoritmos na sociedade**

Para entendermos a influência de comandos binários de apreciação rápida de pessoas e atividades, convém termos primeiro uma visão mais geral do problema. Até essa fase de exploração da pesquisa mencionada no parágrafo anterior, podemos sintetizar a ideia principal das abordagens que seguem desta maneira: algoritmos estão invadindo as nossas atividades privadas e orientando os nossos comportamentos de modo cada vez mais geral e intenso. Essa operação é conduzida, principalmente, por algumas empresas de tecnologia. Nosso comportamento está sendo manipulado e se tornando uma mercadoria. E não recebemos nada em troca.

Isso é um resumo do que várias pesquisas e reflexões sobre o tema vêm demonstrando. Seguem abaixo as sínteses de algumas abordagens gerais importantes e a explicação da problemática do *like/dislike*.

Há uma falta de controle da desregulação social provocada pelos novos produtos tecnológicos baseados em algoritmos. Franklin Foer (2018) argumenta que essa invasão das nossas atividades privadas por operações algorítmicas ocorre por empresas e que seu ativo mais importante é a nossa atenção. Os princípios que nos protegem enquanto indivíduos estão sendo alterados, provocando alteração do nosso poder de foco e concentração, tornando-nos homogêneos em grupos e bolhas de redes sociais e, nelas, vulneráveis a um estado de coisas que proporciona as condições necessárias para a disseminação de informações falsas. E não há formas de controles dessas novas mídias, nem editores ou qualquer outro meio político. Essa falta de controle externo em proveito das pessoas e de suas vidas privadas também é evidenciado por Cathy O'Neil (2020) mediante análise da falta de contestabilidade social dos modelos algorítmicos. Além disso, observa O'Neil, esses modelos, muitas vezes, carregam e reforçam preconceitos sociais, intensificando-os.

Evgeny Morozov (2018) apresenta, pelo menos, dois motivos principais para essa falta de controle. Por um lado, os governos são clientes dessas empresas, pois compram seus dados, ao passo que, de acordo com a avaliação do autor, as empresas é que deveriam comprar esses dados dos governos. Outro ponto que ajuda a tornar a situação pouco evidente é que muitas metáforas produzem uma informação errada da estrutura dessas mídias. Por exemplo, não existe ciberespaço, como se fosse um lugar colaborativo em algum espaço não concreto em que todos teriam acesso. Existem empresas que controlam algoritmos em lugares concretos, com pessoas de verdade, com interesses empresariais. Essa reflexão se conecta com a desmistificação que James Bridle empreende sobre o conceito de “nuvens”:

A nuvem não é um lugar distante e mágico, feito de vapor d'água e ondas de rádio, onde tudo funciona. É uma infraestrutura física que consiste em linhas telefônicas, fibra ótica, satélites, cabos no leito oceânico e vastos depósitos cheios de computadores, que consomem imensas quantidades de água e energia, e que habitam jurisdições nacionais e legais. (BRIDLE, 2019, p.16)

Bridle assinala ainda que toda uma complexidade de informação está sendo personalizada para grupos e, assim, se tornando cada vez mais desinformação. E isso, por sua vez, deteriora as tentativas de controle das operações dessas empresas. David Sumpter (2019) também reforça a ideia de que algoritmos estariam controlando a nossa sociedade sem que saibamos o que eles estão fazendo.

Outro aspecto do problema em termos mais gerais é a questão da hipervigilância. Shoshana Zuboff (2020) desenvolve o conceito de capitalismo de vigilância para explicar uma nova forma de poder com uma extrema concentração de conhecimento e que não passa pela supervisão da democracia. Trata-se de um mercado subordinado a novas formas de modificação de comportamento, um mercado de comportamento futuro. Nele, a experiência humana se torna uma mercadoria gratuita para práticas comerciais. Este estado de coisas estaria provocando a substituição da exploração do trabalho pela exploração mais geral de qualquer coisa que envolva a experiência humana. A empresa pioneira deste tipo foi o Google.

Há várias abordagens que tratam do problema da modificação comportamental. A grande questão sob essa perspectiva é que essas novas tecnologias baseadas em algoritmos e empregadas por empresas como Facebook, Instagram, Twitter, Google e outras foram criadas para serem viciantes – argumento principal de Adam Alter (2018). Essas empresas também facilitariam a criação de grupos em redes sociais que cultivam o ódio e a cólera de cada um, produzindo nas associações de suas ideias fundamentos baseados em dicotomias simplistas como “o povo” e “as elites”, provocando, entre outros efeitos, o aumento de extremismos políticos (EMPOLI, 2019).

Uma extensa pesquisa, com dados de 11 milhões de norte-americanos, foi feita por Jean Twenge (2018), para entender a radical mudança de comportamento da, por ela chamada, “Geração iGen”, também conhecida como os “*centennials*”, ou “Geração Z”. Esses jovens, nascidos a partir de 1995, acostumaram-se a usar *smartphones* e seus inúmeros recursos, como redes sociais, desde o início de sua adolescência, pelo menos. O Facebook foi liberado para maiores de 13 anos em 2006. Boa parte deles, nascidos a partir de 2000 já usava alguns recursos desde criança – o iPhone foi lançado em 2007. Algumas tendências identificadas pela autora no comportamento desta geração foram: extensão da fase da infância até a adolescência, uso intenso da internet mediante seus

*smartphones*, declínio da interação social ao vivo e aumento agudo de transtornos mentais.

Com o aumento do uso da internet, um dos efeitos principais no comportamento para Nicholas Carr (2011) é a distração. Apesar de todo o desenvolvimento tecnológico, nosso cérebro ainda não estaria devidamente preparado para assimilar tudo sem perdas significativas das suas qualidades humanas. Nós ainda estamos preparados para viver no mato (situação antes do início das civilizações), no entanto, usando *smartphones*. Com o cérebro preparado para ficar atento aos perigos e às possibilidades de sobrevivência das matas, ele não consegue evitar de ter sua atenção desviada para dispositivos que são preparados para chamar sua atenção, como o conjunto *smartphone-internet*, cujos efeito e intensidade são bem diferentes de outras tecnologias anteriores, como a TV, o rádio e até mesmo computadores com baixo nível de resolução de imagem e pouca capacidade de conectividade on-line, as quais não ofereciam possibilidades de interação tão intensa e simultânea com outros usuários e programas. Observamos, aqui, que esse tipo de argumento de que o problema é nosso cérebro ainda estar preparado para “viver no mato” tem sido refutado, recentemente, por exemplo, por Pinker (2021).

É interessante lembrar que o Vale do Silício (região que abriga boa parte dos centros das maiores empresas de tecnologia do mundo) resulta do espírito da contracultura dos anos 60, que foi reinventado em direção à tecnologia, principalmente por Stewart Brand (FOER, 2018, p. 22-23). É sob espírito semelhante que o Facebook nasce, com a ideia de transparência radical ou transparência máxima:

a teoria sustenta que ao compartilharmos os nossos detalhes íntimos, desinfetamos a confusão moral da nossa vida. Mesmo sem a intenção de que nossos segredos se tornem conhecimento público, a exposição deles é capaz de melhorar a sociedade. Com a imaneente ameaça de que nossas informações constrangedoras sejam divulgadas, acabamos nos comportando melhor. (FOER, 2018, p. 63)

O Facebook é um agente importante para o início histórico da propagação da opção de *like*. O botão de curtir é um aspecto viciante de uma nova tecnologia, inicialmente projetado para acompanhar a vida de amigos. Um detalhe técnico inicial resultará em um “aprisionamento tecnológico” (LANIER, 2012) que afetará determinadamente a psicologia de uso do Facebook (ALTER, 2018, p. 105). Alter

evidencia a questão de que a introdução do “curtir” (*like*) gerou o problema de sua ausência, que acabou se tornando um problema de etiqueta social, Pois o que poderia significar se alguém não “curtisse” algo? (ALTER, 2018, p. 106). Mas mesmo com um “não gostei” (de um vídeo, por exemplo), o que conta, muitas vezes, é a atenção obtida.

Com base somente nos *likes*, o Facebook obtém informações sobre “a raça, a orientação sexual, o *status* de relacionamento e o uso de drogas de seus usuários” (FOER, 2018, p. 75). “Estamos clicando nossa personalidade para dentro do Facebook, hora após hora (...), nos revelando para uma rede em um nível que, normalmente, reservariamos a amigos mais próximos, mas o Facebook não é nosso amigo” (SUMPTER, 2019, p. 41).

É importante notar que a lógica de se gostar ou não tem aplicação direta, por exemplo, também na política e na economia. Grupos políticos, como aqueles próximos do ex-presidente Jair Bolsonaro dependem de apoiadores de *likes*, como explicou a própria estrela bolsonarista da eleição de 2018, deputada estadual pelo estado de São Paulo, Janaína Paschoal, em entrevista para o UOL:

Alguns políticos que chegaram ao poder nas últimas eleições são políticos criados, alavancados, muito dependentes das redes sociais, ficam medindo *likes*. Isso para o deputado não é tão ruim, porque o deputado pode ser temático, mas alguém que exerça um cargo executivo não pode ser temático. Então, o presidente vai precisar se desconectar dessa dependência de apoiadores de *likes*, precisa dar uma afastada da interferência dos filhos. (BOLSONARO, 2021, s/p)

Em relação à economia, temos, por exemplo, no Brasil, inúmeros trabalhadores em fazendas de cliques, comércio de *bots* e perfis falsos. Braz (2021) tabelou 54 plataformas de microtrabalhos no país (criadas de 1995 a 2020), cujas atividades são: produção e treinamento de dados, pesquisa de mercado, microtarefas localizadas, microsserviços *de freelancing*, impulsionamento de engajamento nas redes Instagram, TikTok, Facebook, YouTube, Twitter, Telegram, Vkontakte, testes de usabilidade remota, geração de tráfego e engajamento em sites, jogos e redes sociais, testes de usabilidade remota, geração de tráfego via *streaming*, geração de tráfego via leitura de texto.

O *like/dislike* é um simplificador que lida (mediante diversão e lucro) com humanos e *bots* (que criam, assistem e comentam) em meio a trâmites bem complexos

e opacos, como criptografias, falta de transparência dos objetivos e procedimentos das empresas de tecnologia, *fake news*, hipervigilância, enorme quantidade de informações e perda de orientações (BRIDLE, 2019, p. 192-193, 205-208, 253; FOER, 2018, p. 119). O *like/dislike* e sistemas semelhantes de avaliação binária também são partes de uma cultura de extração de dados, que nos prende em canais, nós e vias de redes, a qual é estruturada com base em um poder e em uma lógica criados e pensados em um mundo anterior imperialista e colonialista (BRIDLE, 2019, p. 279).

Esse estado de coisas transforma boa parte do tráfego de informações e comunicações em geral nas redes sociais em um espaço que pode ser inseguro e, muitas vezes, perigoso. O problema principal aqui para os fins deste artigo é que tudo isso produz um novo tipo de comunicação e uma nova forma de se lidar com o outro, com o interlocutor, no espaço *web*.

## 2 Teoria dos sistemas sociais de Luhmann

Não convém, neste artigo, apresentar uma descrição mais detalhada da teoria de Luhmann. Já empreendemos isso em outros textos (como em COSTA, 2011; 2021). Tentaremos, nesta seção, resumir o suficiente para o entendimento geral da teoria e, então, nas próximas duas seções, serão explicadas suas noções de moral e tempo. De modo que se o leitor já possui uma noção básica da teoria, esta seção eventualmente pode ser dispensada.

Para Luhmann, a sociedade constitui-se de comunicações. Sua concepção de comunicação é bem diferente de outras mais tradicionais. Nada sai de um emissor e vai para um receptor. Da perspectiva do autor, essa seria uma metáfora que mais atrapalha do que auxilia, pois não explica como e onde a transmissão se daria. Por exemplo, ela se daria pelo ar? Para isso deveria haver algo de concreto na operação comunicativa. No entanto, só há abstrações e sons. Deveria haver também uma codificação suficientemente fechada e bem conhecida entre os interlocutores para um mínimo de sucesso comunicativo. Na prática nada sai de um para outro e não há constantemente um controle de codificação para um entendimento mínimo. Os mais variados tipos de falas, gestos, movimentos e sinais acontecem em sociedade a todo momento e o processo comunicativo só inicia com aquele (um agente qualquer, humano

ou não) que percebe que algo foi comunicado (na visão tradicional seria o “recedor”), que na teoria de Luhmann é o ego. É ele que presta ou não atenção no que lhe foi dito/escrito/gesticulado e que inicia ou não uma cadeia de entendimento. Pois a comunicação só passa a se desenvolver quando alguém/um agente qualquer (ego, ou “recedor”) percebe que outro (alter, ou o “emissor”) disse/escreveu/gesticulou algo (LUHMANN, 1987, p. 193-195). Se o que você disse, gesticulou, escreveu, gravou ou postou não for percebido por outra pessoa ou agente qualquer, não se inicia nenhum processo comunicativo. Não precisa haver um entendimento correto do que foi dito. Basta haver uma compreensão de que algo lhe foi dito, ou lhe foi por alguma forma de comunicação dirigido. Por isso, a comunicação em Luhmann se forma pela unidade entre informação, compartilhamento de algo a alguém (ou a um programa, por exemplo) e compreensão (LUHMANN, 1987, p. 196).

A sociedade constitui-se de intensas e constantes seleções comunicativas, que tendem a reduzir toda a complexidade presente no ambiente. Uma das bases da teoria de Luhmann são os processos de diferenciações. A diferença guia principal inicial é a entre sistema e ambiente. Trata-se de um desenvolvimento de uma forma na qual há alta sensibilidade para determinadas questões temáticas e uma alta indiferença em relação a outras questões (LUHMANN, 1987, p. 252-253).

Por que, fundamentalmente, a sociedade não se constitui de ações e sim de comunicações? Porque para Luhmann ações são resultados de atribuições (LUHMANN, 1981, p. 68-74). Uma ação em si não existe e não tem limites determinados de duração (início e fim), além de ser impossível saber os seus motivos. E como não há limites, em si (sem processos geradores) não há também conexões que façam sentido. Procuramos orientações por atribuições a semânticas que produzam sentido. Algumas observações, por exemplo, atribuímos como sendo erro de alguém, como virtude de alguém ou de uma instituição, como produto de grupos de pesquisas científicas ou como produto de milagres. Outras atribuímos não a ação (!) de algo específico, mas a algo qualquer fora dessa área de classificação: como ao azar ou à sorte, à força da natureza ou até mesmo ao inexplicável.

Por que a sociedade não se constitui de “pessoas”? Luhmann diferencia o ser humano, formado por sistema psíquico e sistema orgânico-biológico e “pessoa”, que é um endereçamento referencial para fins de comunicação, ou: “[...] condensações de

expectativas (*Erwartungskollagen*) que atuam no sistema como pontos de referência para seleções seguintes” (LUHMANN, 1987, p. 178). Os sistemas sociais precisam de pontos referenciais para produzir o encadeamento das comunicações. Estes pontos podem ser indivíduos que no papel de “pessoas” são alvos de atribuições e de simplificações de personalidades e sistemas psíquicos, os quais “desmembrados” seriam muito mais complexos que a forma “pessoa”.

Voltando às comunicações. Explicou-se acima que são seleções, pois não podemos dizer, pensar, selecionar, decidir se vamos prestar atenção ou não, se vamos dizer ou não tudo o que está disponível para ser dito ou para ser compreendido. Então empregamos, constantemente, seleções comunicativas. Isso reduz a hipercomplexidade sempre presente no ambiente. Essas seleções, ou seja, as comunicações, são feitas por observadores. Observar significa o resultado simultâneo de diferenciar algo e dar um nome para este algo: distinguir e designar. As observações são orientadas por sentido.

A fundamentação do conceito de sentido baseia-se naquilo que Luhmann toma como ponto de partida principal em sua perspectiva de análise teórica da sociedade: a base funcional operacional (o que segue sobre sentido é baseado na seção sobre o conceito em LUHMANN, 1999, p. 44-59). É funcional porque, considerando que não temos mais pontos essenciais primordiais, como Deus, natureza, mercado, valores, que sejam considerados como fundamentadores da organização da sociedade, diferentes esferas sociais (os subsistemas sociais em Luhmann) solucionam, constantemente, problemas produzidos pela sociedade moderna e, assim, permitem que a sua complexidade seja reduzida e gerenciada. Esses subsistemas assumem, assim, funções determinadas. E é operacional porque a teoria de Luhmann não recorre a uma base transcendental ou a um elemento social que se destaque e ao qual sempre se possa recorrer para se sustentar explicações. Ela analisa a sociedade com base na análise e no entendimento de operações que se remetem a outras operações, sempre em processo. A validade e a legitimação resultam de processos (LUHMANN, 1983).

Operações societais de distinção e seleção necessitam de um meio que permita que elas se conectem. Porque se elas não se conectarem não haverá prosseguimento na cadeia comunicativa, que resulta de observações. De modo que o sentido é um meio para que os sistemas observadores possam enxergar todas as distinções que eles mesmos produzem. “Enxergar” (termo, *sehen*, que Luhmann usa, às vezes, e que pode soar

estranho), neste caso, significa que eles detectam o que foi distinguido com algum nível de interesse. Ou seja, o sentido é um meio para que os sistemas possam enxergar as formas. É só por meio do sentido que os sistemas percebem as diferenças que reentram no sistema após o sistema ter se diferenciado. Quer dizer, após ter sido produzida a diferença primordial entre sistema e ambiente.

Isso deve bastar para seguirmos com o uso da teoria dos sistemas de Luhmann nesse artigo e entendermos melhor os fundamentos teóricos mais gerais dos seus conceitos de moral e tempo.

### **3 Um metacódigo moral**

Como podemos entender inicialmente, do ponto de vista de interesse sociológico, o que é a moral? Não será aprofundada aqui a questão do conceito e seus significados. Trataremos de limitar a definição ao que pode ser diretamente útil ao argumento deste artigo.

De modo geral, a moral é entendido como uma mentalidade ou consciência coletiva sobre valores que podem ser válidos para grupos sociais em determinadas circunstâncias sociais. Esta ênfase no coletivo é interessante, mas oculta a importância das percepções individuais, que é relevante aqui.

Durkheim (1970, p. 5-64) explica que há dois tipos de moral, uma coletiva e uma individual. Esta última se altera conforme a percepção da moral coletiva pelo indivíduo. Por isso, nenhum indivíduo se adapta exatamente à moral do seu tempo, pois cada um percebe as regras morais de modo diferente. Estas regras morais têm duas diferentes qualidades, contrastantes e universais: um caráter de dever (*la notion du devoir*) e uma desiderabilidade (*désirabilité*), que seria o que se assume como melhor para o indivíduo. O mais importante para a sociedade seria a moral coletiva, pois as individuais são muito instáveis.

Importante notar nessa abordagem uma preocupação tipicamente durkheimiana com a coesão social. Não se quer aqui defender uma tese de integração. A ideia é inicialmente provocar a reflexão sobre o que ocorre quando morais individuais se impõem ao coletivo, o que Durkheim gostava de pensar como algo a ser evitado se

quiséssemos escapar de frequências e intensidades excessivas de estados sociais anômicos.

Avancemos nesta evidência de morais individuais presentes em nossos cotidianos. Em “A era do vazio”, livro publicado originalmente em 1983, Gilles Lipovetsky observa as transformações e os efeitos do individualismo contemporâneo, seguindo as preocupações de Weber e diversos autores da Escola de Frankfurt, ainda que com um estilo diferente de abordagem. O autor analisa criticamente efeitos da fratura da sociedade disciplinar e uma nova forma de organização social baseada no processo de uma excessiva personalização, com um mínimo possível de coação e o máximo de oferta de opções. Resulta o acirramento de um narcisismo que prioriza o ato de comunicação sobre o que é comunicado.

Esse “narcisismo” tem sido cada vez mais explorado por serviços e comércios. Recentemente podemos observar o aumento acelerado do uso da expressão “Você merece...”, tanto para vender internet de alta velocidade quanto para ofertas de viagens, por exemplo – busque no Google por você+merece+velocidade ou você+merece+viagem, entre outras combinações com “você merece” e confira o resultado. Poderíamos dar inúmeros outros exemplos de valorização de um “eu” em primeiro lugar, sem consideração por um coletivo (até pouco antes desse quadro atual de recessão econômica, você podia adquirir planos de contas de telefonia móvel vinculados a trocas anuais grátis de *smartphones* por um modelo atual, sem pensar no bem coletivo de proteção ao meio ambiente, dado o intenso descarte ou a falta de reciclagem adequada dos dispositivos antigos, mas apenas em suas vantagens pessoais).

Há, atualmente, um campo fértil de estimulação de avaliações individuais em relação ao comportamento do outro, não voltado a uma mentalidade coletiva de valores, mas aos valores desenvolvidos individualmente a critério de aplicação de cada um. Não significa, claro, que não haja valores coletivos que seguimos. Significa que o que você avalia como um valor certo e como expectativa correta de comportamento do outro está supervalorizado.

A forma da qual partimos para definir moral se aproxima da concepção de moral de Luhmann (1987, p. 320): uma generalização simbólica que reduz toda a complexidade de relações contingentes (entre ego e alter, que, como vimos na seção

anterior, significam mais ou menos alguém ou algo e o seu interlocutor) a expressões em torno de “estima” e “desprezo” ou de consideração ou falta de consideração (*Achtung/Missachtung*). Por meio dessa generalização, o uso da moral abre espaço para condicionamentos e para a possibilidade da reconstrução da complexidade, mediante o esquematismo binário estima/desprezo. Esse código da moral tem como alvo a avaliação da pessoa “inteira”, simplificando-se a escolha conforme o parâmetro binário estima/desprezo. O especial aqui (em relação a outras codificações em sistemas) é que se tratam de qualificações atribuídas a pessoas como um todo, e não a determinado desempenho ou atividade. Quando se emprega identificação moral, se está pronto para estimar ou desprezar um todo. A moral exige muito das pessoas em sociedades modernas, pois, em sua diversidade, não se pode satisfazer as exigências morais de um grande grupo funcionalmente diferenciado. Os códigos (lícito/ilícito, ter poder/não ter poder, verdade/não verdade etc.) dos diferentes subsistemas da sociedade não são congruentes com o código da moral (LUHMANN, 1987, p. 344).

Como vimos na seção anterior, a teoria dos sistemas sociais de Luhmann analisa, principalmente, a complexidade da sociedade moderna. Para ele, a sociedade é estruturada com base em conjuntos semânticos que desenvolveram uma lógica própria de diferenciar as coisas sociais em geral e se tornaram especializados em resolver determinados problemas comunicacionais, adquirindo funções específicas. Esses conjuntos são subsistemas funcionais (como o jurídico, o econômico, o político, o artístico...) que formam o sistema social. A moral teria sido uma força integradora até o advento da modernidade, mas com o desenvolvimento daqueles subsistemas, a sociedade tornou-se funcionalmente (e não moralmente) diferenciada. Para uma sociedade que fica complexa, torna-se cada vez mais inadequada uma programação geral da dimensão social na forma de moral, porque a zona de tolerância da moral teria que se expandir muito e porque tudo que for excluído da zona teria que ser moralmente desacreditado (LUHMANN, 1987, p. 121-122).

Dever-se-ia rejeitar uma integração moral da sociedade moderna (funcionalmente diferenciada), para não haver decisões com base em bom e ruim e, assim, tornar indisponíveis os respectivos valores binários para as operações dos subsistemas sociais funcionais (LUHMANN, 2008, p. 259-260). Mas, ao mesmo tempo, a sociedade mantém, de qualquer modo, a prática comunicativa de condicionar as

pessoas em estima ou desprezo. Portanto, há uma inclusão moral na sociedade, mas sem integração moral do sistema da sociedade.

A moral, porém, pode se tornar uma diferença relevante em sistemas sociais, na medida em que o uso da diferenciação estima/desprezo for usado cada vez mais de forma decisiva, para reconhecer ou não os comportamentos e as atividades em geral (LUHMANN, 1987, p. 319; HORSTER, 1997, p. 109).

Esse é o ponto mais importante para se concatenar ao argumento deste artigo. Parece haver cada vez mais uma propagação e estímulo para que se avalie pessoas, atividades e coisas complexas de modo simples e redutor, na forma de uma seleção entre estimar ou não, gostar ou não (*likes* dados ou não dados em aplicativos e redes sociais diversas). Por um lado, perde-se a capacidade de avaliação mais complexa de seres humanos em relação a características próprias vinculadas a situações e funções. Por outro, desenvolve-se uma forma de poder ao se adquirir cada vez mais a aprovação (o reconhecimento) dos outros.

Como vimos na seção 1, uma das questões é que hoje vale tudo para se adquirir *likes* e formas de aprovação: o importante é fazer as pessoas clicarem; mesmo que não gostem, a negatividade gerará reconhecimento, pois “foi visto”.

Esse tipo de avaliação se propaga em diversas esferas. Um político confere o seu nível de aprovação; uma loja confere o nível de aprovações dos seus serviços e produtos; pessoas sentem-se atraídas pelas que conseguem milhares de “seguidores”, os quais são obtidos seguindo-se a lógica de aprovação (ou até mesmo de reprovação). O importante não é tanto o conteúdo do que se aprova ou não, mas o número que se reflete nas respectivas plataformas e notícias que as repercutem.

#### **4 Aceleração social**

A ideia principal a ser desenvolvida nesta seção é a de que a orientação binária pela forma *like/dislike* provoca uma aceleração social. Aceleração social significa aqui que os caminhos comunicativos de interação e de busca de informações para uma tomada de decisão (seja ela importante ou não) são de alguma forma reduzidos e generalizados.

Avaliar um agente político, por exemplo, deveria ser algo bem mais complexo e longo do que marcar uma escolha entre gostar ou não de um comentário que ele fez no Twitter ou em qualquer rede. O ex-presidente Bolsonaro usava a reação dos seus comentários em redes para alterar orientações políticas, como mencionado acima. Claro que por haver este mecanismo de escolha binária simples, aquele que posta sabe disso e corre o risco, ou extrai vantagens disso (como é o caso do ex-presidente). Outro exemplo poderia ser a avaliação que se faz das pessoas, marcando com uma simples curtida o gosto sobre um comportamento complexo.

Ao argumento de que o *like/dislike* potencializa a moral como um metacódigo visto na seção anterior, acrescenta-se aqui que com isso ele aumenta a velocidade da percepção social do tempo, exercendo uma pressão seletiva temporal nas decisões.

O principal ponto nesta seção a ser conectado como auxílio e fundamentação do que foi afirmado acima é a ideia de que a aceleração social é resultado de modificações em nossas seleções comunicativas. Em vez de seguirmos nos conectando com perguntas, respostas, aprofundamentos, reflexões, escolhemos um trajeto mais simples e curto ao optarmos por seguirmos as ofertas de escolha entre, por exemplo, um gostei ou não. Isso altera as nossas expectativas em relação ao que esperamos ser comunicado e, assim, também ao tempo de resposta.

O tempo aqui será considerado como um resultado de expectativas e observações que traçam a diferença entre passado e futuro e, assim, projetam passado e futuro continuamente no presente. De modo que, a cada momento, passado e futuro são novamente projetados, sem que se possa voltar ao passado ou ir para o futuro. As avaliações entre gostar ou não gostar referem-se a extensões de presentes, as quais remetem em algum nível para o futuro e para o passado.

Exemplo: quando se avalia se a campanha de um candidato é boa ou não, está se avaliando a seguinte ideia temporalmente assim fixada: “A campanha do candidato x é boa”. Ou: “A campanha do candidato x não é boa”. Mas a campanha de um candidato, assim como a personalidade de uma pessoa, não é algo que se possa reduzir a um presente, um instante sem duração, até porque envolve um passado e uma expectativa de futuro no mínimo próximos. São estados justamente bem diferentes daquilo que se crê como “presente”, com duração, e no caso de uma personalidade, sem limites definidos de início e fim.

Antes de prosseguir será brevemente explicada a teoria de Luhmann sobre tempo, aplicada aos sistemas sociais. Ela é a base teórica do que se está considerando como “tempo” aqui no argumento.

Há dois pontos da teoria sistêmico-temporal de Luhmann que serão retidos para nossas reflexões: a) as expectativas conduzem à formação de um tempo interno ao sistema social (LUHMANN, 1987, p. 418-420), e b) como os elementos do sistema (comunicações) são ocorrências que aparecem e desaparecem imediatamente, eles não se encontram mais disponíveis para a reação; só é possível reverter o tempo com a formação de estruturas (LUHMANN, 1987, p. 607-610). Nos sistemas sociais, estruturas são estruturas de expectativas que temporalizam os seus elementos como ocorrências de ação (LUHMANN, 1987, p. 396-399). Ou seja, atribuem parte do que observam às ações.

Os dois pontos principais são expectativas e estruturas. Nossa percepção de tempo relaciona-se intimamente com as expectativas que desenvolvemos em relação às coisas. E só podemos reagir ao que ocorre com base em estruturas semânticas pré-formadas que nos possibilitam, no presente, as remissões ao passado e ao futuro.

Estruturas semânticas orientam-nos sobre o “presente”, por exemplo. O presente é o mais importante a se considerar na teoria, pois tudo se dá no presente. Ocorre que é nele que se projeta passado e futuro e todo e qualquer resto. Em nossos usos de noção de presente temos dois presentes. Um marca a irreversibilidade das coisas: a partir daquele presente imaginado não há volta: a ideia de um objeto quebrado, de um acidente, de um corpo que cai. A outra noção evidencia uma duração. Algo fica lá onde havia sido deixado, como uma injustiça a ser reparada, pois ainda não se tornou irreversível (LUHMANN, 1987, p. 116-118). É, por exemplo, o que se percebe com o processo que está em andamento no tribunal ou engavetado temporariamente, ou qualquer coisa sendo analisada. Um presente que se estende, que dura: “Ele joga bem”, “A campanha toca”, “Ela está no escritório”, “O caso está em análise”. Este presente que se estende permite que em seu uso se remeta a um futuro ou a um passado durante a sua duração (pois ela envolve passado e futuro).

O presente oferece também a possibilidade de decisão com base no “momento certo”, ou do “tempo certo”. Nossa expectativa em relação às coisas se dá, principalmente, por uma preocupação pelo “momento certo”, que é uma percepção que

resulta de uma expectativa temporal. Essa é praticamente a função do tempo em qualquer período histórico: o tempo certo para decisões, para respostas, para pagamentos, para inícios, para fins, para rituais etc. Por um longo período, os “momentos certos” resultavam normalmente de orientações ou imposições da natureza ou da religião. Agora, temos preponderantemente questões de sincronização, de logística do próprio tempo (LUHMANN, 1987, p. 255-256). Quanto mais complexa a sociedade, mais cresce o interesse por acelerações e em dispositivos de economia do tempo. Os sistemas sociais desenvolvem-se com estratégias próprias para reagir ao que ocorre no ambiente, pois não há como reagir de modo sincronizado com o ambiente. O que ocorre no ambiente ocorre no mesmo presente do sistema (simultaneidade), mas não há sincronização (LUHMANN, 1995, p. 443) entre eles, pois o tratamento dado pelo sistema aos seus elementos (informações, diferenças que fazem diferenças), ocorrências (cada unidade comunicação que está sempre a aparecer e a desaparecer) e operações (a reprodução dos elementos) produz outra perspectiva temporal. Ou seja, a estrutura do sistema produz processos que não encontram paralelos temporais no ambiente (LUHMANN, 1993, p. 235-237). A introdução da escrita é determinante nesse sentido, pois produz um novo tipo de presença temporal: a ilusão de simultaneidade do que não é simultâneo (LUHMANN, 1999, p. 265).

Outra questão fundamental, que se relaciona diretamente ao que estamos refletindo neste artigo: o “novo” (LUHMANN, 1999, p. 1000-1004). Quando a sociedade passa à diferenciação funcional, o que se altera de forma decisiva na semântica do tempo é a experiência e a crescente valorização do “novo”. O novo começa a se impor, primeiro com provocações irritantes, para passar então a conceitos como gênio, criatividade, inovação. “Por que o novo se impõe na observação e na descrição do sistema societal?” (LUHMANN, 1999, p. 1000-1004) O surgimento da impressão e rápidos desenvolvimentos da arte e da ciência produziram novas informações que, por sua vez, serviram de base para as inovações. O novo se tornou desejável enquanto novo porque “apenas do novo se pode esperar informação e, assim, impulso para comunicação” (LUHMANN, 1999, p. 1000-1004).

Voltemos, então, aos nossos próprios argumentos. Algoritmos assim também projetam em suas séries vários presentes, alteram a nossa relação com o que deve ser “o tempo certo” e estimulam a produção de novidades. Ao vivermos séries de avaliações,

de amigos, serviços e produtos, estamos imprimindo a convergência de passados e futuros em operações binárias presentes. Isso conduz a uma pressão temporal. A oferta para se optar por gostei/não gostei e, assim, então, também as possibilidades de selecionar nesse sentido para contribuir com importantes dinâmicas e decisões sociais vai se tornando muito intensa, incontrolável e simplificada. Torna-se intensa, pois esta lógica de seleção e participação (ou, de “engajamento”, se preferir) é copiada, estimulada e se torna economicamente viável para a produção de diversas rendas. Torna-se incontrolável porque não há mais como rastrear de forma sistemática e organizada seus usos nas mais variadas esferas, muito menos um controle jurídico. E se torna cada vez mais simplificada, pois a estrutura lógica de atribuição permanece a mesma (binária entre gostar ou não gostar), enquanto objetos e temas-alvos da atribuição produzem cada vez mais complexidade.

O desenvolvimento e a imposição do *like/dislike* aumentam a velocidade das expectativas. Esperamos mais ansiosamente por respostas e avaliações, as quais podem produzir sensações de novidades e/ou reduzir ansiedades. O “tempo certo” para decisões é o tempo que os aplicativos permitem, com suas regras de operacionalidade, suas chamadas mediante notificações, suas demandas e seus prazos de comércio e validade. Nesse estado de expectativas, o caminho torna-se mais curto e mais geral, mediante a distinção *like/dislike* e, assim, mais rápido. Quer dizer: espera-se muito menos tempo (esta é a tensão de percepção da expectativa) por respostas e decisões. Assim, quando se distingue qualquer coisa em sociedade há uma expectativa, ora mais objetiva e manifesta, ora mais geral e latente, de que aquelas distinções irão solucionar problemas ou dar respostas em um prazo bem curto. O tempo acelera na expectativa de se passar do *dislike* para o *like* (ou manter o sentido positivo do *like*). Ele passa na duração da passagem de um lado para outro, da perspectiva do observador. É a tensão da passagem para o outro lado da diferença. Isso se agrupa e desenvolve a cada comunicação e, assim, forma a aceleração de tempo percebida socialmente.

Por fim, as nossas demandas de reação estão cada vez mais próximas do agora, percebido como presente. O vício gerado de ter de olhar o que está ocorrendo ou qualquer coisa conduz a reflexões sobre o agora, a expectativas sobre o agora. A alternativa de se comunicar por meio de escolhas entre gostar ou não serve

apropriadamente à dinâmica deste processo, pois resulta em potenciais de compensações e reconhecimentos, pelos quais almejamos.

## Considerações finais

É necessário ficar evidente aqui que as opções binárias de escolhas são quase que inerentes a qualquer desenvolvimento comunicativo em sociedade. Escolhas entre gostar ou não de certo modo sempre estiveram à disposição. E a predominância de seleções morais também sempre foram intensas. Além disso, pessoas não vivem totalmente em “bolhas” e nem acreditando cegamente em *fake news*, como às vezes parece ser considerado em alguns debates.

No entanto, a velocidade em que os mais variados tipos de avaliações do comportamento do outro, serviços e propostas são hoje executados é algo diferente. Se analisarmos mais de perto, vários fenômenos que hoje são debatidos como problema não seriam um problema ou novidade se não fosse a intensificação e a velocidade com que são executados, debatidos e noticiados; o que nos leva a um tipo singular de aceleração, conforme mostrado aqui.

No objetivo da introdução foi evidenciada a análise dos efeitos sociais prolongados que um modo de diferenciar coisas (uma diferença, no sentido teórico aqui apresentado), quando disseminado intensamente e estabilizado, pode produzir. Não se pode afirmar aqui que esse objetivo foi “atingido”. Trata-se muito mais de um objetivo colocado como proposta de reflexão. Tentou-se argumentar sobre esta proposta. É importante que fique evidente ao leitor e pesquisador que o fenômeno já tão discutido dos efeitos sociais de usos dos vários recursos da *web* (ou, de modo mais popular e conhecido: os efeitos da “internet” ou das “redes sociais”) passa fundamentalmente por usos operacionais bem específicos, breves, simples e cotidianos que optamos, quase que inconscientemente, no dia a dia. E que isso não é algo que acontece por um acidente ou por uma emergência social que resulta de contextos inevitáveis, mas de objetivos comerciais e políticos que são colocados por empresas e grupos de interesse respectivos, mediante *designs* digitais.

Um dos pontos fundamentais do problema é que a forma gostar/não gostar e toda a demanda veloz de seu uso nos são impostas por esses agentes com seus interesses específicos. Acabamos por ter de utilizar esta forma no ritmo em que nos é imposto. Há inúmeras barreiras que impedem a resistência a esse estado de coisas, como: o vício em conferir aplicativos de *smartphones*, seja de redes sociais, e-mails ou de compras – um vício que foi conscientemente estimulado, como vimos na seção 1; o aprisionamento tecnológico que novos serviços fundamentais nos impõem: somos quase obrigados a baixar e usar inúmeros aplicativos para termos acesso a serviços básicos, como habilitação para dirigir, retirada do fundo de garantia, cartão de saúde, comprovantes diversos etc. – e esse aprisionamento nos leva a ter de usar cada vez mais dispositivos como *smartphones*, o que, por sua vez, reforça o ponto anterior sobre vício; o mesmo vale para o fato de cada vez mais instituições educacionais fazerem uso de recursos que estão disponíveis em *smartphones*, sem que se eduque as pessoas sobre como usar tais dispositivos ou até mesmo sobre qualquer uso da *web* em geral – como se todos nascessem sabendo como lidar com controle de uso de tecnologias e com controle emocional de reação a avaliações pessoais.

Um próximo passo no sentido das reflexões deste artigo seria, por exemplo, levantar pesquisas empíricas que evidenciem as acelerações sociais das quais se fala aqui. Este trabalho está sendo feito em nosso projeto atual, acima referido. Já sobre o metacódigo moral, como explicado no início, não é algo passível de levantamento empírico. É uma via de acesso a um entendimento, como qualquer tentativa teórica, que fica aqui como esboço de uma tentativa. Por fim, é necessário pensarmos em formas alternativas de resistência a este estado de coisas, mesmo com essas barreiras acima mencionadas.

Nossa posição é que não encontraremos essas alternativas no próprio mundo de redes sociais, como tentam alguns mediante grupos em Facebook e WhatsApp, que acabam também se submetendo a lógicas binárias de avaliação em tempos acelerados, promovendo as respectivas empresas e os seus respectivos *designs* que cada vez mais produzem aprisionamentos tecnológicos em seu benefício. Temos que diferenciar entre o uso desses aplicativos e programas como ferramentas complementares que podem tornar a nossa vida mais segura e confortável e o seu uso como nossas extensões físicas e mentais. O gerenciamento desse limite é um dos principais desafios sociais neste momento.

## Referências Bibliográficas

ALTER, Adam. Irresistível. *Por que você é viciado em tecnologia e como lidar com ela*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

BOLSONARO é dependente de likes e interferência dos filhos, diz Janaina. *UOL News*, São Paulo, 10 set. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/09/10/bolsonaro-e-dependente-de-likes-e-interferencia-dos-filhos-diz-janaina.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 15 jun. 2022.

BRAZ, Matheus Viana. Heteromação e microtrabalho no Brasil. *Sociologias*, ano 23, n. 57, p. 134-172, mai-ago 2021.

BRIDLE, James. *A nova idade das trevas*. A tecnologia e o fim do futuro. São Paulo: Todavia, 2019.

CARR, Nicholas. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

COSTA, Antônio Luz. Análise de redes de mercados ilegais sob uma perspectiva sistêmica: Estudo de um depoimento da CPI do Narcotráfico. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 4, n. 4, p. 629-661, out/nov/dez 2011.

COSTA, Antônio Luz. Lados e jogadores. *RBSD – Revista Brasileira de Sociologia do Direito*, v. 8, n. 2, p. 32-64, maio/ago. 2021.

CORMEN, Thomas *et al.* *Introduction to Algorithms*. 4. ed. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2022.

DURKHEIM, Émile. *Sociologia e filosofia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970.

EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2019.

FOER, Franklin. *O mundo que não pensa*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. *Parágrafo*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan-abr 2018.

HORSTER, Detlef. *Niklas Luhmann*. München: Beck, 1997.

LANIER, Jaron. *Bem-vindo ao futuro: uma visão humanista sobre o avanço da tecnologia*. São Paulo: Saraiva, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.

LUHMANN, Niklas. *Soziologische Aufklärung 3. Soziales System, Gesellschaft, Organisation*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1981.

LUHMANN, Niklas. *Legitimation durch Verfahren*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1983.

LUHMANN, Niklas. *Soziale Systeme: Grundriß einer allgemeinen Theorie*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1987.

LUHMANN, Niklas. *Gesellschaftsstruktur und Semantik. Studien zur Wissenssoziologie der modernen Gesellschaft. Bd. 1*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1993.

LUHMANN, Niklas. *Das Recht der Gesellschaft*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1995.

LUHMANN, Niklas. *Die Gesellschaft der Gesellschaft. 2. ed. Vols. 1 e 2*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1999.

LUHMANN, Niklas. *Die Moral der Gesellschaft*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 2008.

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu, 2018.

O DILEMA das redes. Direção: Jeff Orlowski. Documentário. *Netflix*, 2020.

O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição de massa. Como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia*. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2020.

PINKER, Steven. *Rationality: What it is, why it seems scarce, why it matters*. London: Viking Penguin, 2021.

SUMPTER, David. *Dominados pelos números*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

TWENGE, Jean M. *IGen. Por que as crianças superconectadas de hoje estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a idade adulta*. São Paulo: nVersos, 2018.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância. A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

**Recebido em:** 12 de junho de 2022.

**Aceito em:** 31 de dezembro de 2022.

## COMO REFERENCIAR

COSTA, Antônio Luz. Like/dislike como metacódigo moral e acelerador social. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 29-52, 2022.

## Sociologia Digital: o fenômeno metaverso

## Digital Sociology: metaverse phenomenon

### **Valéria Macedo**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e pelo Instituto Brasileiro em Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT).

E-mail:

[valeria.macedo@crie.coppe.ufrj.br](mailto:valeria.macedo@crie.coppe.ufrj.br)

### **Resumo**

Este artigo apresenta uma revisão bibliográfica sobre tecnologias emergentes que possibilitam a construção de novos ambientes digitais de interações dos indivíduos, tornando-se necessária a investigação com base na Sociologia digital. Aborda-se como as plataformas digitais passaram a fazer parte da rotina dos indivíduos, principalmente, para o uso das redes sociais, o que caracteriza que vivemos em uma sociedade de plataforma. O metaverso, como uma extensão do ambiente virtual, é apresentado por meio de conceitos e definições ainda em construção pela comunidade acadêmica, mas que apresenta a potencialidade da migração dos indivíduos para ambientes interativos em plataformas descentralizadas. É fundamental o monitoramento deste fenômeno chamado metaverso no campo das Ciências Sociais com futuras pesquisas. As investigações sociais neste ambiente podem contribuir para compreender o impacto no comportamento humano em sociedade, em um mundo cada vez mais “figital” (físico + digital).

**Palavras-chaves:** plataforma, metaverso, Sociologia digital.

### **Abstract**

This article presents a literature review on emerging technologies that enable the construction of new digital environments of interactions of individuals, making it necessary to research based on digital Sociology. It addresses how digital platforms have become part of the routine of individuals, mainly for the use of social networks, which characterizes that we live in a platform society. The metaverse, as an extension of the virtual environment, is presented

through concepts and definitions still under construction by the academic, but which present the potential for the migration of individuals to interactive environments on decentralized platforms. It's essential to monitor this phenomenon called metaverse in the field of social sciences in future research. Social investigations in this environment can contribute to understanding the impact on human behavior in society in an increasingly "figital" (physical + digital) world.

**Keywords:** platform, metaverse, digital Sociology.

## Introdução

Durante um importante evento mundial sobre tecnologia "SWSX 2022", que ocorre anualmente na cidade de Austin, no Texas (EUA), a fundadora do Future Today Institute<sup>1</sup> Amy Webb afirmou que evoluções tecnológicas como a Web 3.0 e o metaverso estão transformando os ambientes virtuais em ambientes digitais descentralizados. Estas tendências tecnológicas criam espaços digitais para a ocorrência de interações humanas e ambas impactarão organizações públicas e privadas, governo e, sobretudo, a vida dos indivíduos e suas interações na sociedade de plataforma (VAN DIJCK, POELL, DE WALL, 2018). Portanto, torna-se importante investigar as redes sociais digitais do futuro no campo da Sociologia.

No mundo acadêmico, nas diferentes áreas do conhecimento, existem muitos questionamentos sobre como será a Web 3.0 – evolução da Web 2.0 – que possibilita a construção de um ambiente digital descentralizado. Uma das características é a remoção da centralidade das plataformas existentes com a possibilidade de descentralização dos dados, ou seja, os indivíduos passam a ser guardiões dos seus dados e responsáveis por compartilhamento, troca e comercialização.

Para este estudo adotou-se o seguinte conceito para definir rede social:

rede social é um conjunto de pessoas, grupos, organizações etc. (atores) que se encontram ligados (nós) por relacionamentos sociais, imbuídos, por exemplo, por lógicas de cooperação, partilha, amizade (tipo de laços) e, através destas interações, desenvolvem e dinamizam uma estrutura social

---

<sup>1</sup>Tech Trends 2022, Future Today Institute. Disponível em: [https://futuretodayinstitute.com/mu\\_uploads/2022/03/FTI\\_Tech\\_Trends\\_2022\\_All.pdf](https://futuretodayinstitute.com/mu_uploads/2022/03/FTI_Tech_Trends_2022_All.pdf). Acesso em: 18 mar. 2023.

com uma identidade relacional muito própria, formando um ecossistema da rede (FIALHO, SARAGOÇA, BALTAZAR, SANTOS, 2018, p. 20).

No subcampo da Sociologia, a Sociologia digital tem o papel de compreender os impactos das tecnologias de informação e comunicação. O uso destas tecnologias nas interações humanas nos leva às questões relacionadas à desigualdade digital, à privacidade, à discriminação, ao esquecimento, aos vieses algorítmicos, entre outros temas relevantes em uma sociedade cada vez mais digital (ORTON-JOHNSON, PRIOR, 2013; LUPTON, 2014; NASCIMENTO, 2016).

Analisar as tendências tecnológicas e identificar quais são as oportunidades para o desenvolvimento de pesquisas neste ambiente são desafios constantes para os sociólogos na sociedade da plataforma (VAN DIJCK; POELL; DE WALL, 2018).

Por meio de um resgate histórico sobre a Sociologia digital, Nascimento (2016) defende que é necessário investir em propostas para a análise metodológica na área da Sociologia com o uso de novas técnicas de análise de dados, com técnicas baseadas no ferramental Big Data, por exemplo. Nos anos 2000, o sociólogo Andrew Abbott, ao escrever o artigo “Reflection on the Future of Sociology”, já se perguntava como seria possível identificar padrões de comportamento no mar de dados existentes nas plataformas digitais.

Toda a interação humana gera dados e estimativas que indicam que o crescimento é exponencial, como divulgado na Pesquisa Digital Brasil 2022<sup>2</sup>. Neste ano, 165 milhões de brasileiros utilizaram o aplicativo WhatsApp, 119,5 milhões possuem conta no Instagram, 74 milhões utilizam o TikTok e 19 milhões são usuários do Twitter. Com 200 milhões de *tweets* publicados anualmente<sup>3</sup> e a adoção do Big Data, esse pode ser um caminho promissor para que sociólogos possam investigar as redes sociais existentes em ambientes digitais centralizados e descentralizados. No caso dos ambientes ou redes descentralizadas existe um novo desafio, devido os dados serem de difícil captura, porque o acesso apenas será possível com a anuência do dono do dado.

---

<sup>2</sup>Dados capturados do site: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>, em 06/11/2022.

<sup>3</sup>Dados capturados do site: <https://www.websiterating.com/pt/research/twitter-statistics/>, em 06/11/2022.

Para Santos (2020) torna-se necessário articular modos, culturas epistêmicas e perspectivas nas pesquisas sociológicas para identificar quais padrões podem gerar hipóteses e explicações da lógica social com o uso do Big Data. O papel da Sociologia no mundo digital poderia propor reflexões sobre os processos que envolvem o uso do Big Data para as informações da vida social e, ainda, avaliar as consequências sociais e políticas com o acúmulo de dados, prevendo questões éticas e de privacidade para o uso adequado da inteligência artificial, principalmente, para problemas relacionados às possíveis induções de comportamento humano.

Lupton (2014) relacionou quatro campos de preocupação para a Sociologia digital: 1) a necessidade do uso de ferramentas digitais para a prática profissional do sociólogo; 2) o uso de dados digitais para pesquisas quantitativas e qualitativas; 3) as pesquisas para medição do impacto das mídias e redes sociais digitais no comportamento dos atores sociais e 4) o uso das teorias sociais como base nas análises das mídias sociais.

As plataformas digitais estão ressignificando as relações humanas na sociedade e em várias perspectivas – econômica, política e social. Na economia da plataforma, por exemplo, ocorrem novos processos produtivos com o uso de ferramentas, *frameworks* e algoritmos para a captura e o uso dos dados e informações disponíveis nas redes sociais. A circulação do conhecimento imaterial nas plataformas resultante das trocas de valor ocorre por meio das relações fluidas nas redes, muitas vezes movidas pela confiança (KENNEY; ZYSMAN, 2016).

Neste contexto, o campo da Sociologia digital pode evoluir no uso de ferramentas de análise de redes, na busca de compreender como os atores passam a ser produtores e detentores de dados digitais de forma exponencial nas diversas plataformas descentralizadas, como o metaverso. O modelo atual das redes sociais, com plataformas centralizadoras e controladoras de dados – Facebook ou Google – sofrerão impactos e serão movidas a remodelar as suas estratégias de negócios.

A Web 3.0 desafia os sociólogos digitais porque aumenta a necessidade de compreender as ações e os comportamentos dos indivíduos nas plataformas descentralizadas. No metaverso, os indivíduos constroem as suas redes sociais por meio de organizações descentralizadas tornando-os responsáveis pela troca e pelo compartilhamento dos dados e de todo o conteúdo que geram.

Este artigo busca entender o mundo das plataformas destacando conceitos, evolução, uso e papel dos atores e empresas digitais neste ambiente, que promove a plataformização da vida em sociedade. Sequencialmente, descreve tendências tecnológicas que impactam o campo da Sociologia digital através do fenômeno do metaverso. Na conclusão apresentam-se possíveis impactos e oportunidades de pesquisa para o campo da Sociologia digital.

## 1 O que são as plataformas?

A palavra plataforma é originária da língua francesa “plate-forme” e significa literalmente “forma plana” ou “chão plano”. Segundo Gillespie (2010), o *Dicionário Oxford* apresenta 15 (quinze) diferentes formas de uso para a palavra “plataforma”, sendo necessário agrupá-las em quatro categorias semânticas para compreender o seu significado: computação, arquitetura, figurativa e política.

A computação representa uma infraestrutura construída conforme um modelo – *design* – e o uso de *softwares* e/ou aplicativos, como: *hardware* de computador, sistemas operacionais, dispositivos móveis ou digitais e APIs (*application programming interface*). Possui uma diversidade de usos e conotações, como plataformas tecnológicas, plataformas digitais e plataformas *web*.

A arquitetura refere-se ao significado mais utilizado da palavra para explicar estruturas físicas, planas e genéricas, destinadas a um fim específico como: plataforma de metrô, plataforma petrolífera, plataforma espacial e plataforma submarina. A figurativa refere-se ao chão, à fundação, ou, ainda, à base para a construção de uma proposta com reivindicações e entendimentos no ambiente corporativo ou público, como: plataforma de trabalho e plataforma cívica.

E, finalmente, a política apresenta um conjunto de princípios e propostas divulgados em um programa, representando, por exemplo, a atuação política de um candidato ou de uma entidade, como: plataforma brasileira de política de drogas ou plataforma política social.

Para Gillespie (2010) o uso do termo plataforma na computação resgata a questão do sentido semântico da arquitetura, tornando o acesso igualitário ou

nivelado em uma superfície elevada, não destacando a casualidade, mas a neutralidade das atividades realizadas por quem navega de forma plana.

Outra forma de abordar o conceito de plataforma envolve perspectivas de análise na teoria das organizações. Na perspectiva da arquitetura tecnológica, na área da engenharia, a plataforma refere-se à criação de projetos que envolvem *design* de produtos ou famílias de produtos para uma empresa específica; na perspectiva de gestão e de estratégia refere-se ao controle e à medição da capacidade produtiva que monitoram o sucesso ou o fracasso de uma indústria. Já a perspectiva econômica refere-se aos ambientes facilitadores de troca ou transação de produtos e serviços de uma empresa por dois ou mais grupos. (GAWER, 2011; BALDWIN; WOODARD, 2011).

Baldwin e Woodard (2011) explicam que existem diferentes abordagens na literatura para o tema plataforma. Na perspectiva da arquitetura tecnológica ocorre um agrupamento de aspectos do sistema e a sua complexidade de forma evolutiva, com a necessidade de interfaces dos componentes internos e externos. E, no âmbito da interação humana, foca-se nos aspectos da multilateralidade e das questões de (des)intermediação.

Como forma de análise da plataforma, a literatura utiliza gráficos de rede, matrizes de estrutura, mapas de camadas identificando padrões de complexidade em *hubs* de produtos, nas empresas e/ou usuários, conforme explicita o conceito a seguir:

plataforma é uma empresa que viabiliza interações e que cria valor entre produtores e consumidores externos. A plataforma oferece uma infraestrutura para tais interações e estabelece condições de funcionamentos para elas. O propósito primordial da plataforma é consumir o contato entre usuários e facilitar a troca de bens, serviços ou 'moedas sociais', propiciando, assim, a criação de valor para todos os participantes. (PARKER; ALSTYNE; CHOUDARY, 2016, p. 13).

Na perspectiva econômica, o cenário de complexidade da nova economia motivou Langley e Leyshon (2017) a destacar que vivemos em um capitalismo de plataforma (SCHOLTZ, 2014; SRNICEK, 2017), em que cada vez mais governos, instituições públicas e privadas, investidores e empreendedores buscam oportunidades e traçam estratégias de atuação por meio de plataformas digitais, envolvendo cada vez mais a participação nas redes sociais.

Em 2012, a jornalista Cécile Ducourtieux do jornal Le Monde chamou a atenção sobre a relevância das empresas mais valiosas do mundo que atuam por meio de plataformas ao criar o acrônimo GAFAs, formado pelas empresas Google, Amazon, Facebook e Apple. Galloway (2018) as intitulou como “*The Four*”. Van Dijck, Poell e De Wall (2018) foram além e conceberam a nomenclatura Big Five, incorporando a Microsoft e também conhecidas como GAFAMs.

Vale ressaltar que a internet pode ser considerada a plataforma das plataformas para McAfee e Brynjolfsson (2017) pela forma como seu conteúdo é acessado e replicado de forma instantânea por quem nela navegar a um custo marginal próximo de zero, ou seja, a plataforma deveria ser um ambiente on-line livre, perfeito e instantâneo.

A manutenção de uma *web* segura, diversa, aberta e acessível para todos é difundida por meio de uma campanha global chamada #ForTheWeb e patrocinada pela World Wide Web Foundation<sup>4</sup>. Esta fundação foi criada por Tim Berners-Lee (considerado o pai da Web 2.0) com a missão de unir governos, empresas e cidadãos com o propósito de manter a internet livre e beneficiando a todos.

A Web 2.0 tornou-se um fenômeno ao possibilitar o compartilhamento de recursos para a interação e a disseminação da informação nas plataformas. Ferramentas tecnológicas, como a inteligência artificial, Big Data, *machine learning*, entre outras, possuem características bilaterais – ser humano *versus* máquina (LÉVY, 2010).

A cibercultura de Lévy (2010) apresenta um mundo onde a comunicação é direta, interativa e coletiva. Oferece aos indivíduos e as redes digitais da sociedade acesso às ferramentas necessárias para a atividade econômica, tornando-os atores e produtores de bens e/ou serviços. Fazendo um paralelo com a economia da plataforma, o comportamento humano e suas informações, perfis e escolhas tornaram-se insumos relevantes para a construção de estratégias de negócio e tomada de decisão pela liderança nas organizações em busca de resultados financeiros positivos.

As tecnologias radicais, como *smartphones*, internet das coisas, criptomoeda, *blockchain*, *machine learning*, biometria (GREENFIELD, 2017) prometem

---

<sup>4</sup>Informações adicionais no site da fundação. Disponível em: <https://webfoundation.org>. Acesso em: 18 mar. 2023.

revolucionar ainda mais as relações entre empresas e consumidores ou entre indivíduos no século XXI. Na verdade, as inovações tecnológicas promoveram a conectividade e o acesso dos indivíduos que interagem neste ambiente virtual. O resultado desta interação é a geração de dados cada vez mais crescente nas plataformas digitais. Quanto maior o banco de dados maior é a necessidade de interfaces e mecanismos lógicos para obter acesso à informação, provendo um estoque de conhecimento que cresce exponencialmente, tratado por algoritmos (VAN DIJCK; POELL; DE WALL, 2018).

As interações constantes, intensas e crescentes nas plataformas digitais na internet fazem com que na atualidade vários estudiosos busquem um significado para este fenômeno. Van Dijck, Poell e De Wall (2018) comentam que este fenômeno ultrapassa questões econômicas e tecnológicas porque já vivemos na “sociedade de plataforma” que pulsa por meio das interações, novas práticas culturais e sociais, resultando em renda, educação e trabalho para a sociedade, conforme representado na Figura 1.

**Figura 1.** Representação Semântica da Sociedade da Plataforma, criada por Van Dijck, Poell e De Wall (2018).



**Fonte:** Platform Society. Van Dijck, J., 2018. Figura 1.3 (p. 21).

Wark (2016) acredita que as inovações tecnológicas possibilitaram a criação de novas classes sociais, sem alterar os fundamentos básicos do capitalismo originado na era pós-fordista. Ao invés dos senhores e dos agricultores na sociedade agrícola ou capitalistas com ações dominadoras perante os dominados trabalhadores na sociedade industrial, a sociedade do conhecimento cria uma classe dominante

chamada de “vetorialista”, que controla a estrutura social por patentes, direitos autorais e a logística do vetor algorítmico da informação, e uma classe dominada representada pelos “*hackers*”, que geram informações por sua capacidade cognitiva e intelectuais, os indivíduos. Segundo Wark (2016) é melhor possuir vetor, ou seja, conjunto de algoritmos, protocolos legais e técnicos mantendo as informações escassas do que usufruir dos meios de produção referenciados em ações de empresas ou fluxos de informação no sistema capitalista deste século.

E, finalmente, pode-se dizer que a Covid-19 promoveu o avanço à digitalização, alavancando a sociedade de plataforma, as interações nas redes sociais e fomentando iniciativas governamentais, como o projeto “Data Act” da Comissão Europeia<sup>5</sup>, com a construção de uma infraestrutura para integrar dados dos cidadãos, centralizando as informações em “carteiras de dados” disponíveis nos dispositivos móveis. Este projeto foi regulamentado em fevereiro de 2022.

Conclui-se que as plataformas e todos os seus aparatos e dispositivos podem ser abordados em vários aspectos e áreas de conhecimento, contudo nota-se que as relações sociais e suas interações oferecem subsídios importantes para o entendimento deste universo digital, os dados.

## 2 O fenômeno metaverso

Park e Kin (2022) definem metaverso como uma palavra composta “meta-verso”, que significa transcender ao universo em um mundo virtual tridimensional, em que os indivíduos, por meio dos seus avatares, se envolvem em atividades políticas, econômicas, sociais e culturais. Neste mundo virtual, a vida cotidiana do indivíduo coexiste em um mundo real e em outro irreal.

Garcia e Barbosa (2021) resgataram o significado semântico da palavra meta incorporado nos estudos de Alves (2019) ao definir que o prefixo “meta” possui um valor semântico de mudança, posteridade, transcendência. Os pesquisadores associaram a este conceito a ideia de comunidade e participação para abordar o conceito de metaverso, que incorpora o “verso” da palavra universo. Eles acreditam

---

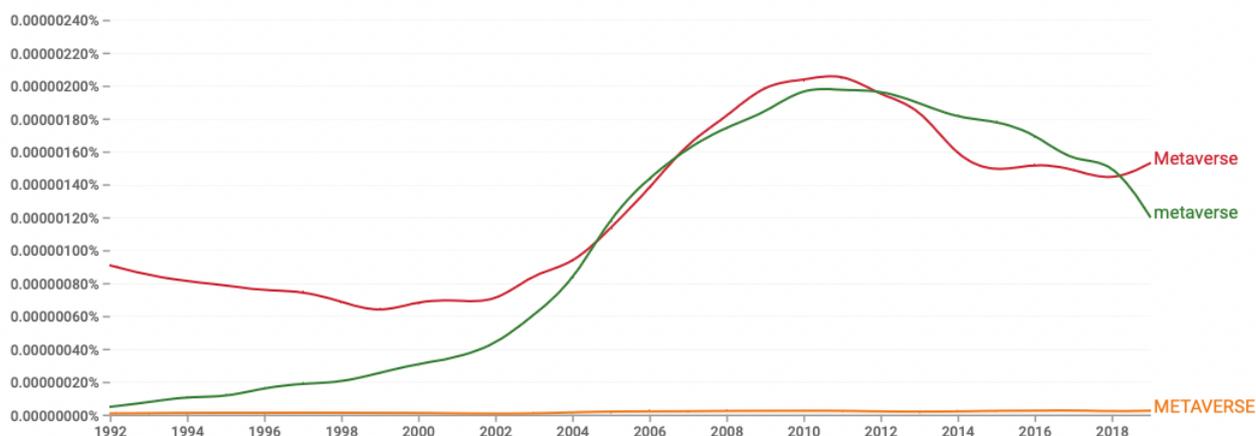
<sup>5</sup>Site com informações sobre o Projeto Data Act: <https://digital-strategy.ec.europa.eu/en/policies/data-act>. Acesso em: 18 mar. 2023.

que o metaverso representa uma superação ou mesmo uma ampliação do significado de presencialidade em uma sociedade em rede.

Para abordar o fenômeno metaverso é necessário compreender quando este termo foi utilizado pela primeira vez e qual é a motivação do interesse de vários setores econômicos neste ambiente digital. Metaverso foi citado pela primeira vez em um livro de ficção científica de Neal Stephenson (1992) chamado “Snow Crash” em 1990, sendo considerado como uma nova versão da internet.

Nota-se no gráfico 1 abaixo capturado na plataforma Google Books NGram Viewer, que o interesse cresceu ano após ano até 2019, data final do banco de dados utilizado na construção de análises do termo metaverso, incorporado em conteúdos de livros da Língua Inglesa.

**Gráfico 1.** Evolução do termo “*metaverse*” em conteúdos de livros da Língua Inglesa.



**Fonte:** Dados capturados em 28/05/2022, no site: <https://books.google.com/ngrams/info>.

Segundo Pereira (2009), o metaverso (*metaverse* em inglês) “é comumente tratado como sinônimo de um ambiente virtual que os usuários acessam por meio da internet e interagem segundo uma figura representativa virtual, chamada avatar”. O pesquisador define que o Second Life foi “uma tentativa de dar forma e aspecto ao ciberespaço ou ao metaverso de *Snow Crash*” (p. 12).

Second Life é um ambiente virtual em 3D criado em 2003, gerado por computador, em que ocorre a simulação das vidas real e social – realidade virtual – dos indivíduos. Eles interagem por meio de avatares para construir relações sociais.

No campo da Sociologia verificam-se vários estudos acadêmicos que buscaram compreender como estas interações ocorrem neste ambiente.

Wighan e Chanier (2013)<sup>6</sup> estudaram as formas de comunicação verbal e não verbal dos seus participantes. Bardzell e Odorn (2008) analisaram as relações mutuamente construídas entre avatares, espaços e artefatos em uma comunidade formada por indivíduos que se reuniam virtualmente para jogar no Second Life.

Um estudo bibliométrico realizado pelo pesquisador Muhammer Damar (2021) na base de dados da *Web of Science* no período entre 1990 e 2021 identificou que existem poucos estudos acadêmicos. Conforme Damar (2021), a ocorrência da popularidade do tema alcançou um pico nos últimos meses da pesquisa devido o dono do Facebook, Michael Zuckerberg, anunciar em outubro de 2021 o investimento de 15 bilhões de dólares para a construção de uma nova rede social chamada “Metaverse”. Dos 93 documentos identificados na pesquisa, Damar (2021) concluiu que metaverso não é um “produto único” de uma empresa, porque o metaverso existirá com ou sem o Facebook (atual Meta).

Devido à transição acelerada da transformação digital desde o surgimento da Covid-19, o mundo passou a ser “figital” (físico + digital) segundo Meira (2022)<sup>7</sup>, que significa migrar de um universo físico (que possuem dimensões tangíveis – largura, altura, tempo) para uma dimensão aumentada e estendida através do digital.

Meira (2022) define o metaverso como um ambiente “figital” que permitirá a orquestração da dimensão social, ou seja, conexões, relacionamentos e interações entre os agentes em tempo quase real, sem a dependência de sistemas ou de organizações. Além de “figital”, o metaverso é síncrono, com eventos reais que possibilitam a experiência humana. Este ambiente também é aberto, descentralizado e distribuído. Conclui Meira (2022) que o metaverso é um ambiente aberto porque o participante não necessita transitar em redes sociais para se conectar, já que as relações são constituídas livremente na plataforma descentralizada.

Vergne (2020) explica que uma organização é descentralizada quando existe uma dispersão das comunicações organizacionais e uma organização é distribuída quando há dispersão da tomada de decisão organizacional. Para tanto faz-se

---

6

<sup>7</sup>Blog: <https://silvio.meira.com/silvio/definindo-o-metaverso/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

necessário a adoção de procedimentos de governança claros e transparentes para todos os participantes da comunidade aberta. Estes conceitos se enquadram ao metaverso e demonstram a importância da evolução da Web 3.0 ao oferecer novas perspectivas para os ambientes criados para a interação, além da interatividade convencional da Web 2.0.

A Web 3.0 permite acessar um mundo virtual personalizado, potencializando o uso da inteligência artificial e da formação de redes e comunidades descentralizadas, que interagem por meio de avatares em uma realidade expandida.

A pesquisa realizada por Huynh-The *et al.* (2022) descreve a cadeia de valor da plataforma metaverso, que é composta pelas seguintes camadas:

- Infraestrutura: refere-se à tecnologia que habilita, conecta e fornece o conteúdo em nossos dispositivos (redes 5G, Wi-Fi, data center, processadores, placas de vídeo, nuvem);
- Interface humana: dispositivos vestíveis, celulares, além da necessidade do uso de dispositivos fundamentais, como óculos ou lentes de contato inteligentes, fones de ouvidos, computadores e celulares com *hardwares* apropriados. Assim, surgem as luvas táteis, os relógios inteligentes e os biossensores implantados na pele. Empresas de plataforma, como Apple, Google e Meta têm investido no desenvolvimento de óculos e lentes, almejando um mercado promissor para estes dispositivos. Estas empresas acreditam que haverá um crescimento escalável de participantes neste ambiente e que as interações serão entre nós mesmos, uns com os outros e com todos do nosso entorno.
- Descentralização: os dados passam a ser processados nos próprios dispositivos utilizados pelos usuários, sem a necessidade de se conectar, por exemplo, à rede social do Facebook. Utiliza-se, ainda, a infraestrutura de *blockchain* (significa que é uma estrutura formada por blocos (*block*) em cadeia (*chain*)). Existirão agentes de inteligência artificial e ofertas de microsserviços.
- Computação espacial: tecnologia emergente que digitaliza as atividades de uma máquina, pessoas e objetos e dos ambientes, habilitando e otimizando ações e interações. Exemplos: tecnologia 3D, realidade aumentada, expandida, reconhecimento de voz e gestos, mapeamento geoespacial e interface com

multitarefa – utilizado atualmente pela indústria, integração de dados de dispositivos da internet das coisas e a biometria das pessoas.

- Economia do Criador (*creator economy*): experiências orientadas pelo criador do metaverso pressupõem o uso de ferramentas, modelos e conteúdo disponível para qualquer indivíduo criar um site ou um jogo – monetizado ou não – sem a necessidade de conhecer técnicas de codificação ou ter formação de *designer*.
- Descoberta: as descobertas mais relevantes no metaverso são o conteúdo orientado para a comunidade e não mais disponível para acesso da comunidade, lojas virtuais, avatares e *chatbots*.
- Experiência: até o momento observam-se ações com maturidade relevante no metaverso, como jogos, rede social, *e-sport*, shopping, festivais, eventos, aprendizado e trabalho. Os conteúdos que emergem nestas ações, emergem das interações, alimentando as conversas dentro das comunidades que participam. Esta imersão social estimula mais interação e impulsiona o conteúdo.

Em relação à camada de computação espacial, a Tabela 1 descreve as características das realidades virtual, aumentada, expandida e mista, que estão sendo utilizadas em ambientes digitais.

**Tabela 1.** Características e exemplos dos tipos de realidade virtual, aumentada, mista e expandida.

Tipos	Características	Exemplos
Realidade virtual ( <i>virtual reality</i> ).	Altera ou adiciona o digital em um meio ambiente existente e normalmente você permanece orientado em seu ambiente físico.	Exemplo clássico da realidade virtual são a apresentação de apartamentos decorados, com o uso dos óculos digitais.
Realidade aumentada.	Gera artificialmente ou emula ambientes do mundo real diferentes do seu.	O jogo Pokemón lançado em 2016 é baseado em geolocalização e realidade aumentada, e faz com que o jogador interaja com o mundo real. As lojas de varejo com a experimentação de produtos, sem usá-los de fato.
Realidade mista.	Ocorre a inserção de objetos virtuais no mundo real. Através da interação do participante com os objetos, novos ambientes são criados, com itens físicos e virtuais que coexistem e interagem em tempo real.	Utilizada na indústria para treinamentos e visualização de projetos, como as imersões que criam cenários 3D na educação para interação entre alunos, ou na aviação que permite aos cientistas visualizarem os projetos antes de serem produzidos.
Realidade expandida.	Combina as realidades reais e virtuais, e a interação homem-máquina, com a interpolação das realidades virtual, aumentada e mista.	Jogos imersivos, viajar para um lugar vivenciando as experiências em espaços digitais.

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Galloway (2021)<sup>8</sup> explica que, na atualidade, o ativo mais valioso da empresa Meta refere-se ao conjunto de dados de usuários, *links* entre os usuários e o conteúdo compartilhado que produz um gráfico social. No futuro, o metaverso possibilitará a todos que se conectarem a este ambiente descentralizado a possibilidade de qualquer indivíduo criar um espaço virtual. Isto é possível porque cada um terá uma identidade no mundo digital. Não será necessário acessar uma rede social para a postagem de fotos ou debater sobre vacina e política porque cada um terá o seu próprio espaço virtual para compartilhar o conteúdo que cria.

Segundo Webb (2022), à medida que as plataformas que utilizam realidade expandida avançam, como o metaverso, ocorrerá o aumento de tarefas e interações dos indivíduos nas suas rotinas cotidianas; e cada vez mais os avatares poderão ser recriados à semelhança do ser humano. Webb (2022) acredita que é possível a criação de múltiplas versões de você mesmo nos ambientes on-line, personagens imaginários poderão ser criados e adaptados ao contexto virtual em que habitam. De alguma forma, a fragmentação virtual já ocorre nas plataformas de rede social atual quando se comparam comportamentos diversos de pessoas em plataformas com foco profissional, como o LinkedIn, com foco em relacionamentos, como Tinder, ou de cunho social/familiar, como o Facebook ou de opinião, como o Twitter (DANTAS; CONSTANTINO, 2019).

A existência e o desenvolvimento do metaverso dependem da infraestrutura da Web 3.0 que, entre outras coisas, poderá revolucionar a forma como consumidores e empresas interagem e se envolvem, inclusive com a tecnologia de informação e de dados passando por uma nova onda de inovação, devido ao uso intensivo de sensores na captura de dados, voz e imagem.

Em relação aos sensores, os movimentos dos participantes são espelhados do mundo real para mundos virtuais com o controle dos avatares, que interagem com os objetos no metaverso. A inteligência artificial já captura dados com precisão e velocidade de processamento das expressões faciais, emoções, movimentos corporais e interações físicas, além de reconhecimento de fala e análise de sentimentos, a exemplo do que acontece quando uma pessoa joga nas plataformas de *games* digitais.

---

<sup>8</sup>Disponível em: <https://www.profgalloway.com/metaverse/>. Acesso em: 18 mar. 2023.

Com a construção de um ambiente, uma plataforma descentralizada, as pessoas conseguirão construir espaços compartilhados como, comunidades virtuais, jogos, comércio e cultura. Não é o objetivo deste estudo apresentar as oportunidades financeiras que envolvem este ambiente, contudo, é fato que muitas organizações da área da moda, finanças, cultura e imobiliária têm investido em ativos que tangibilizam as relações e trocas por meio de moedas digitais.

A transição para a Web 3.0 trará novas interfaces, plataformas e oportunidades de transparência. O avanço das iniciativas em ambientes digitais do metaverso poderão criar oportunidades de educação em uma sociedade de plataforma, em rede e “figital”.

### **Considerações finais**

Este estudo foi uma tentativa de descrever movimentos que emergem em uma sociedade de plataforma, que vai além da existência de um ecossistema em que atores interagem e compartilham dados em plataformas de empresas, sendo coadjuvantes nos ambientes das redes sociais.

A Sociologia digital tem acompanhado os impactos na sociedade das novas tecnologias de informação e comunicação que envolve desigualdade digital, privacidade, discriminação, esquecimento, vieses algorítmicos, entre outros temas relevantes em uma sociedade cada vez mais digital (ORTON-JOHNSON; PRIOR, 2013; LUPTON, 2014; NASCIMENTO, 2016).

Contudo, o mundo “figital” com ambientes digitais descentralizados, possibilitando a geração de conteúdo compartilhado e distribuído pelos participantes e seus avatares pode fornecer à Sociologia digital o avanço de investigações sobre o comportamento dos indivíduos nestes ambientes, com o uso do Big Data e da Inteligência Artificial.

A coleta de dados gestuais, faciais e biosensoriais abrem novos horizontes de pesquisa em relação ao comportamento humano e suas relações sociais em comunidades digitais. Parece um pouco assustador este ambiente, contudo ele já ocorre se pensarmos no mundo dos jogos digitais. O avanço da transformação digital nestes ambientes é imenso quando observamos pesquisas divulgadas sobre este segmento. Em 2019, o mundo dos *games* possuía 1,7 bilhão de usuários e durante a

pandemia de Covid-19, 435 milhões de pessoas tornaram-se usuários dos *games*. Pode-se concluir que quase 2 bilhões de atores das redes sociais digitais já utilizam interfaces humanas para a interação em comunidades de *games*, como a plataforma Discord. Dessa forma, o fenômeno do metaverso é cada vez mais real.

Vários pesquisadores defendem que o metaverso integra uma variedade de novas tecnologias de computação espacial e representa um novo tipo de forma social, que inclui sistemas econômicos, culturais e jurídicos que são intimamente relacionados à vida real, mas que possuem características próprias.

A integração de um espaço social físico com um espaço social virtual poderá requerer mapeamentos contínuos das interações sociais. Segundo Ning (2021), as pegadas digitais no metaverso social poderão ser rastreadas para revelar a identidade do usuário no mundo real, como localização e informações confidenciais.

Torna-se muito relevante realizar pesquisas para medir o impacto destes ambientes no comportamento dos atores sociais (LUPTON, 2014). Várias empresas estão investindo em estratégias de entrada e atuação no metaverso, criando produtos – ativos digitais – e, ao mesmo tempo, iniciativas nas áreas de aprendizagem potencializam o uso de realidade expandida para a capacitação e busca de produtividade da força de trabalho, principalmente, a indústria. Neste cenário, a investigação no campo de pesquisa do trabalho e as relações sociais nestes ambientes poderão ser relevantes para compreender como as ideias, as relações e os comportamentos emergem em um ambiente híbrido, “figital”. Será que haverá precarização do trabalho neste ambiente?

Independentemente do tempo em que essas tecnologias e fenômenos precisarão para se desenvolver, o papel da pesquisa acadêmica é de tentar compreender questões culturais e comportamentais dos indivíduos e grupos que são pertinentes à sociedade.

Na sociedade de plataforma novas práticas culturais e sociais emergem em ambientes digitais, como o metaverso. Conclui-se que todas as áreas do conhecimento e, em especial, as Ciências Sociais e humanas têm papel fundamental nas investigações das redes sociais digitais. É necessário buscar ferramentas e métodos de pesquisa qualitativa e quantitativa que suportem a captura de dados das inúmeras experiências culturais e sociais que ocorrerão a partir da Web 3.0 e seus ambientes

digitais para compreender as interações nas comunidades digitais e os impactos na vida social real.

## Referências bibliográficas

ABBOTT, Andrew. Reflections on the Future of Sociology. *Contemporary Sociology*, v. 29, n. 2, p. 296-300, 2000.

ALVES, Ieda Maria. Empregos do prefixo meta-. *Acta Semiótica Et Linguística*. v. 24, n. 3, p. 54-62, 2019.

BALDWIN, Carliss Y. *et al.* The architecture of platforms: A unified view. *Platforms, markets and innovation*, v. 32, p. 19-44, 2009.

BARDZELL, Shaowen; ODOM, Willian. The Experience of Embodied Space in Virtual Worlds. *Space and Culture*, 11, p. 239-259, 2008.

DAMAR, Muhammet. Metaverse Shape of Your Life for Future: A bibliometric snapshot. *Journal of Metaverse*, 1 (1), p. 1-8, 2021.

DANTAS, Lucas Eduardo; CONSTANTINO, Fernanda. A fragmentação do indivíduo pelo ciberespaço e o exemplo das redes sociais digitais. *Revista Sociologia em Rede*, v. 9, n. 9, 2019.

FIALHO, Joaquim; SARAGOÇA, José; BALTAZAR, Maria da Saudade; SANTOS, Marcos. *Redes sociais*. Para uma compreensão multidisciplinar da sociedade. Lisboa: Edições Sílabo, 2018.

GALLOWAY, Scott. *The four: the hidden DNA of Amazon, Apple, Facebook, and Google*. Penguin, 2018.

GARCIA, Jardel Lucas. Resignificando o conceito de presencialidade: o conceito de metaverso e as suas potencialidades. *Combine: Pessoas, Virtualidade e Finanças*, 1. ed. Porto Alegre, Faculdade CBM, 88 p. E-book 2021.

GAWER, Annabelle (Ed.). *Platforms, markets and innovation*. Edward Elgar Publishing, 2011.

GILLESPIE, Tarleton. The politics of “platforms”. *New media & society*. v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010.

GREENFIELD, Adam. *Radical technologies: The design of everyday life*. Verso Books, 2017.

HUYNH-THE, Thien *et al.* Artificial Intelligence for the Metaverse: A Survey. *arXiv preprint arXiv: 2202.10336*, 2022.

KENNEY, Martin; ZYSMAN, John. The rise of the platform economy. *Issues in science and technology*, v. 32, n. 3, p. 61, 2016.

LANGLEY, Paul; LEYSHON, Andrew. Platform capitalism: the intermediation and capitalization of digital economic circulation. *Finance and society*, v. 3, n. 1, p. 11-31, 2017.

LÉVY, Pierre. *Cyberculture*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LUPTON, Deborah. *Digital sociology*. Routledge, 2014.

MCAFEE, Andrew; BRYNJOLFSSON, Erik. *Machine, platform, crowd: Harnessing our digital future*. WW Norton & Company, 2017.

NASCIMENTO, Leonardo Fernando. A sociologia digital: um desafio para o século XXI. *Sociologias* 18 (41). Jan-Apr 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-018004111>. Acesso em: 18 mar. 2023.

NING, Huansheng *et al.* A Survey on Metaverse: the State-of-the-art, Technologies, Applications, and Challenges. *arXiv preprint arXiv:2111.09673*, 2021.

ORTON-JOHNSON, Kate; PRIOR, Nick (Ed.). *Digital sociology: Critical perspectives*. Springer, 2013.

PARK, Sang-Min; KIM, Young-Gab. A Metaverse: Taxonomy, components, applications, and open challenges. *Ieee Access*, v. 10, p. 4209-4251, 2022.

PARKER, Geoffrey G.; VAN ALSTYNE, Marshall W.; CHOUDARY, Sangeet Paul. *Platform revolution: How networked markets are transforming the economy and how to make them work for you*. WW Norton & Company, 2016.

PEREIRA, Itamar de Carvalho. *Metaverso: interação e comunicação em mundos virtuais*. 2009, 109 f. Tese (mestrado em comunicação). Universidade de Brasília, Distrito Federal.

SANTOS, Harlon Romariz Rabelo. O papel da Sociologia na era do Big Data. Blog Observare: 2020. Disponível em: <https://observare.slg.br/papel-da-sociologia-na-era-do-big-data/>. Acesso em: 29 mai. 2022.

SCHOLZ, Trebor. Platform cooperativism vs. the sharing economy. *Big Data & Civic Engagement*, 47, 2014.

SRNICEK, Nick. *Platform capitalism*. John Wiley & Sons, 2017.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. *The platform society: Public values in a connective world*. Oxford University Press, 2018.

VERGNE, Jean-Philippe. Decentralized vs. distributed organization: blockchain, machine learning and the future of the digital platform. *Organization Theory*, v. 1, n. 4, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2631787720977052>. Acesso em: 29 mai. 2022.

WARK, McKenzie. *The Sublime Language of My Century*, 2016. Disponível em: <http://www.publicseminar.org/2016/05/the-sublime-language-of-my-century/>. Acesso em: 29 mai. 2022.

WEBB, Amy. *The signals are talking: why today's fringe is tomorrow's mainstream*. PublicAffairs, 2016.

WIGHAM, Ciara R.; CHANIER, Thierry. A study of verbal and nonverbal communication in Second Life—the ARCHI21 experience. *ReCALL*, v. 25, n. 1, p. 63-84, 2013.

***Recebido em:*** 30 de maio de 2022.

***Aceito em:*** 7 de novembro de 2022.

## COMO REFERENCIAR

MACEDO, Valéria. Sociologia Digital: o fenômeno metaverso. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 53-70, 2022.

## Vale o que vier? Considerações sobre a reprodutibilidade musical no TikTok em tempos de Hiperultura

### Is it worth what comes? Considerations about musical reproducibility on TikTok in times of Hyperculture

#### **Carlos Lacerda Coelho**

Doutor em Sociologia pela  
Universidade Federal da  
Paraíba - UFPB.

E-mail:

[carloslacerda.jr@hotmail.com](mailto:carloslacerda.jr@hotmail.com)

#### **Flávio Marcílio Maia e Silva Júnior**

Mestre em Comunicação pela  
Universidade Federal de  
Sergipe - PPGCOM/UFS.

E-mail:

[fmarciliom@gmail.com](mailto:fmarciliom@gmail.com)

#### **Resumo**

O consumo de música no meio digital tem passado por diversas transformações desde a sua digitalização, na virada do século. Atualmente, a circulação musical tem se destacado pelas redes sociais como o Instagram e o TikTok, que por meio da produção de conteúdo criam um formato de reprodução que beira à experimentação e o consumo de forma efêmera. Logo, o objetivo deste artigo é iniciar uma reflexão de como esta reprodutibilidade tem afetado as lógicas de produção, distribuição e consumo de produtos culturais na internet. Para evidenciar o tema tratado, a base teórica apresentada dispõe a tese da perda da aura de Walter Benjamin (2014) como ponto de partida para as reflexões contemporâneas colocadas por Byung-Chul Han (2019) e o mundo hiper-cultural, aplicado em uma sociedade da plataforma. Para evidenciar o assunto tratado foram trazidos conteúdos que viralizaram nas redes sociais.

**Palavras-chaves:** Música. TikTok. Reprodutibilidade. Consumo. Internet.

#### **Abstract**

The consumption of music in the digital environment has undergone several transformations since its digitization at the turn of the century. Currently, music circulation has been highlighted by social media such as Instagram and TikTok, which through the production of content create a reproduction format that borders on experimentation and consumption in an ephemeral way. Therefore, the objective of this article is to start a reflection on how

this reproducibility has affected the logic of production, distribution and consumption of cultural products on the internet. To highlight the theme addressed, the theoretical basis presented places Walter Benjamin's (2014) loss of aura thesis as a starting point for the contemporary reflections posed by Byung-Chul Han (2019) and the hypercultural world, applied in a platform society. To highlight the subject matter, content that went viral on social medias was brought.

**Keywords:** Music. TikTok. Reproducibility. Consumption. Internet.

## Introdução

Para o sociólogo espanhol Manuel Castells (2003), com a chegada da internet, o mundo vem experimentando uma profunda transformação em suas formas de organizar a comunicação. Antes de mais nada, cabe salientar que um dos pressupostos básicos da análise do autor é a compreensão sociológica de que o mundo contemporâneo é permeado pela ideologia do individualismo; de algum modo, conceito comum e bem estabelecido nas Ciências Sociais. Em outras palavras, entende-se que a modernidade, de forma paulatina, modifica as relações sociais antes marcadas por uma sincronia entre tempo e espaço, cujas identidades eram forjadas com base no local fixo.

Diversos são os fatores, entre eles os elementos materiais da sociedade, que exercem consideráveis impactos como, o grande êxodo de camponeses em busca de trabalho nas grandes fábricas instaladas nas cidades do século XIX, transformando a realidade; levando o sociólogo britânico Anthony Giddens (1991) a chamar essa maior fluidez e não fixidez, acerca dos processos de construção das identidades, de “desencaixe”. Esse cenário de profundas transformações impulsiona a emergência de uma maior reflexividade entre os atores sociais. O sujeito moderno, a grosso modo, está em movimento e não mais possui como construtor de sua identidade, unicamente, as instituições tradicionais bem estabelecidas, que lhe ofereceriam repertórios de significados permanentes.

Há, de fato, uma pluralização de instituições diversas, cada qual com a sua leitura da realidade, fornecendo múltiplas concepções sobre a vida e o mundo,

favorecendo igualmente a possibilidade de maior liberdade por parte do sujeito em seu processo de autodefinição. A construção desse novo sujeito, segundo Gilles Lipovetsky (2004), é perpassada pela noção de posse da própria vida e do corpo. O uso da estrutura corporal por meio dos cuidados de si e da exibição, seja através da adesão de dietas, exercícios físicos em academias de ginástica, da moda e da dança, entre outros, representa a soberania de si, a supremacia do indivíduo.

Retomando o ponto inicial, aquilo que Castells chama de individualismo em rede não pode ser lido, portanto, como reflexo da emergência da internet; esta apenas fornece as condições materiais para o florescimento desse fenômeno. Tal conceito refere-se ao desenvolvimento de uma comunicação híbrida, que aglutina lugar físico com ciberlugar. Com isso, o padrão de interação social sofre mutações, sendo deslocado para a rede. A plataforma do TikTok, abordada neste artigo, constitui-se enquanto protótipo importante para se entender a sociedade em rede, os usos de novas tecnologias da comunicação e da informação atreladas ao consumo, suas relações sociais atravessadas pela efemeridade, ritmo de mudança frenético, supremacia dos corpos em movimentos padronizados, mas que, ao mesmo tempo – em uma clara ambiguidade – denota liberdade e controle de si.

Nos últimos dois anos, a plataforma TikTok tem se popularizado como um ambiente digital de consumo cultural e entretenimento. Controlada pela empresa chinesa ByteDance, a plataforma chegou ao Brasil em 2016 ganhando atenção apenas em 2020 quando se tornou o aplicativo<sup>1</sup> mais baixado daquele ano (de acordo com o site<sup>2</sup> Oberlo, somente no primeiro trimestre foram dois bilhões de *downloads*). Este alto grau de popularidade da plataforma pode estar relacionado com a pandemia, pois muitas pessoas, por passarem mais tempo em suas residências, utilizaram o TikTok como um meio de passatempo. Hoje, o país é considerado o segundo no mundo com

---

<sup>1</sup>FABRO, Clara. TikTok ultrapassa WhatsApp e é o aplicativo mais baixado de 2020. Techtudo. 13 de dez. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/12/tiktok-ultrapassa-whatsapp-e-e-o-aplicativo-mais-baixado-de-2020.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2021.

<sup>2</sup>MACIEL, Rui. “Os brasileiros são nossos preferidos. Os planos do TikTok para o país em 2020”. Oberlo. 21 de jan. de 2020. Disponível em: <https://www.oberlo.com.br/blog/estatisticas-tiktok>. Acesso em: 06 mai. 2022.

mais usuários, ficando atrás apenas da China. De acordo com o Portal da Exame<sup>3</sup>, uma pesquisa realizada pela Statista indica que cerca de 4,72 milhões de brasileiros e brasileiras usam a plataforma atualmente, número que deve chegar na marca de 4,92 milhões em 2025.

Dentre as diversas formas de conteúdo de curta duração disseminadas na plataforma estão os desafios e coreografias, marcados por uma trilha musical de fundo. A música também permeia outros segmentos, provocando mudanças relevantes na indústria fonográfica, pois ao viralizar na plataforma ganha altos níveis de consumo em outras plataformas digitais. De acordo com uma pesquisa realizada pela Winnin<sup>4</sup>, sete entre as dez músicas mais ouvidas em 2020 no Spotify viralizaram primeiro no TikTok.

Essa produção de conteúdo musical na plataforma tem trazido a volta de sucessos musicais antigos, descobertas de novos artistas, novas formas de divulgação musical e, no Brasil, tem possibilitado a ascensão da música popular periférica<sup>5</sup> como o funk, o brega e o piseiro; contribuindo para uma diversidade de sons e ritmos e um atual espaço para a promoção artística. Os vídeos postados, em sua maioria, apresentam características semelhantes: a inserção da inovação tecnológica pelo uso de ferramentas digitais para a produção e a disseminação de conteúdo, e a criatividade representada pelo que é produzido por usuários e artistas.

O entendimento dessas duas características faz parte de um conjunto de transformações iniciadas pelo processo de digitalização que modificou as indústrias culturais por meio de plataformas como o TikTok, trazendo novas possibilidades de circulação de produtos culturais no ambiente digital; ao mesmo tempo que agem como estruturas de mercado que destacam a música como essencial no processo de

---

<sup>3</sup>AGRELA, Lucas. Brasil é segundo país que mais usa TikTok no mundo. Exame. 28 de setembro de 2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/brasil-e-segundo-pais-que-mais-usa-tiktok-no-mundo/>. Acesso em: 06 mai. 2022.

<sup>4</sup>O Winnin Insights é uma plataforma que, por meio de Inteligência Artificial, consolida dados das maiores plataformas de vídeo do mundo e permite analisar, entender e criar estratégias *data driven* de conteúdos em vídeo para transformar em estratégias comerciais. Disponível em: <https://winnin.com/>. Acesso em: 11 ago. 2021.

<sup>5</sup>Sá (2017, p. 06) conceitua a música produzida na periferia (música popular periférica) como um conjunto de gêneros musicais diversos que “carregam o estigma de música sem qualidade, de mau gosto, comercial ou sem conteúdo, ao serem avaliadas pelo crivo da crítica oriunda da MPB; e que trazem marcas de sua origem territorial ligadas às periferias e/ou ao interior do país”.

acumulação do capital, a partir da experiência do usuário, do controle de dados e da publicidade.

Este artigo se propõe a explicar uma reflexão inicial de como a reprodução musical no TikTok proporciona, por um lado, a estruturação de um local de mediação musical no meio digital, e por outro, a falta de sentido e consciência crítica do que está sendo reproduzido pelos usuários que tem usado a plataforma como forma de sociabilidade e entretenimento. Para tanto, o conceito de reprodutibilidade técnica do filósofo Walter Benjamin é apresentado para completar a ideia de “desaurificação”, reflexão contemporânea trazida por Byung-Chul Han ao pensar a hipercultura. A ideia de plataformização também é exibida para contextualizar o fenômeno dentro da plataforma.

## **1 Perda da Aura e Hipercultura**

Em meados da primeira metade do século XX, o pensador alemão Walter Benjamin trouxe em “A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica”, uma reflexão crítica ao modo de consumo da arte na sociedade capitalista. A obra abrange diversas áreas do conhecimento e apresenta como ideia principal a perda da “aura” de produções artísticas, como o cinema e a fotografia, quando reproduzidas de maneira sistemática, levando a uma transformação do real valor artístico ali empregado.

De acordo com Franco (2015), o pensamento de Walter supõe a destruição da “autenticidade” da obra de arte a partir da reprodução técnica, além de lhe conferir um novo valor de uso, por aproximá-la do fruidor, das massas; contribuindo para o declínio da aura da obra de arte. Neste contexto, a Indústria Cultural se apropria desta reprodução transformando a arte em mercadoria, popularizada e acessível. Essa popularização para as massas, por um lado, é vista como positiva por permitir a aproximação da arte por todas as camadas sociais. Neste caso, a crítica de Benjamin está na percepção deste consumo. Para ele “as massas procurariam distração, enquanto o amante da arte se aproximaria desta com recolhimento. Para as massas, a obra de arte seria uma oportunidade de entretenimento; para o amante da arte, ela seria um objeto de sua devoção” (BENJAMIN, 2014, p. 109).

A partir dessa reprodução, há a perda da singularidade artística, levando ao declínio da aura como resultado de uma nova conjuntura social, referindo-se ao novo modelo de relacionamento com o real estabelecido pelas pessoas na sociedade, perdendo a sua exclusividade.

Nada mais é distante e único, tudo pode ser atualizado pelos meios de reprodução e, no entanto, o sujeito se distancia do real, pois o seu contato com o real é mediado pelas reproduções; com a disseminação de cópias reproduzidas, já não existe original, tudo pode ser adquirido por todos, e assim tudo se torna potencialmente descartável (DE ALMEIDA, 2005, p. 07).

No caso da música, o processo de reprodutibilidade se inicia, de acordo com Attali (1995), com a possibilidade de gravação e armazenamento em produtos físicos como os discos e, mais adiante, os CD's. Para ele, a passagem da música como “representação<sup>6</sup>” para “repetição” promoveria o surgimento da indústria fonográfica no início do século XX, que causaria mudanças também nos modos de consumir impulsionados pela mídia. “A música em série é, pois, um poderoso fator de integração dos consumos, de nivelamento entre classes, de homogeneização cultural. Converte-se em um fator de centralização, de normalização cultural e de desaparecimento de culturas específicas” (ATTALI, 1995, p. 165). Ainda, de acordo com o autor:

A música se torna uma indústria e seu consumo deixa de ser coletivo. Parada de sucessos, *show business*, sistema de estrelato invadem nossa vida cotidiana e subvertem o estatuto dos músicos. A música anuncia, então, a entrada do signo na economia geral e as condições de venda da representação. O surgimento da gravação e do seu armazenamento revolucionam, ao mesmo tempo, a música e o poder, e transforma todas as relações econômicas (ATTALI, 1995, p. 131).

Para Rüdiger (2015), as tecnologias modernas promoveram uma desmistificação da unicidade, que apenas servia para legitimar as reivindicações de mando da burguesia. De acordo com ele, a música, a pintura e a palavra; assim como novas artes visuais se tornam expressões cotidianas que estabelecem um

---

<sup>6</sup>Como representação, Attali fala que a música é parte de um espetáculo que se assiste em lugares específicos, como salas de concerto e que se propõe a manter um valor artístico. “A representação não sobreviverá senão quando seja útil para a promoção de discos, ou para artistas cujo disco não possa ser um mercado importante. A representação em público se converte em simulacro do disco” (ATTALI, 1995, p. 127).

relacionamento com o sistema industrial, “do qual passara a depender a sobrevivência das massas e em conexão de que os meios técnicos poderiam vir a constituir um fator de melhoramento estético e intelectual do conjunto da população” (RÜDIGER, 2015, p. 137). Durante as últimas décadas, a reprodução técnica tem ganhado mais força pela ascensão das indústrias do entretenimento que criaram modelos de reprodução próprios como os filmes *blockbusters*, a música pop e as telenovelas; colocando as massas em um processo de consumo cultural, no qual a ideia de obra de arte é produzida para ser reproduzida, mudando, assim, o seu verdadeiro sentido de contemplação.

De acordo com Almeida (2005, p. 08) “a autenticidade de uma obra de arte é o seu *aqui e agora*, que faz com que este objeto seja sempre o mesmo, igual e idêntico a si mesmo, sempre cercado pelas mesmas relações históricas, e tendo a mesma materialidade”. Esta unicidade é transformada, principalmente, com a ascensão de novas tecnologias na sociedade. Com a chegada da internet e das redes sociais influentes no nosso cotidiano; e uma nova percepção de mundo globalizado, o processo de reprodutibilidade se amplia com a (re)produção de conteúdo em plataformas digitais por usuários e por fãs dos diversos produtos midiáticos. Este conteúdo, muitas vezes, se caracteriza pela efemeridade, como uma ideia de experimentação e de participação coletiva.

Em uma visão contemporânea, Han (2019) coloca a aura como a emissão de um *aqui e agora* particular (a sua autenticidade) que não pode ser reproduzida *ali*. Com a globalização e o avanço tecnológico dando espaço a uma nova percepção de cultura – a hipercultura, a aura oriunda do *aqui particular*, do lugar único e de tempo e história específicos é aniquilada. “A globalização desautoriza, assim, a cultura em hipercultura” (HAN, 2019, p. 68).

O processo de globalização acelera com as novas tecnologias, distanciando o espaço cultural. A proximidade que surge nesse processo produz uma plenitude, um fundo de práticas de vida e formas culturais. O processo de globalização atua de modo acumulativo e condensador (HAN, 2019, p. 23).

Essa acumulação, ainda de acordo com o autor, leva a uma justaposição de culturas, provocando uma unicidade cultural sem limitações, levando à hipercultura, uma cultura sem lugar, refletida, principalmente, pelo meio digital, no qual as massas

(grupos de fãs, usuários de redes sociais) participam de algo coletivo dentro de um mesmo ambiente, como na plataforma de vídeos TikTok.

A globalização de hoje é mais do que uma troca de lugares. Que determinadas formas culturais de um lugar migrem ou se desloquem a um outro lugar, que um lugar influencie culturalmente um outro, não faz ainda a globalização. A globalização de hoje modifica o lugar enquanto tal. Ela o desinterioriza, toma-lhe a ponta que anima um lugar. Onde as formas culturais de expressão se perdem, no processo de deslocalização, de seu lugar original, levadas e oferecidas a uma justaposição hipercultural, a uma simultaneidade hipercultural, em que a perda da unidade dos objetos e dos fatos do aqui e agora cede à repetição atópica, é aí que a áurea está em declínio. [...] (HAN, 2019, p. 66-67).

No caso da música, a reprodução por meio do *download*, as recriações musicais por meio de *remixes* e *mashups*<sup>7</sup>, o acesso às plataformas de *streaming* e as produções audiovisuais amadoras colocam a reprodutibilidade em outro patamar caracterizado pela fácil acessibilidade e pela fluidez de conteúdo. Quando pensada no meio digital, a música não tem mais a sua materialidade. Ela não é mais armazenada em um suporte físico que a classifique como um produto material produzido para ser reproduzido. Hoje, a música está na nuvem e é preciso, na maioria dos casos, pagar mensalmente uma taxa para alugar (e não comprar) o que se quer ouvir em algum serviço. Nestas plataformas, a música se torna mais próxima do usuário que pode ouvir artistas de qualquer lugar ou acompanhar em tempo real um novo lançamento musical, por exemplo, mudando, assim, a sua percepção de consumo baseada na experiência do ouvir e não na posse de um produto tátil. Este novo modo de consumir música faz parte da inserção de plataformas digitais no nosso cotidiano, que trouxe novos hábitos refletidos, principalmente, no consumo cultural e na sociabilidade.

## 2 Plataformização e música

A popularidade das plataformas digitais hoje no nosso dia a dia é resultado de uma série de transformações, oriundas do desenvolvimento tecnológico da Terceira Revolução Industrial, que se tornaria importante para as metamorfoses que viriam a acontecer na virada do século. A reestruturação produtiva gerada pelas novas tecnologias é impulsionada, principalmente, com o desenvolvimento da internet como

---

<sup>7</sup>O termo *Mashup* veio da música, mais especificamente da eletrônica e significa “misturar”. Na música eles são visíveis em *mixagens* feitas por DJs que, a partir de uma música e a sua melodia, gera outra através das suas batidas. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/twitter/1401-o-que-e-mashup-.htm>. Acesso em: 06 mai. 2022.

um novo mercado na década de 1990 e no início dos anos 2000 com a Web 2.0. Nesse período, surgem as empresas de rede que se expandem em todos os setores, inclusive o das indústrias culturais, em busca de lucros por meio de plataformas digitais dispersas nos mais diferentes segmentos e formas. À popularidade destas plataformas deu-se o nome de “plataformização”, conceituada por Anne Helmond (2015) como um processo de emergência e consolidação das plataformas no âmbito da internet. Este conceito introdutório estaria muito ligado aos processos tecnológicos, uma “plataformização da *web*”. Outro conceito asseguraria o protagonismo da plataformização na sociedade, a plataformização social:

Trata-se de um processo que não se limita ao domínio da *web* em particular, mas se estende a diversos setores econômicos e práticas sociais que passariam a ser mediadas por plataformas (genéricas ou específicas para aquele setor ou atividade). Seria, então, um processo de amplo alastramento da “lógica das plataformas” a diferentes instâncias da vida social (MINTZ, 2019, p. 106).

Valente (2020, p. 88) explica que estas “plataformas são novas estruturas de mediação robustas e que se tornaram palco privilegiado da reprodução dos interesses do sistema, bem como da disputa entre classes e frações de classe” calcadas na captura da atenção e no estímulo ao engajamento para a produção de dados. Desta forma, as plataformas constituíram-se peças fundamentais na sociabilidade e na circulação cultural. No meio musical, o avanço tecnológico dessas estruturas tem ganhado lugar de destaque ao lado da indústria fonográfica, tornando-se uma indústria em si.

As *majors* deixaram de ser as principais intermediárias dos processos de difusão, dando lugar ao oligopólio das grandes corporações de tecnologia informacional, como Google; Amazon; Facebook; Apple; Netflix; Spotify; entre outros, senhores absolutos no contexto das transformações tecnoculturais da Web 2.0, calcadas no princípio da interface entre plataformas permanentemente abertas à atualização, exatamente a partir da intensa produção de dados e conteúdos por parte dos usuários (ARAÚJO, 2018, p. 157).

No mercado de música digital, as grandes gravadoras (*majors*) ainda mantêm relevância, mas não são as únicas empresas que se destacam. Durante os últimos vinte anos, desde a revolução trazida pelo MP3, a música tem encontrado novas formas de se manter presente. Atualmente, o seu consumo por serviços de *streaming*, como Spotify, Apple Music e YouTube tem se tornado tão comum que já é possível compartilhar em mídias sociais o que está se ouvindo. Além disso, as redes sociais

como Instagram e TikTok têm ganhado destaque como mediadoras no processo de acesso à música. Estas empresas de tecnologia (plataformas digitais) são exemplos de atores que compõem um novo cenário musical no ambiente digital no qual a “etapa de produção se tornou menos problemática e a circulação ficou bem mais complexa” (DE MARCHI, 2018, p. 221).

A presença de música no Instagram e no TikTok configura um novo local de atuação musical, como parte da (re)produção de conteúdo do usuário. O Instagram, pertencente ao Facebook, possui a ferramenta *MUSIC*, que possibilita a musicalização de conteúdos e o compartilhamento de músicas a partir de outros serviços. Além desta, há também a possibilidade de criar *lives* e de compartilhar vídeos curtos pelo “Cenas” (*Reels*), que como no TikTok, possibilita a inserção de música por diferentes maneiras, sendo os desafios (*challenges*) os mais populares. Ao viralizarem, as músicas são acessadas nos serviços de *streaming*. Este movimento tem chamado a atenção das gravadoras e dos serviços de música, que passaram a ter acordos com as plataformas que atuam como mediadoras musicais.

A popularidade do TikTok no mercado de música tem sido tão grande que ele já criou o seu serviço de música (Resso) e os artistas já começam a pensar suas produções direcionadas à plataforma, seja por meio de uma coreografia ou de um desafio. Há também as músicas que viralizam de maneira orgânica, ou seja, a partir de algum conteúdo feito pelo próprio usuário, e que ganham popularidade. Os exemplos que serão utilizados neste artigo fazem referências a três décadas diferentes: as músicas “Everybody” dos Backstreet Boys (1997), “Frozen” da Madonna (1999), “Say It Right” da Nelly Furtado (2006) e “Cool For The Summer” (2015) da Demi Lovato viralizaram de maneira espontânea. Muitas dessas músicas são alteradas na forma de *mashup* ou, então, têm a velocidade alterada, dando a ideia de que dentro da plataforma tudo precisa ser rápido, inclusive a fruição musical. Outro ponto interessante que demarca a viralização é a performance entregue nas populares “dancinhas”. Há também músicas que são usadas em vídeos fora de contexto, os usuários aproveitam o sucesso do momento para engajar qualquer outro conteúdo, menos o referente à música/viral.

Em uma leitura macroestrutural, o fenômeno do TikTok – o caráter efêmero e a velocidade enquanto características dessa plataforma – dialoga com as estruturas

sociais forjadas na contemporaneidade. A velocidade das transformações, nesse sentido, é a grande peculiaridade do mundo pós-moderno, que Bauman (2007) comumente nomeia de sociedade líquido-moderna. Tal arranjo social produz a “vida líquida”, marcada pela precariedade, volatilidade e hedonismo direcionados, sobretudo, para o consumo rápido. O caráter contemplativo e duradouro dos processos e fenômenos da vida são substituídos por uma engrenagem, que alavanca o imediatismo.

Ao ser tornar viral, um conteúdo musical na plataforma logo ganha uma forte abrangência e a reprodução na ideia de “participação coletiva”. O objetivo é que os usuários reproduzam o conteúdo gerando “likes” e visualizações que resultam no consumo da música, também fora da plataforma. Os conteúdos musicais (re)produzidos no TikTok são essenciais para a plataforma ganhar mais popularidade, pois a possibilidade de criar e disseminar conteúdo na internet representa potenciais de criatividade do usuário que podem ser refletidos em exploração ou em uma necessidade criada. De acordo com Van Dijck (2019), no primeiro momento de ascensão das plataformas de mídias sociais, os conteúdos gerados pelos usuários foram bem recebidos como veículos que permitiam a expansão da criatividade e da produção amadora de conteúdo cultural. Com o passar dos anos, a indústria cultural ao lado das empresas de tecnologia começou a desenvolver novas formas de monetizar a criatividade e a sociabilidade on-line.

### **3 Reprodutibilidade Musical em Tempos de TikTok**

Para além de uma plataforma de entretenimento, o TikTok vem se destacando como um meio de comunicação ou até mesmo um canal de consumo cultural. Os conteúdos produzidos e disseminados dentro da plataforma são de caráter global e se destacam pela rapidez e fluidez. No âmbito musical, como já citado acima, os conteúdos se caracterizam pela sua reprodutibilidade de diversas formas: como um desafio; quando se torna viral; conteúdos sobre música como curiosidades, premiações e tendências; e a divulgação de *mashups* e *remixes* criados por DJ's com o intuito de se divulgarem por meio de desafios com as suas produções. Nos dois primeiros casos pode-se perceber uma tendência que é a transformação musical com a alteração da

velocidade para mais rápida, em uma forma de se tornar mais adaptada ao meio e de ser efêmera, e logo se perder no meio de tantos outros conteúdos.

Um exemplo de música acelerada que ganhou destaque viral foi a “*Say It Right*”. O jovem americano Jamie Big Sorrel Hor gravou um vídeo<sup>8</sup> dançando no banheiro e o conteúdo logo se tornou popular mundialmente, garantindo memes e entretenimento. A música logo ficou entre as mais ouvidas nas plataformas digitais e deu um destaque de retorno ao sucesso para a cantora Nelly Furtado. Este fenômeno não é mais novidade, pois já tem se tornado comum canções que viralizam no TikTok ganharem destaque na indústria fonográfica como um todo.

**Figura 01.** À esquerda, o vídeo que se tornou viral; à direita, usuários que reproduziram o conteúdo.



**Fonte:** Reprodução disponível em: <https://youtu.be/jnQH4eEY-7U>. Acesso em: 18 abr. 2022.

O ponto em questão é perceber o modo de consumo e a fruição da música como um produto artístico/cultural que fica em segundo plano, pois é apenas um “símbolo” a mais na composição da produção audiovisual apresentada. Diferentemente da ideia de representação de Atali já citada, dentro do TikTok a representação é direcionada para a reprodução viral como forma de participação. Não há a intenção de uma

<sup>8</sup>Disponível em: <https://gente.ig.com.br/colunas/musicjournal/2022-03-21/nelly-furtado-viraliza-com-inusitado-video-de-say-it-right.html>. Acesso em: 06 mai. 2022.

contemplanção artística de ouvir a música do começo ao fim. Essa é uma consequência secundária. Até a ideia de entretenimento pode ser repensada quando associamos a narrativa de uma música apresentada em um *videoclipe* e apresentada em alguns segundos na plataforma chinesa, refletindo em um outro tipo de sensibilidade estética, quando associada à sua “aura”.

Outro exemplo da reprodutibilidade na plataforma é a inserção de outros contextos e significados às músicas na busca de engajamento e visibilidade. A música “*Everybody*”, dos Backstreet Boys<sup>9</sup>, teve um trecho dublado, no qual há um diálogo encaixando diferentes situações com as respostas para as perguntas sendo “*yeah*”, palavra em inglês que significa “sim”. Mais uma vez, a música é apenas um acompanhamento para o que é apresentado e o propósito de contemplanção da música, inclusive a sua performance, são descartados, dando outro significado ao produto *pop*.

**Figura 02** – À esquerda, o vídeo de *Cool for the Summer* que se tornou viral; à direita, usuários que reproduziram o conteúdo.



**Fonte:** Reprodução disponível em: [https://youtu.be/VFEa\\_NV-k80](https://youtu.be/VFEa_NV-k80). Acesso em: 18 abr. 2022.

Essa ressignificação também está na música “*Cool for the Summer*” de 2015 da Demi Lovato. Neste caso, a música<sup>10</sup> ganhou popularidade em 2022, devido a uma

9

<sup>10</sup>De acordo com o portal Lorena, o vídeo viral tem mais de dois milhões de visualizações na plataforma e fez com que a música entrasse no top 50 do Spotify. O clipe de “*Cool For The Summer*” tem mais de 380 milhões de visualizações no YouTube, mais de 400 milhões de reproduções no Spotify e está em segundo lugar nas mais ouvidas da cantora na mesma plataforma. Disponível em: <https://lorena.r7.com/post/Cool-For-The-Summer-musica-de-Demi-Lovato-viralizou-no-TikTok>. Acesso em: 04 mai. 2022.

brasileira ter viralizado com uma performance<sup>11</sup> rapidamente disseminada pelos usuários no TikTok, em todo o mundo. A ideia de performance ganha destaque, pois, de acordo com Janotti (2015), aciona a degustação das expressões culturais contemporâneas que transformam a própria ideia de cultura. De acordo com o autor, o conceito pode ser visto de maneira ampla como um modo de enformar materialmente experiências sensíveis e valores culturais presentes nos processos de “corporificação” da cultura *pop*. No TikTok essas experiências são evidenciadas por ser uma rede imagética, proporcionando a reprodutibilidade.

O TikTok também tem se tornado um canal de divulgação musical. Muitos artistas, inclusive DJ's, colocam as suas produções na rede com o propósito de ganhar notoriedade. Alguns criam *remixes* de músicas conhecidas, com o intuito delas se tornarem virais ou uma nova *trend*. Um deles foi o produtor canadense Sickick, que criou um *remix*<sup>12</sup> não oficial da música “Frozen” (1998) da Madonna. A música estreou no dia 30 de março de 2021, e logo tornou-se viral na plataforma, chamando a atenção da cantora, que enxergou uma oportunidade de relançar a música oficialmente junto do cantor nigeriano Frevo DML.

**Figura 03.** À esquerda, cena do videoclipe de 1998; à direita, a versão “remixada” com Sickick Fireboy DML, lançada em 2022.



**Fonte:** Reproduções disponíveis em: [https://youtu.be/XS088Opj9o0\\_e](https://youtu.be/XS088Opj9o0_e) e <https://youtu.be/iNr52M85BDM>. Acesso em: 25 mai. 2022.

<sup>11</sup>Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMLWur2a6/>. Acesso em: 05 mai. 2022.

<sup>12</sup>Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/tiktok-resgata-frozen-de-madonna-que-ganha-ate-um-remix-novo/>. Acesso em: 07 mai. 2022.

Saindo do contexto internacional, a plataforma também tem popularizado músicas brasileiras. A canção<sup>13</sup> “Capitão de Areia” de 1964 viralizou no TikTok após o grupo artístico GSD compartilhar um vídeo<sup>14</sup> dançando uma versão “remixada”. Com cunho social e reflexivo, a música faz referência ao livro “Capitães da Areia”, do escritor baiano Jorge Amado, que também tem o filme com o mesmo nome. Todo este contexto foi resgatado por meio de diversas versões regravadas em diferentes ritmos, como reggae, piseiro e tecnomelody. Neste caso específico, o conteúdo audiovisual viralizado se aproximou da música popular periférica disseminada para diferentes públicos, algo possibilitado com a internet, colocando a ideia de reprodutibilidade em evidência.

Outro exemplo é a música “Acorda Pedrinho” da banda Jovem Dionísio, lançada em 21 de maio de 2022, que apresenta um refrão viciante baseado em uma história cotidiana da cidade de Curitiba e se enquadra no contexto atual da música *pop* no meio digital: é curta, com duração de dois minutos e cinquenta e três segundos. A canção ultrapassou um milhão<sup>15</sup> de *streams* em 24 horas, atingindo o topo das *playlists* “Viral 50” e “Top 200” no Spotify; e já foi reproduzida em mais de 100 mil vídeos no TikTok, afirmando, assim, o seu papel coadjuvante nas produções audiovisuais da plataforma.

## Considerações finais

A consideração da “perda da aura a partir da reprodutibilidade técnica” trazida por Benjamin, se faz necessária como ponto inicial de reflexão para os fenômenos culturais que acontecem, atualmente, no meio digital. Hoje, pela necessidade de produzir conteúdo, usuários replicam “memes”, cenas de filmes, coreografias e tantos outros elementos que constituem a cultura *pop* no contexto da internet, em canais como o TikTok. A ideia de rapidez e de fluidez de conteúdo tem se tornado frequente

---

<sup>13</sup>Disponível em: <https://dol.com.br/tuedoide/curiosidades/710345/capitao-de-areia-a-musica-que-virou-sucesso-50-anos-depois?d=1>. Acesso em: 24 mai. 2022.

<sup>14</sup>Disponível em: <https://www.tiktok.com/@grupogsdoficial/video/7073517833027603718?lang=pt-BR>. Acesso em: 24 mai. 2022.

<sup>15</sup>Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/geral,jovem-dionisio-alcanca-o-topo-do-spotify-brasil-com-acorda-pedrinho,70004073046>. Acesso em: 25 mai. 2022.

não só na plataforma oriental, mas também em outras, confirmando a tendência da “efemeridade de consumo” e de que tudo hoje é direcionado à reprodução.

De algum modo, esse fenômeno traduz o espírito da época (*zeitgeist*), como bem salientou Bauman (2007), ao afirmar que a vida contemporânea está direcionada ao consumo rápido, sendo a precariedade um valor, a instabilidade um imperativo e o hibridismo a sua riqueza. As transformações sociais ocorridas com o advento da modernidade modelaram a própria noção de sujeito, dando ênfase à existência pessoal do ser humano para além das velhas hierarquias. A emergência da internet e, conseqüentemente, após algumas décadas das redes sociais, por sua vez, aguçou a compreensão de soberania do indivíduo. A produção de conteúdo em caráter frenético na própria plataforma do TikTok e o uso da estrutura corporal por meio da dança, por exemplo, reforçam padrões de consumo combinados às noções de autonomia dos corpos centrados na exibição, reforçando o ápice da supremacia do indivíduo enquanto uma das ideologias dos tempos hodiernos, como ressalta Lipovetsky (2004).

Não há como negar a relevância do TikTok no consumo de produtos culturais, principalmente de música. É comum encontrarmos nos serviços de *streaming* e até em sites específicos lista das “mais tocadas no TikTok”. Se há algum tempo era o rádio que dominava as paradas de sucesso, hoje o processo é bem diferente. É neste ambiente digital em que não apenas músicas, mas outros produtos culturais estão se transformando. Isso afeta toda uma cadeia de produção que, por anos, estava aplicada a uma lógica de reprodutibilidade. Dentro do TikTok não há tempo para se pensar e nem apreciar a música, é um tipo de consumo volátil, apenas para acompanhar uma *trend*.

É importante pontuar que a plataforma também provoca interesse nos usuários que buscam fora da plataforma mais informações sobre um produto cultural viralizado. Porém, a ideia é que o movimento mais recorrente seja o de assimilação de conteúdo apenas dentro do TikTok e a plataforma tem trabalhado para que o usuário passe mais tempo dentro dela. Em um cenário hipercultural no qual tudo parece estar perto, nivelando as noções de tempo e espaço, cria-se a percepção de um “não lugar” dentro da plataforma, possibilitando ao usuário acessar qualquer tipo de conteúdo e permanecer ali mesmo. E é este conteúdo produzido pelos usuários que

sustenta o TikTok e outras redes sociais, criando possibilidades de monetização para alguns usuários considerados influenciadores.

Como exemplo, a plataforma lançará o “TikTok Pulse”, um novo sistema de anúncios no qual, de acordo com o portal TecMundo<sup>16</sup>, irá compartilhar parte do dinheiro gerado em publicidade com criadores de conteúdo com, no mínimo, cem mil seguidores e uma produção regular de vídeos. Apesar da justificativa ser de buscar soluções de uma melhor valorização a quem produz os vídeos, a impressão dada é de que usuários com menos seguidores terão que trabalhar para a plataforma até conseguirem o *status* de reconhecimento.

### Referências bibliográficas

AGRELA, Lucas. Brasil é segundo país que mais usa TikTok no mundo. *Exame*. 28 de setembro de 2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/brasil-e-segundo-pais-que-mais-usa-tiktok-no-mundo>. Acesso em: 06 mai. 2022.

ARAUJO, Saulo Nepomuceno Furtado de. *Não sou boy, só não sou otário: negócios, diversão e prestígio nos mercados pop periféricos*. 2018. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

AS 50 QUE VIRALIZARAM – BRASIL. Disponível em: <https://open.spotify.com/playlist/37i9dQZEVXbMOkSwG072hV?si=1c582e683bdb48db>. Acesso em: 12 mai. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENJAMIN, Walter; MACHADO, Francisco de Ambrosio Pinheiro. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica: segunda versão*. Zouk, 2014.

CASTELL, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COSTA, Janaína. 'Cool For The Summer', música de Demi Lovato viralizou no TikTok. *Lorena*. 24 de março de 2022. Disponível em: <https://lorena.r7.com/post/Cool-For-The-Summer-musica-de-Demi-Lovato-viralizou-no-TikTok>. Acesso em: 04 mai. 2022.

DE ALMEIDA, Juliana Gisi Martins. A reprodutibilidade técnica e a mudança de percepção da realidade. *Revista Diálogo Educacional*, v. 5, n. 15, p. 27-43, 2005.

---

<sup>16</sup>Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/238181-pulse-tiktok-dividir-receita-anuncios-criadores.htm>. Acesso em: 25 mai. 2022.

DE MARCHI, Leonardo. *Diversidade cultural nos mercados de comunicação e cultura: um panorama das discussões e métodos de pesquisa na indústria fonográfica*. Teoria e Cultura, v. 13, n. 2, 2018.

DOL. Capitão de Areia: a música que virou sucesso 50 anos depois. *DOL*. 02/05/2022. Disponível em: <https://dol.com.br/tuedoide/curiosidades/710345/capitao-de-areia-a-musica-que-virou-sucesso-50-anos-depois?d=1>. Acesso em: 25 mai. 2022.

FRANCO, Renato. *10 lições sobre Walter Benjamin*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

FABRO, Clara. TikTok ultrapassa WhatsApp e é o aplicativo mais baixado de 2020. *Techtudo*. 13 de dezembro. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/12/tiktok-ultrapassa-whatsapp-e-e-o-aplicativo-mais-baixado-de-2020.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2021.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

HAN, Byung-Chul. *Hiperculturalidade: cultura e globalização*. Editora Vozes, 2019.

HELMOND, A. *The platformization of the web: making web data platform ready*. Social Media+ Society, Thousand Oaks, v. 1, n. 2, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2lTztJk>. Acesso em: 29 mai. 2021.

JANOTTI JUNIOR, Jéder. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogerio. *Cultura pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 45-56.

LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MACIEL, Rui. Os brasileiros são nossos preferidos. Os planos do TikTok para o país em 2020. *Oberlo*. 21 de jan de 2020. Disponível em: <https://www.oberlo.com.br/blog/estatisticas-tiktok>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MINTZ, A. *Midiatização e plataformização*. Novos Olhares, v. 8, n. 2, p. 98-109, 6 dez. 2019.

MOSHIN, Maryam. Nova rede social em números: TikTok no Brasil [Infográfico]. *CanalTech*. 24 de setembro. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/os-brasileiros-sao-nossos-preferidos-os-planos-do-tiktok-para-o-pais-em-2020-159343/>. Acesso em: 06 mai. 2022.

MOURA, Rayane. TikTok resgata “Frozen”, de Madonna, que ganha até um remix novo. *Gizmodo*. 03 de março de 2022. Disponível em: <https://gizmodo.uol.com.br/tiktok-resgata-frozen-de-madonna-que-ganha-ate-um-remix-novo/>. Acesso em: 07 mai. 2022.

*O QUE É MASHUP?* Tecmundo. 21 de janeiro de 2009. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/twitter/1401-o-que-e-mashup-htm>. Acesso em: 06 mai. 2022.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. In: *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

SÁ, Simone Pereira de. Cultura digital, videoclipes e a consolidação da rede de música brasileira pop periférica. In: *XXVI Encontro Anual da Compós*, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo: COMPÓS, p. 1-24, 2017.

SANTOS, Lucas Vinícius. Pulse: TikTok vai dividir receita de anúncios com criadores. 07/05/2022. *Tecmundo*. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/238181-pulse-tiktok-dividir-receita-anuncios-criadores.htm>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SOFIA HERMOSO, Sofia. Jovem Dionisio alcança o topo do Spotify Brasil com 'Acorda Pedrinho'. *Estadão*. 22/05/2022. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/geral,jovem-dionisio-alcanca-o-topo-do-spotify-brasil-com-acorda-pedrinho,70004073046>. Acesso em: 25 mai. 2022.

THE MUSIC JOURNAL BRAZIL. Nelly Furtado viraliza com inusitado vídeo de “Say It Right”. *Gente IG*. 21 de março de 2022. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/colunas/musicjournal/2022-03-21/nelly-furtado-viraliza-com-inusitado-video-de-say-it-right.html>. Acesso em: 06 mai. 2022.

VALENTE, Jonas. *Apresentação do dossiê temático “Plataformas digitais, economia e poder”*. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, v. 22, n. 1, p. 78-96, 2020.

VAN DIJCK, José. *La cultura de la conectividad: una historia crítica de las redes sociales*. Siglo XXI editores, 2019.

**Recebido em:** 30 de maio de 2022.  
**Aceito em:** 22 de dezembro de 2022.

## COMO REFERENCIAR

COELHO, Carlos Lacerda; SILVA JÚNIOR, Flávio Marcílio Maia. Vale o que vier? Considerações sobre a reprodutibilidade musical no TikTok em tempos de Hiperultura. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 71-89, 2022.

## Limites e possibilidades da interação social em comunidades do Facebook: o caso do grupo Direitos Urbanos | Recife

### Limits and possibilities of social interaction in Facebook communities: the case of the group *Direitos Urbanos* | Recife

**Micheline Dayse  
Gomes Batista**

Jornalista e doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

E-mail:

[micheline.batista@riseup.net](mailto:micheline.batista@riseup.net)

#### Resumo

As redes sociais digitais têm se caracterizado como espaços que propiciam as mais diversas formas de sociabilidade, com amplas possibilidades de estruturação de novas conexões e amizades. Também têm possibilitado a disseminação de informações de forma rápida e eficaz, potencializando a articulação de pessoas e movimentos. Neste trabalho, buscamos investigar quais são os limites e as possibilidades da interação social em comunidades do Facebook, tendo como objeto empírico o grupo Direitos Urbanos | Recife. Partimos da Análise de Redes Sociais (ARS) para examinar como se processam as relações de amizade e interação nesse espaço, considerando que são trocas mediadas pela tecnologia.

**Palavras-chaves:** Redes sociais. Comunidades on-line. Facebook. Interação social. Ação comunicativa.

#### Abstract

Digital social medias have been characterized as spaces that provide the most diverse forms of sociability, with ample possibilities for structuring new connections and friendships. They have also made it possible to disseminate information quickly and effectively, enhancing the articulation of people and movements. In this work, we investigate the limits and possibilities of social interaction in Facebook communities, having as empirical object the group “*Direitos Urbanos* | Recife”. We start from Social Network Analysis (SNA) to examine how friendship and interaction relationships are processed in this space, considering that they are relations mediated by technology.

**Keywords:** Social networks. Online communities. Facebook. Social interaction. Communicative action.

## Introdução

Apesar de ter sido concebida em 1969 como um aparato militar para evitar falhas no sistema de defesa dos Estados Unidos e possibilitar mais eficiência no intercâmbio de informações sobre a guerra fria, a internet foi ganhando novos contornos a partir da década de 1970 com a sua apropriação por centros de pesquisa, organizações sem fins lucrativos e empresas. Um dos fenômenos mais curiosos tem sido o surgimento de novas formas de sociabilidade. Desde os quadros de avisos eletrônicos (*Bulletin Board Systems – BBS*), as listas de e-mails, fóruns, *blogs* e *wikis*, chegando até as redes sociais digitais<sup>1</sup>, como Facebook, Instagram e Twitter, o que vemos são lugares de comunidade e cultura na forma de encontros on-line.

Sem dúvida, o potencial agregador dessas ferramentas é algo que demanda atenção, pois são espaços que podem propiciar amplas possibilidades de estruturação de novas conexões e amizades, ainda que fluidas e efêmeras. Tomemos como exemplo o Facebook, a maior plataforma de rede social do planeta com 2,9 bilhões de usuários (META, 2022)<sup>2</sup>. Uma das ferramentas disponibilizadas pela plataforma, os grupos, deu às comunidades condições para que pudessem desenvolver suas atividades on-line, entre elas a organização e a mobilização para diversos tipos de ação coletiva off-line. Uma das primeiras iniciativas deste tipo de que se tem notícia é a Passeata Nacional contra as FARC, que em 2008 conseguiu reunir 20 milhões de pessoas em centenas de cidades colombianas e dois milhões ao redor do mundo (KIRKPATRICK, 2011).

Esse mesmo fenômeno passou pelo norte da África, provocando a derrubada dos governos ditatoriais do Egito, Líbia e Iêmen; estendeu-se à Europa, com ocupações e greves na Espanha e na Grécia e revoltas nos subúrbios londrinos; atingiu o Chile, com a reivindicação pela educação pública e gratuita; e os Estados Unidos, com a ocupação de *Wall Street*. No Brasil, as Jornadas de Junho se multiplicaram por mais de 80 cidades – no Recife, o público foi estimado em 67 mil pessoas. Tudo articulado e organizado por meio das redes sociais digitais. Não se via

---

<sup>1</sup>Utilizamos a definição de rede sociais da internet dada por Boyd & Ellison (2007).

<sup>2</sup>A missão do Facebook é “Dar às pessoas o poder de construir comunidades e aproximar o mundo”, tradução livre para *Give people the power to build community and bring the world closer together*.

tamanha mobilização popular no país desde 1992, quando os “Caras Pintadas” saíram às ruas para exigir o *impeachment* do então presidente Fernando Collor.

Diversos autores têm se debruçado sobre essa onda de mobilizações e protestos articulados por meio das redes sociais digitais (ver, por exemplo, HARVEY *et al.*, 2012; CASTELLS, 2013; MARICATO *et al.*, 2013; HARVEY, 2014). No entanto, na maioria das vezes, o tema é discutido sob o ponto de vista do ativismo/ciberativismo, não aprofundando a questão da comunicação, que é a base dessas redes (RECUERO, 2010). Fala-se muito em empoderamento, em apropriação das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), mas quase não se discute como as pessoas que utilizam essas redes estão interagindo e se comunicando nesses espaços e quais são as peculiaridades desse fenômeno, que envolve a produção e a recepção de formas simbólicas mediadas pela tecnologia.

Perguntamos: quais são os limites e as possibilidades da interação social em um espaço que, apesar de público, organiza-se em torno do privado? Um ambiente que é marcado pelo controle e pela vigilância, aspectos que podem constranger a ação e a interação dos indivíduos? Podemos considerar o Facebook uma esfera pública, entendida por Habermas (1997, p. 92) como “uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões”? De acordo com este autor, a esfera pública seria o lugar privilegiado do agir comunicativo, modelo dialógico de ação em que as pessoas interagem, tendo a linguagem como meio possível de entendimento.

Mas as redes sociais digitais, como parte do mundo da vida, já foram contaminadas pela racionalidade instrumental e pelo individualismo. Então, como podemos pensar esse paradoxo? De um lado, temos uma importante ferramenta para a conexão de pessoas e para a disseminação de informações de forma rápida e eficaz, o que pode levar grupos e movimentos de todos os tipos ao empoderamento. De outro, temos um instrumento de controle e vigilância, que estimula o individualismo e a ação estratégica, os depoimentos privados e a exposição de si. Como compatibilizar, nesses espaços, as demandas instrumentais e individuais com as demandas emocionais e coletivas?

Suspeitamos que há, nos grupos do Facebook, uma dimensão comunitária que enseja mais participação e solidariedade, distinta da dimensão rede, fundada no

individualismo e na racionalidade instrumental, cuja essência é conectar e desconectar. Esta dimensão comunitária possibilitaria a ação comunicativa nesses espaços. Os grupos têm como objetivo, justamente, facilitar a conexão de pessoas que desejam compartilhar informações, imagens e/ou documentos sobre temas específicos, em um ambiente separado do *feed* ou da página inicial do(a) usuário(a). Isso não quer dizer que a ação estratégica é exclusiva do *feed* do Facebook e a ação comunicativa é exclusiva dos grupos que ele abriga. Os modelos de ação, como nos ensina Weber (2005), são tipos ideais, nada mais que conceitos heurísticos que nos ajudam a observar a realidade para que possamos compreendê-la. Pode-se dizer que um ou outro modelo predomina, mas geralmente aparecem misturados.

Em busca de respostas, debruçamo-nos sobre uma das muitas comunidades on-line existentes no Facebook, o grupo Direitos Urbanos | Recife (DU). O DU foi um dos principais articuladores do Movimento Ocupe Estelita (MOE), que dialoga com o que Harvey (2014) chama de “movimento de movimentos”, calcado em revoltas urbanas e protestos de massa articulados por meio das redes sociais digitais. Sua ação de maior visibilidade foi em 2014 com a ocupação do Cais José Estelita, área central do Recife, por um período de 50 dias, em protesto contra a construção de um megaprojeto imobiliário. Buscamos investigar como se processam as trocas relacionais e como se formam as redes de amizade e de interação no DU, estruturas e atores mais centrais, no intuito de contribuir para os estudos no subcampo da sociologia digital, com ênfase em redes sociais e comunidades on-line.

## **1 O DU e o direito à cidade**

O DU foi criado no Facebook em março de 2012, reunindo pessoas que já se conheciam face a face e eram membros de dois outros grupos existentes na mesma plataforma: “Salve o Caiçara” e “Lei Seca de Marília Arraes – Eu digo não”. Enquanto os grupos preexistentes discutiam questões urbanas específicas da cidade do Recife (o tombamento do Edifício Caiçara, na orla do bairro de Boa Viagem, e dois projetos de lei da então vereadora Marília Arraes, que visavam limitar o horário de funcionamento de bares e o consumo de bebidas alcoólicas nas ruas), o

DU tinha um escopo mais amplo. A ideia era unir forças para combater um modelo de cidade considerado excludente, predatório e violento.

O DU nasce a partir de uma audiência pública realizada no dia 12 de março de 2012 na Câmara de Vereadores do Recife, convocada para discutir a implantação de um novo projeto imobiliário para a capital pernambucana – o Novo Recife. Ele previa a construção de 13 edifícios, com alturas de 20 a 40 andares, no Cais José Estelita, área histórica da região central da cidade. Entre 2012 e 2014, o grupo realizou, sozinho ou em conjunto com outros movimentos e coletivos, pelo menos 15 eventos, sempre envolvendo uma intensa mobilização pelas redes sociais digitais – seis deles relacionados ao Cais José Estelita. A ação de maior visibilidade foi o “Ocupe Estelita 2014”, em que os ativistas permaneceram acampados no local por 50 dias, culminando com uma ação de desocupação violenta por parte da polícia. Ainda que o movimento não tenha conseguido impedir a implantação do projeto, retardou seu início por três anos e provocou seu redesenho, forçando o reescalonamento da altura dos prédios e a sua integração com áreas do entorno.

Em pesquisa realizada em maio de 2013 (BATISTA & FELIX, 2013), investigamos o perfil dos membros do DU. Dos 336 entrevistados, 74,4% tinham até 34 anos e 92% deles disseram conhecer outros membros pessoalmente, um dado muito interessante que indica uma alternância entre interações on-line e face a face. Os dados socioeconômicos indicaram serem pessoas com boa escolaridade e renda: 42,2% possuíam ensino superior completo e 39,9% pós-graduação; 45,7% ganhavam acima de três salários mínimos, com 26,5% recebendo acima de seis salários mínimos. Em relação à profissão/ocupação, das 69 categorias citadas, destacaram-se estudantes (27,3%), arquitetos/urbanistas (8,07%), funcionários públicos (6,83%), professores (6,83%), jornalistas (6,52%), *designers* (4,97%), sociólogos (2,8%) e advogados (2,48%). A maioria afirmou não participar de partidos políticos (90,72%) nem de movimentos sociais (62,42%), o que levou as autoras a concluir que:

O perfil do grupo muito se assemelha aos participantes das manifestações no Brasil e no mundo, em sua maioria: jovens, estudantes ou profissionais liberais, de classe média com um razoável grau de escolaridade, sem vínculos partidários ou engajamento em outros movimentos sociais, mas decididos a ir às ruas em busca de transformações sociais (BATISTA; FELIX, 2013, s/p).

Já vimos que o DU não é um fenômeno isolado. De alguma maneira, ele está inserido no processo de ampliação da esfera pública que se observa a partir da década de 1970, com a emergência dos novos movimentos sociais (MUTZENBERG, 2011) e vai muito ao encontro do que Harvey (2014) chama de “movimento de movimentos”, termo que utiliza para se referir às revoltas e aos protestos de massa articulados por meio das redes sociais digitais nas primeiras décadas do século XXI. Harvey compõe o rol de intelectuais que apoiaram o “Ocupe Wall Street”, em 2011, e também participou do “Ocupe Estelita” realizado em novembro de 2014, no Recife. Para este autor, a reivindicação do direito à cidade é um ponto comum nesses movimentos e as pessoas têm se engajado em massa porque o problema não seria individual e, sim, sistêmico (HARVEY, 2012, p. 58).

Carneiro (2012, p. 8) observa que esses movimentos urbanos representaram “uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais com reivindicações peculiares em cada região, mas com formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua”. Isso acabou provocando uma revalorização do tema do poder local, a partir da reivindicação do direito à cidade. Como nos explica Fontes (2012, p. 153), desde a década de 1990, movimentos populares têm criado e consolidado espaços de democracia “a partir da construção da consciência cidadã, da incorporação dos valores universais da democracia no cotidiano da população”, em uma escala que é, ao mesmo tempo, local e global.

Cabe destacar que esse processo de *glocalização* está intimamente relacionado à expansão e à popularização das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Como afirma Castells (1999, p. 468), havia uma suposição de que a comunicação eletrônica reduziria a interação social face a face, mas não foi bem isso que ocorreu. Já no caso do Minitel francês da década de 1980, o aparato tecnológico acabou fomentando agregações sociais e manifestações de rua contra o governo. De forma ainda mais intensa, as redes sociais digitais vêm sendo utilizadas para informar, articular, organizar e mobilizar para ações off-line, geralmente caracterizadas pela ocupação de espaços públicos, como praças e prédios simbólicos ao redor do mundo. As redes sociais digitais, no final das contas, parecem amplificar o alcance e o poder de multiplicação desse fenômeno. Para Castells (2013, p. 8), trata-se de um processo de compartilhamento de “dores e esperanças no livre espaço

da internet”, em que redes são formadas a despeito das opiniões pessoais ou filiações organizacionais dos indivíduos.

Feita essa contextualização, discutiremos, sob o ponto de vista teórico, quais são os limites e as possibilidades da interação social em comunidades baseadas em plataformas de redes sociais digitais, considerando que esses espaços são orientados pelo individualismo e pela racionalidade instrumental, e até que ponto a abertura para uma ação mais comunicativa seria possível em um contexto em que a mediação pela tecnologia pode constranger o contato social, a comunicação e a criação de redes de relações.

## **2 A rede social como lugar do individualismo e da racionalidade instrumental**

Como contribuição ao entendimento do problema aqui proposto, discutiremos a seguir, ainda que de forma breve, a origem do conceito de redes sociais<sup>3</sup>, o desenvolvimento da abordagem teórico-metodológica que ficou conhecida como Análise de Redes Sociais (ARS) e algumas das principais mudanças ocorridas nas relações humanas desde o advento da modernidade, período que teria decretado, sob determinados aspectos, o fim das comunidades.

Nas Ciências Sociais, a ideia de que os indivíduos estão ligados uns aos outros por laços invisíveis surgiu ainda nos primórdios da Sociologia (FREEMAN, 2004). Comte, ao cunhar o termo Sociologia na primeira metade do século XIX, especificou duas propriedades do novo campo: a estática, com a investigação das leis da interconexão social, e a dinâmica, processo em que o crescimento das famílias dava origem a tribos e, as tribos, a nações. Diversos outros autores contribuíram, em alguma medida, para a formação do conceito de redes sociais. No entanto, as bases teóricas para o que se conhece hoje como ARS foram postas por Georg Simmel (Cf. FREEMAN, 2004; WELLMAN, 1988; FONTES, 2012).

---

<sup>3</sup>Entendemos rede “como uma estrutura formada por um conjunto de atores (nós) ligados uns aos outros por laços invisíveis, que agem de maneira interdependente, podendo ou não formar grupos ou subgrupos” (BATISTA, 2015, p. 100). Consideramos, ainda, que “Essa estrutura é, ao mesmo tempo, rígida e elástica, e por essa última característica pode se expandir indefinidamente, incorporando novos atores ou nós”.

Visto ora como precursor, ora como fundador da teoria das redes, Simmel ([1896] 1998a) observou que a economia do dinheiro havia substituído as antigas comunidades, como as corporações de tecelões, por associações de caráter puramente técnico. Nesta nova dinâmica, uma vez que não há um envolvimento pleno como na corporação medieval, podemos entrar e sair de grupos em uma relação de anonimidade, individualismo e independência. A possibilidade de pertencermos simultaneamente a diversos grupos, mesmo que fluidos e momentâneos, é chamada de “interseção dos círculos sociais” (SIMMEL, 1964), ou, na teoria das redes, de multiplexidade. Em cada um deles, somos envolvidos por uma teia de relações mútuas e dinâmicas, ideia que se aproxima do conceito de figuração desenvolvido por Norbert Elias (1994a, 1994b), no qual os indivíduos vivem enredados em uma teia móvel e dinâmica, cuja configuração muda a todo o instante uma vez que é resultado da interdependência entre esses mesmos indivíduos. Só podemos entender essa rede compreendendo que ela representa uma totalidade de fios individuais, que se unem em uma relação recíproca.

Essa multiplicidade de círculos referida por Simmel seria, então, uma espécie de pré-condição para o surgimento da noção de indivíduo (SOUZA, 1998, p. 11) e, por filiação, da individualidade. Círculo, em Simmel (1964), é sinônimo de grupo. O círculo social original é a família, seguido da vizinhança, ambos determinados pela proximidade geográfica. Fora desses dois círculos primários, o indivíduo estabelece contatos com base na similaridade de atividades, interesses etc., formando os círculos secundários, determinados por um propósito e baseados na racionalidade. Esses círculos sociais secundários são chamados de “comunidades de interesse” ou “associações voluntárias”, momento em que Simmel substitui o conceito de sociedade (*gesellschaft*) pelo de sociação (*vergesellschaftung*).

Ao preferir trabalhar com o conceito de sociação, ao invés de sociedade, Simmel separa o que seria uma mera agregação isolada de indivíduos das formas de ser e estar com o outro e para o outro que, segundo ele, pertencem ao conceito geral de interação. Cada indivíduo, ao mesmo tempo, gera efeitos sobre os outros e recebe efeitos dos outros, ideia bem próxima do funcionamento da rede social como conhecemos hoje, cujas características foram apontadas por John Barnes e Elizabeth Bott: foco nas relações padronizadas (em que cada alteração afeta o

comportamento de outros membros) e a ideia de estrutura (que pode ou não ser particionada em grupos) (Cf. WELLMAN, 1988).

Aparentemente, a tensão entre comunidade e individualidade é algo que persiste, ao contrário do que preconizou a Sociologia clássica, ao anunciar a substituição de uma forma pela outra. Ainda que não possamos vivenciar comunidade e individualidade ao mesmo tempo e de forma plena, sabemos que cada tipo de sociabilidade gera um padrão particular de vínculo social, como pontua Fontes (2012, p. 140). Wellman e Gulia (1999) lembram que, até a década de 1950, havia um receio de que a rápida modernização provocasse a perda da comunidade, deixando as relações mais transitórias, desconectadas e com menos capacidade de garantir apoio aos membros. “Desde então, técnicas sistemáticas de etnografia e pesquisa têm demonstrado a persistência da comunidade em vizinhanças e grupos de parentesco” (WELLMAN & GULIA, 1999, p. 169).

Mais recentemente, a Sociologia descobriu que a vizinhança e os laços de parentesco compõem apenas uma parte da totalidade das redes comunitárias, uma vez que o avanço das tecnologias de transporte e comunicação viabilizam relacionamentos a longas distâncias. Para Wellman e Gulia (1999), foi justamente essa revolução conceitual que permitiu definir comunidade (inclusive em sua versão on-line) em termos de redes sociais, e não mais em termos espaciais. Wellman e Leighton (1979, p. 367) defendem ainda que a perspectiva de rede seria mais apropriada para responder à questão da comunidade do que o tradicional foco na vizinhança. A análise de rede de comunidade parte da busca por vínculos sociais e fluxos de recursos e nos mostra que os laços fortes, ainda que continuem abundantes, raramente apresentam proximidade espacial.

Importante lembrar que, segundo o próprio Simmel (1964), o pertencimento a uma multiplicidade de grupos implica que os ideais de individualismo e coletivismo de aproximam na mesma extensão. A diferença em relação às comunidades tradicionais, é que o “cimento”, ou seja, aquilo que mantém os indivíduos coesos, é apenas um critério racional: solidariedade ou afinidade. Não há, necessariamente, laços de parentesco ou de vizinhança, como ocorria nas comunidades de antigamente. As comunidades de hoje, como observa Bauman (2003), não seriam mais naturais – são produzidas, provocadas artificialmente a partir de desejos e

objetivos comuns, como nos grupos do Facebook. Nesses espaços, em que vivemos uma multiterritorialidade, o território assume uma conotação simbólica<sup>4</sup>.

De acordo com Wellman (2001a), esse avanço das tecnologias de transporte e comunicação, na virada do século XIX para o século XX, iniciou uma transição entre as relações de comunidade porta a porta e as relações de comunidade lugar a lugar (casa/trabalho, por exemplo), fazendo emergir redes sociais múltiplas, sem um território específico. Segundo o autor, uma segunda transição estaria em curso, esta envolvendo laços entre agregados com âncora territorial e interações individualizadas e especializadas, trazendo a ideia de redes personalizadas (ou egocentradas) e, por assim dizer, do individualismo em rede. Interações entre vizinhos, que antes ancoravam a prática comunitária, cederam lugar a redes sociais pessoais que podem estar dispersas geograficamente.

Wellman (2001a) afirma que, neste movimento, a unidade primária de conectividade passou a ser o indivíduo, e não mais a família ou o grupo. Posteriormente, Wellman e Rainie (2012) avançariam na definição do conceito de individualismo em rede, definindo-o como um novo sistema operacional social, em oposição a sistemas sociais tradicionais, como famílias e comunidades. As pessoas usam ramos variados da sua rede para encontrar apoio, resolver problemas e melhorar seus conhecimentos e habilidades. O “novo mundo do individualismo em rede” é orientado por redes soltas e fragmentadas que já existiam antes da internet, mas agora foram potencializadas, pois:

Este é um tempo de indivíduos e suas redes, não de grupos ou famílias. As pessoas gastam seu capital de rede no apoio especializado dos membros da comunidade individual e não ‘na comunidade’ em si. A coletividade abrangente se tornou uma rede fragmentada e personalizada. Autonomia, oportunidade e regras incertas fazem o jogo da comunidade atual (WELLMAN, 2001b, p. 70).

Parte dessa ideia é compartilhada por Castells (2003, p. 107-108), para quem as “redes energizadas pela internet” provocaram uma ascensão do individualismo, tornando-o a tendência dominante na evolução das relações sociais nas sociedades contemporâneas. Para este autor, a internet é o suporte material para o

---

<sup>4</sup>A esse respeito, ver o conceito de multiterritorialidade desenvolvido por Haesbeart (2007).

individualismo em rede e as redes egocentradas estão substituindo as relações secundárias (centradas em associações) que, por sua vez, já tinham substituído as relações primárias (centradas em famílias e comunidades).

Compreender o deslocamento da comunidade para a rede seria, segundo Castells (2003, p. 106), um passo analítico necessário para entendermos as novas formas de interação social na era da internet. Com isso, o conceito de comunidade é também redefinido, com menos ênfase no aspecto cultural (compartilhamento de valores, organização social) e mais ênfase no papel de apoio a indivíduos e famílias, uma vez que “As redes são montadas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais” (CASTELLS, 2003, p. 107).

### **3 A ação comunicativa e as brechas para a transformação**

Como contraponto, Maffesoli (1996; 2006) nos oferece um panorama desse processo de mudança social por outro prisma. Para este autor, estaria havendo, desde o fim do século XX, um processo de “desindividualização” perceptível, por exemplo, no surgimento de microgrupos, principalmente nas grandes cidades – que ele chama de “tribos urbanas”. O novo tribalismo se contrapõe ao individualismo narcísico, em que o sentimento de pertença é reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico e o social racionalizado (os interesses) é substituído por uma socialidade predominantemente empática. Nessa mudança de perspectiva, sobressai-se a identificação com um grupo, enquanto família ampliada, realçando valores arcaicos, como a proxêmica e o localismo.

As chamadas tribos urbanas não se mobilizam de acordo com o racional da lógica iluminista. Maffesoli (2006, p. 232) acredita que o afeto pode ter sua própria racionalidade, que seria a racionalidade das experiências compartilhadas, da linguagem corporal, da comunicação não verbal. Mesmo que teoricamente não seja possível fazer comparações, pode-se dizer que há uma aproximação desta ideia com o modelo de razão comunicativa proposto por Habermas (2011, 2012a, 2012b), para quem o projeto moderno ainda não está completo. Ele defende uma ideia mais ampla de emancipação e uma racionalidade mais aberta, diferente daquela dos séculos XVIII e XIX, para que as pessoas possam dialogar e reconhecer o outro.

A ação comunicativa seria, pois, a ação racional plena. Mas como esse tipo de ação pode se desenvolver em um ambiente essencialmente técnico como a internet e as suas plataformas de redes sociais, orientadas pelo individualismo e pela racionalidade instrumental? Há alguma brecha que permita transformar essa rigidez em diálogo e em solidariedade? Como tantos movimentos estão conseguindo se apropriar dessas redes para articular e mobilizar milhares de pessoas em torno de uma causa comum? Como o DU, em conjunto com outros atores sociais, conseguiu levar dez mil pessoas ao primeiro domingo do acampamento “Ocupe Estelita” em 2014?

Para Thompson (1998), precisamos compreender a comunicação mediada não somente em seus aspectos técnicos, mas principalmente em sua perspectiva cultural, considerando também o caráter significativo das formas simbólicas e sua contextualização social. As reflexões trazidas pela filosofia e pela Sociologia da técnica nos levam a crer que as regras de funcionamento dos artefatos técnicos são definidas pelo ser humano. A técnica, em si, é ambígua, como já pontuava Stiegler (1994, p. 17-18), e essa ambiguidade está muito presente nos estudos da teoria crítica. Marcuse (1999, p. 73), por exemplo, enxergava a tecnologia como “instrumento de dominação”, mas também como “uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais”. “A técnica por si só pode promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento quanto a abolição do trabalho árduo” (MARCUSE, 1999, p. 74).

O viés adotado por Habermas, herdeiro tardio da Escola de Frankfurt, é emancipatório. A razão comunicativa tem um cunho comunitário e discursivo, sendo, ao mesmo tempo, livre, racional e crítica. Além disso, é orientada por normas sociais, enquanto que a ação racional e estratégica é orientada por normas técnicas. A linguagem, intersubjetivamente partilhada, seria o “meio de entendimento”, tendo como pano de fundo o mundo da vida.<sup>5</sup> Mas a mesma sociedade que abriga o mundo da vida abriga também sistemas autopoieticos que se alimentam da racionalidade instrumental, como o dinheiro e o poder, chamados de patologias do

---

<sup>5</sup>Habermas (2012b, p. 231) entende o mundo da vida como uma estrutura transcendental e intersubjetiva onde falantes e ouvintes se encontram. É utilizado pelo autor a partir do conceito de mundo da vida de Husserl, adotado por Alfred Schutz.

mundo contemporâneo. Para Habermas, apenas a solidariedade, a dimensão participativa e a inclusão do outro poderiam libertar o mundo desta “colonização”.

#### 4 Breves notas metodológicas

De modo geral, pode-se dizer que ainda há uma dificuldade nas Ciências Humanas e Sociais no tocante à abordagem empírica nas pesquisas pela internet, como ressaltam Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 17). Basicamente, essa dificuldade recai sobre o “como fazer”, “como aplicar” e “como pensar” metodologias que se mostrem eficientes e, ao mesmo tempo, garantam o devido rigor científico. Esse tipo de pesquisa é mais econômico, como preconiza Bryman (2008), mas também tem desvantagens, como a perda ou ausência do contato visual entre entrevistador e entrevistado. Não há uma receita de bolo e, muitas vezes, a metodologia vai sendo construída no próprio campo.

Neste trabalho, a internet foi o objeto (tema estudado), local de pesquisa (ambiente em que a pesquisa ocorre) e ainda o instrumento (ferramenta para coleta de dados). O recorte que trazemos aqui faz parte de uma pesquisa de doutorado mais ampla, realizada entre novembro de 2013 e novembro de 2014, envolvendo netnografia<sup>6</sup>, ARS e entrevistas em profundidade, em uma triangulação de técnicas quantitativas e qualitativas.

Para a parte de ARS, foco deste trabalho, consideramos atores os membros do DU que postaram, “curtiram” e/ou comentaram, e conexões das interações entre eles, isto é, as “curtidas” e os comentários. Utilizamos o aplicativo Netvizz (RIEDER, 2013), ferramenta que faz rastreamento de dados (*data crawling*) e gera arquivos de dados diretamente dos sites de redes sociais<sup>7</sup>, para extrair os dados das redes de conexões de amizades (quem é amigo de quem) e de interações (quem interage com quem), que foram processados com a ajuda do Gephi.

---

<sup>6</sup>Seguimos Kozinets (2012) na decisão de não utilizar o termo “etnografia virtual”, já que remete a algo que não é real, tampouco “webnografia”, “etnografia digital” ou “ciberantropologia”, por serem termos parciais, pois consideram apenas a parte da experiência on-line de indivíduos ou grupos.

<sup>7</sup>O Netvizz funciona integrado ao Facebook e extrai dados de redes pessoais, grupos e *fan pages* em referência ao *status* do usuário da plataforma (só é possível extrair dados de um grupo se o usuário for membro desse grupo, por exemplo) e em conformidade com a política de privacidade.

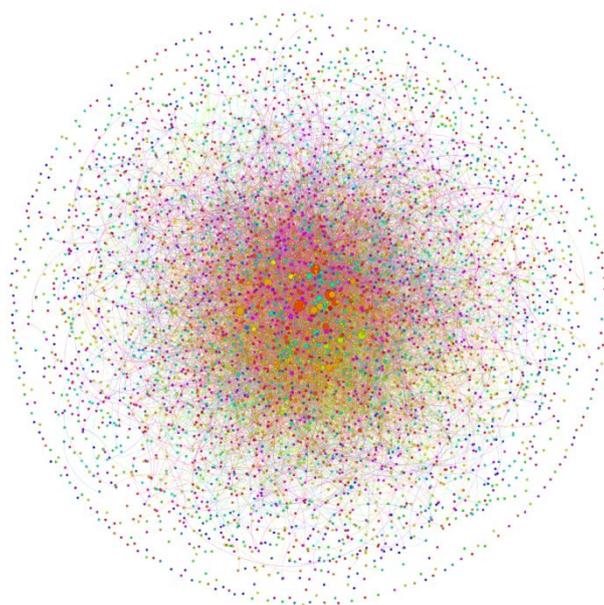
Também coletamos, manualmente, 40 postagens na página do grupo no período de 20 de novembro de 2013 a 27 de abril de 2014, a fim de fazer análise de conteúdo e verificar outras relações entre os atores. A partir da identificação dos autores de cada *post* coletado, montamos sociomatrizes para distinguir as relações entre as pessoas que curtiram e as que comentaram essas publicações. Os sociogramas foram processados com os *softwares* Ucinet e Netdraw (BORGATTI, EVERETT & FREEMAN, 2002). Para comparação das redes estudadas, analisamos grau médio, diâmetro, densidade, centralidade e cliques no nível rede (propriedades da estrutura). No nível nó, verificamos as medidas de centralidade, intermediação, *hubs* e autoridades.

## **5 As redes de amizade e de interação no DU**

A página do DU no Facebook representa um campo institucional no interior do qual se estrutura uma rede sociocentrada, formada tanto por laços fortes quanto fracos. A força desses laços não foi possível mensurar, mas seguimos algumas pistas. A primeira delas é saber se os membros dessa comunidade possuem algum laço de amizade no próprio Facebook, isto é, se são “amigos do Face”. A segunda é saber se interagem e em que medida interagem uns com os outros, curtindo e/ou comentando as publicações. A terceira é investigar quais são os atores que mais postam, os que mais curtem e os que mais comentam as publicações e quem são os nós centrais nesses processos.

Os dados das conexões de amizades extraídos com o Netvizz da página do DU no Facebook identificaram a existência de 4.799 nós (atores) e 8.542 arestas (relações), em uma amostra aleatória dentro da totalidade de membros do grupo, que na época da coleta girava em torno de 14 mil (Figura 1).

**Figura 1.** Grafo da rede de conexões de amizade no grupo DU.

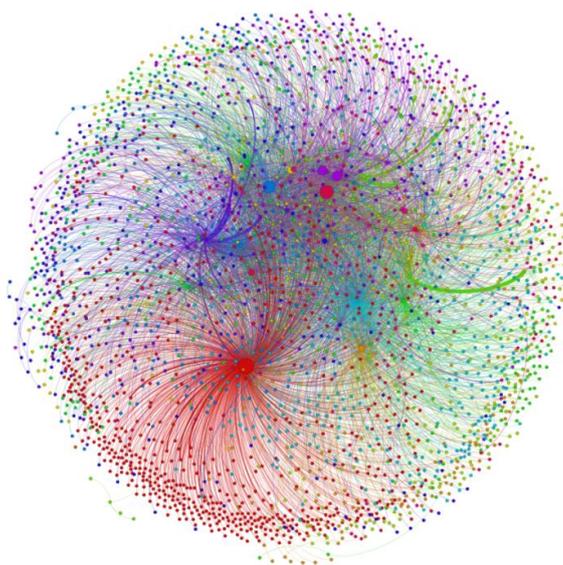


**Fonte:** Elaboração própria.

Notamos, a partir das métricas dessa rede, que os membros do DU pouco se relacionam entre si. O grau médio é de 1,78, indicando que cada membro tem relação de amizade no Facebook com apenas dois outros membros da comunidade, em média. O diâmetro é 15, isto é, a distância entre o ator mais central e aquele mais periférico é de 15 passos (ou nós). Quanto maior o diâmetro, menos conectada é a rede. Quando olhamos a densidade dessa rede, que é zero (em uma escala de 0 a 1), isso fica ainda mais claro. O que temos é uma rede pouco viva ou com uma vida muito pobre. Quanto menor a densidade, maior a centralidade, que no caso dessa rede é 0,2363 (também em uma escala de 0 a 1), projetando uma rede mais verticalizada. Significa que são poucos os atores que estão bem conectados e que podem influenciar outros atores na rede. Em relação à métrica que apura a existência de subgrupos ou cliques, foi detectada uma modularidade de 0,584 e 1.293 subgrupos. Trata-se, portanto, de uma rede bastante fragmentada, multicentrada, em que as pessoas tendem a formar muitas “panelinhas”. Filtrando os dados pelo grau de cada ator, verificamos que menos de 10% dos membros considerados na amostra possuem mais de dez conexões de amizade dentro do grupo.

A segunda pista que seguimos é a rede de interações, extraída automaticamente pelo Netvizz dentre as 200 últimas postagens feitas na página do DU. Nesse universo, 2.850 usuários (nós) interagiram curtindo ou comentando. Foram identificados 7.921 comentários e curtidas, gerando 6.405 relações ou arestas (em que cada relação pode gerar mais de uma curtida e/ou comentário). Essa rede indicou grau médio de 2,247, significando que cada ator interagiu curtindo e/ou comentando o *post* de duas pessoas, em média. Rede de diâmetro 8, indicando ser um pouco mais viva do que a rede de conexões de amizade analisada anteriormente. A densidade é 0,001, ainda assim bastante pobre. Nessa rede, a centralidade é de 0,0196, sugerindo uma estrutura um pouco mais horizontal. Significa dizer que temos um grupo maior de atores mais bem conectados e com poder de influência sobre outros atores. Essa rede também é menos fragmentada, apresentando índice de modularidade de 0,451 e 19 subgrupos, porém os cinco maiores subgrupos são responsáveis por mais da metade das interações existentes nessa rede (Figura 2). Separando os atores pelo grau, verificamos que menos de 5% interagiram com mais de dez pessoas diferentes dentro do grupo.

**Figura 2.** Grafo da rede de interações no grupo DU.



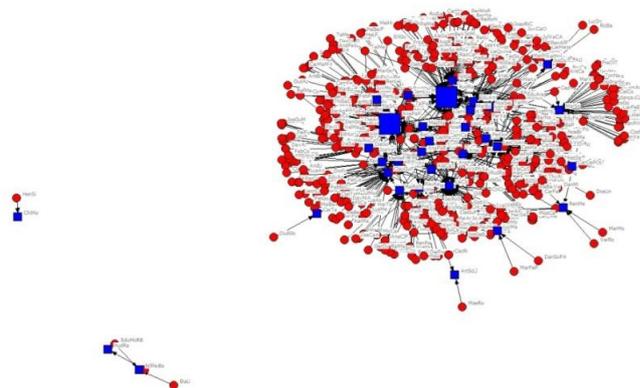
**Fonte:** Elaboração própria.

Em uma comunidade on-line há diversas possibilidades de interação, entre elas “curtir” e comentar. A “curtida” geralmente funciona como um endosso – a pessoa indica que concorda ou, pelo menos, que se identificou com o conteúdo postado. A própria dinâmica do Facebook nos leva a “curtir” postagens sem qualquer reflexão ou envolvimento na discussão. Já o comentário exige um pouco mais de investimento. É mais fácil curtir do que comentar. É preciso refletir minimamente antes de escrever e quem comenta pode ter curtido ou não a postagem. Então, pode ser um endosso, mas também uma posição contrária.

Postar exige um investimento ainda maior do que comentar, pois cada *post* ajuda a formar opinião. Os membros que postam, na prática, estão pautando o grupo, colocando na mesa o que deve ou não ser discutido. Esses pontos precisam ser relevantes e em consonância com o leque de interesses da comunidade, do contrário podem ser ignorados ou até mesmo apagados pelos moderadores. Analisando 40 postagens publicadas entre 20 de novembro de 2013 e 27 e abril de 2014 na página do DU no Facebook, chegamos a duas outras redes: a rede dos que mais postaram e dos que mais curtiram (autores x curtidores); e a rede dos que mais postaram e dos que mais comentaram (autores x comentadores). Os dados coletados, desta vez, permitiram-nos identificar os atores mais centrais do DU.

A partir das 40 postagens analisadas, identificamos 33 autores diferentes. Sozinhos, quatro desses 33 autores foram responsáveis por 10 das publicações, o que nos leva a inferir que são poucos os membros do DU que publicam. Poucos postam muito, provendo informações para o grande grupo. Esses poucos não são exatamente apenas os moderadores do grupo, mas percebe-se que esses postam com muita frequência. O número total de curtidas chegou a 896, envolvendo 33 autores e 560 curtidores. As curtidas em cada *post* variaram de 1 a 120, com média de 22,4 curtidas por *post*. Considerando que o DU possuía, à época, cerca de 14 mil membros, identificamos que apenas 4% deles interagiram curtindo as postagens de seus pares – na Figura 3, os autores são representados com quadrados azuis.

**Figura 3.** Grafo da rede de interações entre autores e “curtidores”.



**Fonte:** Elaboração própria.

Essa rede possui 593 nós e 1.056 relações possíveis, com grau médio de 1,42, indicando que cada membro interagiu com outros dois, em média, curtindo suas postagens. Já a densidade é de 0,0027, em uma escala que varia de 0 a 1, sugerindo que esta rede é um pouco mais viva e mais rica do que a rede de conexões de amizades e a rede de interações analisadas anteriormente. Curiosamente, a centralidade dessa rede é 0,6753, paradoxalmente maior do que a densidade, indicando que, apesar de ser uma rede mais densa, é também uma rede mais verticalizada.

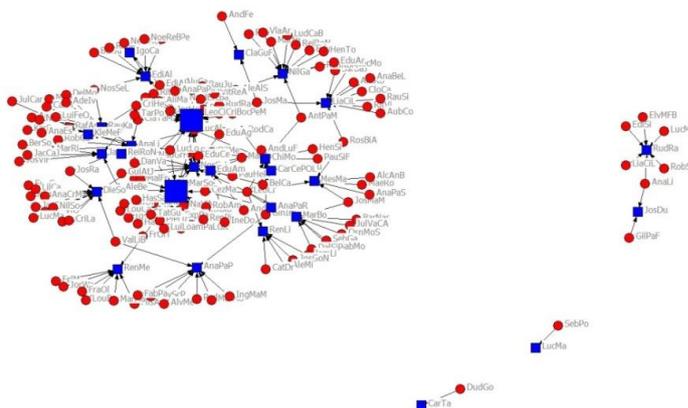
Adentrando no nível nó, percebemos uma maior centralidade *indegree* (isto é, a soma das conexões que os autores dos *posts* recebem) em seis atores mais centrais, dos quais três são administradores do grupo, com destaque para LeoCi (140) e AnaPaP (120). Analisando o grau de intermediação (*betweenness*), que expressa a possibilidade que um nó tem de intermediar as comunicações entre pares de nós, verificamos os maiores valores para os dois atores já citados: LeoCi (6.922) e AnaPaP (1.398). Também se destacou LiaCiL (1.040)<sup>8</sup>. Em relação aos *hubs* (nós que referenciam várias autoridades, unindo-as), outra medida de centralidade, também se destacam LeoCi (0,670) e AnaPaP (0,461), além de RudRa (0,368), outro administrador.

---

<sup>8</sup>Os valores indicam o número de vezes em que esses atores atuaram como “pontes” entre vários e diferentes grupos de nós.

Todos os 40 *posts* analisados foram curtidos, mas apenas 31 (77,5%) foram comentados, totalizando 437 comentários, sendo 11 comentários, em média, por *post*. Essa rede envolve 27 autores e 154 comentadores (Figura 4). Considerando um universo de cerca de 14 mil membros, temos uma parcela ainda menor de atores (pouco mais de 1%) que interagiram comentando as postagens de seus pares.

**Figura 4.** Grafo da rede de interações entre autores e comentadores.



**Fonte:** Elaboração própria.

Esta é uma rede com 181 nós e 702 relações possíveis, com grau médio de 1,138. Isso significa que cada ator interagiu com apenas um autor, em média, comentando sua postagem. A densidade é 0,0087, três vezes maior do que a verificada na rede de interações entre autores e curtidores. Já a centralidade é de 0,7002, sugerindo uma rede bastante verticalizada, com grupo menor de atores bem conectados e com poder de influência sobre outros atores. Essa rede é claramente mais viva e mais rica do que a anterior, pois é mais conectada, embora em um grau ainda distante de uma rede completa, de densidade 1, em que todas as relações possíveis seriam efetivamente estabelecidas. Ainda, trata-se de uma rede mais centralizada, em que poucos atores dão as cartas, e menos fragmentada. No nível nó, a maior centralidade *indegree* foi identificada nos indivíduos LeoCi (29) e MarSo (26), outro administrador (na Figura 4, os dois quadrados azuis maiores). Em relação ao grau de intermediação, verifica-se maior destaque para LeoCi (1.987), também maior *hub* desta rede, com coeficiente 0,710.

Em resumo, analisando essas duas últimas redes (Figuras 3 e 4), concluímos que LeoCi recebeu, ao mesmo tempo, o maior número de curtidas (140) e também o maior número de comentários (29), seguido por AnaPaP, com o segundo maior número de curtidas (120), e MarSo, com o segundo maior número de comentários, lembrando que os três eram administradores do grupo na época da coleta desses dados. LeoCi é, ainda, o autor com maior grau de intermediação e o maior *hub* das duas redes analisadas. Segundo Barabási (2009), quanto mais conectado o nó, maiores as chances de aumentar suas ligações – no modelo *Power Law*, os ricos ficam cada vez mais ricos. Pode-se dizer, ainda, que esses três indivíduos, posicionados de forma central nessas redes, possuem maior visibilidade, maior reputação e maior autoridade (RECUERO, 2010), em relação aos demais membros do grupo. Juntos, eles têm um capital social alto que contribui para a formação do capital social do grupo como um todo.

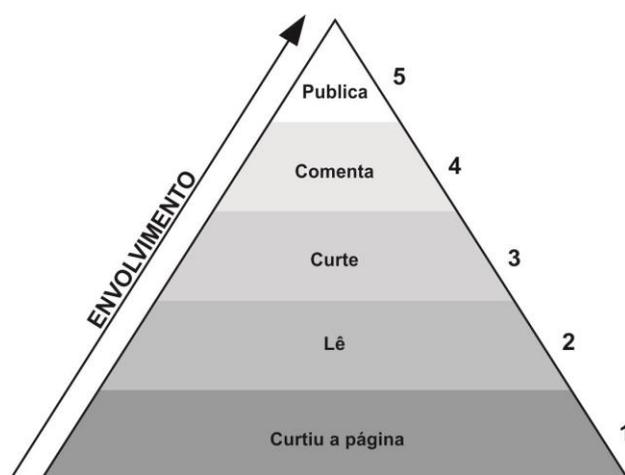
Os dados das quatro redes apresentadas (conexões de amizade; interação; interação entre autores e curtidores; e interação entre autores e comentadores) nos possibilitaram desenhar uma tipologia das interações possíveis nos grupos/comunidades do Facebook. Como vimos, os dados mostram que são poucos os membros do DU que possuem relação de amizade no Facebook com outros membros – em média, cada um tem relação de amizade com outros dois membros. Os dados mostram, ainda, que cada membro interage, seja curtindo ou comentando, com apenas dois outros membros, em média. Ambas estão distantes do que poderia ser considerada uma rede completa, altamente conectada.

Ao olharmos de forma mais atenta para as relações entre autores, curtidores e comentadores, concluímos que o nível de interação é relativamente baixo no DU. São poucos os membros ativos. É mais fácil curtir do que comentar e é mais fácil comentar do que publicar. São poucos os que curtem (4%) e menos ainda os que comentam (pouco mais de 1%). Fora isso, são poucas as pessoas que postam.

Para ilustrar essas relações, sugerimos a figura de uma pirâmide (Figura 5), em cuja base (nível 1) estão os membros que apenas seguem a página do grupo, mas não costumam acessá-la. No nível 2 estão representados os membros que participam

do grupo apenas lendo as postagens, sem interagir, isto é, sem curtir ou comentar<sup>9</sup>. No nível 3, são considerados os membros que, além de ler as publicações, interagem com elas através do botão “curtir” do Facebook. É um degrau a mais no envolvimento, pois a curtida geralmente funciona como um endosso. Já no nível 4, estão aqueles que, além de ler e curtir, também comentam as postagens, indicando um maior envolvimento com a comunidade. Por fim, no nível 5, estão aqueles que leem, curtem, comentam e também publicam, ocupando o topo da pirâmide. São poucos, mas quando publicam, pautam o grupo e ajudam a formar opinião. Não só o investimento é maior, como também o seu envolvimento com o grupo.

**Figura 5.** Níveis de interação social em comunidades do Facebook.



**Fonte:** Elaboração própria.

Nesta tipologia, quanto maior o nível de interação, maior o envolvimento do membro com a comunidade. Sem um estudo mais aprofundado, não é possível inferir uma relação entre esse maior envolvimento e a progressão da participação em comunidades on-line proposta por Kozinets (2012, p. 28), que vai da simples troca de informações até a adoção das normas culturais do grupo e a coesão cultural. Essa relação, aqui, é apenas pressuposta. Pressupomos que um maior envolvimento dos membros, somado ao tempo e ao número de comunicações, poderia levar a um aumento do compromisso com o grupo e à coesão cultural.

---

<sup>9</sup>Em pesquisa anterior (BATISTA & FELIX, 2013) já constatávamos que a maioria dos membros (63,6%) apenas lê/acompanha as postagens feitas no grupo.

## Considerações finais

Os dados da pesquisa empírica mostram que a comunidade do DU no Facebook, com cerca de 14 mil membros, não é tão viva quanto parece. Isso pode indicar que a interação social, neste ambiente, oferece mais limites do que possibilidades. Observamos que são poucos os atores que possuem relação de amizade com outros membros e, aqueles que possuem, relacionam-se com apenas dois outros membros, em média. Além de pouco viva, a rede de amizade é muito fragmentada. O nível de interação também não é muito significativo, pois quem interage, seja curtindo ou comentando as postagens, também o faz com apenas dois outros membros, em média.

Vimos que são poucos os membros do DU realmente ativos. Uma parte considerável apenas curtiu a página do grupo, mas não acompanha as postagens, não curte e nem comenta. O grupo dos que costumam postar é ainda menor e são esses que acabam pautando o debate – geralmente, os próprios administradores. Percebemos, assim, que há uma distância significativa entre o que é ser membro e o que é participar, efetivamente, de uma comunidade on-line. Para que um envolvimento maior se estabeleça, levando da curiosidade inicial à coesão cultural, seria necessário um fluxo de comunicações mais frequente ao longo do tempo, como explica Kozinets (2012).

Os dados da netnografia contidos na tese de doutorado, ainda que não tenham sido detalhados aqui por uma limitação especial, mostraram que há um fluxo intenso de postagens – a média diária de *posts*, ao final de um ano, foi de quase 50 – mas indicou, também, que esse fluxo é caótico, dificultando a retenção de informações que poderiam ser relevantes. Tanto que foi criado um *blog* para armazenar informações que precisam ser retidas, sugerindo que a ferramenta de grupos do Facebook é insuficiente para as atividades da comunidade.

No entanto, a despeito desse fluxo caótico e da baixa interatividade, essa ferramenta tem possibilitado ao DU conectar pessoas e trocar informações com rapidez, o que ajuda na mobilização para suas ações off-line. As possibilidades para uma ação mais comunicativa e menos estratégica se abrem quando constatamos que o Facebook não é apenas um lugar de superficialidade e de exposição de si – há,

nesta plataforma de rede social, espaços que podem ser ocupados para discussão de problemas que atingem uma coletividade, tendo a linguagem como meio possível de entendimento.

## Referências bibliográficas

- BARABÁSI, Albert-László. **Linked: a nova ciência dos networks**. Leopardo Editora, 2009.
- BATISTA, Micheline Dayse Gomes. **Entre a rede e a comunidade: interação e comunicação nos grupos do Facebook – o caso do *Direitos Urbanos* | Recife**. Tese (Doutorado em Sociologia). UFPE, Recife, 2015.
- BATISTA, Micheline Dayse Gomes; FELIX, Vilma Barbosa. Direitos Urbanos | Recife: uma nova forma de articulação e participação política. XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología 2013. **Anais...** Asociación Latinoamericana de Sociología, Santiago do Chile, 2013.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 189-217.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. Ucinet 6 for Windows: Software for Social Network Analysis. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.
- BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. Social networks sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13(1), article 11. Disponível em: <https://academic.oup.com/jcmc/article/13/1/210/4583062>. Acesso em: 30 maio 2022.
- BRYMAN, Alan. E-research: using the internet as object and method of data collection. In: \_\_\_\_\_. **Social research methods**. New York: Oxford University Press, 2008, p. 627-659.
- CARNEIRO, Henrique Soares. Apresentação: rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David *et al.* **Occupy**. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 7-14.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 1. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador Volume 1: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.
- FONTES, Breno Augusto Souto Maior. Redes sociais e poder local. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREEMAN, Linton C. **The development of social network analysis: a study in the sociology of science**. Vancouver: Empirical Press, 2004.

HABERMAS, Jürgen. Atores da sociedade civil, opinião pública e poder comunicativo. In: HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Volume II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p. 91-121.

HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência como “ideologia”. In: HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como “ideologia”**. Lisboa: Edições 70, [1968] 2011, p. 45-92.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 1: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012a.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 2: sobre a crítica da razão funcionalista**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012b.

HAESBEART, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Ano IX, nº 17, 2007, p. 19-45. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em: 30 maio 2022.

HARVEY, David et al. **Occupy**. São Paulo: Boitempo, 2012.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KOZINETS, Robert V. **Netnography: doing ethnographic research online**. Los Angeles/London/New Delhi/Singapore/Washington: Sage, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MARCUSE, Herbert. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, guerra e fascismo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MARICATO, Ermínia *et al.* **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

META. Meta Reports First Quarter 2022 Results. Menlo Park, California, 27 abr. 2022. Disponível em: <https://investor.fb.com/investor-news/press-release-details/2022/Meta-Reports-First-Quarter-2022-Results/default.aspx>. Acesso em: 12 maio 2022.

MUTZENBERG, Remo. Movimentos sociais: entre aderências, conflitos e antagonismos. **SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Edição n. 09, v. 1, junho 2011, p. 127-143.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RIEDER, Bernhard. Studying Facebook via data extraction: the Netvizz application. *In: WebSci '13 Proceedings of the 5<sup>th</sup> Annual ACM Web Science Conference*, New York: ACM, 2013, p. 346-355.

RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: homesteading on the electronic frontier**. Cambridge/London: MIT Press, 2000.

SIMMEL, Georg. The web of group-affiliations. *In: \_\_\_\_\_*. **Conflict and the web of group-affiliations**. New York/London: Free Press, 1964, p. 125-195.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna (1896). *In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs.)*. **Simmel e a modernidade**. Brasília; Editora Universidade de Brasília, 1998a.

SOUZA, Jessé. **Introdução: a crítica do mundo moderno em Georg Simmel**. *In: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs.)*. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

STIEGLER, Bernard. **La técnica y el tiempo, vol. 1: el pecado de Epimeteo**. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1994, p. 13-37.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Lisboa: Edições 70, 2005.

WELLMAN, Barry. Structural analysis: from method and metaphor to theory and substance. *In: \_\_\_\_\_; BERKOVITZ, S. D. (Org.)*. **Social structures: a network approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 19-61.

WELLMAN, Barry. Physical place and cyber place: the rise of personalized networking. **International Journal of Urban and Regional Research** 25, 2, 2001a, p. 227-252. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1468-2427.00309>>. Acesso em: 30 maio 2022.

WELLMAN, Barry. The persistence and transformation of community: from neighborhood groups to social networks. **Report to the Law Commission of Canada**, 2001b. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/2400271\\_The\\_Persistence\\_and\\_Transformation\\_of\\_Community\\_From\\_Neighbourhood\\_Groups\\_to\\_Social\\_Networks](https://www.researchgate.net/publication/2400271_The_Persistence_and_Transformation_of_Community_From_Neighbourhood_Groups_to_Social_Networks)>. Acesso em: 30 maio 2022.

WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. Net surfers don't ride alone: virtual community as community. *In: SMITH, Marc; KOLLOCK, Peter (Orgs.)*. **Communities in cyberspace**. London: Routledge, 1999, p. 167-193.

WELLMAN, Barry; LEIGHTON, Barry. Networks, neighborhoods, and communities: approaches to the study of the community question. *Urban Affairs Quarterly*, vol. 14, n° 3, mar. 1979, p. 363-390. Sage Publications.

WELLMAN, Barry; RAINIE, Lee. **Networked:** the new social operating system. Cambridge, MA: MIT Press, 2012.

***Recebido em:*** 31 de maio de 2022.  
***Aceito em:*** 10 de dezembro de 2022.

### COMO REFERENCIAR

BATISTA, Micheline Dayse Gomes. Limites e possibilidades da interação social em comunidades do Facebook: o caso do grupo Direitos Urbanos | Recife. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 90-115, ago./dez., 2022.

## As práticas de interação social e a desinformação no contexto das redes sociais digitais

*Social interaction practices and disinformation in the context of digital social medias*

### **Joaquim Fialho**

Joaquim Fialho  
Professor no Instituto Superior de Gestão (Lisboa) e investigador no CLISSIS; doutor em Sociologia (Universidade Évora).  
E-mail: [joaquim.fialho@gmail.com](mailto:joaquim.fialho@gmail.com)

### **Elaine Dias**

Mestre em Gestão, Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde, pela Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz. E-mail: [elainedias@elainedias.com.br](mailto:elainedias@elainedias.com.br)

### **Valéria Macedo**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e pelo Instituto Brasileiro em Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT).  
E-mail: [valeria@macedo.com.br](mailto:valeria@macedo.com.br)

### **Resumo**

As novas formas de interação social das sociedades desenvolvidas assentam em interações virtuais e são um dos componentes mais importantes na dinâmica das relações sociais entre pessoas, organizações e grupos. Com a finalidade de apresentar um panorama sobre o uso e as apropriações que os indivíduos fazem das redes sociais, foi realizado um estudo de caso único e exploratório, com o objetivo de abordar essas novas configurações sociais com o uso das redes sociais digitais pelos residentes em Portugal. A desinformação nas redes sociais (*misinformation e mal-information*) é sobretudo afetada por três fatores: escolaridade, renda e condição perante o trabalho. Não foi identificada discrepância entre gênero. Como sugestões para trabalhos futuros, indicam-se estudos mais aprofundados sobre os processos de circulação de desinformação nas redes sociais e novos estudos em outros contextos e países, principalmente naqueles com alta intensidade de uso de redes sociais digitais e baixa literacia informacional e digital.

**Palavras-chaves:** Rede social digital. Interação social. Desinformação.

### **Abstract**

The new forms of social interaction in developed societies are based on virtual interactions and are one of the most important components in the dynamics of social relations between people, organizations and groups. In order to present an overview of the use and appropriations that individuals make of social medias, the present study aims to approach these new social configurations with the use of digital social medias by residents in Portugal.

Three indicators mainly affect social media disinformation (misinformation and mal-information): Education, income and working conditions. No gender discrepancy was identified. As indications for future work, further studies are suggested on the processes of disinformation circulation in social medias and further studies in other contexts and countries, especially in those with high intensity of use of digital social medias and low informational and digital literacy.

**Keywords:** Digital social medias. Social interaction. Disinformation.

## Introdução

O século XXI é o século da transformação digital e da sociedade das redes. As tecnologias da informação e da comunicação amplificaram a comunicação na “aldeia global”, reduziram fronteiras, miscigenaram culturas, potencializaram novas formas de organização da vida econômica, social e cultural, provocando diversidade de impactos singulares na vida em sociedade.

A consolidação desta lógica de hiperconectividade, potencializada pela internet, tem nas redes sociais digitais o principal símbolo da sociedade das redes. As novas formas de interação social assentam em interações virtuais e são um dos componentes mais importantes na dinâmica das relações sociais entre pessoas, organizações e grupos. Através delas são compartilhados valores, expectativas, interesses, por vezes em uma imensidão de fluxos que as tornam realidades muito complexas.

A vida, cada vez mais virtualizada, evidencia o uso das redes sociais digitais e como elas se tornaram parte integrante da vida social dos indivíduos. O número de utilizadores de internet em todo o mundo vem crescendo e segundo o relatório “Digital 2022: Global Overview Report” da DataReportal (2022), o mundo se aproxima de 5 bilhões de usuários de redes digitais que gastam, em média, 7 horas por dia na *web*, sendo 35% do tempo dedicado às redes sociais.

A pandemia da Covid-19 e a necessidade de isolamento físico revelaram uma nova lógica de vida, deixando em evidência o papel central da conectividade, das interações sociais virtuais e competências digitais. A pandemia expôs as

vulnerabilidades do espaço digital, as dificuldades em utilizar todo o potencial do mundo digital, ora por problemas com acesso, ora por falta de competências digitais e, também, o impacto da desinformação na sociedade, evidenciando a importância de se trazer para o centro do debate os domínios das literacias informacionais e digitais dos indivíduos.

A rede internacional First Draft<sup>1</sup>, que conta com a participação da pesquisadora Claire Wardle, destaca que a “desinformação é um conteúdo intencionalmente falso que é criado para causar danos, sendo motivada por três fatores distintos: ganhar dinheiro; ter influência política, internacional ou nacional; ou causar problemas por causa disso” (2020, p. 10). Quando a desinformação é compartilhada, muitas vezes, ela se transforma em *misinformation*, ou seja, a pessoa não sabe que é falso e compartilha na sua rede de contatos, acreditando que está ajudando. Segundo Wardle (2020, p. 11), as pessoas querem se sentir conectadas à sua “tribo”, isso pode significar membros do mesmo partido político, pais que não vacinam seus filhos, ativistas preocupados com a mudança climática ou aqueles pertencentes a uma determinada religião, raça ou grupo étnico.

Durante a pandemia, o volume de informação (e desinformação) foi intensificado com a ocorrência de um fenômeno denominado pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) de ‘infodemia’, que se refere ao aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo, devido a um evento específico (OPAS, 2020).

A ‘infodemia’ é amplificada pelas redes sociais e se “alastra mais rapidamente, como um vírus”, segundo Zaracostas (2020). O excesso de informações circulantes dificulta os indivíduos a encontrarem as informações corretas no momento de tomar as decisões. Desta forma, conhecer e compreender a complexidade deste novo quadro de relações sociais virtuais e a multiplicidade de configurações que lhes são inerentes é um dos maiores desafios dos nossos dias.

Os diferentes países têm tido respostas muito diversas à desinformação. No âmbito de um esforço inclusivo e colaborativo, Funke e Flamini (2020) elaboraram um mapa e um resumo do tipo de ação tomada por vários países, desde campanhas

---

<sup>1</sup>First Draft é uma rede internacional, sem fins lucrativos, formada desde 2016, para lutar contra a desinformação on-line. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/>. Acesso em: 10 out. 2021.

de literacia digital, passando por propostas de lei, constituição de grupos de cibersegurança e de acordos entre o governo e as empresas, até bloqueios da internet, monitorização de sites e cobrança de impostos sobre as redes sociais.

Com a finalidade de apresentar um panorama sobre o uso e as apropriações que os indivíduos fazem das redes sociais, o presente estudo tem como objetivo abordar essas novas configurações sociais e o uso das redes sociais digitais pelos residentes em Portugal. O projeto desenvolvido pelo CLISSIS da Universidade Lusíada (Portugal), em parceria com o CRIE/UFRJ (Brasil), foi realizado no segundo semestre de 2021 e teve como base a combinação de métodos quantitativo e qualitativo (*survey* com questionário on-line, entrevistas e *focus group*), com o objetivo de aumentar a amplitude e a profundidade dos dados recolhidos e da análise a desenvolver nas perspectivas das redes sociais e competências digitais em Portugal.

Neste artigo apresentaremos os resultados preliminares desta pesquisa referente ao bloco “redes sociais digitais” (parte da pesquisa com método quantitativo, utilizando-se um questionário com perguntas fechadas) para compreender o impacto das redes sociais digitais em Portugal, seja pela presença no dia a dia ou pelas motivações de uso e partilha, e consumo de informações nas redes sociais.

Este artigo está dividido em quatro seções: a primeira apresenta uma breve apresentação sobre redes sociais digitais e a segunda seção descreve o percurso metodológico da pesquisa. Na terceira seção são apresentados os resultados e a análise da pesquisa quantitativa, permitindo encontrar reflexões e subsidiar as discussões sobre a temática. Na quarta e última seção são apresentadas as considerações finais.

## 1 As Redes Sociais no ciberespaço

A organização em redes é tão antiga quanto a própria humanidade. De acordo com a evolução cronológica realizada por Fialho (2015), a gênese dos estudos das redes sociais se dá nos anos 1930, com foco nas relações sociais entre pequenos grupos sociais. Neste período, o antropólogo Lloyd Warner e o psicólogo social Elton Mayo, junto com Radcliffe-Brown, “defenderam a tese de que não só existem relações entre pessoas, mas também os grupos de que estas fazem parte articulam-se entre si, em

uma complexa rede de relações, que explica a integração global no sistema social” (FIALHO, 2015, p. 65).

O estudo das redes coloca em evidência o fato de que os indivíduos, dotados de recursos e capacidades propositivas, organizam suas ações nos próprios espaços políticos em função de socializações e mobilizações suscitadas pelo próprio desenvolvimento das redes. Estudar a informação através das redes sociais significa considerar as relações de poder que advêm de uma organização não hierárquica e espontânea.

A visão de mundo em rede tem sido destacada por estudiosos de várias áreas de conhecimento, como as obras de Stanley Wasserman e Katherine Faust, “Social Network Analysis” (1994), de Manuel Castells, “A Sociedade em Rede” (1999), de Albert-László Barabási, “Linked: A nova ciência dos Networks – como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciência” (2002), entre outros.

Recuero (2009) afirma que a interação mediada por tecnologia, informação e conhecimento (TIC) é, também, geradora e mantenedora de relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na internet. “Mas mais do que isso, a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais” (RECUERO, 2009, p. 36).

Existem dois tipos de redes sociais: redes emergentes e de filiação ou associação. A primeira representa aquelas em que há comunicação mútua com as trocas sociais entre os atores, como os comentários em *blogs*, em que a interação social proporciona uma sensação de pertencimento a estas redes por parte das pessoas. Dessa forma, estas redes mostram agrupamentos de elos altamente conectados, formando grupos com um grande número de laços sociais entre os nós, quando analisados a partir da quantidade de comentários recíprocos (RECUERO, 2009; PRIMO, 2003).

Já as redes emergentes são caracterizadas como redes formadas por atores e grupos através de mecanismos de associação ou de filiação, como a lista do Facebook, que é uma mera adição de atores sociais. Este tipo de rede, em virtude da facilidade de conexão, pode permitir a construção de grandes redes constituídas unicamente por laços fracos ou, até mesmo, por conexões não recíprocas (*links* unilaterais, por

exemplo), que são mantidas pelo sistema utilizado (DONATH; BOYD, 2004; RECUERO, 2009).

Estes tipos de redes não são excludentes, ou seja, é possível que uma rede social seja emergente e de filiação ao mesmo tempo, ou que uma exista “dentro” da outra (RECUERO, 2009). As redes formam-se, estruturam-se e dinamizam-se através de indivíduos conectados entre si por fluxos estruturados de comunicação, dinamizando práticas de interação social virtual.

Para Recuero (2009), a verificação dos valores construídos nas redes sociais digitais é importante para ajudar na percepção do capital social apropriado nesses ambientes e a sua influência na estrutura e na construção das redes sociais. O conceito de capital social tem muito em comum com o conceito de rede, segundo Franco (2001, p. 21), “na medida em que o ser humano é um ser social há, em qualquer coletividade humana, uma tendência ou propensão básica para cooperar, interpretada como uma predisposição para gerar capital social.

## 2 Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado um estudo de caso único e exploratório. O estudo de caso é escolhido quando se trata de um fenômeno contemporâneo, ou seja, que deseja estudar o presente, mas não excluindo o passado recente. Além disso, pode ser utilizado para gerar hipóteses e construir teorias, explorando novas descobertas (YIN, 2015). Desta forma, o tipo de investigação é o estudo de caso dos residentes em Portugal, com o objetivo de conhecer as práticas e os perfis de utilização das redes sociais digitais. Para fins de conceituação desta investigação, entende-se redes sociais como redes sociais digitais, ou seja, “redes amplificadas, através das quais a “voz” dos seus atores se beneficiam de um alcance incomensurável e enquadram-se no campo de *social media*” (FIALHO, 2020, p. 23).

Relativamente ao objetivo geral, é uma pesquisa exploratória e descritiva. É exploratória porque pretendemos proporcionar à sociedade civil uma maior familiaridade com o problema e, simultaneamente, torná-lo mais explícito. É, também, descritivo, porque, face à escassez de conhecimento sobre o fenômeno social, procuramos conhecer as características da população portuguesa no uso das redes

sociais. Esta complementaridade entre exploratório e descritivo tem como principal desígnio a maximização da consistência da caracterização do fenômeno social em estudo.

Os sujeitos da pesquisa foram os residentes (portugueses ou imigrantes) das sete NUTS II de Portugal (Norte, Centro, Área Metropolitana de Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira)<sup>2</sup> com mais de 16 anos.

Como fase de pré-teste, participaram do questionário piloto no mês de agosto de 2021 potenciais respondentes, sendo sugeridas alterações na ordem das perguntas e inclusão de mais opções de resposta.

Após essa validação, o questionário elaborado no Google Forms foi difundido via redes sociais e por e-mail para contatos de organizações da sociedade civil, escolas e bibliotecas públicas, bem como na rede de contatos da equipe do projeto e ficou disponível nos meses de setembro e outubro, de 2021. O questionário tinha questões sobre o perfil do respondente (nacionalidade, gênero, escolaridade, renda, estado civil, região de residência e situação profissional) e questões relativas ao uso das redes sociais e competências digitais, sendo todas questões fechadas.

Os dados quantitativos recolhidos no inquérito por questionário foram tabulados no MS Excel e analisados com o *software* estatístico IBM SPSS 26. Para as questões com escala tipo Likert de sete pontos, analisamos os dados obtidos com a amostra estudada, procedendo a conversão da escala para dicotômica, utilizando o seguinte critério: discordo totalmente (1), discordo (2) e discordo parcialmente (3), como “menor concordância” e concordo parcialmente (5), concordo (6) e concordo totalmente (7), como “maior concordância”. A resposta 4 “não concordo nem discordo” foi considerada “ponto neutro”.

Neste artigo apresentamos os resultados do bloco relativo a “redes sociais: uso e práticas”. O objetivo deste estudo foi identificar as características da utilização das redes, a interação social, o consumo e o compartilhamento de informação dos

---

<sup>2</sup>A Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS), uma denominação criada pelo Eurostat com os Institutos Nacionais de Estatística dos diferentes países da União Europeia para efeitos de análise estatística de dados, tem como base a divisão coerente e estruturada do território econômico, sendo de três categorias, conforme o limiar geográfico.

Disponível em: [https://www.compete2020.gov.pt/admin/images/NUTS2013\\_\(1\).pdf](https://www.compete2020.gov.pt/admin/images/NUTS2013_(1).pdf). Acesso em: 18 mar. 2022.

residentes em Portugal e o uso das redes antes e durante a pandemia, buscando compreender as diferenças de utilização das redes sociais entre os residentes.

### **3 Resultados**

Para a obtenção das respostas ao inquérito por questionário foi utilizada uma amostra do tipo não probabilística, selecionada por conveniência tendo sido obtidas respostas de residentes de Portugal Continental e da Região Autónoma da Madeira e da Região Autónoma dos Açores.

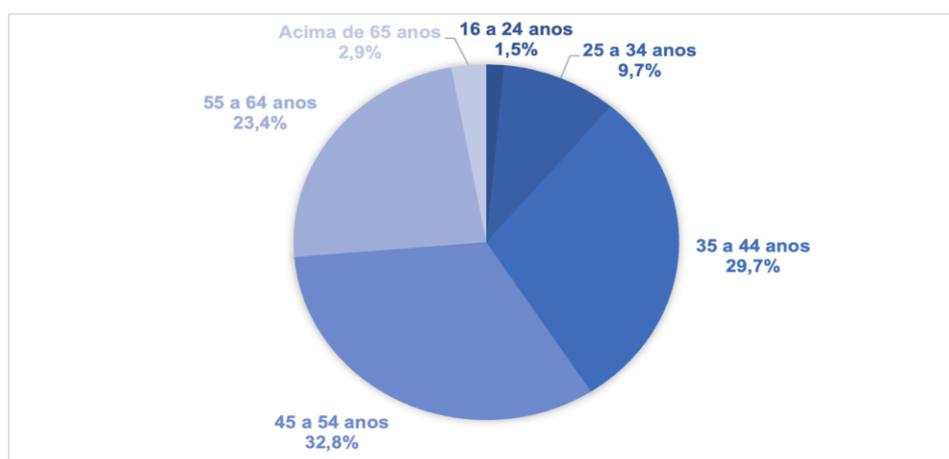
No inquérito por questionário foram obtidas 1.094 respostas válidas (residentes em Portugal que concordaram em participar voluntariamente da pesquisa e com mais de 16 anos).

A primeira parte do questionário corresponde aos atributos dos respondentes. Dos respondentes, 98% são residentes com nacionalidade portuguesa, a nacionalidade brasileira ocupa o segundo lugar, com 14 participações (1,3%). Observa-se a representatividade pontual de outras nacionalidades como de quatro angolanos, dois franceses, um espanhol e um venezuelano, totalizando 2% de respondentes estrangeiros.

Do total de respondentes, 76% são do género feminino (835) e 24% do género masculino (259), demonstrando um interesse maior do público feminino em responder à pesquisa sobre redes sociais e o uso digital. Em relação ao estado civil, 51,7% são casados (566) e 12,5% possuem união estável (137), representando que a maioria dos respondentes (64%) constituem agrupamentos familiares. Os solteiros (20,1%), divorciados (13,2%), viúvos (1,6%) e separados (0,9%) somam o total de 391 respondentes.

O principal fluxo de respostas encontra-se nas faixas etárias 45 a 54 anos com 359 (32,8%), seguida dos 35 a 44 anos com 325 (29,7%), dos 55 a 64 anos com 256 (23,4%) e dos 25 a 34 anos com 106 (9,7%) participações. Os respondentes mais jovens (16 a 24 anos) e mais idosos (acima de 65 anos) tiveram as menores participações, 1,5% e 2,9% da amostra, respectivamente (figura 1).

**Figura 1.** Faixa etária.



**Fonte:** Elaborada pelos autores (2022).

Sobre a escolaridade, o resultado aponta que 69,6% dos respondentes possuem formação de nível superior, enquanto 26,1% dos respondentes representam participantes que possuem ensino médio e 4,3% com formação secundária incompleta. Metade da amostra têm nível superior (50,1%) e o alto grau de escolaridade entre os respondentes é observado com a participação de 16,5% ou 180 mestres e 3% ou 33 doutores, totalizando 69,6% com formação acadêmica superior.

Na situação profissional, nota-se que mesmo com divulgação massiva nas redes sociais e envio da pesquisa para associações empresariais, a maioria dos respondentes são trabalhadores da administração pública (70,2%) evidenciando o retorno de respostas do *mailing* do grupo de investigação (entidades públicas), seguido de trabalhador(a) no setor privado (19%) e trabalhador(a) por conta própria ou independente (4,8%). Os demais respondentes (6%) representados por “Outros” agrupam os aposentados, desempregados, estudantes e empresários/empregadores, como pode ser visualizado na tabela 1.

**Tabela 1.** Situação profissional.

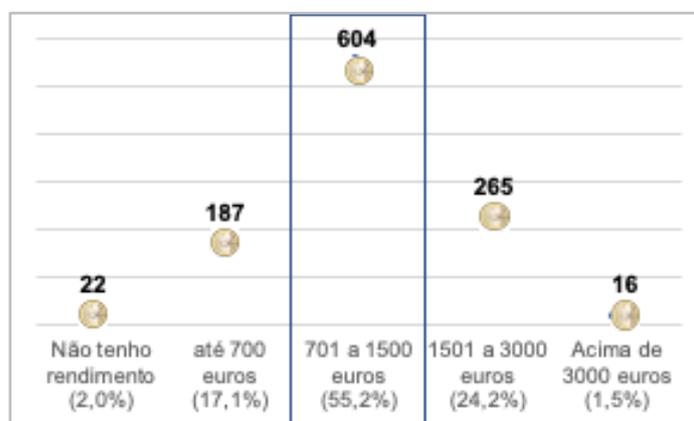
Nível	Total	(%)
Trabalhador(a) da administração pública.	768	70,2%
Trabalhador(a) por conta de outrem no setor privado.	208	19,0%
Trabalhador(a) por conta própria ou independente.	52	4,8%
Outros (a+b+c+d+e).	66	6,0%
(a) Aposentado(a).	20	1,8%

(b) Desempregado(a).	25	2,3%
(c) Estudante.	13	1,2%
(d) Empregador(a) com menos de 10 empregados.	5	0,4%
(e) Empregador(a) com mais de 10 empregados.	3	0,3%
Total.	1094	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A maior faixa de respostas está entre os respondentes com rendimento entre 701 e 1500 euros, representando 55,2% da amostra (figura 2). Vale destacar que o salário médio de um português, em 2021, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), se situa em 665 euros.

Figura 2. Faixa de rendimento dos respondentes.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A pesquisa conseguiu abranger todos os distritos de Portugal (tabela 2), sendo as unidades territoriais com maior densidade populacional as que apresentaram a taxa de resposta mais significativa: Lisboa (32,3%) e Norte (25,1%).

Tabela 2. Quantidade de respostas por região (distritos NUTS II).

Distrito	Quantidade de respostas	Distrito	Quantidade de respostas
Lisboa	353	Açores	73
Norte	275	Algarve	46
Centro	175	Madeira	12
Alentejo	160		

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Na seção seguinte do questionário: “Redes sociais digitais: uso e práticas” colaboraram para o entendimento da participação dos residentes em Portugal nas redes sociais digitais, redes on-line que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação.

Para a pesquisa optou-se primeiro por questionar se os respondentes utilizavam aplicativos de mensagens, como WhatsApp, Telegram ou Facebook Messenger para a comunicação digital. Dos 1.094 respondentes, apenas 31 (2,8%) afirmaram não utilizar nenhum aplicativo. Ao grupo que respondeu positivamente (1.063), ao serem perguntados qual é o aplicativo mais utilizado, verificou-se que 738 utilizam o WhatsApp (69%), 316 usam o Messenger (30%) e apenas 9 informaram utilizar o Telegram (1%).

Na questão seguinte, buscou-se verificar qual é a motivação que leva os respondentes ao uso dos aplicativos em quatro dimensões: 1 - Profissional; 2 - Educacional; 3 - Social (amigos e família); 4 - Comércio eletrônico, com a possibilidade de o respondente escolher mais de uma motivação.

O resultado apurado mostra que a maior motivação é a social, como a comunicação com amigos e familiares, com 984 respostas, representando 92,6% demonstrando que o principal interesse dos respondentes é a rede social; seguida por questões profissionais (553 respostas; 52%), atividades educacionais (146 respostas; 13,7%) e para fins de comércio eletrônico (37 respostas; 3,5%). Apenas 2 respondentes assinalaram a opção ‘outros’ e destacaram a motivação política, além das questões sociais e profissionais, como motivação para a utilização dos aplicativos digitais.

Na questão seguinte, dos 1.094 respondentes, 1.017 afirmaram serem usuários de rede social, correspondendo a 93% dos participantes da pesquisa. O resultado corrobora com estudos recentes, que mostram uma alta taxa de utilização das redes sociais em Portugal, como o último relatório publicado pelo DataReportal (2022).

Ao questionarmos os motivos dos 77 respondentes não serem utilizadores e não possuírem conta nas redes sociais, eles assinalaram a falta de interesse (46 participantes; 60%), e as preocupações com as questões de privacidade ou segurança, mencionadas por 27 participantes. Dois participantes comentaram falta de

competências para a utilização e dois afirmaram ser contra a existência de redes sociais digitais. O gênero feminino com idade superior a 35 anos representa 84% destes 77 respondentes que não possuem rede social, a maioria por falta de interesse ou por receio com a privacidade e a segurança.

Analisando as redes sociais mais utilizadas pelos 1.017 indivíduos que responderam positivamente sobre ter conta ativa (os respondentes podiam escolher mais de uma opção nesta questão), as cinco mais citadas foram: Facebook (93%), Instagram (56%), YouTube (41%), LinkedIn (21%), Twitter (9%) e TikTok (7%), reforçando a posição do Facebook que mesmo com declínio de utilizadores nos últimos anos continua sendo a mais utilizada em Portugal<sup>3</sup>.

Entretanto, vale destacar a utilização do Instagram em comparação com o YouTube: uma diferença de 15 pontos percentuais, sinalizando uma tendência de utilização da rede social para compartilhamento de fotos e vídeos entre usuários, inclusive com a rede social TikTok com 7% dos respondentes interessados neste aplicativo.

O projeto de pesquisa incorporou à investigação o questionamento sobre a frequência de uso das redes sociais tendo como ponto de comparação a utilização antes da pandemia e durante a pandemia de Covid-19.

Por meio das perguntas: “Com qual frequência utilizava as redes sociais digitais ANTES da pandemia de Covid-19?” e “Com qual frequência utilizava as redes sociais digitais DURANTE a pandemia de Covid-19?” foi possível confirmar que os portugueses aumentaram a frequência do uso das redes sociais. Se, antes da pandemia, o consumo diário já se situava nos 91,7%, a pandemia provocou um aumento, ainda que ligeiro (+ 3,2%) do uso diário durante a pandemia (95%).

Mediante a desordem informacional intensificada pela comunicação no mundo digital e o contexto de “infodemia”, buscou-se compreender a confiança dos usuários das redes sociais nas informações transmitidas nas redes e na transmissão de informação falsa nas redes sociais. Assim, três perguntas versavam sobre o consumo e o compartilhamento de informação nas redes sociais.

---

<sup>3</sup>Estudo realizado pela Marketest (2021). Disponível em: [https://www.marktest.com/wap/private/images/Logos/Folheto\\_Portugueses\\_Redes\\_Sociais\\_2021.pdf](https://www.marktest.com/wap/private/images/Logos/Folheto_Portugueses_Redes_Sociais_2021.pdf). Acesso em: 18 nov. 2022.

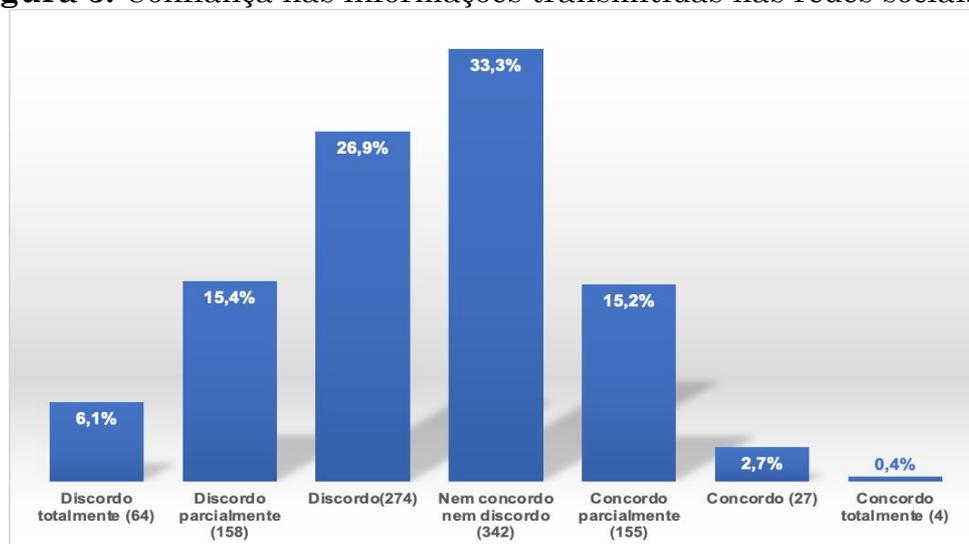
As questões foram formuladas como afirmativas para os respondentes escolherem uma opção dentro da escala Likert de sete pontos, variando de 1 - discordo totalmente a 7 - concordo totalmente.

Para a análise destas questões decidimos agrupar as alternativas convertidas em um padrão dicotômico, em que a concordância baixa é a soma das respostas de 1 a 3: discordo totalmente (1), discordo (2) e discordo parcialmente (3) e a concordância alta é a soma de concordo parcialmente (5), concordo (6) e concordo totalmente (7). O ponto 4 (“não concordo nem discordo”) foi considerado como ponto neutro na análise.

A primeira questão abordava o nível de confiança que os respondentes tinham nas informações que circulam nas redes: “Confio nas informações transmitidas nas redes sociais”.

O resultado encontrado de 48,5% mostra que quase metade dos respondentes não confia nas informações que circulam nas redes sociais. Enquanto 33,3% preferem se posicionar na posição de neutro (figura 3).

**Figura 3.** Confiança nas informações transmitidas nas redes sociais.



Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Analisando o grau de confiança nas informações recebidas nas redes digitais por gênero, verificou-se igualdade de opinião entre os gêneros sobre a confiança na rede com percentual de 17,8% (feminino) e 19,4% (masculino). Contudo, quando analisada a faixa etária, observou-se que os participantes nas faixas de 16 a 24 anos e 25 a 34 anos são os que mais confiam nas informações que circulam na rede com,

respectivamente, 38% e 27% de nível de confiança. Na faixa acima de 65 anos observa-se que são eles quem possuem concordância baixa quanto à confiança com 64% e, ao mesmo tempo, 25% destes participantes acreditam parcialmente nas informações que circulam nas redes (tabela 4).

**Tabela 4.** Faixa etária e confiança na informação das redes sociais.

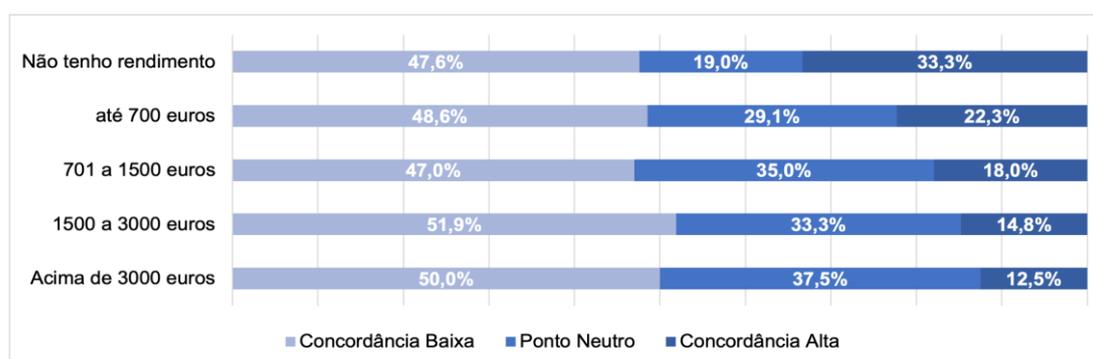
	Concordância Baixa	Ponto Neutro	Concordância Alta
16 a 24 anos	38%	25%	38%
25 a 34 anos	42%	31%	27%
35 a 44 anos	49%	35%	16%
45 a 54 anos	48%	35%	16%
55 a 64 anos	50%	32%	18%
Acima de 65 anos	64%	11%	25%

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

A sociedade contemporânea exige um grau de literacia cada vez maior e adaptado às novas tecnologias. As desigualdades digitais são também acentuadas, muitas vezes por diferenças já existentes no ambiente off-line como o educacional. As habilitações escolares dos respondentes permitem sustentar a tese de que quanto maior for o nível educacional, menores são os níveis de confiança sobre as informações que circulam nas redes sociais virtuais. Assim, observamos que dos respondentes com nível superior apenas 18% (licenciatura) confiam nas informações contra 31% dos que possuem apenas o ensino médio completo (secundário).

A partir dos respondentes sem rendimento, o nível de confiança vai diminuindo conforme aumenta a renda, por exemplo, respondentes com renda entre 1.500 a 3.000 euros e acima de 3.000 euros possuem concordância baixa de 52% e 50% quanto à confiança nas informações que circulam nas redes sociais virtuais.

**Figura 4.** Rendimento e confiança na informação das redes sociais.



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

O nível de rendimento permite-nos verificar que quanto menor ele for, maior é o nível de confiança nas mensagens recebidas nas redes sociais.

### **Compartilhamento de informação falsa nas redes sociais**

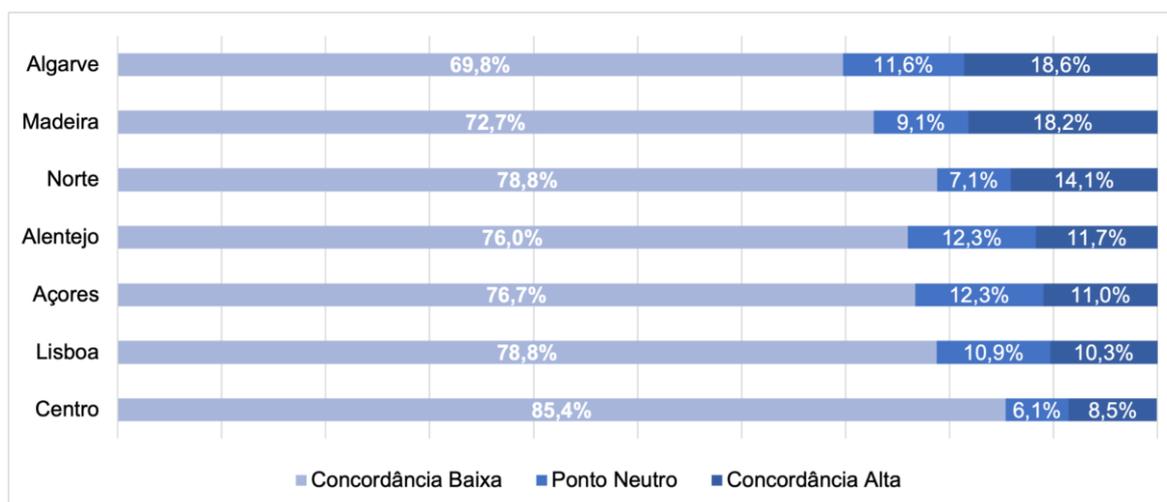
O mundo muda a uma velocidade vertiginosa. A informação veiculada na internet, verdadeira ou falsa, acompanha esta celeridade dos tempos. A disseminação de conteúdos não validados e sem um crivo de veracidade constituem um dos fenômenos sociais mais preocupantes da pós-modernidade: a desinformação. Os perigos de construção de uma realidade paralela construída em postulados de falsidade e manipulação, justificam um amplo debate sobre o tema.

Notícias falsas ou falsificadas, arquitetadas deliberadamente, independentemente dos meios de comunicação e das motivações que estão na sua origem, perigam em toda a sociedade e constituem-se como uma ameaça à liberdade.

A desinformação na sociedade é caracterizada por uma desordem informacional quando uma informação incorreta (*misinformation*), referente às informações falsas, são compartilhadas porque alguém acredita que são verdadeiras, sem o objetivo de causar dano; informações falsas (*disinformation*) quando são compartilhadas de forma intencional, com objetivo de causar dano; e a má informação (*mal-information*), uma informação genuína, em geral da esfera privada, que é compartilhada para causar dano a uma pessoa, organização ou nação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018).

Analisando os resultados quanto à segunda questão da pesquisa sobre compartilhamento de conteúdo nas redes sociais, sem saber que era uma informação falsa e sem intenção de causar dano (*misinformation*) não foram identificadas grandes oscilações nos resultados obtidos, havendo concordância maior no Algarve e na Ilha da Madeira, 18,6% e 18,2%, respectivamente (figura 5).

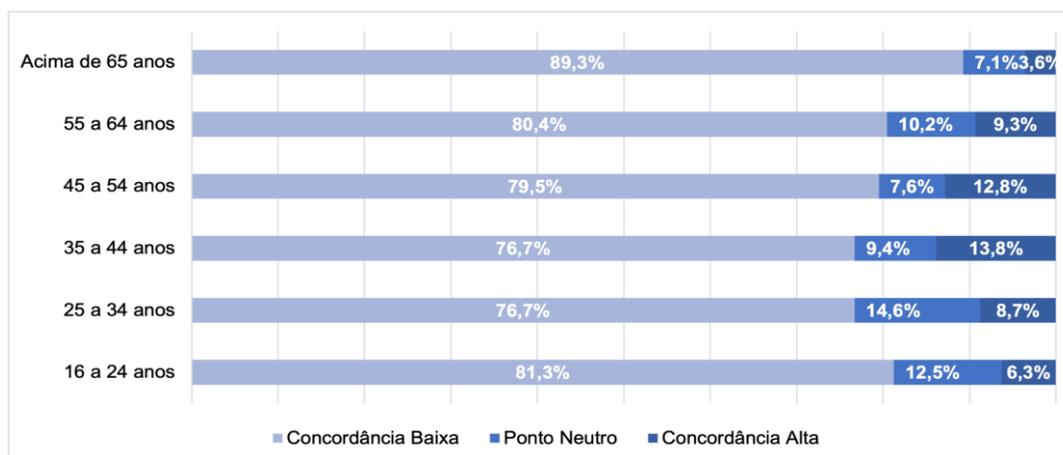
**Figura 5.** Região e compartilhamento de conteúdo falso.



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

Em termos de gênero, não identificamos discrepâncias, a tendência dos resultados é igual entre o masculino e o feminino. Porém, por idade, observa-se que a respondentes de 35 a 54 anos representam um total de 26,6% dos respondentes de concordância alta para o compartilhamento de conteúdo sem saber que era falso nas redes sociais.

**Figura 6.** Faixa etária e compartilhamento de conteúdo falso.

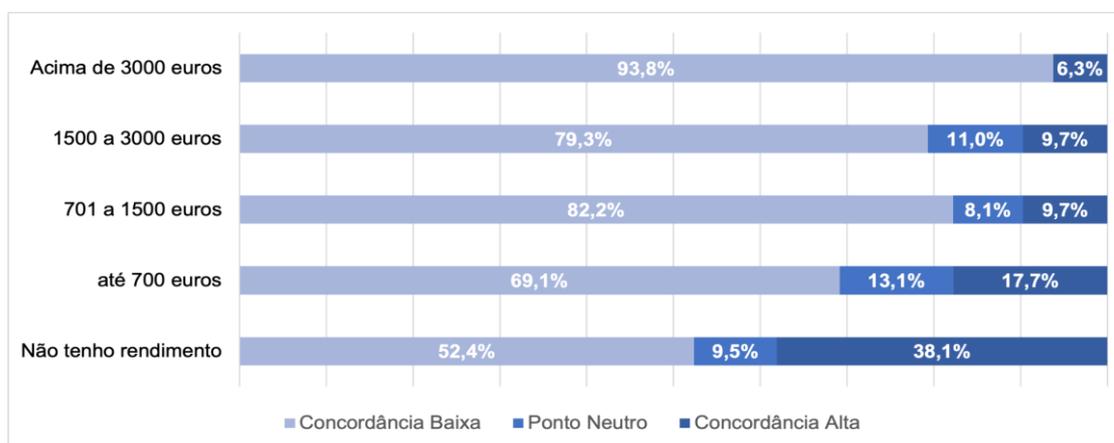


**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

Foi possível, ainda, identificar que especialmente os respondentes na faixa etária de 35 a 44 anos que indicaram não ter rendimento (71%), ou que possuem ganhos de até 1.500 euros (33%) confirmaram ter compartilhado tais conteúdos. A mesma correlação acontece na faixa etária de 45 a 54 anos, são os que não têm renda

ou possuem renda de até 1.500 euros que compartilharam conteúdos falsos sem saber, conforme observado na figura 7. Na classe de mais de 65 anos, apenas 3,6% afirmaram ter compartilhado.

**Figura 7.** Rendimento e compartilhamento de conteúdo falso.



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

No que diz respeito à escolaridade (concordância alta), nota-se que os respondentes com grau de escolaridade menor tendem a compartilhar mais notícias falsas sem saber do que os mais instruídos (tabela 5).

**Tabela 5.** Compartilhar notícia falsa por escolaridade.

	Concordância Baixa	Ponto Neutro	Concordância Alta
1º ciclo (ensino primário).	50%	25%	25%
2º ciclo (5º e 6º ano).	50%	0%	50%
3º ciclo (até o 9º ano).	72%	9%	19%
Secundário (até o 12º ano).	75%	10%	15%
Licenciatura (graduação).	79%	10%	11%
Mestrado.	86%	8%	6%
Doutorado.	87%	7%	6%

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

### Compartilhamento de informação falsa intencionalmente nas redes sociais

A terceira categoria utilizada para analisar a desordem informacional é a *mal-information*, que é caracterizada quando informações genuínas são distorcidas e

reformuladas para, então, serem compartilhadas com a intenção de causar danos. As notícias falsas se espalham 70% mais rápido que as verdadeiras e alcançam muito mais público, segundo estudo sobre a disseminação de notícias falsas na esfera digital, realizado por pesquisadores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (VOSOUGHI *et al.*, 2018).

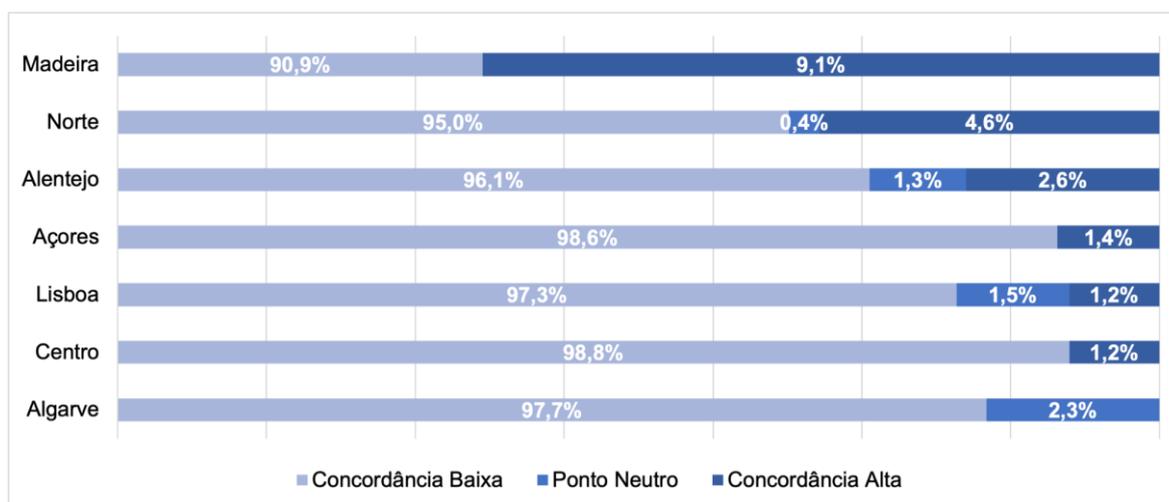
Recuero (2009) analisa que a decisão por partilhar algo em uma rede social não diz respeito somente a se o indivíduo acha a informação relevante, ele também leva em conta em como os amigos e os seus contatos na rede irão reagir. Um estudo de caso específico relata que algumas informações compartilhadas pelas pessoas não são nem mesmo lidas por quem compartilhou (RIPOLL; ARDIGO, 2017) e em outro estudo de caso, pesquisadores identificaram que o compartilhamento de desinformações acontece porque as intenções de interações sociais no compartilhamento de conteúdo nas redes sociais são maiores do que os objetivos informacionais (CHEN *et al.*, 2015).

Em estudos recentes realizados em Portugal (CARDOSO *et al.*, 2020), na Espanha (SALAVERRÍA *et al.*, 2020) e no Brasil (GALHARDI *et al.*, 2020) ressaltam que a desinformação foi, sobretudo, disseminada pelas redes sociais quando comparada com fontes oficiais, com destaque para as plataformas de WhatsApp e Facebook. Essencialmente, os conteúdos desinformativos eram em formato de texto, de proveniência nacional, e subordinados a temas políticos ou de saúde pública.

Assim, com o resultado da terceira pergunta sobre compartilhamento de informação falsa de forma intencional nas redes sociais, buscamos identificar esse tipo de compartilhamento nas redes. Foi possível identificar 23 respondentes com alto grau de concordância, ou seja, 2,3% da amostra já compartilharam informações falsas de forma intencional nas redes sociais. Contudo, é interessante notar a existência de 9 respostas na alternativa “nem concorda nem discorda” da afirmação de ter “compartilhado conteúdo falso intencionalmente”, preferindo ficarem “Neutros” nesta questão.

Analisando por região, respondentes residentes na região da Madeira e Norte apresentaram maior concordância quanto à partilha de conteúdo falso intencional, 9,1% e 4,6%, respectivamente.

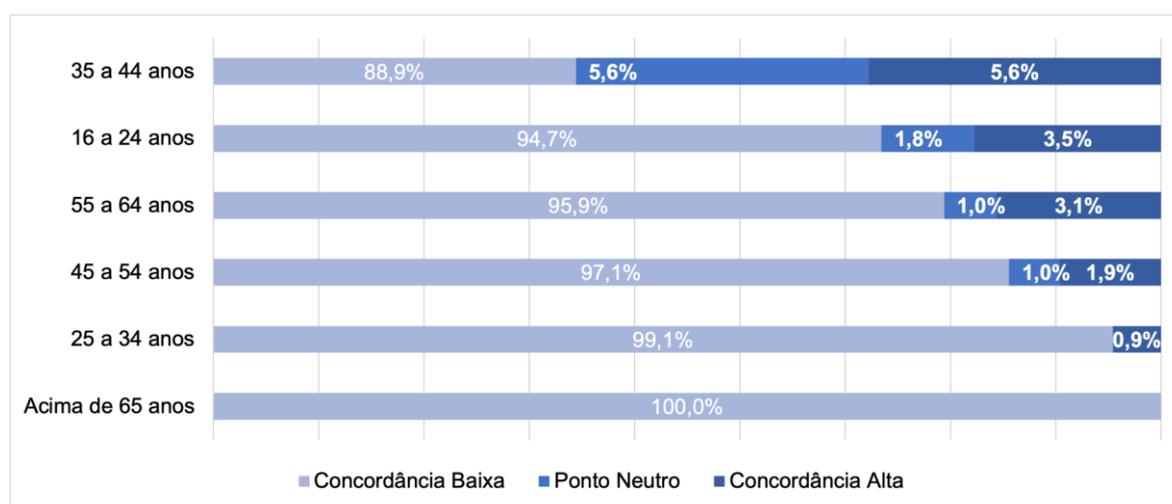
**Figura 8.** Região e compartilhamento de conteúdo falso intencional.



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

Considerando o total de respondentes (23) com maior grau de concordância de partilha de conteúdo falso intencional observou-se que o gênero feminino corresponde a 65%, a maioria com *status* de “casada”, enquanto o gênero masculino corresponde a 35%, sendo a maioria na faixa etária de 35 a 44 anos. Este resultado, mesmo que utilizando uma amostra pequena – 23 respostas, abre um leque de possibilidades para futuras pesquisas sobre o compartilhamento intencional de informações falsas.

**Figura 9.** Faixa etária e compartilhamento de conteúdo falso intencional.



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

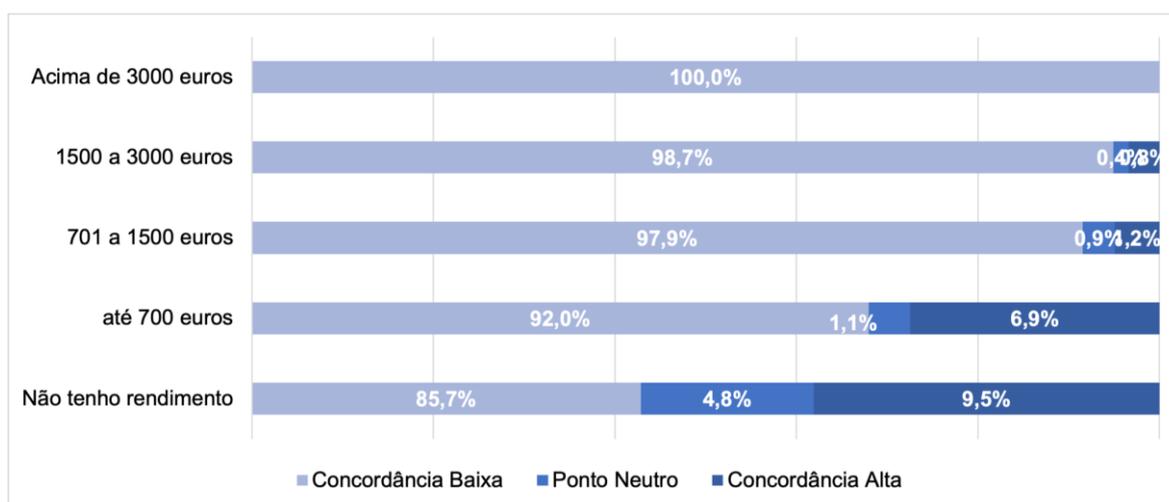
Por faixa etária, identificamos que, como na questão anterior a respeito de desinformação, nenhum respondente com mais de 65 anos afirmou compartilhar conteúdo falso, intencionalmente ou não (figura 9).

Quanto à formação acadêmica foi observado que 907 respondentes indicaram que não partilharam informação intencionalmente, a maioria com formação de doutoramento e mestrado. Dos 9 respondentes que nem concordam nem discordam da afirmação “Já compartilhei conteúdo falso intencionalmente” e dos 23 que informaram concordância alta, foi verificado que a maioria possui formação secundarista, seguida da licenciatura e do 3º ciclo (9º ano)

Como outras pesquisas já demonstraram (MARQUES, 2022; JONES-JANG, MORTENSEN; LIU, 2021; GOMES, PENNA; ARROIO, 2020), o indivíduo com maior nível de escolaridade e literacia informacional apresenta melhor desempenho ao lidar com o fluxo excessivo de informações e *fake news*.

Analisando por rendimento, os participantes sem nenhum tipo de renda ou que recebem até 700 euros – correspondente a um salário mínimo português – representam o resultado com maior grau de concordância, total de 9,5% e 6,9%, respectivamente, confirmando que já partilharam conteúdo falso de forma intencional (figura 10).

**Figura 10.** Rendimento e partilha de conteúdo falso intencional.



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2022).

## Considerações finais

A partir dos dados obtidos é possível traçar alguns “apanhados” estratégicos sobre usos e práticas informacionais nas redes sociais em Portugal. Em síntese, observou-se a existência de perfis sociais distintos associados à dimensão das redes sociais. Corroborando com estudos já realizados, o uso das redes sociais em Portugal é elevado, com maior utilização do WhatsApp e do Facebook e com a intensificação do uso durante a pandemia. Destaca-se a falta de interesse em ter e usar redes sociais de 77 participantes, destes 84% são do gênero feminino com idade superior a 35 anos, que alegaram não terem interesse nas redes digitais e também receio com a privacidade e a segurança.

Do ponto de vista do perfil sociodemográfico, salienta-se que a desinformação nas redes sociais (*misinformation* e *mal-information*) é sobretudo afetada por três fatores sociais: nível de escolaridade, de renda e condição perante o trabalho. Não foi identificada discrepância entre gêneros.

Ainda que o compartilhamento de notícias falsas seja um fenômeno antigo, a disseminação nas redes sociais digitais abre margem para que a desinformação atinja um novo patamar. Portanto, é importante destacar a circulação da desinformação e o crescimento exponencial dos usos das redes sociais digitais, que evidencia as interações sociais no ciberespaço. Compreender o “como” e o “porquê” dessas práticas, além da aplicação de estudos longitudinais, são questões importantes para a compreensão dos efeitos pós-pandemia.

Em suma, pela sua própria natureza, o ciberespaço é um campo que abriga a interdisciplinaridade, assim, como sugestões para trabalhos futuros, sugerem-se estudos mais aprofundados sobre os processos de circulação de desinformação nas redes sociais e sobre os comportamentos negativos desenvolvidos pelos indivíduos, como a alta dependência da rede social digital e a exposição aos riscos virtuais, como o *cyberbullying* e crimes virtuais.

Como limitação deste estudo, apontamos o fato de não ter sido utilizada nenhuma pergunta aberta no questionário para tentar compreender a dinâmica do compartilhamento e o consumo de informações falsas nas redes sociais. Assim, uma sugestão de futura pesquisa é a realização de um estudo sobre essa dinâmica e suas

consequências no capital social e, também, o desenvolvimento de novos estudos em outros contextos e países, principalmente naqueles com alta intensidade de uso de redes sociais digitais e baixa literacia informacional e digital.

## Referências bibliográficas

BARÁBASI, A-L. *Linked – A Nova Ciência dos Networks*. Editora, Leopardo Editora. 2002.

CARDOSO, G; MARTINHO, A; NARCISO, I; MORENO, J. CRESPO, M.; PALMA, N; SEPÚLVEDA, R. Informação e desinformação sobre o coronavírus em Portugal - WhatsApp, Facebook e Pesquisas. MediaLab ISCTE-IUL. Disponível em: <https://medialab.iscte-iul.pt/informacao-e-desinformacao-sobre-o-coronavirus-em-portugal/>. Acesso em: jul. 2022.

CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede. A Era da Informática: Economia, Sociedade e Cultura*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Vida, 1999.

CHEN, X. *et al.* (2015). Why students share misinformation on social media: motivation, gender, and study-level differences. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 41, n. 5, 2015, p. 583-592.

DATAREPORTAL. *Digital 2022: Global Overview Report*. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>. Acesso em: mai. 2022.

DONATH, J.; BOYD, D. Public displays of connection. *BT Technology Journal*, v. 22, No. 4, p. 71-82, 2004. Disponível em: <http://smg.media.mit.edu/papers/Donath/PublicDisplays.pdf>. Acesso em: set. 2021.

FIALHO, J. Pressupostos para a construção de uma Sociologia das redes sociais. *Sociologia*, v. 29, p. 59-79, 2015.

FIALHO, J. (Org). *Redes Sociais. Como compreendê-las? Uma introdução à análise de redes sociais*. Lisboa: Edições Sílabo, 2020.

FRANCO, A. *Capital social: Leituras de Tocqueville, Jacobs, Putnam, Fukuyama, Maturana, Castells e Levy*. Brasília: Millennium, 2001.

FUNKE, D.; FLAMINI, D. *A guide to anti-misinformation actions around the world*. POYNTER, 2020. Disponível em: <https://www.poynter.org/ifcn/anti-misinformation-actions>. Acesso em: set. 2021.

GALHARDI, C; FREIRE, N; MINAYIO, M.; FAGUNDES, M. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia de Covid-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, supl. 2, p. 4201-4210, 2020.

GOMES, S. F.; PENNA, J. C. B. de Oliveira; ARROIO, Agnaldo. Fake news científicas: percepção, persuasão e letramento. *Ciência & Educação (Bauru)*, v. 26, 2020.

JONES-JANG, S. M.; MORTENSEN, T.; LIU, J. *Does media literacy help identification of fake news? Information literacy helps, but other literacies don't.* American Behavioral Scientist, v. 65, n. 2, p. 371-388, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0002764219869406>. Acesso em: set. 2021. MARQUES, C. L. Letramento informacional: informação e desinformação nos tempos da Covid-19. *Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa*, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 145 - 156, 2022. Disponível em: <http://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/151>. Acesso em: set. 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Fichas Informativas COVID-19: entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19 [Internet]. Brasília: *Organização Pan-Americana da Saúde*; 2020. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>. Acesso em: set. 2021.

PRIMO, A. *Interação mediada por computador: A comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional.* Tese (doutorado). Apresentada ao programa de Pós-graduação em Informática da Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, março de 2003.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet.* Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf>. Acesso em: nov. 2021.

RIPOLL, L. & ARDIGO, J. D. Confiabilidade informacional nos conteúdos on-line: perfil dos estudantes de Biblioteconomia da UDESC. *Revista ACB: biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 267-288, abr./jul. 2018.

SALAVÉRRIA, R., BUSLÓN, N., LÓPEZ-PAN, F., LEÓN, B., LÓPEZ-GOÑI, I. e ERVITI, M. *Desinformación en tempos de pandemia: tipología de los bulos sobre la Covid-19.* El profesional de la información 29 (2020). Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2020.may.15> . Acesso em: set. 2021.

VOSOUGHI, S., ROU, D. & ARAL, S. *The spread of true and false news online.* Science 09 Mar 2018: Vol. 359, Issue 6380, pp. 1146-1151 DOI: 10.1126/science.aap9559. Acesso em: set. 2021.

WARDLE, C., DERAKHSHAN, H. *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Council of Europe. 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em: set. 2021.

WASSERMAN, S; FAUST, K. Social network analysis: methods and applications. Cambridge University Press. *Structural analysis in social the social sciences series*, v. 8, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511815478>. Acesso em: set. 2021.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

***Recebido em:*** 30 de maio de 2022.  
***Aceito em:*** 7 de novembro de 2022.

#### COMO REFERENCIAR

FIALHO, Joaquim; DIAS, Elaine. As práticas de interação social e a desinformação no contexto das redes sociais digitais. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 116-139, 2022.

## Política no mundo digital: o impacto da exposição ao capitalismo de vigilância nos valores políticos da juventude

### Politics in the digital world: the impact of exposure to surveillance capitalism on the political values of youth

#### **Jennifer Azambuja de Moraes**

Professora do PPG em Ciência Política e do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. E-mail: [jennifer.amorais@gmail.com](mailto:jennifer.amorais@gmail.com)

#### **Alexsander Dugno Chiodi**

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. E-mail: [alexchiodi@gmail.com](mailto:alexchiodi@gmail.com)

#### **Felipe Silva Milanezi**

Mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. E-mail: [felipe\\_milanezi@hotmail.com](mailto:felipe_milanezi@hotmail.com)

#### **Resumo**

A política tem sofrido mudanças substanciais após o advento das redes sociais e de seu uso político. Assim, surge a discussão sobre o capitalismo de vigilância e de como empresas que monopolizam o uso de redes sociais tem um impacto significativo na vida dos cidadãos e na política, seja por suas ações ou omissões. O presente artigo tem como objetivo investigar qual é o impacto do capitalismo de vigilância na cultura política dos jovens porto-alegrenses. A hipótese formulada é de que o capitalismo de vigilância estimula valores mais individualizantes e uma rejeição à política em geral, com efeito nos valores e nas atitudes dos jovens. Para testar a hipótese, a metodologia utilizada é a quantitativa, através de análise descritiva de dados do SurveyMonkey aplicado com jovens de ensino médio de Porto Alegre, no ano de 2019.

**Palavras-chaves:** Capitalismo de vigilância. Juventude. Democracia. Internet.

#### **Abstract**

Politics has undergone substantial changes after the advent of social media and its political use. Thus, the discussion arises about surveillance capitalism and how companies that monopolize the use of social medias have a significant impact on citizens' lives and politics, either by their actions or omissions. This article aims to investigate what is the impact of surveillance capitalism on the political culture of young people from Porto Alegre. The hypothesis formulated is that surveillance capitalism stimulates more individualizing values and a rejection of politics in general, with an effect on the values and attitudes of the young people. To test the hypothesis, the methodology used is the quantitative one, through descriptive analysis of data from the SurveyMonkey applied with High School students from Porto Alegre, in the year of 2019.

**Keywords:** Surveillance Capitalism. Youth. Democracy. Internet.

## Introdução

A internet e as redes sociais têm ganhado cada vez mais espaço nos debates da Ciência Política, com destaque notório a partir das eleições estadunidenses de Obama (2008) e Trump (2016), e das eleições de 2018 no Brasil, quando as mídias digitais tiveram relevância e impacto na campanha e no resultado das eleições. Inicialmente vistas com otimismo como mecanismos de democratização da informação e de quebra do monopólio jornalístico de grandes conglomerados midiáticos, as redes sociais apresentam também desinformação, discurso de ódio, propagação de preconceitos, inverdades e ausência de debates, a partir da criação e da manutenção de bolhas virtuais que limitam a exposição do usuário a visões contrárias às suas (EISENBERG, 2001; CAETANO; FRAGOSO; RECUERO, 2016; SOARES *et al.*, 2021).

Diante desse cenário de influência das redes sociais na vida política das sociedades modernas e da falta de transparência das empresas proprietárias das redes sociais de maior popularidade no mundo, em especial quanto aos algoritmos e à convivência com a propagação de conteúdos que contêm discursos de ódio, emerge o debate acerca do seu papel direta ou indiretamente na divulgação destes conteúdos, bem como no uso dos dados dos usuários por estas empresas, compreendendo seu intuito e motivações políticas e corporativas em meio a mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas por conta da consolidação das mídias digitais, despertando o debate do que se chamou de capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2019; CRUZ; SARAIVA; AMIEL, 2021; FORNASIER; KNEBEL, 2021). Para Zuboff (2019) o capitalismo de vigilância se configura como uma nova forma de consolidação econômica do capitalismo, a partir da possibilidade de estabelecimento de metadados produzidos pelos próprios cidadãos por meio das redes sociais e do uso da internet de modo geral. Com isso, ascendeu um produto que, apesar de não ser novo, atingiu um nível de uso potencial inédito a partir dos dados gerados voluntariamente pelos cidadãos, o que se torna algo valioso no mercado publicitário, mas também na política<sup>1</sup>. Isso se reflete na forma que empresas como Alphabet, Meta, Amazon, Microsoft e Apple utilizam os

---

<sup>1</sup>Um dos exemplos mais famosos do uso político desses dados foi o escândalo Facebook-Cambridge Analytica, em que a empresa de consultoria se utilizou dos metadados para moldar estratégias de campanha para o então candidato Donald Trump, de modo a manipular a opinião pública para que esta tivesse ações que favorecessem a eleição de Trump.

dados coletados de usuários para fins de faturamento, tanto na captura e direcionamento de propaganda quanto na venda desses dados, assumindo um papel de vigilância constante do cotidiano, dos gostos e do comportamento de usuários sob uma justificativa comercial que resulta no controle exacerbado sobre as vidas de indivíduos e de sociedades (CRUZ; SARAIVA; AMIEL, 2021). Além disso, as bolhas virtuais e a personalização do consumo, da propaganda e do conteúdo reforçam um fenômeno de individualização e rejeição à identidade de massas, legitimando uma cultura que atribui ao indivíduo a solução pessoal de problemas que têm origens estruturais, em negação à organização coletiva como forma de luta política.

O capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2019) e o controle da população por essas empresas podem, portanto, ter implicações na cultura política<sup>2</sup> de uma sociedade, em especial de grupos que estejam habituados a consumir conteúdo digital e acessar as redes sociais com maior frequência, como é o caso dos jovens, uma vez que a internet é um agente socializador (MORAIS, 2017). Com base nisso, o presente artigo objetiva investigar qual é o impacto do capitalismo de vigilância na cultura política dos jovens porto-alegrenses. A hipótese inferida é que o capitalismo de vigilância estimula valores mais individualizantes e uma rejeição à organização coletiva, com efeito nos valores e nas atitudes dos jovens.

Para testar a hipótese é utilizado o protocolo quantitativo, através da análise dos dados da pesquisa “Democracia, valores políticos e capital social: um estudo comparativo de socialização política dos jovens no Sul do Brasil”, realizada pelo Núcleo de Pesquisa sobre América Latina (NUPESAL/UFRGS). Foram aplicados questionários a 865 jovens de 15 a 24 anos, estudantes do ensino médio de escolas públicas e privadas de Porto Alegre em 2019. Os dados são analisados de forma descritiva, com frequências e cruzamentos, com verificação do Qui-quadrado. A variável independente é a exposição ao capitalismo de vigilância, mensurado por meio da intensidade de uso das redes sociais. As variáveis dependentes analisadas são crença na neutralidade da mídia, quem os jovens consideram que deve combater a desinformação, índice de egocentrismo, preferência à democracia ou ao autoritarismo, interesse por política, empoderamento e sentimentos em relação à política.

---

<sup>2</sup>Entendendo como cultura política, as crenças, os valores e as atitudes políticas de uma sociedade (ALMOND; VERBA, 1963).

O artigo está dividido em duas partes, além da introdução e das considerações finais. Na primeira se discutirá o que é o capitalismo de vigilância e seus efeitos nas sociedades contemporâneas e a forma como a cultura política é impactada, em especial nos jovens. Na segunda será realizada a análise dos dados, tendo como variáveis independentes o uso de redes sociais e como variável dependente os valores individuais e coletivos e de socialização política.

### **Capitalismo de vigilância, cultura política e juventude**

A virada do século XXI manifesta a inauguração de uma quarta revolução industrial, marcada sobretudo pela “revolução digital” (SCHWAB, 2016). Esse movimento seria caracterizado pela onipresente figura da internet móvel, o desenvolvimento e a difusão de inteligência artificial e de *chips*, sensores e máquinas que digitalizam o cotidiano e impactam na forma com que os cidadãos encaram o tempo, o espaço e as interações sociais, econômicas e culturais. Entretanto, precauções devem ser tomadas ao encarar a potencialidade das mudanças que essa quarta revolução ocasiona, visto que excedem as capacidades governamentais de revisar e regular os seus efeitos nas esferas sociopolítica e econômica (SCHWAB, 2016). Sobre essas mudanças estruturais, Castells (2007) já ressaltava que a inserção das mídias digitais na universalidade da construção do cotidiano alterava profundamente as formas de criar e difundir a informação, e desenvolvia uma nova faceta à estrutura do capitalismo. Com bases calcadas na alta flexibilidade e no dinamismo, essa universalização encontra compatibilidade à onda crescente de políticas neoliberais, fortalecendo o “capitalismo informacional”. Passando por um processo de “comoditização”, os dados e as informações pessoais deixam de ser apenas importantes para o seu detentor, para tornarem-se primordiais ao processo de tomada de decisões das empresas de publicidade e propaganda.

Castells (2007) já havia compreendido que o imenso volume de informação criado na interação de um ser humano com uma máquina nessa “sociedade em rede” resultaria em dados que seriam, cedo ou tarde, capitalizados e comercializados como mercadoria de alto valor. Martino (2014) identifica na Revolução da Informação a utilização desses dados pela indústria do entretenimento de forma a ser adaptada a

gostos e necessidades específicas. Com a inserção da comunicação digital na universalidade da construção do cotidiano, os novos meios convergem ao espírito do tempo da modernidade e da busca dos indivíduos de constituir uma identidade própria, exclusiva, a partir do consumo (ASKEGAARD; LINNET, 2011, p. 383).

A esse ambiente propício de arranjo neoliberal que individualiza questões inerentemente sociais, centralizado no consumismo como criação e curadoria de uma personalidade e identidade, vinculando o consumo à satisfação pessoal e à afirmação como indivíduo, que as empresas de tecnologia utilizam dados extraídos de forma obscura ou ilegal para montar perfis comportamentais e vendê-los. Pela baixa capacidade de fiscalização, legislação e controle, as empresas de tecnologia não encontram obstáculos ao processo de compreender toda a experiência humana, pública ou privada, como fonte de obtenção de dados através de sensores, aparelhos eletrônicos, aplicativos, microfones e câmeras, em nome da maior acurácia e abrangência de suas predições de comportamento e consumo (ZUBOFF, 2019).

Ao utilizar as redes sociais e os produtos fornecidos pelas empresas de tecnologia, cada um dos bilhões de usuários globais deixa rastros, dados extras, informações sobressalentes que costumavam ser encaradas como inúteis até ter seu potencial valor comercial compreendido, e passar a ser tratado como “superávit comportamental” (ZUBOFF, 2019). Sobre esse processo, Schwab (2016), aponta que:

muitos desses algoritmos aprendem com os rastros de “migalhas de pão” de dados que deixamos no mundo digital. Isso resulta em novos tipos de “aprendizagem de máquina” e descoberta automatizada que permite robôs e computadores “inteligentes” se autoprogramar e encontrar soluções ideais desde o princípio (SCHWAB, 2016, p. 15).

Sendo esse “rastro de migalhas de pão” o que Zuboff (2019) denomina “superávit comportamental”, a matéria-prima utilizada para criar perfis e prever (e mais recentemente, moldar) comportamentos, como ocorrido no escândalo de dados Facebook - *Cambridge Analytica* (KAISER, 2020), uma vez que as “pressões de natureza competitiva provocaram a mudança na qual processos de máquina automatizados não só conhecem nosso comportamento, como também moldam nosso comportamento em escala” (ZUBOFF, 2019, p. 19).

Morais (2017) aponta como o debate sobre os impactos da popularização de mídias digitais versa em uma visão otimista e outra pessimista. De um lado, a

perspectiva de que o amplo acesso às informações e o potencial de mobilização social com menores custos permitiria novas formas de interação social e de participação política, podendo fortalecer os valores democráticos; do outro, a visão de que essa a inserção dos cidadãos nas instâncias decisórias seria uma ilusão, com perspectiva de comprometimento do engajamento cívico, aumento da apatia política e do desinteresse, uma vez que pode ser “uma ferramenta sem precedentes de libertação e democratização e, ao mesmo tempo, um facilitador da vigilância em massa indiscriminada, de longo alcance e quase insondável” (SCHWAB, 2016, p. 96).

As redes sociais começaram a mostrar o seu potencial para o debate e a atuação política, como na organização de manifestações populares na Espanha, as Manifestações de Junho de 2013 no Brasil, em 2016 na campanha e eleição de Donald Trump e em 2018 na campanha eleitoral brasileira, marcada pela disseminação de informações falsas nas redes sociais (RECUERO, 2019; 2020), um exemplo concreto do potencial uso das práticas do capitalismo de vigilância no fomento da política de desinformação e do impacto na estabilidade democrática (DE FARIA; MAGALHÃES, 2021). As mídias digitais impactam em diversas esferas da vida pública, como na condução do sistema democrático e dos processos eleitorais, mas não tardou para demonstrar seu potencial de ser usado de forma antidemocrática e criminosa, capaz de operar sentimentos como raiva, frustração, medo e ódio e catalisá-los para cargos executivos, em especial de políticos de extrema direita, que souberam manusear esse novo aparato – mesmo que às margens da legislação (ZUBOFF, 2019).

Para Andreeva (2019), o sucesso de popularização das redes sociais está relacionado com o espaço aberto à interação e à criação de conteúdo concomitante à utilização como observador. Poder comentar seus próprios pontos de vista, participar de discussões, encontrar pessoas que pensam e se comportam de forma similar às suas. Por ser um tópico capaz de instigar ampla gama de emoções e reações, a política torna-se um campo de alto fluxo nas redes sociais. É aproveitando essa capilaridade que as empresas como o Facebook e o YouTube ativamente promovem a exibição e a interação do tema em suas plataformas, sem se propor a fazer clara distinção entre uma peça de informação produzida de forma profissional, por meio de canais especializados, ou mentiras falsificadas e propagadas por perfis falsos que pagam pela difusão de conteúdo (DEVITO, 2017).

Se as redes sociais, as dinâmicas que nelas operam e a forma como o conteúdo é distribuído apresentam tão alto potencial de interferir nos valores e comportamentos políticos, pode-se supor que aqueles indivíduos que passam mais tempo utilizando as redes sociais estariam mais expostos ao capitalismo de vigilância e, portanto, à interpretação e à manipulação de comportamento pelas empresas do capitalismo de vigilância. No Brasil, o telefone celular está presente em 94% dos lares, sendo que 98% das pessoas que acessam a internet o fazem pelo celular (PNAD, 2018). Se estratificadas em faixas etárias, percebe-se que o conjunto de pessoas entre 14 e 24 é o que mais utiliza a internet (PNAD, 2018).

Esses dados demonstram a presença quase homogênea das redes sociais e da internet no cotidiano da juventude brasileira. Para Andreeva (2019), a discussão digital sobre política pode conformar uma esfera que estimula a capacidade do jovem desenvolver suas faculdades como cidadão, de aumentar o envolvimento e organizar-se politicamente, uma vez que “tornando essas plataformas partes integrantes das nossas vidas cotidianas, a cultura política muda significativamente, especialmente na maneira como as pessoas percebem o seu papel na sociedade” (ANDREEVA, 2019, p. 49).

Por outro lado, a facilidade com que a informação é disseminada pode abrir espaço à criação de desinformação e ao discurso de ódio, que circula de forma muito eficaz nesses meios, dada a importância que os algoritmos das redes atribuem ao fator “relevância”. Para Andreeva (2019):

Este caminho não poderia levar ao progresso e ao desenvolvimento, mas só poderia levar à criação de diferentes verdades, realidades completamente diferentes e existência paralela e maior divisão. Esse caminho não é inclusivo e, a longo prazo, tem potencial para erodir a discussão deliberativa (ANDREEVA, 2019, p. 52).

As redes sociais permitem que qualquer informação veiculada por um grupo relevante de atores obtenha notoriedade, mas quando se trata de uma informação forjada, criada no intuito de falsear a realidade ou induzir comportamentos antidemocráticos, os resultados podem ser extremamente danosos. É nesse cenário que se faz necessário abarcar o impacto da exposição ao capitalismo de vigilância, presente no uso de produtos das empresas Alphabet e Meta, por exemplo. Compreendendo que a juventude é a parcela da população que mais utiliza as redes sociais, que esse

momento da vida do indivíduo configura o período de socialização de valores em que os jovens teriam as condições de constituir interação e participação ativa na sociedade (BAQUERO, 2018), é importante esclarecer a dimensão do impacto da exposição ao capitalismo de vigilância na formação de valores dos jovens.

A importância desta análise se dá pela constatação na literatura especializada de que a cultura política brasileira é apática, de resignação e híbrida (MOISÉS, 2013; BAQUERO, 2018). Ou seja, do ponto de vista formal a democracia no país está funcionando, no entanto, os brasileiros não apresentam valores democráticos, pois não possuem interesse pelos assuntos políticos e confiança nas instituições, bem como não participam e apresentam mais valores autoritários e individuais. Estas características se estendem para os jovens, que de forma geral são apáticos em relação à política (BAQUERO; BERNARDI; MORAIS, 2019; BAQUERO; MORAIS, 2020). Sendo assim, fica mais evidente a importância de estudos que analisam na juventude a relação entre a exposição a este novo agente socializador, a internet e as redes sociais, na internalização de valores e atitudes.

### Capitalismo de vigilância e valores políticos dos jovens

Para verificar a hipótese de que o capitalismo de vigilância estimula valores mais individualizantes e uma rejeição à política em geral, com efeito nos valores e atitudes dos jovens, estes foram distribuídos em quatro categorias, de acordo com a intensidade de exposição ao capitalismo de vigilância, sendo distribuídos conforme a Tabela 1.

**Tabela 1.** Nível de exposição ao capitalismo de vigilância<sup>3</sup>.

Nível de exposição ao capitalismo de vigilância	Nº	Porcentagem	Porcentagem válida
Baixa exposição	46	5,3	5,8
Moderada exposição	382	44,2	47,8
Alta exposição	270	31,2	33,8
Extrema exposição	101	11,7	12,6
Total válido	799	92,4	
Omisso	66	7,6	
Total	865	100	100

n = 865.

**Fonte:** Elaboração própria com dados de Nuposal, 2019.

<sup>3</sup>O nível de exposição ao capitalismo de vigilância foi obtido através das variáveis: “Das redes sociais listadas abaixo, qual você mais utiliza? Marque de acordo com o uso, sendo 1 nada usado e 5 muito usado: Facebook, WhatsApp, Instagram, YouTube”.

A análise do nível de exposição ao capitalismo de vigilância ilustra a ampla penetração desse fator na juventude, uma vez que cerca de 43% dos jovens apresentam alta ou extrema exposição, e a mesma proporção apresenta moderada exposição ao capitalismo de vigilância. Entende-se que a escassez de representantes da categoria “baixa exposição” na amostra reflete a realidade da presença digital nos jovens. A importância massiva da exposição juvenil é um primeiro indicativo à relevância dos estudos sobre capitalismo de vigilância na juventude e na democracia brasileira.

Explicitadas as categorizações, interessa saber, portanto, como o aumento no nível de exposição ao capitalismo de vigilância acompanha a mudança de valores políticos e individuais, com um olhar atento à forma como os extremos se comportam. A primeira variável exposta trata-se da crença na neutralidade da mídia, seguida por quem os jovens consideram que deve combater a desinformação, índice de egocentrismo, preferência à democracia ou ao autoritarismo, interesse por política, empoderamento e sentimentos em relação à política.

**Tabela 2.** Exposição ao capitalismo de vigilância e crença na neutralidade da mídia<sup>4</sup> (%).

Nível de exposição ao capitalismo de vigilância	É neutro	Não é neutro	Total
Baixa exposição	17,1	82,9	100
Moderada exposição	15,6	84,4	100
Alta exposição	19,9	80,1	100
Extrema exposição	27,1	72,9	100

n = 770; q = 0,067.

**Fonte:** Elaboração própria com dados de Nupesal, 2019.

Na Tabela 2, para analisar a crença na neutralidade da mídia, utilizou-se a variável: “Você acredita que os meios de comunicação no Brasil são neutros sobre política?” Inicialmente, percebe-se que esta questão tende a aumentar dentre os jovens que mais se expõem às redes sociais ligadas ao capitalismo de vigilância. Enquanto menos de um quinto dos jovens com baixa e moderada exposição acham

<sup>4</sup>Crença na neutralidade da mídia obtida através variável: “Você acredita que os meios de comunicação no Brasil são neutros sobre política?”

que os meios de comunicação são neutros, entre os de alta e extrema exposição esses valores são de 20% e 27,1%, respectivamente. Com isso, o que se apresenta é um nível de confiança acrítica aos meios de comunicação e de sua atuação quanto à temática política maior entre os mais expostos ao capitalismo de vigilância, uma vez que o papel político dos meios de comunicação existe e pode-se fazer notar por meio de um olhar cético (MIGUEL, 2002). Também, nota-se que o papel das redes sociais na democratização da informação, bem como em possibilidade de participação política mais ativa difere de uma visão mais otimista que se tinha na ocasião do seu surgimento e confirma parcialmente algumas ressalvas apontadas (GOMES, 2005).

**Tabela 3.** Exposição ao capitalismo de vigilância e quem deve combater a desinformação (%).

Nível de exposição ao capitalismo de vigilância	Governo	Imprensa	Judiciário	Outros	Não deve haver fiscalização	Total
Baixa exposição	36,4	24,2	24,2	12,1	3,0	100
Moderada exposição	34,3	21,6	16,6	18,7	8,8	100
Alta exposição	39,8	22,6	14,9	19,5	3,2	100
Extrema exposição	42,9	31,4	14,3	5,7	5,7	100

2019. n = 607; q = 0,148.

**Fonte:** Elaboração própria com dados de Nuposal.

A Tabela 3 confirma uma confiança dos jovens de maior exposição às redes do capitalismo de vigilância na imprensa, uma vez que há uma forte cisão entre a percepção dos jovens com extrema exposição dos demais. Entre os jovens com exposição extrema, 43% acreditam que cabe à imprensa combater a desinformação, enquanto 31% atribuem este papel ao governo e 14% ao Judiciário. Entre os jovens com baixa e moderada exposição o combate à desinformação é atribuído à imprensa por 36% e 34%, respectivamente, ao governo por 24% e 22%, e ao judiciário é de 24% e 16%, respectivamente. Esses dados ilustram que quanto maior é a exposição ao capitalismo de vigilância, maior se faz também a confiança na imprensa e no governo como agentes de combate à desinformação. Tal posicionamento é ambivalente, uma vez que pode ser tanto um sinal de confiança nessas instituições quanto uma visão menos crítica acerca de seus papéis.

**Tabela 4.** Exposição ao capitalismo de vigilância e índice de egocentrismo<sup>5</sup> (%).

Nível de exposição ao capitalismo de vigilância	Baixo egocentrismo	Moderado egocentrismo	Alto egocentrismo	Total
Baixa exposição	9,3	20,9	69,8	100
Moderada exposição	10,6	31,7	57,7	100
Alta exposição	3,8	25,3	70,9	100
Extrema exposição	4,0	23,2	72,7	100

n = 781; q = 0,002.

**Fonte:** Elaboração própria com dados de Nuposal, 2019.

A Tabela 4 mostra que dentre os jovens com baixa e moderada exposição ao capitalismo de vigilância, cerca de 10% apresentam baixo índice de egocentrismo. Por outro lado, dentre aqueles com alta e extrema exposição, mais de 70% apresentam alto índice de egocentrismo, sendo os níveis de baixo egocentrismo nestes algo como um terço do registrado nas menores exposições. Esses dados corroboram com a expectativa de que o capitalismo de vigilância estimula valores e comportamentos mais individualistas, bem como uma compreensão de responsabilidades individuais para questões estruturais, acentuando os efeitos do neoliberalismo sobre os indivíduos (ZUBOFF, 2019; DARDOT; LAVAL, 2017).

**Tabela 5.** Exposição ao capitalismo de vigilância e autoritarismo ou democracia. (%)

Nível de exposição ao capitalismo de vigilância	Preferência autoritária	Indiferença	Preferência democrática	Total
Baixa exposição	7,3	34,1	58,5	100
Moderada exposição	8,7	25,4	65,9	100
Alta exposição	7,4	32,3	60,3	100
Extrema exposição	11,8	32,3	55,9	100

n = 749; q = 0,368.

**Fonte:** Elaboração própria com dados de Nuposal, 2019.

O índice autoritarismo ou democracia apresentado na tabela acima foi obtido através da combinação das variáveis: “Qual é a sua opinião sobre as seguintes afirmações: ‘Democracia é melhor do que qualquer outra forma de governo’” e “Qual é a sua opinião sobre as seguintes afirmações: ‘Em algumas circunstâncias um

<sup>5</sup>Índice de egocentrismo obtido através da combinação das variáveis: “É importante me divertir e fazer o que gosto” e “É importante ter muito sucesso e que as pessoas reconheçam as minhas conquistas”.

governo autoritário é melhor do que um governo democrático”. Os dados da Tabela 5 demonstram que os jovens com extrema exposição ao capitalismo de vigilância registram o maior nível de preferência autoritária e o menor nível de preferência democrática. Também chama a atenção como o aumento da exposição ao capitalismo de vigilância corrói a explícita preferência democrática, que se reduz em dez pontos percentuais entre a moderada e a extrema exposição. Esses dados corroboram com a análise de Maly (2018; 2020) de que as redes sociais têm se tornado fonte de disseminação de conteúdo e de estímulo a comportamentos e atitudes autoritários por meio da ascensão de líderes populistas de extrema direita, que têm se utilizado destas plataformas como meios de propagação de conteúdo e de propagandas políticas, incentivando os seus seguidores a assumirem um comportamento de intolerância contra os seus adversários políticos.

**Tabela 6.** Exposição ao capitalismo de vigilância e interesse por política (%).

Nível de exposição ao capitalismo de vigilância	Muito interessado	Pouco interessado	Nada interessado	Total
Baixa exposição	17,4	63,0	19,6	100
Moderada exposição	20,9	58,3	20,9	100
Alta exposição	27,3	50,9	21,7	100
Extrema exposição	13,1	68,7	18,2	100

n = 790; q = 0,05.

**Fonte:** Elaboração própria com dados de Nupesal, 2019.

A Tabela 6 mostra que os jovens com extrema exposição ao capitalismo de vigilância possuem o menor índice de muito interesse por política (13,1%), mas também o menor índice de nenhum interesse (18,2%). Uma vez que assuntos políticos têm ganhado cada vez mais espaço nas redes sociais e as organizações políticas têm dedicado atenção a essas mídias, traçando estratégias de propagação de suas ideias, parece pouco provável que usuários com extrema exposição não tenham contato com conteúdo político cotidianamente. Percebe-se que a quantidade de jovens muito interessados por política em cada estrato aumenta progressivamente entre a baixa e a alta exposição, em um incremento de dez pontos percentuais, mas se reduz pela metade na extrema exposição. Esses dados podem indicar que as redes sociais podem ser meios de encontro, debate e aprendizado político, mas sem saber a qualidade ou o conteúdo do assunto discutido, e com a consciência de que as redes sociais

potencializam as discussões “relevantes” (ZUBOFF, 2019), verdadeiras ou não, esse incremento de interesse (ou a sua saturação) não podem ser compreendidos como algo certamente positivo ao processo democrático nacional.

**Tabela 7.** Exposição ao capitalismo de vigilância e empoderamento (%).

Nível de exposição ao capitalismo de vigilância	Baixo empoderamento	Moderado empoderamento	Alto empoderamento	Total
Baixa exposição	24	42	33	100
Moderada exposição	41	40	20	100
Alta exposição	36	41	23	100
Extrema exposição	28	39	33	100

n = 767; q = 0,031.

**Fonte:** Elaboração própria com dados de Nupesal, 2019.

Para Baquero (2007), o empoderamento:

pode ser concebido como emergindo de um processo de ação social, no qual os indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social e possibilitando a transformação de relações sociais de poder (BAQUERO, 2007, p. 57).

A partir disso, criou-se a variável empoderamento a partir da combinação das questões: “Não gosto de discussões ou assuntos políticos, porque ninguém se entende e prefiro não me incomodar”, “Pessoas como as de minha família não têm nenhuma influência nas ações do governo”, “Não adianta participar da política, pois nunca muda nada” e “Assuntos políticos são muito complicados para mim, por isso não me interessam”.

Compreende-se que a política é um componente de alta relevância para a construção de uma cultura política cívica e valores democráticos na juventude. Os dados indicam que ambos os polos, tanto a baixa quanto a extrema oposição, apresentam as maiores taxas de empoderamento, e a moderada e a alta exposição apresentam as maiores taxas de baixo empoderamento. Pode-se afirmar que há um incremento na taxa de empoderamento conforme o aumento da exposição, mas isso não explicaria as altas taxas registradas na parcela da baixa exposição. Uma explicação possível pode ser a verificada no início das análises de que os dois polos compreendem a mesma categoria socioeconômica.

Como demonstrado nos outros gráficos, a exposição às redes sociais fomenta o contato e o debate aos assuntos políticos, sem distinção entre a qualidade do assunto, mas sim da sua relevância. Para explorar esse fato, foi analisada a direção dos sentimentos em relação à política de cada estrato de exposição.

**Tabela 8.** Exposição ao capitalismo de vigilância e sentimentos em relação à política.

Nível de exposição ao capitalismo de vigilância	Sentimentos positivos	Sentimentos negativos	Total
Baixa exposição	21,6	78,4	100
Moderada exposição	40,8	59,2	100
Alta exposição	39,9	60,1	100
Extrema exposição	26,5	73,5	100

n = 570; q = 0,026.

**Fonte:** Nupesal, 2019.

Para a análise da Tabela 8, os sentimentos em relação à política foram obtidos através da combinação das variáveis: “Como você se sente com relação à política: Alienado, Indiferente, Desiludido, Interessado, Participativo, Isolado”, sendo consideradas como “sentimentos positivos” as respostas “Interessado” e “Participativo” e como “sentimentos negativos” as respostas “Alienado”, “Desiludido”, “Indiferente” e “Isolado”. Novamente, percebe-se a congruência entre os polos da exposição, sendo tanto aqueles com baixa e extrema exposição ao capitalismo de vigilância os que mais identificam sentimentos negativos em relação à política (78,4% e 73,5%). É flagrante que a predominância de sentimentos em relação à política em todos os estratos é negativa, mas enquanto 40% dos jovens com moderada exposição esboçam sentimentos positivos, apenas 26% assim o fazem entre a extrema exposição. Esses números podem representar uma radicalização dos jovens que são extremamente expostos ao capitalismo de vigilância, visto que as redes sociais são utilizadas como incubadoras de ideologias extremistas (ANDRADE, 2021). Na categoria de baixa exposição, entretanto, aliada ao baixo nível de interesse por política, pode-se sugerir que a predominância de sentimentos negativos esteja correlacionada à exposição ao noticiário político veiculado em outros meios, como a televisão e o rádio, que promovem, pelo menos desde 2015, a criminalização da política (SANTOS, 2016).

## **Considerações finais**

Ao trabalhar com capitalismo de vigilância e juventude, percebe-se que este grupo apresenta uma alta exposição às redes sociais, em especial ao capitalismo de vigilância. A teoria aponta que, embora a ideia propagada seja a de que as redes sociais podem conectar pessoas e estimular a cooperação, essas mídias tendem a tornar as pessoas mais individualistas através de algoritmos que personalizam o conteúdo ao qual o usuário é exposto, limitando aquilo que não é do seu interesse, bem como o que é contraditório a sua visão de mundo e as suas preferências.

Os dados analisados da pesquisa com jovens realizada pelo Nupesal (2019) apontam que o uso de redes sociais é constante entre jovens, cuja presença digital é crescente, com destaque para as redes sociais como principais meios de exposição. Também, percebe-se que a exposição ao capitalismo de vigilância tende a aumentar valores autoritários, fomentar valores mais individualistas, além de gerar uma menor criticidade dos jovens em relação à mídia e promover um maior índice de desinteresse e de apatia em relação à política.

A hipótese proposta para o presente trabalho foi confirmada, uma vez que os jovens com maior exposição ao capitalismo de vigilância apresentam valores e comportamentos mais individualistas, além de apresentarem menor senso crítico e mais sentimentos negativos sobre a política em relação aos jovens com menor exposição ao capitalismo de vigilância.

Os resultados apresentam efeitos do uso das redes sociais, em especial as pertencentes ao capitalismo de vigilância, na socialização política dos jovens, bem como em sua percepção acerca da política atual e de fenômenos inerentes ao cenário político contemporâneo, após o advento das redes sociais e da sua utilização política.

Discute-se, atualmente, o papel das redes sociais e os seus impactos políticos na política, uma vez que elas têm sido utilizadas para potencializar discursos de ódio e perpetuação de preconceitos sociais, além da utilização de desinformação como meio de difusão de conteúdo político. Por mais que a pressão sobre as maiores empresas de tecnologia esteja aumentando e as cobranças se tornem mais frequentes, os esforços empregados no combate a esses elementos ainda são tímidos, pouco efetivos e lentos em relação à velocidade de difusão do consumo de conteúdo.

Considerando isso, por mais que tais dados apontem para consequências deletérias à democracia da exposição ao capitalismo de vigilância como este se apresenta atualmente, é ingênuo imaginar que qualquer solução passa única e exclusivamente por critérios estabelecidos pelas próprias empresas através de sua política de uso, sendo necessário algum controle externo das redes ou até mesmo sua proibição e substituição por novas plataformas que possam atentar para os perigos do uso desregrado das redes sociais, bem como da comunicação social, um debate que ainda é um tabu no Brasil, mas que se torna cada vez mais essencial para a preservação da democracia.

### Referências Bibliográficas

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sydney. *The civic culture revisited*. California: Sage Publications, 1963.

ANDRADE, Felipe Bezerra de. *O YouTube como aparelho privado de hegemonia: a experiência da onda conservadora no Brasil contemporâneo*. 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ANDREEVA, Marija. (Re)shaping political culture and participation through social networks. *Journal of Liberty and International Affairs*, v. 5, n. 2, p. 43-54, 2019 (tradução nossa).

ASKEGAARD, Søren.; LINNET, Jeppe Trolle. Towards an Epistemology of Consumer Culture Theory: Phenomenology and the context of context. *Marketing Theory*, v. 11, n. 4, p. 381-404, 2011.

BAQUERO, Marcello. Apresentação. In: Marcello Baquero (Org.). *A Juventude e os desafios da construção democrática no Brasil*. 1 ed. Porto Alegre: Escritos, 2018, p. 7-14.

BAQUERO, M.; BAQUERO, R. *Capital Social e Empoderamento no Desenvolvimento Social: Um Estudo com Jovens*. Sociedade em Debate, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 47-64, 2012.

BAQUERO, Marcello; BERNARDI, Ana Júlia; MORAIS, Jennifer Azambuja de. Padrões emergentes de uma cultura política juvenil no sul do Brasil. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Câmara dos Deputados*, v. 12, p. 42-63, 2019

BAQUERO, Marcello; MORAIS, Jennifer Azambuja de. Is the construction of a new youth political culture underway? In: Marcello Baquero (Org.). *The youth and the challenges for building democracy in Brazil*. 1 ed. Porto Alegre: Escritos, 2020, v. 1, p. 15-56.

- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. Boitempo editorial, 2017.
- DE FARIA, Julian Affonso; MAGALHÃES, Cláudio Márcio. O Capitalismo de Vigilância e a Política da Desinformação. *Interações: Sociedade e as novas modernidades*, n. 40, p. 60-79, 2021.
- FUKS, Mario. Efeitos diretos, indiretos e tardios: trajetórias da transmissão intergeracional da participação política. *Lua Nova*, São Paulo, n. 83, p. 145-178, 2011.
- GOMES, Wilson. Internet e participação política em sociedades democráticas. *Revista Famecos*, v. 12, n. 27, p. 58-78, 2005.
- MALY, Ico. Algorithmic populism and algorithmic activism. *Diggit Magazine*, 2018.
- MALY, Ico. Algorithmic populism and the datafication and gamification of the people by Flemish Interest in Belgium. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, p. 444-468, 2020.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2014.
- MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, p. 155-184, 2002.
- MOISÉS, José Álvaro. Cidadania, confiança política e instituições democráticas. In: MOISÉS, José Álvaro; MENEGUELLO, Rachel. *A desconfiança política e os seus impactos na qualidade da democracia*. São Paulo: EDUSP, 2013.
- MORAIS, Jennifer Azambuja de. *Cultura Política e Capital Social: os efeitos do uso da internet na socialização de jovens no Sul do Brasil*. Orientador: Cesar Marcelo Baquero Jacome. 286 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- NUPESSAL. *Núcleo de Pesquisa sobre a América Latina*. Democracia, valores políticos e capital social: um estudo comparativo de socialização política dos jovens no Sul do Brasil (Porto Alegre). 2019.
- PNAD, IBGE. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- RECUERO, Raquel. Disputas discursivas, legitimação e desinformação: o caso Veja x Bolsonaro nas eleições de 2018. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 16, n. 47, set.-dez. 2019.

RECUERO, Raquel. #FraudenasUrnas: estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018. *Rev. bras. linguist. apl.*, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 383-406, set. 2020.

SANTOS, Rogerio Dultra dos. Estado de exceção e criminalização da política pelo mass media. *Sistema Penal & Violência*, Revista Eletrônica da Faculdade de Direito Programa de Pós-graduação em Ciências Criminais, v. 8, Porto Alegre: PUC-RS, p. 187-209, 2016.

SCHWAB, Klaus. *The fourth industrial revolution*. Currency, 2017 (tradução nossa).

VISCARDI, Janaisa Martins. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, n. 2, p. 1134-1157, mai.-ago. 2020.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2019.

**Recebido em:** 26 de maio de 2022.  
**Aceito em:** 31 de dezembro de 2022.

#### COMO REFERENCIAR

MORAIS, Jennifer Azambuja de; CHIODI, Alexsander Dugno; MILANEZI, Felipe Silva. Política no mundo digital: o impacto da exposição ao capitalismo de vigilância nos valores políticos da juventude. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 140-157, ago./dez. 2022.

## Do organograma ao rizoma: o impacto das tecnologias e das dinâmicas de comunicação em rede na gestão do conhecimento organizacional

### From the organizational chart to the rhizome: the impact of technologies and network communication dynamics on organizational knowledge management

#### **Larriza Thurler**

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.  
E-mail: [larriza@gmail.com](mailto:larriza@gmail.com)

#### **Vinicius Andrade Pereira**

Professor da Faculdade de Comunicação Social e do PPG em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ; doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.  
E-mail: [vinianp@gmail.com](mailto:vinianp@gmail.com)

#### **Resumo**

As plataformas digitais, em especial os aplicativos de mensagens como WhatsApp e Telegram, assim como as dinâmicas de comunicação em rede impactam o modo como o conhecimento é compartilhado em organizações e empresas. Nesses ambientes, os fluxos de conhecimento seguem uma nova lógica organizacional, menos hierárquica, de maneira espontânea, não seguindo orientações *top-down*. Este artigo tem como objetivo refletir sobre os impactos dessas novas dinâmicas na gestão do conhecimento a partir do conceito deleuziano-guattariano de rizoma. Trata-se de um estudo exploratório que utiliza como metodologia a revisão de literatura sobre os conceitos de gestão de conhecimento e rizoma, assim como algumas possíveis articulações entre eles. A partir dessa revisão foi realizada a análise do compartilhamento organizacional pela abordagem de três princípios do rizoma deleuziano-guattariano (conexão, heterogeneidade e multiplicidade) e das potenciais implicações dessa abordagem na gestão do conhecimento organizacional. Espera-se, assim, contribuir com as discussões teóricas sobre compartilhamento de conhecimento em rede e sua gestão no âmbito organizacional. Para além de pensar algumas possíveis modulações nas práticas de gestão de conhecimento, foram apontadas outras questões desdobramentos em outros estudos que, pela relevância, devem ser mantidas como marcos a serem observados, como movimentos futuros de outros estudos.

**Palavras-chaves:** Gestão do conhecimento. Compartilhamento de conhecimento. Rizoma. Comunicação em rede.

### **Abstract**

Digital platforms, and in particular messaging applications such as WhatsApp and Telegram, as well as network communication dynamics, impact the way knowledge is shared in organizations and companies. In these environments, knowledge flows follow a new organizational logic, less hierarchical, spontaneously, not following top-down guidelines. This article aims to reflect on the impacts of these new dynamics on knowledge management based on the Deleuzian-Guattarian concept of rhizome. This is an exploratory study that uses a literature review on the concepts of knowledge management and rhizome as a methodology, as well as some possible articulations between them. Based on this review, an analysis of organizational sharing was carried out using the three principles of the Deleuzian-Guattarian rhizome (connection, heterogeneity and multiplicity) and the potential implications of this approach in organizational knowledge management. It's expected, therefore, to contribute to theoretical discussions on knowledge sharing in networks and its management in the organizational context. In addition to thinking about some possible modulations in knowledge management practices, other issues were pointed out that, due to their relevance, should be maintained as landmarks to be observed, as future movements of unfolding in other studies.

**Keywords:** Knowledge management. Knowledge sharing. Rhizome. Network communication.

## **Introdução**

Domingo, 23h50. Antes de dormir, um consultor de uma instituição que atende pequenas empresas pensa nos clientes que encontrará ao longo da semana. Um deles é proprietário de uma escola particular e o consultor precisa de sugestões de ações de inovação em produtos, processos, marketing e gestão organizacional para esse segmento de negócio. Decide recorrer aos seus colegas, por meio de um grupo de

WhatsApp, para saber se alguém tem alguma boa prática a compartilhar. No dia seguinte, pela manhã, antes mesmo de iniciar o expediente de trabalho, duas mensagens encaminhadas durante a noite indicam três sites que podem ser úteis para a busca de experiências de sucesso em escolas e uma relata uma ação implementada por uma escola em outro estado.

Essa troca de informações e conhecimento no ambiente digital, fora do horário de trabalho, de modo remoto e, não raramente, em trânsito, em uma rede social não corporativa, reflete parte das mudanças significativas nas formas de trabalho e de comunicação proporcionadas pelas tecnologias de informação de comunicação. No caso relatado, os consultores não ficam em escritórios, mas em campo, visitando empresas, e o celular é uma ferramenta extremamente importante para a comunicação e o compartilhamento de informações e conhecimento.

O uso de aplicativos e celulares é uma tendência observada em diversas organizações intensivas em conhecimento, como observa Bounfour: “Usos móveis penetraram massivamente na esfera profissional e são agora um de seus componentes estruturais. A mobilidade está se tornando um novo espaço promissor para a criação de valor” (2015, p. 45, tradução nossa).

No Brasil, o WhatsApp está instalado em 99% dos celulares e o Telegram em 60%, de acordo com a pesquisa Panorama Mobile Time/Opinion Box – Mensageria no Brasil – Fevereiro de 2022<sup>1</sup>. Ainda, segundo a pesquisa, 85% dos brasileiros usam o WhatsApp todos os dias, enquanto o Telegram é usado diariamente por 25%. Com a popularização de aplicativos de mensagens e o uso de celular para acessar a internet está se tornando cada vez mais frequente entre trabalhadores móveis do conhecimento a criação de grupos fechados (não disponíveis publicamente e que requerem autorização de um administrador para fazer parte deles) em aplicativos como WhatsApp e Telegram para comunicação e troca de informações sobre o trabalho.

Os fluxos de conhecimento são modulados pelos aplicativos em questão, permitindo a emergência de uma nova lógica organizacional menos hierárquica e

---

<sup>1</sup>Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/22/02/2022/telegram-esta-em-60-dos-smartphones-brasileiros/>. Acesso em: 24 mai. 22.

mais espontânea, aproximando-se de um modelo que reflete o conceito de rizoma proposto por Deleuze e Guattari em referência ao processo de construção do pensamento, de maneira aleatória, sem começo e sem fim, sem centro e periferia. “Não existem pontos ou posições em um rizoma como se encontra em uma estrutura, em uma árvore, em uma raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 15). Assim, as dinâmicas rizomáticas estariam ligadas às ideias de multiplicidade, heterogeneidade, conexões, abertura e alianças.

Tais dinâmicas despertam questões referentes à gestão do conhecimento, ao controle do conteúdo, à privacidade e às próprias características das tecnologias midiáticas hodiernas: como é possível fazer a gestão do conhecimento que é construído de maneira colaborativa e não hierárquica? Quem detém as mensagens trocadas? É possível que a empresa se aproprie delas? Como é a fronteira do pessoal e do profissional nestes aplicativos? As funcionalidades tecnológicas destes aplicativos contribuem para que eles sejam escolhidos como meio de comunicação no lugar dos canais institucionais? Este artigo tem como objetivo refletir sobre tais questões a partir do conceito de rizoma como paradigma para um modo de comunicação que, ao que parece, já é realidade em muitas empresas e instituições. Busca-se, assim, que as reflexões elaboradas contribuam nas discussões teóricas sobre compartilhamento de conhecimento em plataformas digitais, em especial por meio de aplicativos de mensagens.

Trata-se de um estudo exploratório e a metodologia usada foi a revisão de literatura de dois conceitos-chave para essa discussão: o de gestão do conhecimento e o de rizoma deleuziano-guattariano. A partir dessa revisão, foi realizada a análise do compartilhamento organizacional pela abordagem de três princípios do rizoma deleuziano-guattariano (conexão, heterogeneidade e multiplicidade) e das potenciais implicações das dinâmicas rizomáticas na gestão do conhecimento organizacional. Por fim, tecemos considerações conclusivas que, para além de pensar algumas possíveis modulações nas práticas de gestão de conhecimento, apontem algumas outras questões que, pela relevância, devem ser mantidas como marcos a serem observados, como movimentos futuros de desdobramentos em outros estudos.

## **1 Fundamentação teórica**

### 1.1. Uma revisão sobre o conceito de gestão do conhecimento

Uma análise sobre a gênese da gestão do conhecimento mostra que ela surgiu com o intuito de usar o conhecimento existente na organização, seja de maneira explícita (como em documentos ou sistemas) ou de maneira tácita<sup>2</sup> (como o que está nas “mentes” dos colaboradores, obtido por meio de experiências), como vantagem competitiva empresarial. Gestores e programas de gestão do conhecimento viram-se diante do desafio de capturar o conhecimento individual e compartilhá-lo junto a uma equipe ou empresa, por meio de sistemas de informação, tecnologias de comunicação ou outras práticas para esse fim.

Claire McInerney e Ronald Day, no livro *Rethinking Knowledge Management* (2007), apontam que o surgimento da gestão do conhecimento está relacionado ao interesse nos métodos japoneses da produção industrial pós-fordista<sup>3</sup>, nos anos 1980 e 1990. Nesse período no Japão, observava-se uma nova organização do processo de trabalho e das relações entre trabalhadores, que tinha como características o achatamento das hierarquias gerenciais, as formas de controle da qualidade, o trabalho em equipe, a ênfase na comunicação e no aprendizado como ferramenta de produção, e o modelo flexível do *just in time*, características do modelo toyotista de produção, que se concentra no aspecto da cultura organizacional e de sua importância para a competitividade de uma empresa.

Se usarmos a categorização de Nancy Dixon (2018), que divide a Gestão do Conhecimento em três eras, não estanques e que coexistem, essa seria a primeira era que tinha como foco alavancar o conhecimento explícito, sendo mais relacionada à gestão da informação, ou seja, à gestão de documentos, de fluxos formais e de processos envolvendo o conhecimento já registrado. O objetivo era conectar as pessoas ao conteúdo, a fim de melhorar a aprendizagem individual. Prevalente até, mais especificamente, a década de 1990, suas práticas ainda são executadas até hoje.

---

<sup>2</sup>Segundo Michael Polanyi, um dos primeiros a desenvolver o conceito de conhecimento tácito, com diversas obras sobre o tema, é preciso reconsiderar o conhecimento humano começando pelo fato de que “sabemos mais do que podemos dizer” (1966, p. 4).

<sup>3</sup>Vale ressaltar que, ao contrário de Day e McInerney, alguns autores avaliam que não se trata de uma ruptura com o fordismo, mas sim de um aperfeiçoamento (o que seria uma ‘japonização’ do fordismo) ou, ainda, um sistema de produção qualitativamente novo (optando, assim, pela expressão “especialização flexível”, em vez de “pós-fordismo”) (WOOD, S., 1991).

A partir dos anos 1990, ganha destaque, por teóricos da gestão do conhecimento, o conceito de “capital social”, significando o poder das relações sociais e da criatividade intelectual como reserva de fonte para o capital. O termo “gestão do conhecimento” ganha popularidade, especialmente na América do Norte e na Europa, que enfrentavam pressão por maior produtividade e lucro, ao mesmo tempo em que sofriam aumento de custos trabalhistas, competição e comércio global. Posteriormente, práticas de gestão do conhecimento ultrapassam os muros da indústria e são adotadas pelo setor de serviços. Em seguida, são abraçadas pelo setor público e pela educação, com o uso de ferramentas tecnológicas e o advento da gestão da qualidade.

Depois dos anos 2000, programas de gestão do conhecimento passaram a ser implementados por ONGs e agências do governo, especialmente nos EUA, Reino Unido, Austrália e União Europeia. Nos EUA passou a ser usado também pelos militares. Essa seria a segunda era da gestão do conhecimento que, de acordo com Dixon, focou, além do conhecimento explícito, no conhecimento tácito. O intuito era fazer conexões entre pessoas, ou seja, a gestão da experiência. Surgem as comunidades de prática e as redes de conhecimento, especialmente por conta da popularização da internet. Vale lembrar que, “ao contrário da informação estática que pode ser guardada em bases de dados e/ou papel, o conhecimento está baseado em seres conscientes, ou emana deles e, portanto, está sempre mudando com a experiência humana” (MCINERNEY, 2002, p. 1009-1010).

Já a terceira era, que se iniciou por volta de 2015, tem como foco a alavancagem do conhecimento coletivo, a criação de novo conhecimento e a inovação, algo mais relacionado à gestão de ideias. O fluxo de conhecimento passa a ser entre uma rede de equipes, permeando não apenas a organização, mas clientes e outras partes interessadas.

Muitos autores consideram não ser possível gerenciar o conhecimento, mas sim proporcionar condições e contextos que favoreçam a criação do conhecimento. Assim, em um programa de gestão do conhecimento, é o artefato de conhecimento – como documentos, por exemplo – que é gerenciado, e não o conhecimento em si (MCINERNEY, 2002, p. 1011). Para os autores japoneses Nonaka, Konno e Toyama, (NONAKA, KONNO, 1998; NONAKA, TOYAMA, KONNO, 2000), o conhecimento

precisaria de um contexto para ser criado, um lugar no qual a informação possa ser interpretada para se transformar em conhecimento, considerando que a informação é a matéria-prima do conhecimento, constituída de dados tratados, porém sem significado atribuído. Esse local, com uma natureza complexa e dinâmica, é chamado de “Ba”, um termo originalmente proposto pelo filósofo japonês Kitaro Nishida.

Ba é o nexa entre tempo-espaço, ou como Heidegger expressou, a localidade que inclui simultaneamente tempo e espaço. É um conceito que unifica espaço físico como um escritório, espaço virtual como um e-mail e espaço mental como ideais compartilhados. [...] O conceito-chave para entender ba é ‘interação’ (NONAKA; TOYAMA; KONNO, 2000, p. 14, tradução nossa).

Rafael Capurro agrega outros conceitos japoneses à definição de “Ba”. Segundo ele, “[...] o conceito de Ba, como usado por Kitaro Nishida ou Bin Kimura significa um lugar no qual o sujeito e o objeto ou *mono* (coisas, objetos) e *koto* (eventos, interpretação humana de objetos e experiências) se encontram” (2009, on-line, tradução nossa).

O termo "ba" é usado para se referir não necessariamente a um lugar físico, mas a contextos e/ou ambientes capacitantes de conhecimento, nos quais aconteceria a conversão do conhecimento de modo iterativo e em espiral. Tal conversão foi chamada por Nonaka, Toyama e Konno de modelo SECI, pelas iniciais de **S**ocialização, **E**xternalização, **C**ombinação e **I**nternalização, que se referem respectivamente à conversão do conhecimento tácito para tácito (em geral compartilhado por meio de observação, pelo fato de ser difícil articular esse conhecimento, como um mestre ensinando um ofício específico para o seu aprendiz ou um *trainee* acompanhando as tarefas em diversas áreas de uma empresa), tácito para explícito (por meio da escrita, símbolos, metáfora, tangibilizando o conhecimento em alguma forma de documento ou manual, por exemplo), explícito em explícito (no qual as pessoas combinam o conhecimento já explicitado, por meio de documentos, reuniões, etc., em um processo sistêmico), e explícito em tácito (que é a aplicação do conhecimento, como uma execução de um aprendizado ou a replicação de uma prática no trabalho).

A espiral indica que são promovidas novas e ampliadas rodadas de criação de conhecimento, incorporando o conhecimento individual ao conhecimento organizacional, como demonstra a figura 1.

**Figura 1** – Modelo SECI (espiral do conhecimento).



Fonte: Nonaka, Toyama, Konno (2000).

O compartilhamento do conhecimento por meio de aplicativos de mensagens potencializa a externalização, a combinação, a internalização e, em especial, a socialização, ao permitir que o conhecimento esteja disponível a todo o tempo e lugar, por meio da troca entre as pessoas, através de conversas, e não mais restritos a documentos físicos. Esta interface tecnológica altera questões de tempo e espaço, como aponta Capurro.

Como qualquer outra mudança de mídias, as redes de informação eletrônicas criam possibilidades novas de geração do conhecimento, ajudando-nos, por exemplo, a superar de uma maneira diferente os limites de tempo e espaço, como no caso do encontro corporal ou da tecnologia impressa (2011, p. 7).

É o que seria para Capurro a hermenêutica artificial, ou seja, uma conjunção entre a hermenêutica clássica (que debate as diferenças entre a transmissão e a interpretação de textos escritos e o diálogo face a face) e a tecnologia da informação, com foco, por sua vez, na interface. “A interface possui habilidades orais que não podem substituir o face a face, mas podem deslocá-lo e ampliá-lo de diferentes maneiras” (*Ibidem*, p. 11).

Capurro atenta que diante de tal fenômeno é preciso adotar uma atitude crítica – que ele chama de “gestão do conhecimento cético” sobre o que é, com frequência, proclamado como conhecimento dentro de uma organização, considerando suas pressuposições explícitas e implícitas, seus impactos e objetivos. Além dos documentos, os seres humanos também são, em rede e no digital, canais de informação e comunicação, sendo preciso levar em conta questões como descontextualização e fragmentação da informação e de potenciais exclusões (sociais, técnicas, culturais etc.).

## 1.2. O rizoma deleuze-guattariano e os seus princípios

O conceito de rizoma vem da botânica; trata-se de um tipo de caule que cresce horizontalmente, como bulbos ou tubérculos, distinto das raízes. A imagem do rizoma é usada por Deleuze e Guattari como metáfora para um pensamento com multiplicidades, complexidades, com ramificações, não seguindo a lógica causal clássica, com causalidade progressiva e com o princípio de exclusão como amarras principais. Segundo os autores (1995), um rizoma teria seis princípios: 1º e 2º - Princípios de conexão e de heterogeneidade; 3º - Princípio da multiplicidade; 4º - Princípio de ruptura a-significante; 5º e 6º - Princípio de cartografia e de decalcomania.

Os dois primeiros princípios apontam para a conexão dos pontos de um rizoma, sem um ponto central, assim como uma realidade heterogênea, ou seja, “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (1995, p. 14).

O princípio três, da multiplicidade, refere-se ao fato da não existência de sujeito nem de objeto, nem de pontos ou posições, mas somente de linhas que compõem uma

trama em movimento.

Os fios da marionete, considerados como rizoma ou multiplicidade, não remetem à vontade suposta de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam, por sua vez, uma outra marionete seguindo outras dimensões conectadas às primeiras (*Ibidem*, p. 15).

O quarto, da ruptura a-significante, implica que um rizoma pode ser cortado em qualquer lugar, podendo ser reconfigurado. “Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem em uma linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. (*Ibidem*, p. 17)”.

Por fim, os dois últimos, de cartografia e de decalcomania, referem-se às características de abertura e modificações constantes, assemelhando-se mais a um mapa com múltiplas entradas e saídas, usado de acordo com as necessidades de cada um, do que a um decalque, que é a reprodução de uma imagem de maneira estática. “Um rizoma é um mapa, aberto, conectável, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente, que não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo” (*Ibidem*, p. 20).

Barreto, Carrieri e Romagnoli sintetizam o conceito de rizoma da seguinte maneira:

(...) emaranhado de linhas em constante interação (fluxos), sem início e nem fim definidos. Essas linhas ora se estratificam em formas, ora permanecem fluidas como potência. Como vimos, as linhas podem ser duras, flexíveis e de fuga, as quais por meio de agenciamentos formam novos territórios. O rizoma expressa-se nos territórios, que, apesar de dinâmicos e mutantes, permitem-se mapear e se deslocam pelas forças que o atravessam (2020, p. 52).

Assim, entende-se que tal conceito abarca as dinâmicas fluidas, abertas, em movimento e flexíveis do compartilhamento de conhecimento, sem ponto central, com conexões constantes. Também é uma abordagem que permite refletir sobre as outras dinâmicas presentes nas relações sociais nas organizações, como as linhas duras, classificatórias, permanentes, como nos fluxos formais de informação e conhecimento presentes nas organizações (em repositórios, processos, taxonomias etc.).

As linhas flexíveis, mais maleáveis, como as trocas de mensagens de modo mais formalizado em comunidades de prática ou grupos de discussão, que reúnem

indivíduos com interesse comum no aprendizado e na aplicação do que foi aprendido, e que conta com moderação. E, por fim, as linhas de fuga, ligadas às mudanças e reconstruções, tais como as conversas em grupos de aplicativos, informais, criados de maneira espontânea, sem interferência da empresa, com a proposta de conectar pessoas que trabalham em determinado projeto ou com temática afim para trocas de experiências e informações.

## **2. Possíveis implicações entre a abordagem rizomática e os aplicativos de mensagens**

Para analisar as dinâmicas de compartilhamento de conhecimento em aplicativos que extrapolam os limites do organograma e de hierarquias, e propiciam a formação de redes aleatórias, entre diversos profissionais, optou-se por selecionar os princípios 1, 2 e 3 (conexão, heterogeneidade e multiplicidade), que estariam mais alinhados a essas dinâmicas e trariam *insights* e reflexões sobre a gestão do conhecimento.

Os princípios de conexão e de heterogeneidade, e o de multiplicidade, que estão relacionados, estão presentes nas dinâmicas de compartilhamento de conhecimento dos grupos em aplicativos (como WhatsApp e Telegram), que vai sendo constantemente modificado e construído de maneira colaborativa, em rede, extrapolando as caixinhas dos organogramas.

Os números revelam a relevância de aplicativos de mensagens em atividades de trabalho. De acordo com a pesquisa *Mobile Communication for Employees – Converging Private and Professional Lives 2021*<sup>4</sup>, desenvolvida pelo Mobile Ecosystem Forum (MEF), o WhatsApp é a ferramenta de comunicação móvel mais usada para trabalho no Brasil. Dos 66% de brasileiros que usam *smartphone* no trabalho, 84% deles utilizam o WhatsApp para se comunicar com colegas, clientes ou fornecedores – mais do que e-mail (52%), telefonemas (39%), mensagens de texto

---

<sup>4</sup>Disponível em: [https://www.mobiletime.com.br/wp-content/uploads/2021/08/MEF\\_Mobile-Communication-for-Employees-V.3.pdf](https://www.mobiletime.com.br/wp-content/uploads/2021/08/MEF_Mobile-Communication-for-Employees-V.3.pdf). Pesquisa feita com 6.500 usuários de celulares em 10 mercados, dentre eles o Brasil. Acesso em: 24 mai. 22.

(25%) e aplicativo corporativo (15%). Esse número foi impulsionado pela pandemia e pela consequente intensificação do trabalho remoto e/ou híbrido.

A pesquisa da MEF elencou os tipos de conteúdo compartilhados por aparelhos móveis: documentos (43%), fotos (60%), mensagens particulares (51%), contatos (47%) e informações de projetos ou da empresa (47%). A maioria dos empregadores (43%) incentiva seus trabalhadores a usarem os aplicativos públicos para se comunicarem e pouco mais de um quarto (27%) indicam *apps* privados. Isso significa que, mesmo com a possibilidade de usar aplicativos ou plataformas corporativas, com mais controle e gerenciamento por parte das organizações, os próprios empregadores estimulam o uso de aplicativos públicos, não corporativos, que são muito mais acessados e usados pelos colaboradores.

Tal conteúdo, entretanto, comumente não é gerenciado pelas organizações, muito pelo fato de não terem condições tecnológicas para tal (muitas vezes a gerência nem sequer faz parte dos grupos, que têm funcionários como administradores). Além do mais, as funcionalidades dos aplicativos de mensagens para busca não permitem uma recuperação eficiente das mensagens, em especial quando se trata de arquivos em áudio. As mensagens também são organizadas no *feed* por ordem cronológica, com as mais recentes ocupando mais destaque do que as mais antigas. Assim, cada membro do grupo pode se conectar ao outro, sem ter *gatekeeper* ou moderador.

Eventualmente, há alguma ação voltada para uma ordem ou controle. A pesquisa citada anteriormente revelou que 26% dos entrevistados disseram que tiveram que retirar um ex-colega de trabalho do grupo, 16% precisaram apagar alguma informação de trabalho e 15% determinados contatos. Isso reflete o caráter flexível da formação dos grupos, tendo em consideração que as pessoas entram e saem de acordo com suas necessidades e papéis, mas também que em alguns momentos há linhas mais duras atuando.

A participação ou não da gerência e a transparência/visibilidade das mensagens trocadas por todo o grupo trazem questões relacionadas ao controle e à privacidade, que serão debatidas a seguir. Nos casos de grupos fechados, que não têm a participação de cargos hierárquicos mais elevados, os funcionários acabam tendo mais liberdade, por não estarem sendo vigiados e monitorados pelos chefes, para compartilhar não apenas casos de sucesso e processos eficientes, como também falhas

e fracassos, em busca de soluções ou para alertar outros a não cometerem erros similares. Isso acaba possibilitando uma maior heterogeneidade de conteúdo.

Os indivíduos estão constantemente buscando linhas de fuga para escapar do controle das organizações, porém outros elementos entram em jogo na detenção do conhecimento trocado na *web*: as próprias empresas de tecnologia. Ao usar aplicativos como WhatsApp, por exemplo, muitos funcionários acabam trabalhando além do expediente e durante finais de semana, estando o tempo todo disponíveis para seus colegas de trabalho, caindo em outra forma de controle. Isso sem mencionar seus dados que ficam sob a guarda e uso das gigantes de tecnologias, principalmente as Big Five, que são Meta (Facebook), Apple, Microsoft, Amazon e Alphabet (Google).

Mesmo com políticas de criptografia – como as adotadas pelo WhatsApp e Telegram – que asseguram que somente as pessoas que estão se comunicando podem ler o que é enviado e ninguém mais, metadados são armazenados e outros rastros digitais que implicam em um monitoramento digital compulsório. Em relação à segurança dos dados, pesquisa da MEF revelou que durante a pandemia, 44% dos entrevistados informaram que a empresa solicitou mudanças para tornar as conexões mais seguras (em geral em roteadores Wi-Fi e/ou Redes Privadas Virtuais – VPN). De maneira geral, mais da metade (54%) considera seguro o compartilhamento de informações via aparelhos móveis.

Uma das maneiras de se investigar dinâmicas rizomáticas é usando o próprio rizoma como operador metodológico, tal como propõem Barreto, Carrieri e Romagnoli (2020). Isso significa rastrear o fenômeno organizacional para entender o território, as linhas que o compõem, seus elementos, suas articulações e conexões. Algo próximo à cartografia, como ressaltam:

ainda que a cartografia enquanto uma analítica específica não seja incorporada nas pesquisas, o que se propõe aqui é que a perspectiva rizomática possa potencializar uma leitura da realidade que sustente as diferenças e, ainda mais, que a conceba como potência de criação, como devir (*Ibidem*, p. 56).

Dessa maneira, as dinâmicas em rede, acentradas, cada vez mais relevantes em uma sociedade hiperconectada, poderiam ganhar reflexões mais alinhadas com suas características de complexidade e volatilidade.

## Considerações finais

O teórico das mídias Marshall McLuhan, ao se debruçar sobre o que eram, então, as novas tecnologias de comunicação em meados do século passado, propunha que o mais significativo a ser notado e observado com a emergência de uma tecnologia seriam as modulações e transformações que esta promove nos registros e dinâmicas sensoriais, perceptivas e cognitivas de uma dada cultura. Ao cunhar o termo Aldeia Global, o pensador canadense sugeria que, independentemente dos conteúdos, seria a instantaneidade, aliada às formas padronizadas de transmissão de notícias e de entretenimento, que gerariam um sentido de coletividade global, promovendo o que chamou de retribalização do mundo. A ideia seria que as sociedades ficariam mais próximas, ainda que guardando suas diferenças locais, a partir da identificação com linguagens comuns, como o rock n' roll, o cinema hollywoodiano, telejornais, revistas em quadrinhos, dentre outros produtos massivos.

Forjada a partir de um espesso tecido imagético-sonoro, instaura-se a grande tribo, com tantas línguas quanto os canais televisivos disponíveis via satélite. Apesar das diferentes nacionalidades, a horda global se comunica muito bem. Seus membros se reconhecem e se compreendem através da repetição de bordões de filmes blockbusters – *My name is Bond, James Bond; Play it again, Sam; E.T. go home;* – dos refrões das canções de bandas *globe trotters*, como Beatles e Rolling Stones – *All you need is love; I can't get no... satisfaction.* Os comportamentos se aproximam e os afetos se afinam mais rapidamente, como pede o, então, emergente mercado de entretenimento audiovisual, editorial e musical (PEREIRA, 2021, p. 34).

A comunicação em rede propiciada pelas tecnologias digitais alterou a estrutura hierárquica da circulação de conteúdo e seus centros de poder, possibilitando o surgimento de uma poderosa conversação global, descentralizada, em que todos somos mensageiros e receptores, possibilitando a comunicação de muitos para muitos. Com as mudanças de paradigmas e modelos mentais proporcionados pelas novas tecnologias, e o uso cada vez mais intenso desses espaços digitais também no contexto corporativo é cada vez mais importante que as empresas levem em conta as potencialidades desses sites não apenas como plataformas relacionais, mas também como ferramentas para a troca de conhecimento e geração de inovação. Trata-se de um tema de bastante atualidade e relevância na academia e no mercado.

O conceito de rizoma de Deleuze e Guattari ajuda a pensar as dinâmicas de comunicação e de compartilhamento de conhecimento em rede, particularmente através de aplicativos como o WhatsApp e o Telegram, que não são estáticas e rigidamente hierarquizadas, mas complexas e em movimento. A ideia de rizoma constitui uma oportunidade e um desafio para as empresas. Uma oportunidade é a potencialidade das conversas e trocas aleatórias, que alavancam inovações e a criação do conhecimento. Retomando Nonaka, Toyama e Konno, podemos dizer que constituem um "ba". Um desafio, por sua vez, é a gestão desse conhecimento criado e compartilhado, pois é cada vez maior a quantidade de informações trocadas nesses aplicativos, sem que tenham funcionalidades para registro e busca desse conteúdo. Outra questão é a dificuldade de validar a veracidade das informações que circulam nos *apps*. Caberia ao Estado um papel de agente regulatório, para que cobre das grandes empresas de tecnologia uma maior responsabilidade pelas informações divulgadas por meio de seus aplicativos e sites. Assim como, em paralelo, um processo contínuo de educação, tanto dos jovens quanto dos trabalhadores de diferentes idades, no que toca a usos responsáveis e éticos de aplicativos de produção, reprodução e compartilhamento de informações.

Um outro aspecto que julgamos interessante considerar como aprofundamento em estudos futuros seria pensar o que podemos considerar, juntamente a autores como Van Dick, Poell e De Waal (2018), como a plataformização das sociedades. Trata-se, resumidamente, do papel que grandes plataformas tecnológicas – seja um site de rede social, como o Facebook, seja um aplicativo de transporte, como o Uber, ou para deslocamento automotivo em grandes cidades, como o Waze – desempenham como receptores e bancos de dados de uma multidão de atores (os usuários), com enorme capacidade para estocar, reter, processar, comutar e até vender informações que interessem a diferentes empresas ou instituições.

Ainda, a ideia de plataformização conta, fundamentalmente, com a ideia-chave trazida por McLuhan, de que as mentes dos usuários se moldam e se acomodam às interfaces e aos modelos de arquiteturas de informação das plataformas, de modo que as relações cognitivas e perceptivas dos usuários refletem cada vez mais as plataformas e vice-versa. Isso colocaria, ainda, a questão acerca do poder de agência dessas *big techies*, seja como proprietárias dos conteúdos gerados por todos seus

usuários, seja em possíveis rupturas de processos de gestão que possam ocorrer, no momento em que tais empresas decidirem ou, por algum acaso, interromperem o funcionamento de suas tecnologias e plataformas, como foi o caso, exatamente, do WhatsApp, em 2021, trazendo inúmeros problemas para empresas e indivíduos.

As reflexões apresentadas neste artigo reforçam a necessidade de um olhar mais atento sobre o uso de aplicativos para compartilhamento de conhecimento organizacional – seja da parte de pesquisadores, com pesquisas empíricas e etnográficas. Tais investigações, ainda inspiradas pelo conceito de rizoma, poderão trazer *insights* acerca de como aproveitar melhor as oportunidades de criação de conhecimento, bem como para a superação de desafios de registro e a busca do conhecimento compartilhado.

O reconhecimento da emergência de modos de comunicação e de partilha de conhecimento que refletem dinâmicas rizomáticas nas empresas contemporâneas, pode soar, ainda, algo disruptivo, perturbando hierarquias, organogramas e práticas que pareciam orientar seus fluxos informacionais e cognitivos. Por isso mesmo, torna-se urgente que essas mesmas empresas compreendam cada vez mais do que se trata, de como tal acontecimento afeta suas referências e premissas em gestão de conhecimento, tendo como pano de fundo o complexo cenário digital e reticular no qual nos movemos, nos relacionamos e nos comunicamos agora.

## Referências Bibliográficas

BOUNFOUR, Ahmed. Digital Futures, Digital Transformation: From Lean Production to Accelution. Springer, 2015.

BARRETO, Raquel De Oliveira; CARRIERI, Alexandre De Pádua; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O rizoma deleuze-guattariano nas pesquisas em Estudos Organizacionais. Cadernos EBAPE. BR, v. 18, p. 47-60, 2020.

CAPURRO, Rafael. Gestão do conhecimento cético. Perspectivas em Gestão & Conhecimento, João Pessoa. v. 1, n. 1, p. 4-14, de jan./jun. de 2011.

\_\_\_\_\_. A Dialogue on Intercultural Angeletics, 2009. Disponível em: [http://www.capurro.de/intercultural\\_angeletics.html](http://www.capurro.de/intercultural_angeletics.html). Acesso em: 02 maio 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs-capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: ed. 34, 1995.

DIXON, Nancy M. The three eras of knowledge management. *In*: J. P. Girard & J. L. Girard (eds.). Knowledge management matters: Words of wisdom from leading practitioners (pp. 19-47). Macon, GA: Sagology, 2018.

MCINERNEY, Claire R., Ronald E. DAY. Rethinking knowledge management. New York: Springer-Verlag, 2007.

NONAKA, Ikujiro; KONNO, Noboru. The concept of “Ba”: Building a foundation for knowledge creation. *California management review*, v. 40, n. 3, p. 40-54, 1998.

\_\_\_\_\_; TOYAMA, Ryoko; KONNO, Noboru. SECI, Ba and leadership: a unified model of dynamic knowledge creation. *Long range planning*, v. 33, n. 1, p. 5-34, 2000.

PEREIRA, Vinícius A. Comunicação na Era Pós-Mídia - Tecnologia, Mente, Corpo e Pesquisas Neuromidiáticas. Porto Alegre: Sulina, 2021.

POLANYI, Michael. The tacit dimension. London: Routledge & Kegan Paul, 1996.

PORTUGAL, Silvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. *Science*, 2007.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. The Platform Society: Public values in a connective world. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

WOOD, Stephen. O modelo japonês em debate: pós-fordismo ou japonização do fordismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 1991, v. 17, n. 6, p. 28-42.

***Recebido em: 30 de maio de 2022.***  
***Aceito em: 26 de dezembro de 2022.***

## COMO REFERENCIAR

THURLER, Larriza; PEREIRA, Vinicius Andrade. Do organograma ao rizoma: o impacto das tecnologias e das dinâmicas de comunicação em rede na gestão do conhecimento organizacional. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 158-174, 2022.

## SOCIAL MEDIAS AND SOCIABILITY IN THE LATE MODERNITY

### REDES E SOCIABILIDADES NA MODERNIDADE TARDIA

#### **Breno Augusto Souto Maior Fontes**

Teacher of Department of Sociology, Federal University of Pernambuco (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE); PhD in Studies of Latin American Societies from the University of Paris III (Sorbonne Nouvelle).  
Email: [brenofontes@gmail.com](mailto:brenofontes@gmail.com)

#### **Abstract**

This brief essay aims to rescue part of the very diverse research agendas, oriented from the thematic trajectories “social medias” and “sociability”. These trajectories illustrate quite clearly the importance of this theoretical-methodological framework for the investigation of a wide range of issues in the contemporary social sciences. We are particularly interested in the construction of sociabilities mediated by the internet, from online communication platforms, in which it’s possible to establish social interactions with multiple actors, recovering conversation rooms, spaces of conviviality previously experienced in face-to-face interactions. They are, as we see in the approaches that stand out for their timeliness and because they are built from the Sociology of social medias, original. It’s an important example of the development of this increasingly relevant research agenda: the approach of human behaviors from the constitution of its reticular structure, but anchored from the mediation of the technology of virtual space.

**Keywords:** Social Networks. Modernity. Sociability.

#### **Resumo**

Este breve ensaio tem por objetivo resgatar parte das agendas de pesquisa bastante diversas, orientadas a partir das trajetórias temáticas “redes sociais” e “sociabilidade”. Essas trajetórias ilustram de forma bastante clara a importância deste recorte teórico-metodológico para a investigação de uma ampla gama de questões das ciências sociais contemporâneas. Interessanos, particularmente, a construção das sociabilidades mediadas pela internet, a partir de plataformas de comunicação on-line, nas quais é possível o estabelecimento de interações sociais com múltiplos atores, recuperando salas de conversa, espaços de convivialidade, antes experimentados nas interações face a face. São, como vemos nas abordagens que se destacam

por sua atualidade e porquanto construídas a partir da Sociologia das redes sociais, originais. É um exemplo importante do desenvolvimento dessa, cada vez mais relevante, agenda de pesquisa: a abordagem dos comportamentos humanos a partir da constituição da sua estrutura reticular, mas ancorada a partir da mediação da tecnologia do espaço virtual.

**Palavras-chave:** Redes Sociais. Modernidade. Sociabilidade.

## INTRODUCTION

The proposal of this essay is oriented to, from a relatively broad thematic field, present the research agenda on social medias, which has been attracting the interest of various disciplinary spaces, with diverse theoretical-empirical cuts. The novelty of the analysis of social networks is, on the one hand, the updating of a central debate in the social sciences, which is the agency/structure dichotomy in the explanation of social phenomena, on the one hand, and the challenge of presenting a phenomenon whose central characteristics indicate a complexity and a plastic dimension, in motion, singular. An important fact to note, from the 1970s, with the introduction of various techniques for measuring social phenomena from reticular fields, the so-called “Analysis of Social Networks” gains a new impetus. Similarly, micro/meso/macro interdependencies are valued - including with complex measurement and visualization instruments.

It's presented as a rejection of sociological essentialism, in which the social phenomenon would have characteristics similar to those described by traditional science, with its canons inaugurated by Kant: that reality is organized, predictable; that phenomena have unique characteristics, distinct from all others, and therefore present themselves in the same way, regardless of their location or temporality. Now, those who dwell on the idea of network move from the field of analysis of society as organized by individuals and their study structured from the behaviors derived from their attributes, regardless of whether their determination would be from the individual, the structure, or both. What matters are the reticular fields, or, in Simmel's allegorical saying (1999) the “phenomenon of association” (*Vergesellschafteten*), arranged from multiple configurations derived from the sociabilities experienced by individuals in their daily interactions, although, still according to Simmel, capable of being organized, beyond the singular fact,

into broader analytical categories. Yes, therefore, it's possible to construct a scientific discourse that escapes solipsism. The being, the subject, is the result of the reticular fields that are established in his biography; it has its determination from life, from launching oneself into life, in moments of uncertainty, plasticity, but it's also anchored in more or less rigid structural determinations (social class, gender, race/color, among others).

Added to this point is another of equal importance: the innovative vision of the processes of social change, the incessant flow of events that structure the reticular processes, forcing analysts to reconsider any and all logic of analysis that is anchored in the predictable, in an order. Yes, it's true, there is expectation of normality, the interactive fields suggest more or less expected scripts of action, and broader fields of stability, such as trust in the other, these are not inventions. But it's not possible, for those who think of society as reticular processes, not to consider anything that is not inscribed in the idea of complex, multidetermined phenomena and, therefore, with sufficient plasticity and unpredictability for the avoidance of ordinary logic. It seems to us that there is an important epistemological shift in the academic community of this new century, dethroning or redefining old ways of thinking.

We intend in this brief essay to rescue parts of very diverse research agendas, oriented from the academic trajectories and research interest of their authors, which illustrate quite clearly the importance of this theoretical-methodological framework for the investigation of a wide range of issues of contemporary Social Sciences: media and cultural contexts, technological innovations, agriculture and globalization, migrations and sociability, organizations, health and sociology of science – this working the social processes underlying the construction of the disciplinary field of social networks. We are particularly interested in the construction of sociabilities mediated by the internet, from online communication platforms, in which it's possible to establish social interactions with multiple actors, recovering conversation rooms and spaces of conviviality, which were previously experienced in face-to-face interactions.

They are, as we see in the approaches that stand out for their timeliness and, also, because they are built from the Sociology of social networks, original. It's an important example of the development of this increasingly relevant research agenda:

the approach of human behaviors from the constitution of their reticular structure, but anchored from the mediation of the technology of virtual space.

### ***HOMO SOCIOLOGICUS*<sup>1</sup>: BEING TOGETHER, TALKING, INTERACTING IN MODERN TIMES**

There has been a lot of discussion about what it means to be human. Humanity, since the beginning, has sought to construct representations about the meaning of existence, about the meaning of being together with the other. In this direction, everyone agrees that to be together means, in some way, to establish some kind of constituent bond, defining existence. And some also agree that the power of communication existing in various cultures establishes dialogical fields in which it's possible, from the verb, to establish an agreement on how to exist together and, eventually, to resolve any conflicts. Thus, what sociologists of some contemporary traditions often define as "sociability" indicates, in its essence, the attempt to understand the nature of the social. The social, in the context we are employing here, refers to what Simmel understands by its most essential nature, the content and form of social interactions, of sociabilities. In this way, still according to Simmel<sup>2</sup>:

I understand that the task of Sociology is the description and determination of the historical-psychological origins of those forms in which interactions take place between human beings. The totality of these interactions, originating from diverse impulses, directed to the most objective and the most diverse ends, constitutes society. We must also distinguish two senses for the expression "society". First, in a broader sense, it includes the sum of all the individuals involved in a reciprocal relationship, along with the interests that unite these interacting people; second, in a narrower sense, the expression society designates association as such, that is, the interaction, itself, which constitutes that between people, abstracting the material content; that is, the object of Sociology as a doctrine of society *strictu sensu* (Simmel, 1896, p. 167).

The conversational ingredient, in this case, is pretty clear. Naturally, communicative structures, although in their essence universal, present unique characteristics consonant with historical-civilizational and cultural moments. What happens, for example, in prehistoric societies is quite different from what happens in societies of late modernity; but they are, in their form, the same thing: ingredients

---

<sup>1</sup>This is the title of an interesting essay by Ralph Dahrendorf (1973), *Homo Sociologicus*. London, Routledge and Kegan Paul. Dahrendorf focuses his essay on the various social roles assumed, a position here put differently.

<sup>2</sup>We work on Simmel's Sociology on another occasion. See about it: Fontes (2015).

that nourish communication between people, language, which allows them to establish the social bond, insofar as they can build and share *Weltanschauungen* and, in this way, constitute themselves in unity (still in the German tradition, building a *Geist* characteristic of a people, of a civilization).

This article does not include the reconstitution or even comparative examples of modes of interaction between different civilizations; which, incidentally, although being the object of the Social Sciences (the attempt to construct universal, applicable explanatory models *ad aeternum*), so far incompletely achievable. Even the category *par excellence* that refers to the processes of change in general, time, an instrument that, if operationalized, could inscribe important marks for the understanding of social phenomena and their processes, is used precariously. In this direction, we cut our field of analysis for the processes of sociability experienced in modernity, with late modernity as a highlight. Modernity and time indicate characteristic processes, almost a key to understanding the forms of sociability existing for this period. Thus, according to Rosa (2019, p. 08) “modernization is not only a multifaceted process in time, but also, first and foremost, an extremely important structural and cultural transformation of the structures themselves and time horizons”; and the author also adds: “horizons and temporal structures are constitutive for orientations of action and for relations with oneself” (p. 10).

Indicative, for the case of the study of the processes of sociability experienced in modernity, is the effort of Habermas in the construction of a theory of speech, indicating that the foundations for the understanding of social phenomena should be sought in the way people communicate. What he did, with his linguistic turn, in an attempt to construct a theory of communicative action?<sup>3</sup>.

The project of modernity, according to Habermas, is not finished, only threatened. His most incisive diagnosis spreads throughout his work, since the classic Problems of legitimation in late capitalism<sup>4</sup> until, later, in The Philosophical Discourse of Modernity<sup>5</sup>. The promise, according to Habermas, begins in the eighteenth century, with the Enlightenment, with the idea that the human being,

---

<sup>3</sup>Consult about it, Habermas (1985).

<sup>4</sup>Habermas (1973).

<sup>5</sup>Habermas (1985a).

from reason, know nature and society to, from technique, provide the good life. Progress, as an ideal, is no longer a chimera; it's something possible and visible soon. Habermas further argues that even with the barbarism of the twentieth century, which, with its countless wars, annihilates some 100 million people<sup>6</sup>, one must not give up the promise of a future in which human potency is fully achievable.

But this modernity also brings numerous pitfalls, some already denounced much earlier, at the end of the nineteenth century, by European thinkers who lived the incredible experience of profound changes brought about by the expansion of industrial capitalism; among them Weber, who prophesied the dominion of reason over human wills and passions, transforming those who control people's lives, the members of the modern state, into “spiritless specialists”: the countless manipulation and increasingly invasive control, characteristics of modern times studied by various specialists, of various theoretical-methodological tendencies<sup>7</sup>. Habermas inscribed this threat in a concrete fact, in which instrumental reason colonized the world of life, subsuming it to the imperatives of money and power<sup>8</sup>.

The *zeitgeist* of modernity, a set of behaviors and practices of sociability constructed and experienced by Europeans (mainly in Germany, France and England) of the late nineteenth and twentieth centuries was widely discussed, thought and analyzed by philosophers, social scientists and literati. Modernity is completed at this time, consolidating social changes that have been sketched since the sixteenth century. Thus, the period of lights indicated not only the promise of progress, the consequent mastery of nature and the use of useful techniques for the good life, but also uncertainties: urbanization, industrialization, decline of traditional ways of life and challenges that were posed to people, with mentalities still inscribed in the rural, bucolic and relatively stable way of life.

---

*“Les miroirs de l’actualité’ et de l’histoire récente renvoient à l’homme de la fin du XXe siècle une image double et inquiétante: a la satisfaction de se voir maître de la nature à un degré jamais atteint jusqu’ici répond l’horreur de se savoir désormais aussi capable de la plus absolue inhumanité”*  
Habermas (1985:1).

<sup>7</sup>Here it’s worth highlighting Marx's idea of alienation, and Foucault's idea of disciplinary society, among others.

<sup>8</sup>Here it’s worth reading Simmel, in his work *Philosophy of Money*, indicating that the behaviors of distance, indifference and depersonalization of social relations were strongly influenced by the presence of the monetary economy. See: Simmel (2011).

In these discursive spaces, the one that associates the mental disorder with the social order is clearly identified. In contemporary social literature, for example, we can highlight a series of studies linked to the Chicago School, which seek to impute to the disorganization of the metropolises imbalances and neuroses of those who live there. Simmel's classic studies, such as "The Metropolis and the Mental Life"<sup>9</sup>, provoke the reflection of the researchers of the Chicago school. We thus have Wirth's (1938)<sup>10</sup> equally classic text, which points out the implications of urban growth on people's behavior. Other studies follow, such as Mower's on urban ecology and mental disorders, Faris's on mental disorders in urban areas, Queen's on mental disorders and urban ecology, all published in Pierson's collection on human ecology.<sup>11</sup> In this same line of thought, Ehrenberg (1998) suggests a "*réajustement du Moi*", conforming it to urban modernity, of hectic life and intoxicating sensations.

More recently, researchers suggest that contemporary mental disorders may also be due to civilizational characteristics of this new century, distinct from those experienced by Freud and that gave rise to neuroses. Ehrenberg (1998) suggests a genealogy of suffering, in which neurosis arises cutting out the purely psychic injury, which originates in a traumatic event. These events, according to Ehrenberg, are typical of the "Evil of the Century", lived in sociabilities characteristic of Europe at the end of the nineteenth century. and the depression of late modernity.

Depression and melancholy, concepts already used in the early twentieth century, are resignified in this new century. Anchors such as guilt, disciplinarization and obedience, which make it impossible for subjects desiring full fulfillment, are now

---

<sup>9</sup>Simmel, Georg Die Großstädte und das Geistesleben". In: SIMMEL, Georg. Gesamtausgabe. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131 (there is a translation into Portuguese by Leopoldo Waisbort published in the magazine Mana - MANA 11(2):577-591, 2005, with free access from the electronic address <http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>. This study was originally published in 1903.

<sup>10</sup>Wirth, Louis. The urbanism as way of life. American Sociological Review, vol. 44, No 1, (Jul., 1938), pp. 1-24. Available in: [http://www.uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m19/content/dokumente/614/Wirth\\_1938.pdf](http://www.uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m19/content/dokumente/614/Wirth_1938.pdf). Acesso em: 17 mar. 2023.

<sup>11</sup>Donald Pierson, American anthropologist, was a visiting professor at the University of São Paulo (*Universidade de São Paulo* - USP) and introduced community studies in Brazil. In 1945 he published an important collection on studies of human ecology. The edition we consulted (Pierson, Donald. Human Ecology Studies. São Paulo, Martins Fontes, 1970), contains the studies we cite on cities and mental health: Mowrer, Ernest. Faris and Dunham's ecological study of mental disorders (pp. 396-405); Robert Faris; Dunham, Warren. Mental disorders in urban areas (pp. 406-435); Queen, Stuart. Ecological study of mental disorders (pp. 436-450).

shifted to the demands of the performance of this new era: demands of performance at work, in sexual life, in friendship relationships, in short, performance as *Deus ex machina* of this new civilization. Thus, according to Ehrenberg (2012):

La dépression a joué un rôle d'entité clinique relais entre l'ancien monde de la psychiatrie et de la folie et le nouveau monde de la santé mentale et de la souffrance psychique. Elle a accompagné, au cours de la seconde moitié du XX<sup>e</sup> siècle, le déplacement de la discipline à l'autonomie en prenant progressivement la place de la névrose freudienne, cette pathologie de la culpabilité, pour devenir l'ombre de l'individu normé par l'autonomie. Dans un style d'existence organisé par la discipline traditionnelle, la question qui se posait à chacun était de type « névrotique » : que m'est-il permis de faire ? quand la référence à l'autonomie domine les esprits, quand l'idée que chacun peut devenir quelqu'un par lui-même en progressant de sa propre initiative devient un idéal inséré dans nos usages quotidiens, la question est de type « dépressive » : suis-je capable de le faire? la culpabilité névrotique n'a évidemment disparu, elle a pris la forme de l'insuffisance dépressive (p. 12).

Tiredness society<sup>12</sup>, or self-fatigue, are expressions now constructed to describe this society of performance, of the neurotic pursuit of narcissistic pleasure, in which anything goes to ensure well-being, including the use of psychic aspirin<sup>13</sup>.

All these issues were discussed before the great technological turn provoked by the internet, which emerged at the end of the twentieth century, and deepened its effects on people's sociabilities, from the first decade of the 21<sup>st</sup> century. Questions that are impossible to think about are now posed as a result of the impact of this new technology on people's sociabilities. But are they really new? Or simply something already existing, with a new look?

## **INTERNET-MEDIATED SOCIABILITY PRACTICES: WHAT'S NEW?**

---

<sup>12</sup>This is the interesting title of the book of Byung-Chul Han (*Müdigkeitgesellschaft*, Berlin, Matthes & Seitz, 2013), which presents the thought-provoking thesis about modern times: "die psychischen Erkrankungen der Leistungsgesellschaft sind gerade die pathologischen Manifestationen dieser paradoxen Freiheit" (p. 25).

<sup>13</sup>Expression of Ehrenberg (1998) which comments on a trend of the medicalization of life, the construction of the society of well-being. Thus, according to the author, "on passe des médicaments pour malades aux médicaments pour gens normaux en difficulté, puis aux médicaments pour faciliter la vie chez les gens en état normal... le rôle des drogues psychotropes est de rendre à ces patients la joie de vivre, à laquelle justement la vie moderne et les progrès de la technicité ne cessent de s'attaquer" (p. 109). Thus, a second revolution - the first with the discovery of chemical straitjackets, neuroleptics, enabling the stabilization of psychosis - with the discovery of fluoxetine, in the 1980s, a drug of the class of selective serotonin reuptake inhibitors, begins a new era, that of the adaptation of the psyche to the demands of the performance and happiness of the world in late modernity.

The changes brought about by the advent of the internet are not yet clearly explained by social scientists. There are controversies about its effects (negative and positive) on sociability practices, mainly, but also about the changes resulting from what has been commonly called globalization<sup>14</sup>. There is, in fact, the recent incorporation of this new technology - practically from the 80s of the last century - which means that it's a phenomenon still in consolidation; on the other hand, it must also be considered that the social processes resulting from this new technology are frequently updated, due to the fact that computer technologies are constantly changing. The pace and speed of social change has increased considerably since the introduction of internet-mediated communication technologies. Its effects, as we know, extend to the entire sphere of sociability practices: economic, cultural, ways of life; the extent of the phenomenon increasingly broadens the spectrum of reach: we can even say that the impact of this new technology affects practically the entire planet, with the exception of a few isolated peoples or regions where the level of development is very low<sup>15</sup>. With this, we do not want to say that the digital divide is not important - and that it does exist, even in areas where access to the internet is wide - but that the world is globalized: the importance of the influences of the WWW on people's daily lives, even among those who do not have full access to the network, is undeniable: the importance of the influences of the WWW on people's daily lives, even among those who do not have full access to the network, is undeniable<sup>16</sup>.

The changes are significant, but we do not agree that we are in a new phase of civilization. Contrary to those who think of a phase after modernity, we endorse the thesis of Habermas (1985) when he affirms that modernity and its promises are still the reference for the world of the twenty-first century. Habermas, when he wrote this important book, in dialogue with the philosophers of postmodernity, perhaps did not imagine the profound changes that societies - especially Europe and the United States of America - would go through. But even so, considering that reason and its pathologies perhaps show us a different picture from that "optimistically" defended

---

<sup>14</sup>Some authors, especially those of French influence, have called this phenomenon globalization. Although they point out differences between the two expressions, I believe that they refer to the same phenomenon.

<sup>15</sup>We are talking here about the Amazon, regions of Africa, Central Asia and Southeast Asia.

<sup>16</sup>The literature on the subject is vast. Consult, for example: Han (2019).

by the philosophers of lights, the changes do not indicate completely different directions from those initiated with the *Renaissance* and modernity.

Similarly, and now considering the effects of the internet revolution on sociabilities, interaction practices, and the reticular constructions of individual biographies, I believe that, at its core, the phenomenon is of the same nature. From direct conversation, via face-to-face interactions, to those mediated by the internet, through its applications, the nature of the networks, observed from their morphology, their dynamics, and also from their structural cut, seems to show the same characteristics; which allows us to affirm that those conditions of position of the actor in the network indicate particular characteristics of access to resources: communication, support, material or symbolic goods, et cetera; that, consequently, we can consider that the considerations about the nature of the network extracted from studies of egocentric networks, in face-to-face interaction, for the study of networks mediated by the internet, are valid. Of course, some ingredients can be added, which are particular to internet-mediated networks.

To consider that the phenomenon is the same does not mean to admit that its manifestations are identical. There are, in fact, some ingredients that are particular to those in which the mediation of the applications is present. With this, I believe, we try to show that, for the analysis of networks, some ingredients are present in every reticular structure and others are particular according to the practice of dominant interaction according to the civilizing periods.

### **1. Self-centered networks in face-to-face interactions**

The most frequent and universal way of constructing reticular structures is based on egocentered networks constructed from face-to-face interaction. They are structured with origin in the trajectories of everyday experiences, inscribed in the interactive fields of the social circles of the actors. These fields of sociability and the practices of interaction, however, are not uniform, both in their content and, equally, in their form. Self-centered social networks can be classified, initially, into networks of strong ties and networks of weak ties. The distribution of these networks is a function of the complexity of the social, which segments and distributes them in

specialized social spaces. Thus, individuals build their social circles, in their increasingly specialized reticular trajectories, as the division of labor increases and the transition from person to individual is completed. Now, in modernity, it's no longer the person, with integrated and fully recognized constructions of roles; they are individuals, with fragmented social interactions and inscribed in various fields of sociability, most often not communicating with each other. Individuals have, of course, greater possibilities of constructing the "I" and locate the practices of sociability in defined, segmented social circles. Thus, according to Simmel:

The individual sees himself first in an environment that, in relation to his individuality, chains his destiny and imposes on him the life closely linked to those who at the time of his birth are together... But as evolution happens, each individual weaves the bonds with people situated outside the first circle of association, who this time have a relationship anchored objectively on dispositions, inclinations, activities, et cetera. Association as a function of an external coexistence is replaced more and more by an association founded on relations of content... Geographical and physiological belonging, determined by the terminus a quo, is replaced here in a more radical way by the synthesis from the point of view of purpose, internal and objective interests, by individual interest. (Simmel, 1999: p. 408).

These networks also present other particular characteristics according to the historical moment considered. Thus, for example, in modernity, there is the tendency, as we saw above, of the formation of the individual, with more singularized reticular trajectories, characteristics of the passage from the person to the individual<sup>17</sup>; which implies more specific reticular constructions, with the predominance of weak ties and more singular contacts, resulting from choices of biographical trajectories. Thus, positions in the social structure, network design and reticular patterns increasingly resulting from choices are the characteristics of modernity, typical of the formation of the individual. As a result, there are a number of important consequences: patterns of resource mobilization, predominance of nodes subsumed to specific and specific interests, with the consequent absence of more lasting social bonds<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup>Some authors as Klinger (2021), they add another classification, with the introduction of the idea of the passage of the *individuum* for the *singulum* (*vom subjekt über das Individuum zum Singulum*), with the emergence of post-modernity or late modernity.

<sup>18</sup>Some believe that the consequences of these sociabilities have very strong impacts on people's emotional well-being: social isolation, absence of consistent normative and moral references and fraying of the bonds of solidarity. Others, in turn, believe that the substratum of freedom of choice, the breaking of oppressive social bonds and the possibility of constructing biographical trajectories free from constraints of social control are important achievements that should not be neglected.

These questions were discussed in profusion by the literature of the Social Sciences, and explored by the novelists of the late nineteenth and early twentieth centuries. Let us now focus on the phenomenon of social networks mediated by the internet, briefly exploring some points and aiming to demonstrate our central thesis: that, fundamentally, people's sociabilities do not change substantially with the emergence of this new communication technology; that, equally, numerous unique features are added, which we shall also try to highlight, although still quite provisionally.

## **2. Primary sociabilities and secondary sociabilities in internet mediated social medias.**

In 1996 Manuel Castells launched a work with an ambitious pretension: to unveil the mechanisms of a new world order, triggered by the computer revolution. Under the broad title *The Informational Age: Economy, Society and Culture*, the three volumes of this important publication had as their central hypothesis, already launched in its introduction, the idea that “our societies are increasingly structured around a bipolar opposition between the Net and the Self” (Castells, 1996a, p. 03). Later, he introduces another fundamental ingredient: that the structuring processes of space/time of this new era are fundamentally modified, transforming them from originally fixed and relatively stable, to something loose, unstable and in constant motion. Thus, according to Castells, in this new form of social organization, “space organizes time in the society of networks” (p. 377), thus structuring a space of flows:

Flow space is the material organization of social time-sharing practices that work through flows. By flows, I mean purposeful, repetitive and programmable sequences of exchange and interaction between physically disjointed positions maintained by social actors in the economic, political and symbolic structures of society. Dominant social practices are those that are embedded in dominant social structures. By dominant structures, I mean the arrangements of organizations and institutions, whose internal logic plays a strangled role in the formation of social practices and social consciousness for society at large (p. 412).

Also according to Castells, the material supports for the construction of this society of flows are given from three points: (a) circuits of electronic impulses; (b) nodes and hubs; (c) spatial organization of the ruling elites and the articulation of economic practices in globally integrated spaces. They are the foundations for the

new society, global and local<sup>19</sup>, thus constituting an unprecedented revolution in increasingly integrated capitalism, disorganizing the borders of nation-states and deconstructing the previously traditional identity structures, whose most prominent examples are the categories of class and nation.

The nineties of the last century was the beginning of a process that has accelerated greatly since then. Castells's ideas, quite thought-provoking, did not say much, however, about the sociabilities of everyday life, about the ordinary life of people. Even in the second volume of his trilogy, which deals with issues related more to the subject and people, the angle is directed to the great identity questions that, while important, said little about how the internet and the computer revolution would later significantly influence the world of egocentric networks. Restricted fields of sociability, organized from the biographical trajectories, in which until then the existence of contacts mediated by technology<sup>20</sup>, though it existed, it did not reach the enormous dimension of what was to follow.

The internet would emerge as a revolutionary tool of communicative processes only from the end of the twentieth century. Barry Wellman and his research group at the University of Toronto sought the answer to the following question: “Can people find community online in the internet? Can relationships between people who never see, smell or hear each other be supportive and intimate?”<sup>21</sup>

This is a question that researchers asked on a recurring basis, about the threats of this new technology in the construction of people's sociability trajectories. Is it possible that the use of the internet as a media of social interactions - given its potency and extent - interferes with territorially anchored sociabilities, from face-to-face interactions? What are the effects of this new technology on the (socio-affective) balance of individuals?

---

<sup>19</sup>The term globalization has been adopted almost widely among social scientists.

<sup>20</sup>The post office, the telephone, the fax, very important for each era of modern times, would be seconded with the appearance of the internet.

<sup>21</sup>WELLMAN, Barry. GULIA, Milena. *Net wurfers don't ride alone: Virtual communities as communities*. In: Kollok, Peter (et alli). *Communities and CyberSpace*. New York, Routledge, 1999.

In the 1990s, there was an important debate in the United States of America about the decline of community, the main source of grassroots democracy that has been since the days of Tocqueville<sup>22</sup>, it was the hallmark of American democracy.

It should be noted, at this moment, that this phenomenon, being relatively new, presented among the analysts divided scenarios: either very optimistic, or catastrophically negative. Without intending to be extensive in this bibliographic review, it suffices, for example, to note two interesting examples about the effects of the internet on everyday sociabilities, in the construction of community bonds, or the effects on the construction of the public sphere. For an important current of American political scientists, the community bond, the belonging to territorial ties, was the “glue” that united individuals, that led them to the public sphere to deliberate and, together, build a society, whose common interests were the dominant keynote. This phenomenon, celebrated and stimulated by politicians and social scientists, is suddenly threatened by the recent transformations of American society, which caused the loss of community ties essential to maintaining the political health of the American people. Robert Putnam published, in the late 1990s, an important book, whose suggestive title is *Bowling Alone*, and indicated that community associative practices were in decline and that, therefore, the vigor of the public sphere was threatened. The disintegration of community ties is the result of a number of factors, but Putnam points to indices that indicate deterritorialization, dominant construction of secondary ties, and internet-mediated interactions in increasing importance. It’s, according to him, a phenomenon that erodes institutions in an important way<sup>23</sup>.

The debate is not unanimous. There are other authors, for example, who indicate the possibility of constructing a “digital agora”. Pierre Lévy, for example, constructs the concept of collective intelligence, in which, from the free flow of communication, people express their opinions outside in an egalitarian way, thus avoiding the predominance of one over the other. With this, the power of democracy is effectively

---

<sup>22</sup>Tocqueville, Alexis. *A democracia na América*. São Paulo, Edipro, 2019.

<sup>23</sup>Communitarianism, or the strength of communities as a social cement, is a well-worked theme in American literature. On the subject, see: Wuthnow (1998).

increased, allowing the flow of debates and the circulation of ideas without precedent. This idea, of cyberculture, provides a very optimistic vision of the future<sup>24</sup>.

Recently, with the social movements of 2013 - and the intense use of social networks mediated by the internet - the utopia of a symmetrical and horizontal network (basically, Lévy's idea) was revived, with the participants of the Madrid Assemblies, in which political agendas were launched for debate and voting from the Twitter platform. The construction of the digital agora was tried, in a future still full of uncertainties<sup>25</sup>.

Another field of inquiry that was vigorously constructed in the late twentieth century refers to the attempt to understand the nature of social interactions mediated by the internet. The first studies were not yet aware of the impact of the Internet 2.0<sup>26</sup> and the emergence of social networks mediated by the internet. At first, it was still about the possibility of communication between two people, from electronic mail or virtual calls. In essence, the replacement of telephone media by digital media. Or the information possibilities offered by search engines (Google, Yahoo, among others). Basically, the idea was that the territorial anchor was not exclusive to social interaction oriented to strong ties, but that it was possible, from digital media, to build and nurture these bonds. Wellman and his research lab at the University of Toronto have produced numerous studies on so-called virtual communities and the power of the internet to bring people together. And his central hypothesis was recently revived in a 2014 publication: “technology does not determine human behavior; humans determine how technologies are used” (Wellman, 2014, p. IX).

Thus, according to Wellman's analysis, the orientations and format of social interactions in networks are basically those existing in virtual interactions: there is the presence of strong ties, weak ties, occasional and other permanent interactions. It's not possible to affirm the existence of a space of sociability parallel to the real

---

<sup>24</sup>See: Levy (1997, 1994, 2002).

<sup>25</sup>There is extensive literature on the subject. For the Brazilian case, see: Ferreira; Fontes (2013).

<sup>26</sup>Internet 2.0 refers to a second moment, initiated from the first decade of the 21<sup>th</sup> century, when there was the introduction of platforms that enabled group interaction, the social medias: Facebook, Twitter, WhatsApp, among others.

world, as some writings of scientific dissemination or even the fiction of Hollywood films would have us believe.

It should be added, however, that overly optimistic utopias do not seem to be confirmed. Topics such as unrestricted access to information, the possibility of horizontality among network members and, consequently, the existence of democratic mechanisms for opinion formation, seem to be contradicted by recent studies.

But the most scathing criticism that can be made of new technologies concerns the control of information by private groups, with almost absolute absence of the authority of the State and, in this way, the dismissal of civil society and the political sphere over the domain of public actions. At the beginning of the computer revolution, with globalization, there were a number of studies showing the decadence of national states in the control of territories and, in this way, their weakening as an important actor in the regulation of the economic sphere<sup>27</sup>. Now, with the development of the internet and its communication tools, something apparently more serious emerges: the fact that large companies that operate in communicative processes control impressive volumes of information about people, governments and companies. And this phenomenon is quite recent<sup>28</sup>, drawing researchers' attention to a new phenomenon: surveillance capitalism, which is thus defined by Zuboff (2020, s/p):

1. A new economic order that claims human experience as a free raw material for covert business practices of extraction, forecasting, and sales;
2. An economic logic in which the production of goods and services is subordinated to a new global architecture of behavior modification;
3. A disastrous mutation of capitalism marked by concentrations of wealth, knowledge and power unprecedented in the history of mankind;
4. Structure that serves as the basis for the surveillance economy;
5. A threat as significant to human nature in the twenty-first century as industrial capitalism was to the natural world in the nineteenth and twentieth centuries;
6. The origin of a new instrumental power that claims dominance over society and presents surprising challenges for market democracy;
7. A movement that aims to impose a new collective order based on total certainty;
8. An expropriation of critical human rights that can best be understood as a coup from above: a dismissal of the sovereignty of individuals (emphasis added).

---

<sup>27</sup>The fact, for example, that the regulation on the circulation of capital is quite fragile, which makes it possible for currencies and exchanges to speculatively attack.

<sup>28</sup>Research indicates that this phenomenon becomes more relevant only from the beginning of the second decade of this century.

Zuboff's book has something catastrophic and certainly many of the things he claims still need further study. But the fact is that there have constantly been indications that the internet revolution has quite nefarious effects on a number of facets of this new world order, in which certainly the ideals of liberalism - of the sovereignty of the individual, of the existence of states that act on the social order for the defense of public interests and, mainly, from a logic of protection of rights - they are a dead letter; that, even more, the ideals of a more just social logic, the banner of socialists of all shades, are confronted by an increasingly unequal and exclusionary world, in which, certainly, the background of these new technologies is the essential support.

And what draws our attention, in another aspect of studies, is that this immeasurable volume of information extracted from individuals, which they deposit uninterruptedly in the databases of those who control the internet - Google, Apple, Twitter, Meta<sup>29</sup> -, it's manipulated to organize the wills of the companies that use this information to sell, and also to form opinions. Seaver, in a thought-provoking article<sup>30</sup>, brings important questions to the understanding of what he calls "algorithmic recommendation systems", a technique of manipulating data with information obtained by users of the various internet platforms that we access every day. Thus, when we search for something on Google, when we have fun on Facebook or when we browse Twitter, we leave there traces (about what we search, about the people we interact, about the news or the subjects we read, about what we buy...) that are then retrieved by data mining software; this data, after being processed and organized by algorithms, is returned to those who use the web to direct them to other sites of interest, thus recommending, for example, movies on Netflix or music on Spotify, winning the loyalty of customers who subscribe to the services of these streaming platforms. Or, in another direction, they direct web users to companies that sell things, in a subtle, calculated

---

<sup>29</sup>Meta is a business conglomerate that brings together companies, such as Facebook, Instagram and WhatsApp. Twitter was founded in 2006 by Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone and Noah Glass and acquired, in April of 2022, by the billionaire Elon Musk.

<sup>30</sup>Seaver, Nick. *Algoritmos cativantes: sistemas de recomendação como armadilhas*. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2022/04/Algoritmos-cativantes-Sistemas-recomendados-como-armadilhas.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

and planned marketing according to principles extracted from studies on human behavior, directed by psychologists and other experts<sup>31</sup>.

In another direction, equally complex and not yet fully understood, is the use of this big data, manipulated from algorithms, for the formation of political opinion, directing selected information and facts - sometimes manipulated, which later came to be known as fake news. Researchers indicate that recent occurrences, such as the Brexit referendum<sup>32</sup> and the United States presidential campaigns<sup>33</sup> and from Brasil<sup>34</sup>, were supported by the intense use of social media platforms mediated by the internet and the manipulation of information from the use of algorithms built, especially for this purpose.

The scenario, as we have noticed, is still full of unresolved issues, but there is an important research agenda, and the search for new tools for data extraction is necessary. It's no longer possible, for example, to think about the idea of the public sphere from the traditional practices of debate in print and the free discussion of people in face-to-face forums. From the cafes of the early Modern Age to debates and rallies, sociability practices remain the same, but now profoundly shaped by new techniques and means of communication. Similarly, the recommendation about a movie, a book or even a food is no longer given from the people in our social circle. The algorithms and the traps of the network imprison us in a universe of consumption, of formation of tastes and opinions. There is still no certainty about the real power of these new techniques, but they are certainly present and pose new challenges.

## References

CASTELLS, Manuel. *The Information Age: Economy, Society and culture*. Vol. I. The rise of the Network Society. Malden, MA, Blackwell, 1996a.

CASTELLS, Manuel. *The Information Age: Economy, Society and culture*. Vol II. The Power of Identity. Malden, MA, Blackwell, 1996b.

CASTELLS, Manuel. *The Information Age: Economy, Society and culture*. Vol III. End of Millenium. Malden, MA, Blackwell, 1996c.

DAHRENDORF, Ralph. *Homo Sociologicus*. Londres, Routledge, 1973.

---

<sup>31</sup>The author, who is an anthropologist, offers us an interesting analogy between these techniques and those developed by hunters in the construction of traps. They are systems that serve to "hook", in this case, people: "a tendency among the manufacturers of these systems to describe their purpose as 'hooking' people - enticing them for frequent or long-lasting use".

<sup>32</sup>Consult on the subject: Del Vicario (2017), Mancosu (2019).

<sup>33</sup>According to Howard (2018).

<sup>34</sup>According to Salles (2019).

DEL VICARIO, Michella; Zollo, Fabiana; Caldarelli, Guido; Mapping social dynamics on Facebook: the Brexit Debate. *In: Social Networks*, vol. 50, July 2017, pp. 6-16.

EHRENBERG, Alain. *La Société du Malaise*. Paris, Ed. Odile Jacob, 2012.

EHRENBERG, Alain. *La Fatigue d'Être Soi*. Paris, Editions Odile Jacob, 1998.

FERREIRA, Jonatas; FONTES, Breno. ÁGORA ELETRÔNICA: algumas reflexões teórico-metodológicas. *Est. Soc. [on-line]*. 2013, vol. 2, n. 19.

FONTES, Breno Augusto Souto Maior. La contribución de Simmel a la sociología reticular. *Estudios Sociológicos XXXIII*: 99, 2015.

FOUCAULT, Michel. Terceira Parte: Disciplina. *In: Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. 20ª ed. São Paulo: Vozes, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Le Discours Philosophique de la modernité*. Paris, Editions Gallimard, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Legitimationsproblem im spätKapitalismus*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1973.

HABERMAS, Jürgen. *Philosophische Texte*. Suhrkamp, Frankfurt am Main, 2009 (Studienausgabe Suhrkamp, 4 Bände).

HABERMAS, Jürgen. *Théorie de l'agir communicationnel*. Tome I Rationalité de l'agir et rationalisation de la société. Paris, Fayard, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Théorie de l'agir communicationnel*. Tome II: Pour une critique de la raison fonctionnaliste. Paris, Fayard, 1985a.

HAN, Byung Chul. *Hiperculturalidade, cultura e globalização*. Petrópolis, Editora Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Müdigkeitgesellschaft*, Berlin, Matthes & Seitz, 2013.

HOBSBAUM, Eric. *Globalização, Democracia, Terrorismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

HOWARD, Philipp; Wooley, Samuel. Algorithms, bots, and political communication in the US 2016 election: The challenge of automated political communication for election law and administration. *In: Journal of Information, Technology and Politics*. Volume 15. 1028, issue 2.

KLINGER, Cornelia. The selfie – oder das Selbst in seinem Welt-Bild. *In: FUCHS, Thomas (edt) Das Überforderte Subjekt. Zeitdiagnosen einer Beschleunigten Gesellschaft*. Berlin, Suhrkamp Verlag, 2021, pp. 115-144.

LECHNER, Frank J. BOLI, John. *The globalization reader*. Blackwell, Hoboken, NJ, 2019.

LEVY, Pierre *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob, 1997.

LEVY, Pierre *Cyberdémocratie (Essai de philosophie politique)*. Paris: Odile Jacob, 2002.

LEVY, Pierre *L'intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace*. Paris: La Découverte, 1994.

MANCOSU, M. ; BOBBA, G. (2019) Using deeplearning algorithms to derive basic characteristics of social media users: The Brexit campaign as a case study. *In: PLoS ONE 14(1)*: e0211013. [https:// doi.org/10.1371/journal.pone.0211013](https://doi.org/10.1371/journal.pone.0211013).

MARX, Karl. *Grundrisse. Manuscritos de 1857-1858*. Esboços da Crítica da Economia Política. São Paulo, Editora Boitempo, 2011.

- PIERSON, Donald. *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo, Martins Fontes, 1970.
- PUTNAM, Robert. *Bowling Alone: the collapse and revival of American Community*. N. York, Simon and Schuster; Touchstone books, 2001.
- ROSA, Hartmut. *Aceleração. A transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo, Unesp, 2019.
- SALLES, Eduardo; Amaral, Augusto Jobim. Máquinas de subjetivação, capitalismo de vigilância e algoritmos: uma aproximação desde o caso brasileiro. In: *Actas del III Congreso Internacional Move.net sobre Movimientos Sociales y TIC 14 y 15 de noviembre de 2019 – Universidad de Sevilla, COMPOLITICAS* extraído de [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/17360/2/Maquinas\\_de\\_subjetivacao\\_capitalismo\\_de\\_vigilancia\\_e\\_algoritmos\\_uma\\_aproximacao\\_desde\\_o\\_caso\\_brasileiro.pdf](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/17360/2/Maquinas_de_subjetivacao_capitalismo_de_vigilancia_e_algoritmos_uma_aproximacao_desde_o_caso_brasileiro.pdf). Acesso em: 19 abr. 2022.
- SCOTT, Alan. *The limits of globalization*. London, Routledge, 1997.
- SEEVER, Nick. Algoritmos cativantes: sistemas de recomendação como armadilhas. In: <https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2022/04/Algoritmos-cativantes-Sistemas-recomendados-como-armadilhas.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.
- SIMMEL, Georg Die Großstädte und das Geistesleben”. In: SIMMEL, Georg. *Gesamtausgabe*. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995, vol. 7, pp. 116-131.
- SIMMEL, Georg. *The Philosophy of Money*. London, Routledge, 2011.
- SIMMEL, Georg. (1896) Comment les formes sociales se maintiennent. In: *L'année sociologique*, p. 71-107. Disponível em: <http://socio.ch/sim/franzoeseisch/formes.htm>. Acesso em: 23 mar. 2012.
- SIMMEL, Georg. *Sociologie*. Etudes sur les formes de la socialisation. Paris, PUF, 1999.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- WELLMAN, Barry; RAINIE, Lee. Networked. *The new social operating system*. Cambridge, MA, MIT Press, 2014.
- WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. Net surfers don't ride alone: Virtual communities as communities. In: KOLLOK, Peter (et al.) *Communities and Cyberspace*. New York, Routledge, 1999.
- Wirth, Louis. The urbanism as way of life. In: *American Sociological Review*. Vol. 44, No. 1, (Jul., 1938), pp. 1-24. Disponível em: [http://www.uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m19/content/dokumente/614/Wirth\\_1938.pdf](http://www.uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m19/content/dokumente/614/Wirth_1938.pdf). Acesso em: 23 mar. 2022.
- ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*. A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2020.

**Recebido em:** 22 de abril de 2022.

**Aceito em:** 15 de agosto de 2022.

## COMO REFERENCIAR

FONTES, Breno Augusto Souto Maior. Social Medias and Sociability in The Late Modernity. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 196-215, 2022.

## REDES E SOCIABILIDADES NA MODERNIDADE TARDIA.

### SOCIAL MEDIAS AND SOCIABILITY IN THE LATE MODERNITY

#### Resumo

Este breve ensaio tem por objetivo resgatar parte das agendas de pesquisa bastante diversas, orientadas a partir das trajetórias temáticas “redes sociais” e “sociabilidade”. Essas trajetórias ilustram de forma bastante clara a importância deste recorte teórico-metodológico para a investigação de uma ampla gama de questões das ciências sociais contemporâneas. Interessa-nos, particularmente, a construção das sociabilidades mediadas pela internet, a partir de plataformas de comunicação online, nas quais é possível o estabelecimento de interações sociais com múltiplos atores, recuperando salas de conversa, espaços de convivialidade antes experimentados nas interações face a face. São, como vemos nas abordagens que se destacam por sua atualidade e porquanto construídas a partir da Sociologia das redes sociais, originais. É um exemplo importante do desenvolvimento dessa, cada vez mais relevante, agenda de pesquisa: a abordagem dos comportamentos humanos a partir da constituição da sua estrutura reticular, mas ancorada a partir da mediação da tecnologia do espaço virtual.

**Palavras-chave:** Redes Sociais. Modernidade. Sociabilidade.

#### Abstract

This brief essay aims to rescue part of the very diverse research agendas, oriented from the thematic trajectories “social medias” and “sociability”. These trajectories illustrate quite clearly the importance of this theoretical-methodological framework for the investigation of a wide range of issues in the contemporary social

#### **Breno Augusto Souto Maior Fontes**

Professor titular do  
Departamento de Sociologia  
da Universidade Federal de  
Pernambuco - UFPE; doutor  
em Estudos das Sociedades  
Latino-Americanas pela  
Universidade de Paris III  
(Sorbonne Nouvelle).  
E-mail:  
[brenofontes@gmail.com](mailto:brenofontes@gmail.com)

sciences. We are particularly interested in the construction of sociabilities mediated by the internet, from online communication platforms, in which it's possible to establish social interactions with multiple actors, recovering conversation rooms, spaces of conviviality previously experienced in face-to-face interactions. They are, as we see in the approaches that stand out for their timeliness and because they are built from the Sociology of social medias, original. It's an important example of the development of this increasingly relevant research agenda: the approach of human behaviors from the constitution of its reticular structure, but anchored from the mediation of the technology of virtual space.

**Keywords:** Social Networks. Modernity. Sociability.

## INTRODUÇÃO

A proposta deste ensaio está orientada para, a partir de um campo temático relativamente amplo, apresentar a agenda de pesquisa sobre redes sociais, que vem há algum tempo atraindo o interesse de vários espaços disciplinares, com recortes teórico-empíricos diversos. A novidade da análise das redes sociais é, de um lado, a atualização de um debate central nas ciências sociais, qual seja a dicotomia agência/estrutura na explicação dos fenômenos sociais, de um lado, e o desafio de apresentar um fenômeno cujas características centrais indicam uma complexidade e uma dimensão plástica, em movimento, singular. Fato importante a assinalar, a partir da década de 1970, com a introdução de diversas técnicas de medição de fenômenos sociais a partir de campos reticulares, a assim denominada “Análise das Redes Sociais” ganha um novo impulso. Igualmente, as interdependências micro/meso/macro são valorizadas – inclusive com instrumentos complexos de medição e visualização.

Apresenta-se como uma rejeição ao essencialismo sociológico, em que o fenômeno social teria características semelhantes àquelas descritas pela ciência tradicional, com seus cânones inaugurados por Kant: que a realidade é organizada, previsível; que os fenômenos têm características únicas, distintas de todos os outros e, por isso, apresentam-se da mesma forma, independentemente de sua localização

ou temporalidade. Agora, os que se detêm na ideia de rede se deslocam do campo da análise da sociedade enquanto organizada por indivíduos e seu estudo estruturado a partir dos comportamentos derivados dos seus atributos, independentemente se a sua determinação se daria a partir do indivíduo, da estrutura, ou de ambos. O que importa são os campos reticulares, ou, no dizer alegórico de Simmel (1999) o “fenômeno da sociação” (*Vergesellschafteten*), arranjado a partir de múltiplas configurações derivadas das sociabilidades vivenciadas pelos indivíduos em suas interações cotidianas, embora, ainda segundo Simmel, capazes de serem organizadas, para além do fato singular, em categorias analíticas mais amplas. Sim, portanto, é possível construir um discurso científico que escape ao solipsismo. O ser, o sujeito, é o resultado dos campos reticulares que se estabelecem em sua biografia; tem sua determinação a partir da vida, do lançar-se à vida, em momentos de incerteza, plasticidade, mas também está ancorado em determinações estruturais mais ou menos rígidas (classe social, gênero, raça/cor, entre outras).

Acrescenta-se a esse ponto outro de igual importância: a visão inovadora dos processos de mudança social, o incessante fluir de acontecimentos que estruturam os processos reticulares, obrigando os analistas a reconsiderar toda e qualquer lógica de análise que se ancore no previsível, em uma ordem. Sim, é verdade, há expectativa de normalidade, os campos interativos sugerem roteiros de ação mais ou menos esperados, e campos mais amplos de estabilidade, como confiança no outro, essas não são invenções. Mas não é possível, para os que pensam a sociedade enquanto processos reticulares, não considerar nada que não esteja inscrito na ideia de fenômenos complexos, multideterminados e, portanto, com plasticidade e imprevisibilidade suficientes para a evitação da lógica ordinária. Parece-nos que há um deslocamento epistemológico importante na comunidade acadêmica deste novo século, destronando ou redefinindo antigas formas de pensar.

Temos a pretensão, neste breve ensaio, de resgatar partes de agendas de pesquisa bastante diversas, orientadas a partir das trajetórias acadêmicas e do interesse de pesquisa dos seus autores, que ilustram de forma bastante clara a importância deste recorte teórico-metodológico para a investigação de uma ampla gama de questões das Ciências Sociais contemporâneas: mídias e contextos culturais, inovações tecnológicas, agricultura e globalização, migrações e sociabilidade,

organizações, saúde e Sociologia da Ciência – esta trabalhando os processos sociais subjacentes à construção do campo disciplinar das redes sociais. Interessa-nos, particularmente, a construção das sociabilidades mediadas pela internet, a partir de plataformas de comunicação on-line, nas quais é possível o estabelecimento de interações sociais com múltiplos atores, recuperando salas de conversa e espaços de convivialidade, que antes eram experimentados nas interações face a face.

São, como vemos nas abordagens que se destacam por sua atualidade e, também, porquanto construídas a partir da Sociologia das redes sociais, originais. É um exemplo importante do desenvolvimento dessa, cada vez mais relevante, agenda de pesquisa: a abordagem dos comportamentos humanos a partir da constituição da sua estrutura reticular, mas ancoradas a partir da mediação da tecnologia do espaço virtual.

## **HOMO SOCIOLOGICUS<sup>1</sup>: ESTAR JUNTO, CONVERSAR, INTERAGIR NOS TEMPOS MODERNOS**

Tem-se discutido muito sobre o que significa o ser humano. A humanidade, desde os primórdios, buscou construir representações sobre o significado da existência, sobre o sentido de estar junto com o outro. Nessa direção, todos concordam que estar juntos significa, de alguma forma, estabelecer algum tipo de laço constituinte, definidor da existência. E alguns também entram em acordo que a potência de comunicação existente em diversas culturas estabelece campos dialógicos em que é possível, a partir do verbo, estabelecer um acordo sobre como existir juntos e, eventualmente, dirimir eventuais conflitos. Dessa forma, o que frequentemente os sociólogos de algumas tradições contemporâneas definem por “sociabilidade” indica, em sua essência, a tentativa de compreender a natureza do social. O social, no contexto que estamos aqui empregando, remete ao que Simmel entende por sua

---

<sup>1</sup>Este é o título de um interessante ensaio de Ralph Dahrendorf (1973), *Homo Sociologicus*. Londres, Routledge and Kegan Paul. Dahrendorf centra seu ensaio nos diversos papéis sociais assumidos, posição aqui colocada de forma diferente.

natureza mais essencial, o conteúdo e a forma das interações sociais, das sociabilidades. Desta forma, ainda segundo Simmel<sup>2</sup>:

Eu entendo que a tarefa da Sociologia é a descrição e a determinação das origens histórico-psicológicas daquelas formas nas quais as interações tomam lugar entre os seres humanos. A totalidade destas interações, originando-se a partir de impulsos diversos, direcionadas para os mais variados objetivos e alcançando propósitos para os mais diversos fins, constitui a sociedade. Também devemos distinguir dois sentidos para a expressão “sociedade”. Primeiro, em um senso mais largo, inclui a soma de todos os indivíduos envolvidos em uma relação recíproca, junto com os interesses que unem estas pessoas em interação; segundo, em um sentido mais estreito, a expressão sociedade designa a associação enquanto tal, quer dizer, a interação, ela própria, que constitui a ligação entre as pessoas, abstraindo o conteúdo material; quer dizer, o objeto da Sociologia enquanto doutrina da sociedade *strictu sensu* (Simmel, 1896, p. 167).

O ingrediente conversacional, neste caso, está bem claro. Naturalmente, as estruturas comunicativas, embora em sua essência sejam universais, apresentam características singulares consoantes a momentos histórico-civilizacionais e culturais. O que acontece, por exemplo, em sociedades pré-históricas é bem diverso do que o que ocorre em sociedades da modernidade tardia; mas são, em sua forma, a mesma coisa: ingredientes que alimentam a comunicação entre pessoas, a linguagem, que as permite o estabelecimento do vínculo social, na medida em que podem construir e compartilhar *Weltanschauungen* e, desta forma, se constituir em unidade (ainda na tradição alemã, edificando um *Geist* característico de um povo, de uma civilização).

Não cabe, neste artigo, a reconstituição ou até mesmo exemplos comparativos de modos de interação entre civilizações distintas; o que, aliás, embora sendo objeto das Ciências Sociais (a tentativa de construir modelos explicativos universais, aplicáveis *ad aeternum*), até agora realizável de forma incompleta. Até mesmo a categoria por excelência que remete aos processos de mudança em geral, o tempo, instrumento que, se operacionalizável, poderia inscrever marcas importantes para a compreensão dos fenômenos sociais e seus processos, é utilizada precariamente. Nesta direção, recortamos nosso campo de análise para os processos de sociabilidade vivenciados na modernidade, tendo a modernidade tardia como destaque. Modernidade e tempo indicam processos característicos, quase uma chave para a

---

<sup>2</sup>Trabalhamos a Sociologia de Simmel em outra ocasião. Ver sobre o assunto: Fontes (2015).

compreensão das formas de sociabilidade existentes para este período. Assim, segundo Rosa (2019, p. 08) “a modernização não é apenas um processo multifacetado no tempo, mas também, primeiramente e sobretudo, uma transformação estrutural e cultural extremamente importante das próprias estruturas e dos horizontes temporais”; e acrescenta ainda o autor: “horizontes e estruturas temporais são constitutivos para orientações de ação e para relações consigo mesmo” (p. 10).

Indicativo, para o caso do estudo dos processos de sociabilidade vivenciados na modernidade, é o esforço de Habermas na construção de uma teoria da fala “<sup>3</sup>”, indicando que os fundamentos para a compreensão dos fenômenos sociais devem ser buscados na forma como as pessoas se comunicam. O que ele fez, com a sua guinada linguística, na tentativa de construção de uma teoria do agir comunicativo<sup>4</sup>.

O projeto da modernidade, segundo Habermas, não está acabado, apenas ameaçado. Seu diagnóstico mais incisivo se espalha por sua obra, desde o clássico *Problemas de legitimação no capitalismo tardio*<sup>5</sup> até, mais adiante, em *O discurso filosófico da modernidade*<sup>6</sup>. A promessa, segundo Habermas, inicia-se ainda no século XVIII, com o Iluminismo, com a ideia de o ser humano, a partir da razão, conhecer a natureza e a sociedade para, a partir da técnica, proporcionar a boa vida. O progresso, enquanto ideal, não é mais uma quimera; é algo possível e visível em breve. Habermas ainda argumenta que, mesmo com a barbárie do século XX, que, com suas incontáveis guerras, aniquila cerca de 100 milhões de pessoas<sup>7</sup>, não se deve desistir da promessa de um futuro em que a potência humana seja plenamente realizável.

Mas essa modernidade também traz inúmeras armadilhas, algumas já denunciadas muito antes, no final do século XIX, por pensadores europeus que viviam a incrível experiência de profundas mudanças provocadas pela expansão do capitalismo industrial; entre eles Weber, que profetizava o domínio da razão sobre as

---

<sup>3</sup>*Sprachtheoretische Grundlegung der Soziologie* é o subtítulo do primeiro volume dos seus textos filosóficos, publicados por ocasião da celebração do seu 80º aniversário. Consultar Habermas (2009).

<sup>4</sup>Consultar a respeito, HABERMAS (1985).

<sup>5</sup>HABERMAS (1973).

<sup>6</sup>HABERMAS (1985a).

<sup>7</sup>“Les miroirs de l’actualité’ et de l’histoire récente renvoient à l’homme de la fin du XXe siècle une image double et inquiétante: a la satisfaction de se voir maître de la nature à un degré jamais atteint jusqu’ici répond l’horreur de se savoir désormais aussi capable de la plus absolue inhumanité”  
HABERMAS (1985:I).

vontades e paixões humanas, transformando aqueles que controlam a vida das pessoas, os membros do Estado moderno, em “especialistas sem espírito”: a incontável manipulação e o controle cada vez mais invasivo, características dos tempos modernos estudadas por vários especialistas, de diversas tendências teórico-metodológicas<sup>8</sup>. Habermas inscrevia essa ameaça em um fato concreto, em que a razão instrumental colonizava o mundo da vida, subsumindo-o aos imperativos do dinheiro e do poder<sup>9</sup>.

O assim chamado *zeitgeist* da modernidade, conjunto de comportamentos e práticas de sociabilidade construídos e experimentados pelos europeus (principalmente na Alemanha, na França e na Inglaterra) do final do século XIX e no século XX foi amplamente discutido, pensado e analisado por filósofos, cientistas sociais e literatos. A modernidade se completa nessa época, consolidando mudanças sociais que desde o século XVI se esboçavam. Assim, o dito período das luzes indicava não somente a promessa do progresso, o consequente domínio da natureza e o uso de técnicas úteis para a boa vida, mas também incertezas: urbanização, industrialização, declínio de modos de vida tradicionais e desafios que eram colocados às pessoas, com mentalidades ainda inscritas no modo de vida rural, bucólico e relativamente estável.

Nesses espaços discursivos se identifica claramente aquele que associa o transtorno mental à ordem social. Na literatura social contemporânea, por exemplo, podemos destacar uma série de estudos vinculados à Escola de Chicago, que buscam imputar à desorganização das metrópoles desequilíbrios e neuroses daqueles que lá vivem. Estudos já clássicos de Simmel, como “A metrópole e a vida mental”<sup>10</sup>, provocam a reflexão dos pesquisadores da escola de Chicago. Temos, assim, o texto igualmente clássico de Wirth (1938)<sup>11</sup>, que assinala as implicações do crescimento

---

<sup>8</sup>Aqui vale a pena destacar a ideia de alienação em Marx, e a de sociedade disciplinar de Foucault, entre outras.

<sup>9</sup>Aqui vale a pena a leitura de Simmel, em sua obra *Filosofia do Dinheiro*, indicando que os comportamentos de distância, indiferença e despersonalização das relações sociais foram fortemente influenciados pela presença da economia monetária. Ver: Simmel (2011).

<sup>10</sup>Simmel, Georg Die Großstädte und das Geistesleben”. In: SIMMEL, Georg. Gesamtausgabe. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131 (há uma tradução para a Língua Portuguesa de Leopoldo Waisbort publicada na revista Mana - MANA 11(2):577-591, 2005, com acesso livre a partir do endereço eletrônico <http://www.scielo.br/pdf/mana/v11n2/27459.pdf>. Este estudo foi publicado originalmente em 1903.

<sup>11</sup>Wirth, Louis. The urbanism as way of life. American Sociological Review, vol. 44, n° 1, (Jul., 1938), pp. 1-24. Disponível em: [http://www.uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m19/content/dokumente/614/Wirth\\_1938.pdf](http://www.uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m19/content/dokumente/614/Wirth_1938.pdf). Acesso em: 17 mar. 2023.

urbano sobre o comportamento das pessoas. Outros estudos se seguem, como, o de Mower sobre ecologia urbana e perturbações mentais, o de Faris sobre perturbações mentais em áreas urbanas, o de Queen sobre perturbações mentais e ecologia urbana, todos publicados na coletânea de Pierson sobre ecologia humana.<sup>12</sup> Nessa mesma linha de pensamento, Ehrenberg (1998) sugere um “*réajustement du Moi*”, conformando-o à modernidade urbana, de vida agitada e sensações inebriantes.

Mais recentemente, pesquisadores sugerem que os transtornos mentais contemporâneos também podem ser decorrentes de características civilizatórias deste novo século, distintas daquelas vivenciadas por Freud e que deram origem às neuroses. Ehrenberg (1998) sugere uma genealogia do sofrimento, em que a neurose surge recortando o ferimento puramente psíquico, que tem origem em um acontecimento traumático. Estes acontecimentos, ainda segundo Ehrenberg, são típicos do “Mal do Século” (a depressão), vividos em sociabilidades características da Europa no final do século XIX. A neurose, portanto, é típica dos tempos modernos; e a depressão, da modernidade tardia.

A depressão e a melancolia, conceitos já utilizados no início do século XX, são ressignificados neste novo século. Âncoras como culpa, disciplinarização e obediência, que impossibilitam os sujeitos desejantes de realização plena, agora são deslocadas para as exigências da performance desta nova era: exigências de desempenho no trabalho, na vida sexual, nas relações de amizade, enfim, o desempenho como *Deus ex machina* desta nova civilização. Assim, segundo Ehrenberg (2012):

La dépression a joué un rôle d'entité clinique relais entre l'ancien monde de la psychiatrie et de la folie et le nouveau monde de la santé mentale et de la souffrance psychique. Elle a accompagné, au cours de la seconde moitié du XXe siècle, le déplacement de la discipline à l'autonomie en prenant progressivement la place de la névrose freudienne, cette pathologie de la culpabilité, pour devenir l'ombre de l'individu normé par l'autonomie. Dans un style d'existence organisé par la discipline traditionnelle, la question qui se posait à chacun était de type « névrotique » : que m'est-il permis de faire ? quand la référence à l'autonomie domine les esprits, quand l'idée que chacun peut devenir quelqu'un par lui-même en progressant de sa propre initiative

---

<sup>12</sup>Donald Pierson, antropólogo norte-americano, foi professor visitante da Universidade de São Paulo e introduziu no Brasil os estudos de comunidade. Publicou em 1945 uma importante coletânea sobre estudos de ecologia humana. A edição que consultamos (Pierson, Donald. Estudos de Ecologia Humana. São Paulo, Martins Fontes, 1970), contém os estudos que citamos sobre cidades e saúde mental: Mowrer, Ernest. O estudo ecológico de Faris e Dunham sobre perturbações mentais (pp. 396-405); Faris Robert; Dunham, Warren. Perturbações mentais em áreas urbanas (pp. 406-435); Queen, Stuart. Estudo ecológico das perturbações mentais (pp. 436-450).

devient un idéal inséré dans nos usages quotidiens, la question est de type « dépressive » : suis-je capable de le faire? la culpabilité névrotique n'a évidemment disparu, elle a pris la forme de l'insuffisance dépressive (p. 12).

Sociedade do cansaço<sup>13</sup>, ou a fadiga de si, são expressões agora construídas para descrever esta sociedade do desempenho, da busca neurótica do prazer narcisístico, em que vale tudo para assegurar o bem-estar, inclusive o recurso à aspirina psíquica<sup>14</sup>.

Todas essas questões foram discutidas antes da grande virada tecnológica provocada pela internet, que surge no final do século XX, e aprofunda os seus efeitos sobre as sociabilidades das pessoas, a partir da primeira década do século XXI. Questões impossíveis de serem pensadas são agora colocadas como resultado do impacto dessa nova tecnologia sobre as sociabilidades das pessoas. Mas serão realmente novas? Ou simplesmente algo já existente, com uma nova roupagem?

## **PRÁTICAS DE SOCIABILIDADE MEDIADAS PELA INTERNET: O QUE TEM DE NOVO?**

As mudanças provocadas pelo advento da internet ainda não estão claramente explicadas pelos cientistas sociais. Há controvérsias sobre os seus efeitos (negativos e positivos) nas práticas de sociabilidades, principalmente, mas também sobre as mudanças resultantes do que vem sendo comumente denominado por

---

<sup>13</sup>Este é o interessante título do livro de Byung-Chul Han (*Müdigkeitgesellschaft*, Berlin, Matthes & Seitz, 2013), que apresenta a instigante tese sobre os tempos modernos: “die psychischen Erkrankungen der Leistungsgesellschaft sind gerade die pathologischen Manifestationen dieser paradoxen Freiheit“ (p. 25).

<sup>14</sup>Expressão de Ehrenberg (1998) que comenta uma tendência da medicalização da vida, a construção da sociedade do bem-estar. Assim, segundo o autor, “on passe des médicaments pour malades aux médicaments pour gens normaux en difficulté, puis aux médicaments pour faciliter la vie chez les gens en état normal... le rôle des drogues psychotropes est de rendre à ces patients la joie de vivre, à laquelle justement la vie moderne et les progrès de la technicité ne cessent de s’attaquer” (p. 109). Assim, uma segunda revolução – a primeira com a descoberta das camisas de força químicas, os neurolépticos, possibilitando a estabilização dos quadros de psicose –, com a descoberta da fluoxetina, na década de 1980, medicamento da classe dos inibidores seletivos de recaptção da serotonina, inicia-se uma nova era, a da adequação da psique às exigências da performance e da felicidade do mundo na modernidade tardia.

globalização<sup>15</sup>. Há, de fato, a recente incorporação desta nova tecnologia – praticamente a partir da década de 80 do século passado –, o que significa que é um fenômeno ainda em consolidação; por outro lado, há também que se considerar que os processos sociais decorrentes desta nova tecnologia são frequentemente atualizados, em virtude de as tecnologias da informática estarem em constante mudança. O ritmo e a velocidade da mudança social aumentaram consideravelmente desde a introdução das tecnologias de comunicação mediadas pela internet. Seus efeitos, como sabemos, estendem-se para toda a esfera das práticas de sociabilidade: econômica, cultural, de modos de vida; a extensão do fenômeno amplia cada vez mais o espectro de alcance: podemos inclusive afirmar que o impacto desta nova tecnologia atinge praticamente todo o planeta, com exceção de alguns povos isolados ou de regiões onde o nível de desenvolvimento é muito baixo.<sup>16</sup> Com isso, não queremos afirmar que a exclusão digital não seja importante – e que de fato existe, mesmo em áreas onde o acesso à internet é amplo –, mas que o mundo é globalizado: é inegável a importância das influências da WWW sobre a vida cotidiana das pessoas, mesmo entre aquelas que não têm pleno acesso à rede<sup>17</sup>.

As mudanças são significativas, mas não concordamos que estejamos em uma nova fase civilizatória. Contrariamente aos que pensam em uma fase posterior à modernidade, endossamos a tese de Habermas (1985) quando afirma que a modernidade e as suas promessas ainda são a referência para o mundo do século XXI. Habermas, quando escreveu este importante livro, dialogando com os filósofos da pós-modernidade, talvez não imaginasse as profundas mudanças pelas quais as sociedades – em especial a Europa e os Estados Unidos da América – iriam passar. Mas, mesmo assim, considerando que a razão e as suas patologias talvez nos mostrem um quadro diferente daquele “otimisticamente” defendido pelos filósofos das luzes, as mudanças não indicam direções completamente diferentes daquelas iniciadas com o Renascimento e a modernidade.

---

<sup>15</sup>Alguns autores, especialmente aqueles de influência francesa, têm denominado este fenômeno por mundialização. Embora assinalem diferenças entre as duas expressões, considero que remetam a um mesmo fenômeno.

<sup>16</sup>Estamos aqui falando da Amazônia, de regiões da África, da Ásia Central e do Sudeste Asiático.

<sup>17</sup>A literatura sobre o assunto é vasta. Consultar, por exemplo: Han (2019).

Da mesma forma, e agora considerando os efeitos da revolução da internet sobre as sociabilidades, as práticas de interação e as construções reticulares das biografias individuais, acredito que, em sua essência, o fenômeno seja da mesma natureza. Da conversa direta, via interações face a face, àquelas mediadas pela internet, através de seus aplicativos, a natureza das redes, observada a partir de sua morfologia, de sua dinâmica, e também de seu recorte estrutural, parece mostrar as mesmas características; o que nos permite afirmar que aquelas condições de posição do ator na rede indicam características particulares de acesso a recursos: comunicação, apoio, bens materiais ou simbólicos etc.; que, conseqüentemente, podemos considerar que sejam válidas as considerações sobre a natureza da rede extraídas de estudos de redes egocentradas, em interação face a face, para o estudo das redes mediadas pela internet. Naturalmente, alguns ingredientes podem ser acrescentados, que são particulares as redes mediadas pela internet.

Considerar que o fenômeno é o mesmo não significa admitir que as suas manifestações sejam idênticas. Há, de fato, alguns ingredientes que são particulares aqueles em que a mediação dos aplicativos esteja presente. Com isso, acredito, tentamos mostrar que, para a análise das redes, alguns ingredientes estão presentes em toda estruturação reticular e outros são particulares segundo a prática de interação dominante consoante aos períodos civilizatórios.

### **1. Redes egocentradas em interações face a face**

O modo mais frequente e universal da construção das estruturas reticulares se dá a partir das redes egocentradas construídas a partir da interação face a face. São estruturadas com origem nas trajetórias das experiências cotidianas, inscritas nos campos interativos dos círculos sociais dos atores. Estes campos de sociabilidade e as práticas de interação, entretanto, não são uniformes, tanto em seu conteúdo como, igualmente, em sua forma. As redes sociais egocentradas podem ser classificadas, inicialmente, em redes de laços fortes e redes de laços fracos. A distribuição destas redes é função da complexidade do social, que segmenta e as distribui em espaços sociais especializados. Assim, os indivíduos constroem seus círculos sociais, em suas trajetórias reticulares, cada vez mais especializados, na medida em que a divisão do trabalho aumenta e a transição da pessoa para o indivíduo se completa. Agora, na

modernidade, não é mais a pessoa, com construções de papéis integradas e plenamente reconhecidas; são os indivíduos, com interações sociais fragmentadas e inscritas em diversos campos de sociabilidade, na maior parte das vezes não comunicantes entre si. Os indivíduos têm, é certo, maiores possibilidades de construção do “eu” e localizam as práticas de sociabilidade em círculos sociais definidos, segmentados. Assim, segundo Simmel:

O indivíduo se vê primeiro em um ambiente que, relativamente à sua individualidade, encadeia o seu destino e lhe impõe o viver estreitamente ligado aqueles que por ocasião do seu nascimento se encontram juntos... Mas à medida em que a evolução acontece, cada indivíduo tece os laços com pessoas situadas no exterior do primeiro círculo de associação, que desta vez têm uma relação ancorada objetivamente sobre disposições, inclinações, atividades etc. A associação em função de uma coexistência exterior é substituída mais e mais por uma associação fundada em relações de conteúdo... O pertencimento geográfico e fisiológico, determinado pelo *terminus a quo*, é substituído aqui de maneira mais radical pela síntese do ponto de vista da finalidade, dos interesses interno e objetivo, pelo interesse individual (Simmel, 1999: p. 408).

Essas redes ainda apresentam outras características particulares segundo o momento histórico considerado. Assim, por exemplo, na modernidade, há a tendência, como vimos acima, da formação do indivíduo, com trajetórias reticulares mais singularizadas, características da passagem da pessoa para o indivíduo<sup>18</sup>; o que implica em construções reticulares mais específicas, com a predominância dos laços fracos e dos contatos mais singulares, decorrentes de escolhas das trajetórias biográficas. Assim, posições na estrutura social, desenho das redes e padrões reticulares cada vez mais decorrentes de escolhas são as características da modernidade, típicas da formação do indivíduo. Como resultado, há uma série de consequências importantes: padrões de mobilização de recursos, predominância de nós subsumidos a interesses específicos e pontuais, com a consequente ausência de vínculos sociais mais duradouros<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup>Alguns autores, como Klinger (2021), ainda acrescentam outra classificação, com a introdução da ideia da passagem do *individuum* para o *singulum* (vom subjekt über das Individuum zum Singulum), com o surgimento da pós-modernidade ou modernidade tardia.

<sup>19</sup>Alguns julgam que as consequências destas sociabilidades têm impactos muito fortes sobre o bem-estar emocional das pessoas: isolamento social, ausência de referências normativas e morais consistentes e esgarçamento dos laços de solidariedade. Outros, por sua vez, acreditam que o substrato da liberdade de escolha, da quebra dos vínculos sociais opressivos e a possibilidade de construir trajetórias biográficas livres de constrangimentos de controle social são conquistas importantes e que não devem ser negligenciadas.

Essas questões foram discutidas em profusão pela literatura das Ciências Sociais, e exploradas pelos romancistas do final do século XIX e do início do século XX. Não nos deteremos mais nessas questões. Vamos nos centrar, agora, no fenômeno das redes sociais mediadas pela internet, explorando brevemente alguns pontos e tendo como objetivo demonstrar a nossa tese central: que, fundamentalmente, as sociabilidades das pessoas não se modificam substancialmente com o surgimento desta nova tecnologia de comunicação; que, igualmente, inúmeras características singulares são acrescentadas, o que também procuraremos salientar, embora ainda de forma bastante provisória.

## **2. Sociabilidades primárias e sociabilidades secundárias nas redes mediadas pela internet.**

Em 1996 Manuel Castells lança uma obra com pretensão ambiciosa: desvelar os mecanismos de uma nova ordem mundial, engatilhada a partir da revolução da informática. Sob o amplo título *A era informacional: economia, sociedade e cultura*, os três volumes dessa importante publicação tinham por hipótese central, já lançada em sua introdução, a ideia de que “nossas sociedades estão crescentemente estruturadas em torno de uma oposição bipolar entre a *Net* e o *Self*” (Castells, 1996a, p. 03). Mais adiante, introduz outro ingrediente fundamental: que os processos estruturantes do espaço/tempo desta nova era se modificam fundamentalmente, transformando-os de originalmente fixos e relativamente estáveis, a algo frouxo, instável e em constante movimento. Assim, segundo Castells, nessa nova forma de organização social, “o espaço organiza o tempo na sociedade de redes (p. 377), estruturando, assim, um espaço de fluxos:

O espaço de fluxo é a organização material de práticas sociais de compartilhamento de tempo que funcionam através de fluxos. Por fluxos, entendo sequências propositais, repetitivas e programáveis de troca e interação entre posições fisicamente desarticuladas mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, políticas e simbólicas da sociedade. As práticas sociais dominantes são aquelas que estão embutidas nas estruturas sociais dominantes. Por estruturas dominantes, entendo os arranjos de organizações e instituições, cuja lógica interna desempenha um papel estrangulado na formação de práticas sociais e consciência social para a sociedade em geral. (p. 412).

Ainda segundo Castells, os suportes materiais para a construção desta sociedade de fluxos são dados a partir de três pontos: (a) circuitos de impulsos eletrônicos; (b) nodos e *hubs*; (c) organização espacial das elites dominantes e a articulação das práticas econômicas nos espaços integrados globalmente. São as bases para a nova sociedade, global e local<sup>20</sup>, constituindo, desta forma, uma revolução sem precedentes no capitalismo cada vez mais integrado, desorganizando as fronteiras dos Estados-nação e desconstruindo as antes tradicionais estruturas identitárias, cujos exemplos mais destacados são as categorias de classe e nação.

A década de noventa do século passado foi o início de um processo que se acelerou bastante desde então. As ideias de Castells, bastante instigantes, não diziam muita coisa, entretanto, sobre as sociabilidades do cotidiano, a respeito da vida ordinária das pessoas. Mesmo no segundo volume da sua trilogia, que trata de questões ligadas mais ao sujeito e às pessoas, o ângulo é direcionado para as grandes questões identitárias que, embora importantes, pouco diziam sobre como a internet e a revolução da informática iriam mais adiante influenciar significativamente o mundo das redes egocentradas. Campos de sociabilidade restritos, organizados a partir das trajetórias biográficas, em que até então a existência dos contatos mediados por tecnologia<sup>21</sup>, embora existente, não alcançava a enorme dimensão do que viria a seguir.

A internet iria despontar enquanto ferramenta revolucionária dos processos comunicativos somente a partir do final do século XX. Barry Wellman e seu grupo de pesquisa da Universidade de Toronto buscavam a resposta para a seguinte questão: “Can people find community online in the internet? Can relationships between people who never see, smell or hear each other be supportive and intimate?”<sup>22</sup>

Essa é uma pergunta que os pesquisadores faziam de forma recorrente, sobre as ameaças desta nova tecnologia na construção das trajetórias de sociabilidades das pessoas. É possível que o uso da internet enquanto mídia de interações sociais – dada a sua potência e extensão – interfira nas sociabilidades ancoradas territorialmente, a

---

<sup>20</sup>A expressão *globalização* vem sendo adotada de forma quase generalizada entre os cientistas sociais.

<sup>21</sup>Os correios, o telefone, o *fax*, muito importantes para cada época dos tempos modernos, iriam sendo secundarizados com o aparecimento da internet.

<sup>22</sup>WELLMAN, Barry. GULIA, Milena. *Net wurfers don't ride alone: Virtual communities as communities*. In: Kollok, Peter (et alli). *Communities and CyberSpace*. New York, Routledge, 1999.

partir das interações face a face? Quais são os efeitos dessa nova tecnologia sobre o equilíbrio (socioafetivo) dos indivíduos?

Na década de 1990, havia um importante debate nos Estados Unidos da América sobre o declínio da comunidade, fonte principal do *grassroot democracy* que, desde os tempos de Tocqueville<sup>23</sup>, era a característica marcante da democracia americana.

Cabe, neste momento, observar que esse fenômeno, sendo relativamente novo, apresentava entre os analistas cenários divididos: ou muito otimistas, ou catastroficamente negativos. Sem pretender ser extensivo nesta revisão bibliográfica, basta, por exemplo, anotar dois exemplos interessantes sobre os efeitos da internet sobre as sociabilidades cotidianas, na construção dos vínculos comunitários, ou os efeitos na construção da esfera pública. Para uma corrente importante de cientistas políticos estadunidenses, o vínculo comunitário, a pertença a laços territoriais, era a “cola” que unia indivíduos, que os levava à esfera pública para deliberar e, juntos, construir uma sociedade, cujos interesses comuns fossem a tônica dominante. Esse fenômeno, festejado e estimulado por políticos e cientistas sociais, de repente se encontra ameaçado pelas transformações recentes da sociedade americana, que provocava perda de vínculos comunitários essenciais à manutenção da saúde política do povo estadunidense. Robert Putnam publicou, no final da década de 1990, um importante livro, cujo título sugestivo é *Jogando boliche sozinho*, e indicava que as práticas associativas comunitárias estavam em declínio e que, portanto, o vigor da esfera pública estava ameaçado. A desintegração dos laços comunitários é o resultado de uma série de fatores, mas Putnam aponta índices que indicam desterritorialização, construção dominante de laços secundários e interações mediadas pela internet em crescente importância. É, segundo ele, um fenômeno que corrói de maneira importante as instituições<sup>24</sup>.

O debate não é unânime. Há outros autores, por exemplo, que indicam a possibilidade de construção de uma “ágora digital”. Pierre Lévy, por exemplo, constrói o conceito de inteligência coletiva, em que, a partir do livre fluxo de comunicação, as

---

<sup>23</sup>Tocqueville, Alexis. *A democracia na América*. São Paulo, Edipro, 2019.

<sup>24</sup>O comunitarismo, ou a força das comunidades como cimento social, é um tema bastante trabalhado na literatura estadunidense. Sobre o assunto, ver: Wuthnow (1998).

peças exprimem suas opiniões fora de forma igualitária, evitando, assim, a predominância de uns sobre os outros. Com isso, a potência da democracia é efetivamente incrementada, permitindo o fluxo de debates e a circulação de ideias sem precedentes. Essa ideia, de cibercultura, proporciona uma visão de futuro bastante otimista<sup>25</sup>.

Recentemente, com os movimentos sociais de 2013 – e o uso intenso de redes sociais mediadas pela internet –, a utopia de uma rede simétrica e horizontal (basicamente, a ideia de Lévy) foi revivida, com os participantes das Assembleias de Madrid, em que as pautas políticas eram lançadas para debate e voto a partir da plataforma do Twitter. A construção da ágora digital era tentada, em um futuro ainda cheio de incertezas<sup>26</sup>.

Outro campo de investigação que foi construído vigorosamente no final do século XX refere-se à tentativa de entendimento sobre a natureza das interações sociais mediadas pela internet. Os primeiros estudos ainda não tinham conhecimento do impacto da chamada Internet 2.0<sup>27</sup> e o surgimento das redes sociais mediadas pela internet. Em um primeiro momento, ainda se tratava da possibilidade de comunicação entre duas pessoas, a partir do correio eletrônico ou das chamadas virtuais. Em essência, a substituição da mídia telefônica pela digital. Ou das possibilidades de informação oferecidas pelos mecanismos de busca (Google, Yahoo, entre outros). Basicamente, a ideia era que a âncora territorial não era exclusiva para a interação social orientada para laços fortes, mas que era possível, a partir da mídia digital, construir e alimentar estes vínculos. Wellman e o seu laboratório de pesquisa na Universidade de Toronto produziram inúmeros estudos sobre as assim chamadas comunidades virtuais e a potência da internet para aproximar pessoas. E a sua hipótese central recentemente foi revivida em uma publicação de 2014: “technology does not determine human behavior; humans determine how technologies are used” (Wellman, 2014 p. IX).

---

<sup>25</sup>Consultar: Levy (1997, 1994, 2002).

<sup>26</sup>Há uma extensa literatura sobre o assunto. Para o caso brasileiro, consultar: Ferreira; Fontes (2013).

<sup>27</sup>Internet 2.0 refere-se a um segundo momento, iniciado a partir da primeira década do século XXI, quando houve a introdução de plataformas que possibilitavam interação em grupo, as chamadas redes sociais: Facebook, Twitter, WhatsApp, entre outras.

Assim, segundo a análise de Wellman, as orientações e o formato das interações sociais em rede são basicamente aquelas existentes nas interações virtuais: há a presença de laços fortes, laços fracos, interações ocasionais e outras permanentes. Não é possível afirmar a existência de um espaço de sociabilidade paralelo ao mundo real, como querem fazer acreditar alguns escritos de divulgação científica ou, até mesmo, a ficção dos filmes hollywoodianos.

Há que acrescentar, entretanto, que as utopias excessivamente otimistas parecem não se confirmar. Tópicos como o acesso irrestrito à informação, a possibilidade de horizontalidade entre os membros da rede e, conseqüentemente, a existência de mecanismos democráticos de formação de opinião parecem ser contraditos por estudos recentes.

Mas a crítica mais contundente que se pode fazer às novas tecnologias diz respeito ao controle de informações por grupos privados, com ausência quase absoluta da autoridade do Estado e, desta forma, a destituição da sociedade civil e da esfera política sobre o domínio das ações públicas. No início da revolução da informática, com a globalização, havia uma série de estudos mostrando a decadência dos Estados nacionais no controle dos territórios e, desta forma, o seu enfraquecimento enquanto ator importante na regulação da esfera econômica<sup>28</sup>. Agora, com o desenvolvimento da internet e as suas ferramentas de comunicação, surge algo aparentemente mais grave: o fato de as grandes empresas que atuam nos processos comunicativos controlarem volumes impressionantes de informações sobre pessoas, governos e empresas. E esse fenômeno é bastante recente<sup>29</sup>, chamando a atenção para os pesquisadores de um novo fenômeno: o capitalismo de vigilância, que é assim definido por Zuboff (2020, s/p):

1. Uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas;
2. Uma lógica econômica na qual a produção de bens e serviços é subordinada a uma nova arquitetura global de modificação de comportamento;
3. Uma funesta mutação do capitalismo marcada por concentrações de riqueza, conhecimento e poder sem precedentes na história da humanidade;
4. Estrutura que serve de base para a economia de vigilância;
5. Uma ameaça tão significativa para a natureza humana no século XXI

---

<sup>28</sup>O fato, por exemplo, de a regulação sobre a circulação do capital ser bastante frágil, o que possibilita o ataque especulativo das moedas e das bolsas.

<sup>29</sup>O que as pesquisas indicam é que este fenômeno se torna mais relevante somente a partir do início da segunda década deste século.

quanto foi o capitalismo industrial para o mundo natural nos séculos XIX e XX; 6. A origem de um novo poder instrumentário que reivindica domínio sobre a sociedade e apresenta desafios surpreendentes para a democracia de mercado; 7. Um movimento que visa impor uma nova ordem coletiva baseada em certeza total; 8. Uma expropriação de direitos humanos críticos que pode ser mais bem compreendida como um golpe vindo de cima: *uma destituição da soberania dos indivíduos* (grifos nossos).

O livro de Zuboff tem algo de catastrófico e certamente muitas das coisas que ele afirma ainda carecem de estudos mais aprofundados. Mas o fato é que constantemente têm surgido indícios de que a revolução da internet apresenta efeitos bastante nefastos sobre uma série de facetas desta nova ordem mundial, na qual certamente os ideais do liberalismo – da soberania do indivíduo, da existência de Estados que atuam sobre a ordem social para a defesa dos interesses públicos e, principalmente, de uma lógica de proteção de direitos – são letra morta; que, ainda mais, os ideais de uma lógica social mais justa, a bandeira dos socialistas de todos os matizes, veem-se confrontados por um mundo cada vez mais desigual e excludente, em que, certamente, o pano de fundo dessas novas tecnologias é o suporte essencial.

E o que nos chama a atenção, em outra vertente de estudos, é que este volume incomensurável de informações extraídos dos indivíduos, que depositam ininterruptamente nos bancos de dados dos que controlam a internet – o Google, a Apple, o Twitter, a Meta<sup>30</sup> –, é manipulado para organizar as vontades das empresas que usam estas informações para vender, e também para formar opiniões. Seaver, em um instigante artigo<sup>31</sup>, traz importantes questões para a compreensão do que ele denomina “sistemas de recomendação algorítmica”, técnica de manipulação de dados com informações obtidas por usuários das diversas plataformas da internet que acessamos todos os dias. Assim, quando buscamos algo no Google, quando nos divertimos no Facebook ou quando navegamos no Twitter, deixamos lá traços (sobre o que procuramos, sobre as pessoas que interagimos, sobre as notícias ou os assuntos que lemos, sobre o que compramos...) que depois são recuperados pelos *softwares* de

---

<sup>30</sup>A Meta é um conglomerado empresarial que reúne empresas, como Facebook, Instagram e WhatsApp. Já o Twitter foi fundado em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass e adquirido, em abril de 2022, pelo bilionário Elon Musk.

<sup>31</sup>Seaver, Nick. *Algoritmos cativantes: sistemas de recomendação como armadilhas*. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2022/04/Algoritmos-cativantes-Sistemas-recomendados-como-armadilhas.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

*data mining*; esses dados, depois de processados e organizados por algoritmos, são devolvidos aos que usam a *web* para direcioná-los a outros sites de interesse, recomendando assim, por exemplo, filmes na Netflix ou músicas no Spotify, conquistando a fidelidade de clientes que assinam os serviços destas plataformas de *streaming*. Ou, em outra direção, dirigem os usuários da *web* para empresas que vendem coisas, em um *marketing* sutil, calculado e planejado segundo princípios extraídos de estudos sobre comportamento humano, dirigidos por psicólogos e outros especialistas<sup>32</sup>.

Em outra direção, igualmente complexa e ainda não totalmente compreendida, está o uso destes macrodados, manipulados a partir de algoritmos, para a formação de opinião política, direcionando informações selecionadas e fatos – às vezes manipulados, o que depois veio a ser conhecido por *fake news*. Pesquisadores indicam que ocorrências recentes, como o referendo do Brexit<sup>33</sup> e as campanhas presidenciais dos Estados Unidos<sup>34</sup> e do Brasil<sup>35</sup>, tiveram como suporte o uso intenso de plataformas de redes sociais mediadas pela internet e a manipulação de informações a partir do uso de algoritmos construídos, especialmente, para este fim.

O cenário, como percebemos, ainda está cheio de questões não resolvidas, mas há uma agenda de pesquisa importante, e a busca por novas ferramentas para a extração de dados se faz necessária. Não é mais possível, por exemplo, pensarmos a ideia de esfera pública a partir das práticas tradicionais do debate na imprensa e da livre discussão das pessoas em *fora* presenciais. Desde os cafés do início da Idade Moderna até os debates e os comícios, as práticas de sociabilidades continuam as mesmas, mas agora profundamente moldadas por novas técnicas e meios de comunicação. Da mesma forma, a recomendação sobre um filme, um livro ou até mesmo um alimento não é mais dada a partir das pessoas do nosso círculo social. Os algoritmos e as armadilhas da rede nos aprisionam em um universo de consumo, de

---

<sup>32</sup>O autor, que é antropólogo, oferece-nos uma interessante analogia entre essas técnicas e as desenvolvidas por caçadores, na construção das armadilhas. São sistemas que servem para “fisgar”, neste caso, pessoas: “uma tendência entre os fabricantes desses sistemas de descrever o seu propósito como ‘fisgar’ [hook] pessoas - aliciando-as para uso frequente ou duradouro”.

<sup>33</sup>Consultar, sobre o assunto: Del Vicario (2017), Mancosu (2019).

<sup>34</sup>Cf. Howard (2018).

<sup>35</sup>Cf. Salles (2019).

formação de gostos e opinião. Não há ainda a certeza sobre o real poder destas novas técnicas, mas com certeza elas estão presentes e colocam novos desafios.

## Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. *The Information Age: Economy, Society and culture*. Vol. I. The rise of the Network Society. Malden, MA, Blackwell, 1996a.

CASTELLS, Manuel. *The Information Age: Economy, Society and culture*. Vol II. The Power of Identity. Malden, MA, Blackwell, 1996b.

CASTELLS, Manuel. *The Information Age: Economy, Society and culture*. Vol III. End of Millenium. Malden, MA, Blackwell, 1996c.

DAHRENDORF, Ralph. *Homo Sociologicus*. Londres, Routledge, 1973.

DEL VICARIO, Michella; Zollo, Fabiana; Caldarelli, Guido; Mapping social dynamics on Facebook: the Brexit Debate. In: *Social Networks*, vol. 50, july 2017, pp. 6-16.

EHRENBERG, Alain. *La Société du Malaise*. Paris, Ed. Odile Jacob, 2012.

EHRENBERG, Alain. *La Fatigue d'Être Soi*. Paris, Editions Odile Jacob, 1998.

FERREIRA, Jonatas; FONTES, Breno. ÁGORA ELETRÔNICA: algumas reflexões teórico-metodológicas. *Est. Soc. [on-line]*. 2013, vol. 2, n. 19.

FONTES, Breno Augusto Souto Maior. La contribución de Simmel a la sociología reticular. *Estudios Sociológicos XXXIII*: 99, 2015.

FOUCAULT, Michel. Terceira Parte: Disciplina. In: *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. 20ª ed. São Paulo: Vozes, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Le Discours Philosophique de la modernité*. Paris, Editions Gallimard, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Legitimationsproblem im spätKapitalismus*. Frankfurt am Main, Surkamp, 1973.

HABERMAS, Jürgen. *Philosophische Texte*. Suhrkamp, Frankfurt am Main, 2009 (Studienausgabe Suhrkamp, 4 Bände).

HABERMAS, Jürgen. *Théorie de l'agir communicationnel*. Tome I Rationalité de l'agir et rationalisation de la société. Paris, Fayard, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Théorie de l'agir communicationnel*. Tome II: Pour une critique de la raison fonctionnaliste. Paris, Fayard, 1985a.

HAN, Byung Chul. *Hiperculturalidade, cultura e globalização*. Petrópolis, Editora Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. *Müdigkeitgesellschaft*, Berlin, Matthes & Seitz, 2013.

HOBSBAUM, Eric. *Globalização, Democracia, Terrorismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

HOWARD, Philipp; Wooley, Samuel. Algorithms, bots, and political communication in the US 2016 election: The challenge of automated political communication for election law and administration. In: *Journal of Information, Technology and Politics*. Volume 15. 1028, issue 2.

KLINGER, Cornelia. The selfie – oder das Selbst in seinem Welt-Bild. In: FUCHS, Thomas (edt) *Das Überforderte Subjekt. Zeitdiagnosen einer Beschleunigten Gesellschaft*. Berlin, Suhrkamp Verlag, 2021, pp. 115-144.

LECHNER, Frank J. BOLI, John. *The globalization reader*. Blackwell, Hoboken, NJ, 2019.

LEVY, Pierre *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob, 1997.

LEVY, Pierre *Cyberdémocratie (Essai de philosophie politique)*. Paris: Odile Jacob, 2002.

LEVY, Pierre *L'intelligence collective. Pour une anthropologie du cyberspace*. Paris: La Découverte, 1994.

MANCOSU, M. ; BOBBA, G. (2019) Using deeplearning algorithms to derive basic characteristics of social media users: The Brexit campaign as a case study. In: *PLoS ONE* 14(1): e0211013. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0211013>.

MARX, Karl. *Grundrisse. Manuscritos de 1857-1858*. Esboços da Crítica da Economia Política. São Paulo, Editora Boitempo, 2011.

PIERSON, Donald. *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo, Martins Fontes, 1970.

PUTNAM, Robert. *Bowling Alone: the collapse and revival of American Community*. N. York, Simon and Schuster; Touchstone books, 2001.

ROSA, Hartmut. *Aceleração. A transformação das estruturas temporais na modernidade*. São Paulo, Unesp, 2019.

SALLES, Eduardo; Amaral, Augusto Jobim. Máquinas de subjetivação, capitalismo de vigilância e algoritmos: uma aproximação desde o caso brasileiro. In: *Actas del III Congreso Internacional Move.net sobre Movimientos Sociales y TIC 14 y 15 de noviembre de 2019 – Universidad de Sevilla*, COMPOLITICAS extraído de [https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/17360/2/Maquinas\\_de\\_subjetiva](https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/17360/2/Maquinas_de_subjetiva)

[cao capitalismo de vigilancia e algoritmos uma aproximacao desde o caso brasil eiro.pdf](#). Acesso em: 19 abr. 2022.

SCOTT, Alan. *The limits of globalization*. London, Routledge, 1997.

SEAVER, Nick. Algoritmos cativantes: sistemas de recomendação como armadilhas. In: <https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2022/04/Algoritmos-cativantes-Sistemas-recomendados-como-armadilhas.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

SIMMEL, Georg Die Großstädte und das Geistesleben". In: SIMMEL, Georg. *Gesamtausgabe*. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995, vol. 7, pp. 116-131.

SIMMEL, Georg. *The Philosophy of Money*. London, Routledge, 2011.

SIMMEL, Georg. (1896) Comment les formes sociales se maintiennent. In: *L'année sociologique*, p. 71-107. Disponível em: <http://socio.ch/sim/franzoesisch/formes.htm>. Acesso em: 23 mar. 2012.

SIMMEL, Georg. *Sociologie*. Etudes sur les formes de la socialisation. Paris, PUF, 1999.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

WELLMAN, Barry; RAINIE, Lee. Networked. *The new social operating system*. Cambridge, MA, MIT Press, 2014.

WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. Net surfers don't ride alone: Virtual communities as communities. In: KOLLOK, Peter (et al.) *Communities and Cyberspace*. New York, Routledge, 1999.

Wirth, Louis. The urbanism as way of life. In: *American Sociological Review*. Vol. 44, No. 1, (Jul., 1938), pp. 1-24. Disponível em: [http://www.uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m19/content/dokumente/614/Wirth\\_1938.pdf](http://www.uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m19/content/dokumente/614/Wirth_1938.pdf). Acesso em: 23 mar. 2022.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância*. A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2020.

**Recebido em:** 22 de abril de 2022.

**Aceito em:** 15 de agosto de 2022.

## COMO REFERENCIAR

FONTES, Breno Augusto Souto Maior. Redes e sociabilidades na modernidade tardia. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 175-196, 2022.

## Raul Seixas: “Baú”, *habitus* e juventude em Salvador nas décadas de 1950/1960

## Raul Seixas: “Baú”, *habitus* and youth in Salvador in the 1950s/1960

### **Lucas Souza**

Professor adjunto na  
Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira; doutor em  
Sociologia pela Universidade  
de São Paulo.  
E-mail:  
[lucassouza@unilab.edu.br](mailto:lucassouza@unilab.edu.br)

### **Janaina Lobo**

Professora adjunta na  
Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira; doutora em  
Antropologia pela UFRGS.  
E-mail:  
[lucassouza@unilab.edu.br](mailto:lucassouza@unilab.edu.br)

### **Resumo**

Este trabalho analisa o período de infância e juventude de Raul Seixas, na Salvador de sua mocidade (1945-1967). O objetivo central da investigação é compreender a bagagem social e familiar por ele herdada no conjunto das transformações econômicas, sociais e culturais em processo na capital baiana, na metade do século XX. Assim, este trabalho busca analisar as origens sociais e culturais do jovem Raul Seixas, em certa medida incorporadas como disposições duráveis em seu *habitus* artístico, e a cadeia de oportunidades e constrangimentos sociais a ele imposta na Salvador dos anos de 1950 e 1960.

**Palavras-chaves:** Raul Seixas; Salvador; juventude; trajetória; “Baú”.

### **Abstract**

This work analyzes the period of childhood and youth of Raul Seixas, in Salvador (1945-1967). The main objective of the investigation is to understand the social and family baggage inherited by him in the set of economic, social and cultural transformations in process in the capital of Bahia, in the mid-twentieth century. Thus, this work seeks to understand the social and cultural origins of the young Raul Seixas, somehow incorporated as durable provisions in his artistic *habitus*, and the chain of opportunities and social constraints that were imposed on him in Salvador in the 1950s.

**Keywords:** Raul Seixas; Salvador; youth; trajectory; “Baú”.

## Introdução

Há muito tempo atrás, na velha Bahia  
Eu imitava Little Richard e me contorcia  
As pessoas se afastavam pensando  
Que eu tava tendo um ataque de  
Epilepsia (de epilepsia)  
No teatro Vila Velha  
Velho conceito de moral  
'Bosta Nova' pra universitário  
Gente fina, intelectual  
Oxalá, oxum dendê oxossi de não sei o quê  
("Rock n' roll", LP Panela do Diano, WEA-1989)

A análise da infância e da adolescência de um artista tem suas armadilhas. É comum tentar encontrar a precocidade do seu talento criativo, de modo a revigorar a ideia da “genialidade inata” ou do “criador incriado”, como refere Bourdieu (1983). Por outro lado, quando os anos de juventude de um artista explicam pouco o desenrolar de sua carreira, ou até mesmo características de sua obra, a investigação acaba se tornando um componente acessório, um mero objeto de fruição para melomanos e aficionados.

No caso aqui estudado, a atenção deve ser redobrada. Raul Seixas fez de seu trabalho artístico um grande palanque autobiográfico e reservou a sua infância um papel decisivo nesse processo. Foi a ela que o cantor se agarrou quando o declive da carreira se fazia agudo. A publicação do seu diário de infância, “As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor” (Shogun Art), em 1983, trabalho que reunia escritos, desenhos e contos feitos pelo cantor até os dezesseis anos de idade, foi peça-chave em suas tentativas de reconversão, no momento em que a sua posição no campo<sup>1</sup> musical era cada vez mais mirrada em termos de consagração e popularidade.

Mas esse uso simbólico de suas origens não foi uma exclusividade do cantor. Em inúmeros momentos, sua precedência natal serviu como atestado do seu talento artístico para muitos que assistiam o desenrolar de sua carreira. Raul Santos Seixas – ou “Raulzito”, como era chamado nesse período em foco – nasceu em Salvador, no dia 28 de junho de 1945, e foi coetâneo de outros nomes importantes, que marcaram a vida artística do país, como Glauber Rocha, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Wally Salomão, Gal Costa, Capinam e Maria Bethânia. Antes deles, outros baianos ilustres

---

<sup>1</sup> Sobre o conceito de campo artístico, ver: Bourdieu (1996).

já haviam inscrito seus nomes na história cultural brasileira, a começar por Gregório de Matos, Castro Alves, passando por Dorival Caymmi, Jorge Amado e João Gilberto.

Toda essa qualificada genealogia fez do berço baiano um “capital simbólico” valorizado no campo musical brasileiro, na década de 1970. “Raul Santos Seixas: o mais novo e igualmente sensacional baiano que chega”, anunciava Oliveira, no *Jornal do Brasil*, após seu disco de estreia pela Philips, em 1973.<sup>2</sup> Embora Raul Seixas carregasse com orgulho a origem, o cantor fez sempre questão de se posicionar como uma espécie de dissidente ou possuidor de uma bagagem sociocultural diferente de seus conterrâneos. Dizia Raul Seixas: “Sou tão baiano como Cae e Gil, adoro a Bahia etc., mas não vim com o Tropicalismo. Apesar de adorar e admirar aquele trabalho tão importante eu sempre estive no rock, desde 1957” (*In: SOUZA, 1993, p. 14*). Curiosamente, Caetano Veloso e Gilberto Gil, artistas que mais proximamente estiveram às vistas de Raul Seixas na Salvador de sua mocidade, foram os alvos prediletos do cantor em suas irônicas declarações. Caetano Veloso, inúmeras vezes, foi lembrado pelo esnobismo com que tratava os “pobres” roqueiros baianos e Gilberto Gil chegou a ser chamado de “prostituto” por Raul Seixas, quando ele anunciou seus planos de ser prefeito de Salvador (AUTOR, 2016).

Artisticamente, Raul Seixas também afirmou, em suas letras, uma descontinuidade com seus antecessores. “Tenho 48 quilos certo / 48 quilos de baião / Não vou cantar como a cigarra canta / Mas desse meu canto eu não lhe abro mão” (“Krig-ha, Bandolo!”, Philips, 1973), metaforizava o cantor em referência as suas origens e planos futuros. Em “As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor” (“Gita”, Philips, 1974.), ele era contra a organicidade do termo “linha evolutiva”, cunhado por Caetano Veloso, em 1967, que o roqueiro se insurgia: “Acredite que eu não tenho nada a ver com a ‘linha evolutiva’ da música popular brasileira”.

Mas, é preciso entender, minimamente, que Bahia é essa que enchia os olhos de tanta gente. Grosso modo, fala-se em um local mitológico, ponte originária com a África, caldeirão fundamental da nossa miscigenação, uma espécie de “célula mater” de um Brasil híbrido, genética e culturalmente. Nas palavras de Paulo Oliveira (2002, p. 45), a cultura baiana é uma “verdadeira usina sígnica, que tem inspirado largamente a cena cultural brasileira ao longo do tempo. Uma cultura tão rica e

---

<sup>2</sup>Jornal do Brasil (09 set. 1973, p. 61).

fortemente criativa que inscreveu a Bahia no universo mitológico do Brasil. Sim, a Bahia é um mito que habita o imaginário nacional”.

Mesmo sendo simbólicas essas noções de comunidade e nacionalidade, como alerta Benedict Anderson (2008), esse referencial geográfico/simbólico foi um parâmetro importante de definição identitária dos indivíduos. Seria, por exemplo, o território da “Bahia mitológica” o critério usado ao definir a identidade e, evidentemente, o talento de muitos baianos que despontavam no campo musical na década de 1960 e 1970. O jornalista Sérgio Cabral, ao analisar o rock nacional, em 1975, assim escreve: “Não conheço nada mais subdesenvolvido, mais pobre que o chamado rock brasileiro”. Apesar do pessimismo, o crítico faz suas reservas: “Mas Raul Seixas é um caso a parte. É baiano e deve ter dentro dele quatro séculos de criatividade baiana, coisa da qual ninguém pode escapar vivendo lá”.<sup>3</sup>

Já se conta com uma literatura graúda que discute a autoridade desse conjunto de estruturas mais amplas de modelação identitária, como nacionalidade, regionalidade ou cultura, e a capacidade que os indivíduos têm de negociar com tais constrangimentos na formação de suas identidades e estilo de vida (GUERRA; ALVES; SOUZA, 2015, p. 111). Um processo tenso, que coloca, de um lado, as restrições próprias das localidades de origem dos sujeitos (cultura, economia e nacionalidade) e, do outro, formas alternativas de identidades, forjadas através de informações culturais diversas e sentidos atribuídos a bens de consumo e produtos artísticos (HALL, 2006; GUERRA, 2010).

Na epígrafe que abre esse trabalho, Raul Seixas remonta o tenso cenário cultural que sobre ele incidia e as dificuldades de se adotar uma identidade insólita, forasteira à Bahia de sua juventude (“As pessoas se afastavam pensando que eu tava tendo um ataque de epilepsia”). Por isso, Raul Seixas zomba, faz chacota com duas fortes tradições culturais que sobre ele pesavam na Salvador de 1950-1960. De um lado, a bossa nova (na canção chamada de “Bosta Nova”), que após o sucesso do baiano João Gilberto angariava fãs e seguidores pelo Brasil, e do outro, as ancestrais culturas negras, expressas em religiões de matriz africana, como o candomblé, tão presentes em chão baiano (“Oxalá, oxum dendê oxossi de não sei o quê”).

---

<sup>3</sup>O Globo (29 nov. 1975, p. 35).

Uma noção preciosa para se compreender a formação da identidade de Raul Seixas, nos anos iniciais de sua socialização, vem da ideia *self*. O conceito pensa a formação identitária como uma dimensão negociada socialmente no processo interativo, uma barganha entre as aspirações que os indivíduos têm de si e as expectativas depositadas nos “papéis sociais” que eles buscam interpretar.<sup>4</sup> Se analisada pelo viés da interação, a Salvador natal de Raul Seixas realmente não era a mesma da de Caetano Veloso. Enquanto o tropicalista se via às voltas com principiantes artistas e intelectuais, que rondavam a Universidade Federal da Bahia, como Gilberto Gil, o cineasta Glauber Rocha, o teatrólogo Álvaro Guimarães, o poeta e cronista Duda Machado, e os versáteis artistas da “Sociedade Teatro dos Novos”<sup>5</sup>, a sociabilidade de Raul Seixas se dava entre grupos bem menos prestigiados, e quase anônimos em suas lembranças: “a empregada lá de casa era minha fã. Chegou uma vez para minha mãe e disse que tinha dançado comigo [...]. Eu ia dançar também com o pessoal da TR (uma transportadora de lixa). Era a moçada que curti rock”, “só empregada doméstica, *chofer* de caminhão” (SEIXAS. *In*: PASSOS, 1990, p. 47; p. 130).

Mas é preciso alertar que a análise que aqui se desenvolve não se refere ao “artista Raul Seixas”, mas aos anos de maturação do jovem “Raulzito”, da bagagem cultural que ele herda e a maneira como se coloca como herdeiro. Desta forma, é possível compreender como tal herança se transforma em uma “estrutura durável” de sua personalidade, um *habitus* propriamente dito, capaz de orientar a sua trajetória futura e, conseqüentemente, a sua obra musical.

## **Bahia na metade do século XX, ou a Salvador de Raul Seixas**

O estudioso da história de Salvador, Antonio Risério (2004), afirma que o século XX baiano parece partido ao meio, com a primeira metade ainda caudatária de

---

<sup>4</sup>Herbert Mead (1972) fala em um *self* construído pela mediação constante de um EU, a tendência impulsiva do indivíduo, seu estímulo mais íntimo e desejoso, e o MIM, aquilo que a sociedade espera do sujeito em uma dada interação, uma espécie de indivíduo convencional, generalizado. Erving Goffman (1985), através da metáfora teatral, traz a possibilidade de se pensar não em um, mas em vários *selves*, construídos através das habilidades individuais que os sujeitos possuem de interpretar certos “papéis sociais” e cumprirem às exigências que cada função lhes impõe (vestuário, entonação vocal, *script*).

<sup>5</sup>Entre eles: João Augusto Azevedo, Carlos Petrovich, Sonia Robatto, Tereza Sá, Carmen Bittencourt, Martha Overbeck, Echio Reis e Othon Bastos (Ver: VELOSO, 1997).

seu “enigma”.<sup>6</sup> Neste contexto, a letárgica economia de base agrícola, o longo isolamento cultural e social com o restante do país e o crescimento vegetativo abaixo da média nacional, que marcaram o “oitocentos baiano”, deixavam ainda seus rastros. Como as elites locais foram contrárias aos avanços getulistas que implementaram o Estado Novo, a região ficou fora do alcance dos “fluxos econômico, tecnológico e simbólico da onda modernizadora que sacudia o Brasil Meridional”, e apartou a Bahia de fenômenos como “industrialização, urbanização acelerada, desenvolvimento técnico-científico e emergência de um proletariado industrial” (OLIVEIRA, 2002, p. 109). Fora das rotas migratórias que chegavam ao país na primeira metade do século XX, a “Cidade da Bahia”, diz Risério (2004, p. 493), permanecia como espaço coeso, de cultura essencialmente tradicionalista e patriarcal, era a Bahia dos coronéis, “do saveiro, do terno branco”, mestiça, porém segregada.

Na segunda metade do século XX, essa longa letargia econômica, social e cultural, seria interrompida. “Passada a primeira centúria de novecentos, tudo vai começar a mudar. [...] A partir da década de 1950, a Bahia irá ingressando [...] na dança do capitalismo moderno” (RISÉRIO, 2004, p. 557). Impulsionada pelo capital estatal, “Salvador começou a sofrer sua revolução industrial”, como afirmou Paul Singer (*In*: OLIVEIRA, 1980, p. 43). E a largada para esse novo ciclo se deu com a descoberta das primeiras jazidas petrolíferas no recôncavo baiano e a instalação de um polo petroquímico, que culminou com a chegada da Petrobras, em 1954. Esse estímulo ganhou o reforço de um conjunto de incentivos fiscais da Sudene, que alterava as antigas políticas assistencialistas ao nordeste, basicamente focadas em questões de acesso à água, privilegiando, agora, alternativas de industrialização e dinamização da economia local. A política desenvolvimentista do governador Juracy Magalhães canalizou todo esse complexo de investimentos que chegava à região para empreendimentos que mudariam, em definitivo, a sonolenta economia baiana: a usina Hidroelétrica de Paulo Afonso e o Centro Industrial de Aratu.

No final da década de 1950, Salvador se via às voltas de uma série de atividades “econômicas totalmente estranhas à matriz técnica e social” da antiga

---

<sup>6</sup>Assim estudiosos se referem ao longo período decadentista do estado e de sua cidade – Salvador – também conhecida como “Cidade da Bahia” (Ver: OLIVEIRA, 1980; MATTOSO, 1992; BRANDÃO; ANDRADE, 2009).

capital (OLIVEIRA, 1987, p. 43). O desenvolvimento industrial promoveu “um aumento significativo da renda gerada internamente”, ampliação dos estratos “inseridos estavelmente no mercado de trabalho local”, expansão das camadas de renda “média e alta da população que desenvolviam atividades assalariadas nos setores mais dinâmicos da economia” e uma alta demanda imobiliária (RUBIM; COUTINHO; ALCÂNTARA, 1990, p. 32).

A tradicional cultura soteropolitana, insular e ensimesmada, também enfrentaria um duro golpe. Salvador, que se mostrara refratária aos avanços do modernismo (LUDWIG, 1982), a partir dos anos de 1950 teve sua vida cultural tremendamente abalada pela presença da recém-fundada Universidade Federal da Bahia, em 1946, e pela finalização da rodovia Rio-Bahia (BR-324), que colocou fim ao isolamento da cidade. A antiga capital, que até os anos de 1950 era “atravessada por uma sociabilidade quase comunitária”, com suas elites aspirando a cultura das belas letras, a “oratória rebuscada e o conhecimento de aparência enciclopédica” (SANTANA, 2009, p. 86), seria sacudida com a chegada de vanguardas artísticas europeias e informações diversas da cultura de massa norte-americana. A partir da segunda metade do século XX, Salvador respira ares de modernidade e modernização, que afetaram diferentes setores da sociedade e da cultura local (SANTA, 2009).

Raul Seixas nasceu e cresceu nessa cidade em profunda transformação econômica, social e cultural. E este conjunto de crises atravessou profundamente as lembranças de Raulzito, de tal modo, que ele parece quase incorporar essa “anomia” (DURKHEIM, 1999): “Eu era o próprio rock, o *teddy boy* da esquina, eu e a minha turma. [...] Eu senti que ia ser uma revolução incrível. Na época eu pensava que os jovens iam dominar o mundo” (SEIXAS. *In*: Passos, 1990, p. 14). Sua família fazia parte de uma nova elite em ascensão, que despontava na hierarquia social baiana após a instalação da Petrobras na região. Seu pai, Raul Varella Seixas (1919-1991), filho de proprietários de terra na região estancieira de Dias D’Ávila, foi engenheiro, professor e executivo chefe do setor de telecomunicações, da Viação Férrea Federal Leste Brasileiro (VFFLB), empresa fundada em 1935, e de importância estratégica para o processo de escoamento da produção industrial soteropolitana.

É difícil precisar, com exatidão, o poder financeiro da família de Raul Seixas, mas alguns indícios apontam na direção de uma alta e restrita classe social. De modo

geral, os trabalhadores da indústria, nas décadas de 1950 e 1960, recebiam salários superiores à média populacional soteropolitana (SINGER. *In*: OLIVEIRA, 1980). Mas essas ocupações no setor secundário dizem respeito, também, a um conjunto amplo de mão de obra desqualificada. O pai de Raul Seixas – trabalhador assalariado com cargo de “chefia e qualificação igual ou acima de curso médio” – ocupava o topo da pirâmide de rendimentos soteropolitana, segundo estudo realizado pelo sociólogo Reginaldo Prandi (*In*: OLIVEIRA, 1980, p. 149).

A mãe de Raul Seixas, Maria Eugênia Pereira dos Santos Seixas (1921-2002), segundo as próprias palavras do cantor: “vivia nos chás, era senhora de sociedade” (Seixas. *In*: Passos, 1990, p. 14), “coleccionava a revista O Cruzeiro, e ficou muito deprimida quando Marta Rocha perdeu por duas polegadas a mais” (SEIXAS. *In*: SOUZA, 1993).<sup>7</sup> O termo “senhora de sociedade” é meio abstrato, mas dá uma dimensão da posição da mãe na hierarquia social soteropolitana.

O ciclo de desenvolvimento econômico baiano atingiu de forma desigual a população de Salvador. Enquanto se diversificavam os postos de trabalho oferecidos aos homens, as mulheres ainda se viam restringidas às posições tradicionalmente associadas ao gênero, na maioria das vezes, fora das atividades produtivas capitalistas e atreladas ao ambiente domiciliar. O censo demográfico de 1950 contabilizava 69,8% do total de mulheres de Salvador, em idade de trabalhar, ocupadas em “atividades domésticas não remuneradas e atividades escolares discentes” (CENSO, 1950).

Sob um olhar mais genérico, a mãe de Raul Seixas parece fazer parte de um segmento social amplo de mulheres que se ocupava exclusivamente das tarefas domiciliares. No entanto, nessa classificação se enquadram pessoas socialmente muito diferentes. Na Salvador de 1950, havia uma quantidade significativa de mulheres dedicadas ao trabalho doméstico, que embora de grande volume e importância para sobrevivência das famílias, exerciam atividades que não eram entendidas como de mercado e, conseqüentemente, não penetravam “no circuito monetário de produção”. Atividades que dizem respeito à produção simples de

---

<sup>7</sup>Marta Rocha, a qual Raul Seixas se refere como de interesse de sua mãe, foi *miss* Bahia e eleita a primeira *miss* Brasil, em 1954. Apesar de favorita para vencer o concurso de *miss* universo, nos Estados Unidos, acabou ficando na segunda colocação, perdendo o título para a americana Miriam Stevenson.

mercadorias e prestação de serviços, pagos, muitas vezes, através de escambos informais, não financeirizados (JELIN. *In*: OLIVEIRA, 1980, p. 167-168). Basicamente, seriam as mulheres que faziam, em casa, o acarajé, o vatapá, a marmita a ser vendida no bairro, que costuravam e confeccionavam seus artesanatos etc.

Embora colocadas no mesmo segmento entendido como “atividade doméstica não remunerada”, a organização dos propósitos do tempo da mãe de Raul Seixas e dessas mulheres em trabalho precário, realizado em casa, são radicalmente diferentes. Enquanto estas dedicavam suas energias à sobrevivência física e financeira da família, Maria Eugênia Seixas – uma “senhora de sociedade” – nem de longe precisava se preocupar com esse tipo de tarefa. Suas atenções se voltavam a cumprir as ocupações que sua posição social lhe impunha: o cuidado do lar, a educação dos filhos e as aparências sociais.

Por mais que Maria Eugênia Seixas estivesse em uma posição subalternizada no interior de uma sociedade de tradições patriarcais, isso não impediu que ela exercesse uma função dominante sobre o universo a qual se incumbia. Segundo Raul Seixas (*In*: PASSOS, 1990, p. 14): “era ela quem mandava na casa, uma personalidade fortíssima”. E foi através dessa competência que sua mãe cuidou da educação dos filhos: “até meus 23 anos de idade eu tinha que chegar em casa às 11 horas da noite” (SEIXAS. *In*: SEIXAS, 1995, p. 33). Com austeridade, fez questão de apurar nos rebentos um comportamento elegante, refinado, digno dessa elite em franca ascensão social: “minha mãe não me deixava sair na rua para não aprender palavrão” (SEIXAS. *In*: PASSOS, 1990, p. 40).

O trabalho domiciliar de uma “senhora de sociedade”, embora não seja financeiramente recompensando, tem seu valor mensurado junto ao público social a qual deve suas obrigações simbólicas. Não bastava os filhos elegantes, eles precisavam provar esse talento socialmente. “Queria que Raul fosse diplomata. Ele tinha jeito para isso, pois era educado, delicado, sabia falar inglês”, comenta Maria Eugenia Seixas (*Apud* AUTOR, 2016, p. 105). Se Raul Seixas não cumpriu as expectativas da mãe com a carreira diplomática, as lembranças que existem do jovem Raulzito reforçam a ideia do menino “amoroso e apegado à família” (p. 105), educado, prestativo, cortês, mas também, como ele próprio se definiu em seu diário de infância, tímido, medroso e muito inseguro.

As representações que Raul Seixas carregou do seu ambiente familiar trazem a marca de um local de afago e proteção, mas permeado por traços de rigidez e austeridade. Em uma poesia datada de 1979 ele escreve:

A casa do meu pai tem quatro quartos  
A dupla que faz cada um de nós  
Não gostaria de ver meu pai  
Sem seu terno largo e folgado,  
Nem minha mãe sem seus velhos ditados  
Seu mundo tão correto [...]  
Quando volto para lá não levo roupas estranhas  
Visto-me de filho  
Traje especial do qual não me desfaço. (SEIXAS. *In*: SOUZA, 1993, p. 41).

A mãe e o pai de Raul Seixas, além de figuras decisivas nesse período de socialização primária do cantor, deixaram marcas, algumas vezes explícitas outras subliminares, em diversos planos de sua consciência. Raul Seixas credita ao pai a fonte do celebrado ocultismo presente em seu trabalho artístico: “meu pai sempre gostou de mistérios, de coisas estranhas, e me meteu nesse mundo estranho, de tudo que é inexplicável na face da Terra, debaixo do mar, no céu” (SEIXAS. *In*: PASSOS, 1990, p. 14). Em outros momentos, o cantor utilizou, metaforicamente, da figura do pai e da mãe para tecer suas críticas a certos ambientes de repressão, como o exército (“Mamãe eu não queria”<sup>8</sup>) ou a própria ditadura militar e a censura (“Sapato 36”<sup>9</sup>).

As formas iniciais de socialização de “Raulzito”, seus primeiros amigos de infância, de certa forma, não contrariavam a nobiliarquia social da qual provinha o jovem baiano. Eram filhos de diplomatas e funcionários da embaixada americana, vizinha a sua casa. Após a Segunda Guerra Mundial, a presença americana em Salvador foi se tornando cada vez mais marcante. Com o fim do conflito, embaixadas dos EUA ao redor do mundo promoviam políticas de propaganda e exaltação cultural da potência vencedora (Ver: LEAL E FILHO, 1997, p. 74). E foi através do convívio com esses jovens americanos que “Raulzito” tomou conhecimento do rock n’ roll norte-americano, que se popularizou a partir da metade da década de 1950. “Morávamos em Salvador, perto do consulado americano e eu fiz amizade com uma garotada americana. Com 9, 10 anos eu passei a falar inglês, fluentemente, e também a ouvir

---

<sup>8</sup>“Mamãe, eu não queria / Servir o exército / Não quero bater continência / Nem pra sargento, cabo ou capitão / Nem quero ser sentinela, mamãe / Que nem cachorro vigiando o portão, Não!”

<sup>9</sup>“Eu calço é 37 / Meu pai me dá 36 / Dói, mas no dia seguinte / Aperto meu pé outra vez / Eu aperto meu pé outra vez.”

tudo quanto era disco de rock. Era Eddie Cochran, Gene Vincent, Jerry Lee Lewis, caras que ninguém conhecia no Brasil.” (SEIXAS. *In*: PASSOS, 1990, pp. 129-132).

Em sua autobiografia, Caetano Veloso (1997) descreve o impacto que lhe causou quando ouviu, pela primeira vez, os acordes dissonantes de “Chega de Saudade”, de João Gilberto, e como aquilo despertou nele um anseio musical criativo que o influenciaria profundamente. Raul Seixas também teve uma espécie de “audição catártica”, mas ela se deu através de um modelo bem diferente, segundo ele: “foi um negócio incrível, a porrada que ele me deu com aquela dança dele. Elvis Presley era considerado um maníaco sexual, cabelo cheio de brilhantina” (SEIXAS. *In*: PASSOS, 1990, p. 19).

Esse rock n’ roll clássico<sup>10</sup>, norte-americano, dos anos de 1950, foi, sem dúvida, a matriz fundamental da inspiração musical de Raul Seixas. Basicamente, o cantor iniciou e encerrou a sua carreira reverenciando esse estilo. Em sua primeira grande aparição pública, no VII Festival Internacional da Canção, de 1973, ele se apresentou com a música “Let Me Sing, Let Me Sing”, que recupera o grito de Little Richard em Tutti Frutti, “Uah-bap-lup-bap-lah-bem-bum!”. Para acompanhar, ele se veste de Elvis, com roupa de couro e cinturão de tachinhas e imita os passos do ídolo de infância. Já no último LP da carreira (“Panela do Diabo”, WEA, 1989) os versos da canção “Rock n’ roll” relembram a sua antiga paixão pelo gênero: “Mas nunca vi Beethoven fazer / Aquilo que Chuck Berry faz”.

A forma como Raul Seixas conhece o rock n’ roll deixa marcas nem tão explícitas na personalidade do cantor, mas que também são relevantes. De certa forma, conhecer o gênero que tanto o seduzia exigia empenho, esforço para obter os discos e revistas com informações sobre os seus ídolos americanos. Um serviço que “Raulzito” fazia com gosto: “lá na Bahia eu estava na frente de todos em matéria do que estava no mundo em relação à música” (SEIXAS. *In*: SEIXAS, 1995, p. 6). Tornar-

---

<sup>10</sup>Paul Friedlander (2002) estabeleceu uma periodicidade na historiografia do rock e definiu sua era “clássica” em dois momentos fundamentais. O primeiro diz respeito aos pioneiros artistas negros, Fat Domino, Chuck Berry e Little Richard que, junto com Bill Haley, fizeram as primeiras fusões de country, blues, gospel e do rhythm and blues, e abriram as portas do mercado fonográfico a um estilo de música pop com uma vinculação mais adolescente, entre 1953 e 1955. Sua segunda fase – essa marcadamente branca – é composta por músicos influenciados pelos precursores do rhythm and blues, artistas negros da primeira fase, e que levaram a cabo outras fusões com a música country de Hank Williams. Esses artistas alcançaram um enorme sucesso comercial, a partir de 1956, consolidando, em definitivo, o rock n’ roll na paisagem da música pop norte-americana. Fazem parte dessa segunda fase do rock clássico artistas, como Elvis Presley, Everly Brothers, Jerry Lee Lewis e Buddy Holly.

se roqueiro, em Salvador, demandava trabalho, uma dedicação que acompanhou o artista Raul Seixas. Apesar da ideia de que o talento de um artista seja algo natural, quase instintivo, no caso de Raul Seixas, ele foi, muitas vezes, acompanhado de longos trabalhos de pesquisa e estudo. O cantor passava horas em seu quarto escavando seus discos, buscando inspiração para suas canções, em uma prática que ele, reiteradas vezes, definiu com um ofício, parte da sua profissão. Esse tempo gasto em casa também se repetia nos estúdios: “eu gosto mais é do trabalho de laboratório, como um cientista. Isso de gravar discos, transar estúdios” (SEIXAS. *In*: PASSOS, 1990, p. 136).

Mas é preciso ressaltar que a sua imersão precoce no rock representou uma clivagem significativa em sua trajetória. O destino mais provável para um jovem de elite, na Salvador dos anos de 1960, era a universidade. Se “Raulzito” optasse pelo caminho mais lógico, encontraria um ambiente privilegiado. A recém-fundada Universidade Federal da Bahia tinha, na figura de seu primeiro reitor, um visionário com pretensões grandiosas para a instituição. Edgar Santos era um membro da elite local, que assumiu o comando da Universidade com o projeto de fazer dela o motor que devolveria a Salvador a importância que outrora a cidade tivera. Para isso, Edgar Santos contava com o seu capital político e social, mas, principalmente, com a parceria da Petrobras, que pagava os *royalties* do petróleo diretamente à cidade. O reitor tinha na cultura uma peça-chave para levar a cabo seu projeto – algo messiânico, como definiu seu biógrafo (RISÉRIO, 2013). Mas não era qualquer cultura que Edgar Santos tinha em mente. Embora não entendesse muito do assunto, a sua ideia era fazer de Salvador um centro de vanguarda artística. Foi assim que ele trouxe para a cidade um conjunto de intelectuais e artistas europeus, fugidos das ondas nazifascistas, para dirigir as inovadoras escolas de dança, música, teatro e o Centro de Estudos Afro-Orientais. Chegava à Salvador à “avant-garde”: músicos como Hans-Joachim Koellreutter, Walter Smetak, Ernst Widmer, a dançarina Yanka Rudzka, o filósofo Augustinho Silva e o teatrólogo Martin Gonçalves. Outros vieram sozinhos, como o antropólogo Pierre Verger, a arquiteta Lina Bo Bardi e seu marido Pietro Maria Bardi. Esses artistas e intelectuais embrenharam-se na vida social de Salvador e fizeram da riqueza cultural da cidade fermento para os seus trabalhos. Era a “dialética entre o cosmopolita e o antropológico”, o embrião do “renascimento cultural

baiano” (RISÉRIO, 1995, p. 103). Essa efervescência inspirou os jovens alunos Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Capinam e Glauber Rocha, e pavimentou o terreno para movimentos culturais, como o tropicalismo e o cinema novo.

Mas o interesse de “Raulzito” pelo rock era diametralmente oposto ao ambiente escolar e a sua classe social de origem: “eu era um fracasso na escola [...] Repeti cinco vezes a segunda série do ginásio [...], eu ficava o dia todo ouvindo os discos novos de rock” (SEIXAS. *In*: PASSOS, 1990, p. 15). O gênero, basicamente, se via restrito a um público mais pobre e suburbano na Salvador dos anos 1950. E a medida em que Raul Seixas se aprofundava na subcultura roqueira, os antigos amigos do consulado iam ficando para trás, dando lugar a outros, bem mais humildes. O principal deles foi Waldir Serrão, o “Big Ben”, filho de operários de uma fábrica de tecidos, uma espécie de jovem líder da juventude roqueira, radialista e promotor cultural da cidade. Com esse amigo, “Raulzito” fundou o “Elvis Rock Club” e começou a sua vida artística.

Evidentemente, toda essa forma de sociabilidade e a profissionalização na música desagradavam os planos que a família tinha para o jovem e educado filho. “Waldir Serrão, o “Big Ben”, sabia, desde menino, que eu não gostava desse ajuntamento, porque desviava a atenção de “Raulzito” das coisas sérias, dos estudos...”, comentou o seu pai (*In*: GAMA, 1997, p. 10). Sua mãe também era enfática: “era totalmente contra. [...] Quem é que queria que um filho fosse artista? Naquela época, artista não tinha o menor valor. Eram boêmios e boas-vidas” (*Apud* AUTOR, 2016, p. 84). Mas é preciso entender que, apesar das pressões da família, a nobiliarquia do berço acabou dando a “Raulzito” um conjunto de vantagens materiais e simbólicas, frente aos seus amigos, amantes do rock. Essa identidade roqueira a qual certos jovens perseguiam na Salvador da década de 1950, exigia de seus entusiastas duas qualidades aparentemente antagônicas. A primeira é o poder financeiro, recursos para adquirir discos, revistas e toda informação importada sobre o gênero musical. E a segunda, um gosto suburbano, um ímpeto de viver uma sociabilidade periférica, com referenciais estrangeiros, contrários às tradições culturais locais. Caetano Veloso (1997, p. 44) definiu bem o dilema, as dificuldades que aqueles jovens tinham ao “decidir-se por se firmar socialmente como um pária ou como um privilegiado”. Raulzito era uma exceção, trazia uma dupla vantagem que o

sobressaia aos demais. Possuía os meios para comprar discos, roupas, revistas, além de dominar a língua inglesa, mas tinha também um gosto suburbano, adorava aquela marginalidade cultural a qual o rock se vinculava, o clima de rejeição aos costumes da sua própria classe social. Essas vantagens explicam, em certa medida, como seu conjunto, “Raulzito e os Panteras”, se tornou o principal grupo de rock de Salvador. Eram poucos os que dominavam a *expertise* de Raul Seixas, toda informação cultural roqueira, e ainda conseguiam cantar os clássicos do gênero, na sua língua originária.

Esse reconhecimento local do conjunto deve ser entendido tendo em vista o impulso que os meios de comunicação da cidade (rádios, jornais e TV) tiveram após a chegada da Petrobras, e o clima de modernidade no qual a cidade vivia na metade do século, que possibilitou a recepção do rock, principalmente em sua versão brasileira, a Jovem Guarda, como “música da juventude” (GARSON, 2015). As rádios da cidade cobriam, com frequência, os festivais de rock, e muitas tinham programas destinados à música jovem. A Rádio Sociedade da Bahia apresentava um show específico de jovem guarda, chamado “Clube dos Brotos” e a Rádio Excelsior tinha o “Fino do Disco”. A partir de 1967, Waldir Serrão passou a apresentar, na mesma emissora, o programa “Boite Jovem”, no qual bandas locais tocavam músicas próprias e sucessos internacionais (CASTRO, 2015).

Um marco dessa Bahia moderna se deu em 1960, com a instalação do primeiro canal de televisão local. Assis Chateaubriand já possuía, no Estado, um poderoso conglomerado, que reunia os jornais Diário de Notícias, o Estado da Bahia e as Rádios Emissoras Associadas. Aproveitando o crescimento econômico da região, o magnata das comunicações fundou a TV Itapoan de Salvador. Em um primeiro momento, dificuldades de comercialização de *videotapes* fizeram com que o canal buscasse na vida cultural da cidade alternativas para a sua programação. Os modelos de programas de auditório, a exemplo dos que existiam nas TVs do Rio de Janeiro e São Paulo, se tornaram uma possibilidade viável, que acabou abrindo espaço a artistas locais (SPANNENBERG, *et al.*, 2012). “Escada para o Sucesso”, “J&J Comandam o Espetáculo” (programa que revelou Gilberto Gil), “Céu ou Inferno” e “Show dos Novos” foram os primeiros programas de auditório de Salvador. Logo, a TV Itapoan também apostaria em programas destinados, especificamente, à música jovem. O primeiro deles foi “Bossa Brotos”, apresentado por Waldir Serrão, depois vieram outros, como

“Musi Brasa”, “Programa Sabatina da Alegria” e “Ritmo Jovem” (CASTRO, 2015). Com a chegada dos *videotapes*, logo Salvador estaria antenada com os principais programas de música jovem do Brasil, o que contribuiu, decisivamente, para o fortalecimento de uma cena jovem-guardista na cidade.

O crescimento econômico e o clima de modernidade sociocultural fizeram de Salvador um mercado estratégico para a nascente indústria fonográfica brasileira. O aumento dos salários pagos, a partir da instalação da Petrobras, representou um reforço significativo no poder de compra da classe média, sequiosa por bens de consumo duráveis, como toca-discos e artigos culturais de lazer e entretenimento. Dos 35 principais selos fonográficos sediados no país, 13 tinham representantes comerciais na cidade (CASTRO, 2015). Basicamente, esses representantes eram radialistas locais, que recebiam os acetatos dos principais ícones de cada gravadora e organizavam turnês desses artistas pela cidade. Salvador, na década de 1960, tornou-se um polo que atraía cantores do Rio de Janeiro e São Paulo, entre eles os principais nomes da jovem guarda, como Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderleia e Jerry Adriani. Raul Seixas e seu conjunto, além de serem figuras frequentes nos inúmeros programas de rádio, televisão e festivais de música jovem, eram também contratados para acompanhar esses artistas, nacionalmente conhecidos. Um currículo que rendeu à “Raulzito e os Panteras” o prestígio que os levaria ao Rio de Janeiro, para a gravação de seu LP, no fim de 1967.

As lembranças que Raul Seixas carregou da Salvador de sua mocidade remontam um clima de tensão: “Era uma guerra. De um lado o Teatro Vila Velha, de outro o Cinema Roma, que era o templo do rock, organizado por Waldir Serrão. A bossa nova significava ser nacionalista, brasileiro. Gostar de rock era ser reacionário” (*In*: PASSOS, 1990, p. 21). As possibilidades de entretenimento na Salvador da metade do século XX passavam muito por esses cineteatros, equipamentos polivalentes, que se espalhavam pelos bairros e ofereciam filmes, peças teatrais, concertos musicais, lutas de boxe, espetáculos circenses etc. (LEAL E FILHO, 1997). É possível, em certa medida, entender parte das diferenças sociais e culturais de Salvador pelo uso que se fazia desses locais. Havia os cinemas mais elitistas, como Glória, Liceu e Excelsior, onde era possível ver o “charme, a graça e a formosura das gentis senhorinhas baianas” (p. 129). Mas também existiam cinemas mais

“masculinos”, que apelavam para filmes eróticos, como Cine Cabaret, Jandaia e Astor. Teatros de importância política e histórica, como o Theatro São João e o Polytheama; redutos intelectuais, como o Teatro Vila Velha e as atividades do Cine Clube da Bahia, dirigido pelo advogado e crítico cinematográfico Walter da Silveira.

O Teatro Vila Velha, que Raul Seixas diz ser o reduto da bossa nova de Salvador, era um prédio localizado no Passeio Público, que a “Sociedade Teatros dos Novos” adquiriu, junto ao governador Juracy Magalhães. Esse grupo, na verdade, foi a primeira companhia de teatro profissional de Salvador, a qual agregou um conjunto de alunos egressos da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, descontentes com a direção de Martin Gonçalves. Acusando a escola de privilegiar um teatro de fundamentação mais clássica, internacional, às bases de Bertolt Brecht e Albert Camus, o Teatro dos Novos mirava-se em uma produção de vinculação mais nacional, a exemplo do Teatro de Arena. No Vila Velha, o grupo “Sociedade Teatro dos Novos” encenou, no ano de sua estreia, em 1964, um conjunto de apresentações musicais que recuperava clássicos do cancionário popular, em diálogo com as modernas inovações trazidas pela bossa nova. Participaram dos espetáculos “Nova Bossa Velha & Velha Bossa Nova” e “Nós, Por Exemplo”, dirigidos por João Augusto, revelações locais como Gilberto Gil, Fernando Lona, Caetano Veloso, Alcyvando Luz, Maria Bethânia, Antônio Renato Fróes, Maria da Graça, Tom Zé e Djalma Corrêa (SANTANA, 2009).

A “revolução juvenil roqueira”, tão presente na memória de Raul Seixas, se desenvolvia em um local de bases históricas e políticas bastante conservadoras. O Cine Teatro Roma era a sede do “Círculo Operário Baiano”, inaugurado em 1946. O chamado movimento circulista foi uma iniciativa da Igreja Católica em atuar junto ao movimento operário, de modo a barrar o avanço comunista e anarquista sobre essa população trabalhadora. A partir de ações assistencialistas, educativas e evangelizadoras, o movimento circulista buscava disputar a hegemonia com partidos e entidades de esquerda, no seio do movimento operário. No Brasil, o circulismo desenvolveu boas relações com o governo Vargas, exatamente por dismantelar organizações trabalhadoras combativas. O Círculo Operário Baiano foi um dos mais proeminentes movimentos circulistas brasileiros e colheu os frutos da proximidade com o governo na captação de verbas que possibilitaram a obtenção de um conjunto

de espaços, como o Cine São Caetano, Plataforma e sua pomposa sede no Largo de Roma (SOUZA, 1996). Sob a direção eclesiástica do frei Hildebrando Kruthaup e depois da irmã Dulce – que mais tarde seria beatificada – o Círculo Operário Baiano oferecia à população assistência médica e odontológica, cursos de formação profissional, festividades e formas diversas de entretenimento, entre elas os shows de rock do conjunto “Raulzito e os Panteras”.

É preciso ressaltar como o rock n’ roll, que para Raul Seixas representava um amplo movimento de contestação em sua juventude, era percebido de forma bem diferente por outros segmentos sociais da sociedade soteropolitana. Em uma perspectiva política mais ampla, o gênero era algo inocente, quase inofensivo. Explica-se, assim, como o templo do rock de Salvador foi, ao mesmo tempo, um centro religioso de bases conservadoras; e como os shows de “iê-iê-iê”, realizados nas matinês de domingo de manhã, conviviam pacificamente com as encenações da Paixão de Cristo no meio de semana, no Cine Teatro Roma. Os segmentos da juventude ligada à universidade iam além, ao identificar na identidade roqueira marcas de alienação e sabujo. Nisso, as memórias de Caetano Veloso (1997, p. 12) são elucidativas ao destacar a “inautenticidade” daquela juventude roqueira baiana, ao “copiar um estilo que os deslumbrava, mas cujo desenvolvimento eles não sabiam como acompanhar”.

Quando Raul Seixas reclamava, constantemente, da atenção dispensada aos elitistas bossanovistas do Teatro Vila Velha, em detrimento dos pobres roqueiros do Cine Roma, em certa medida, ele tinha razão. Por mais que a turma da Jovem Guarda tivesse o seu espaço na mídia local, não se comparava ao destaque e ao reconhecimento do grupo rival. Um desdém que talvez explique parte do ranço que Raul Seixas carregou de Caetano Veloso e Gilberto Gil ao longo da carreira. Existia uma interlocução grande entre os jornais soteropolitanos e a universidade. As colunas culturais desses periódicos cobriam as atividades artísticas provenientes da instituição, com grande euforia. As apresentações de vanguarda mereciam destaque na mídia também por representarem o momento de modernidade no qual a cidade vivia. Mais que isso, as mídias locais, por terem se desenvolvido aceleradamente, acabaram se valendo de profissionais de outras áreas. Era comum intelectuais como Lina Bo Bardi, ou mesmo jovens alunos, como Glauber Rocha, escreverem nos jornais da cidade (SANTANA, 2009).

A empresa carioca Poly Filmes, de propriedade de Antônio Barradas, buscava expandir os seus negócios e confiava ao filho, Manuel Barradas, o arrendamento de algumas salas de cinema em Salvador, dando origem ao cineteatro Guarani, em 1950, outro local emblemático na juventude de Raulzito. O espaço é representativo para se compreender a importância da recente conexão de Salvador com o restante do país e seus efeitos na vida cultural da cidade, após a finalização da rodovia Rio-Bahia (BR-324). A matriz da empresa de Manuel Barras já tinha seus contatos com companhias internacionais, fornecedoras e distribuidoras de películas, como Fox, Paramount, Warner Brothers e Columbia. A ideia do jovem empresário era captar o ambiente cultural da cidade e fazer do Guarani um cinema moderno, que exibisse os mais recentes lançamentos cinematográficos. Foi nesse intuito que Manuel Barradas trouxe a Salvador um estilo de filme que marcou a década de 1950.

Uma lei americana *anti-trust* alterava as dinâmicas das empresas produtoras de filmes e dificultava os tradicionais estúdios a se aventurarem em grandes e custosas produções cinematográficas. A alternativa encontrada foi produzir filmes de baixo custo, captando tendências culturais do momento, que poderiam suscitar certo grau de interesse por parte do público (BUENO, 2008). Os estúdios cinematográficos aproveitaram a ascensão da juventude como categoria social específica no pós-guerra, e produziram uma série de filmes destinados ao público jovem, tendo como enredo dilemas e questões próprias a esse segmento social (HOBSBAWM, 1995). Com baixo investimento era possível capitalizar com o clima cultural que inscrevia a juventude como categoria social relevante, e aproveitar o aumento do poder de compra dos jovens americanos de classe média.

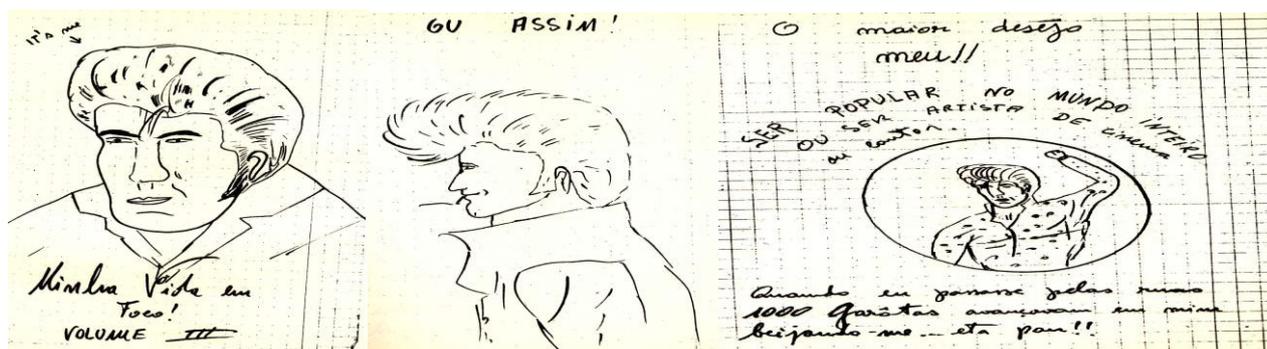
Manuel Barradas trouxe para o Guarani, o filme “No Balanço das Horas” (1956), que havia gerado polêmicas e desordem em cinemas americanos e brasileiros. Em Salvador, a reação não seria diferente. Raul Seixas (*In*: PASSOS, 1990, p. 15) lembra: “quando Bill Halley chegou com “Rock Around the Clock”, no filme “No Balanço das Horas”, eu me lembro, foi uma loucura para mim. A gente quebrou o cinema todo”. Nessa onda, chegava à Salvador mais uma leva de filmes com essa temática jovem, sob um fundo de rock n’ roll, como “Sementes da Violência” (1955) e a filmografia de seu ídolo maior, Elvis Presley, entre eles “Love Me Tender” (1956), “Loving You” (1957), “Jailhouse Rock” (1957), “King Creole” (1958). Alguns anos

depois, chegavam também outros filmes, como “A Hard Day's Night” (1964) e “Help!” (1965), que iriam o influenciar profundamente, primeiramente ao apresentar ao jovem artista a estética dos Beatles, mas também por incentivá-lo a compor as suas próprias canções.

O cineteatro Roma, pela sua origem religiosa, exibia muitos filmes “que transmitiam um ensinamento moral vigente” (LEAL; FILHO, 1997, p. 222). Curiosamente, uma das películas em exposição foi “Juventude Transviada” (1955). Em certa medida, o filme pode mesmo ser pensado por um viés mais conservador, ao revigorar a importância que a figura masculina do pai e a feminina da mãe têm para o filho, o personagem principal Jim Stark, interpretado por James Dean. Evidentemente que “Raulzito” não viu dessa forma. A figura de James Dean tinha uma representação de juventude que encarna o herói perdido, atormentado, problemático e até mesmo neurótico. O personagem estereotipa uma ética de vida juvenil, que prefere viver intensamente, mesmo que isso o aproxime da morte. Nas palavras de Morin (1989, p. 114) “o rosto de James Dean é a bandeira de adolescente, imitável no inimitável. Ele inventa a panóplia adolescente, usos de roupas e modo de ser”.

“Raulzito” viveu intensamente a ascensão da juventude enquanto categoria social, que enfrentava uma sociedade tradicionalista, como a de Salvador. Em suas palavras: “era um movimento comportamentista, que era a mudança de comportamento e a gente assumindo aquilo [...]. Aquilo era um sinal de protesto, de rebeldia!” (*In*: ALVES, 1993, p. 87). A identidade juvenil roqueira a qual ele se reconhecia era modelada, fundamentalmente, por esses jovens ídolos da cultura de massa, como James Dean e Elvis Presley: “o rock passou a ser um modo ser, agir e pensar. Eu era o próprio rock. Eu era James Dean – ‘Rebel Without a Cause’. Eu era Presley quando andava e penteava o topete” (SEIXAS. *In*: SEIXAS, 1995, p. 6). Em seu diário de infância, o cantor se pintava como ídolo popular, a figura do roqueiro rebelde que o cinema trazia, ídolo de massa tido pelos fãs.

**Figura 1.** Diário de Infância de Raul Seixas.



Fonte: As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor (Shogun Art), p. 26; p. 31; p. 33.

O cinema deixou marcas duradouras, que no futuro vieram a contornar o trabalho musical de Raul Seixas.<sup>11</sup> É normal imaginar a sétima arte sem som – um cinema mudo –, mas ela se torna impossível sem o uso da imagem. Raul Seixas foi também um músico tremendamente visual, fez questão de se apresentar como um personagem, ao lapidar, pelos meios de comunicação, um *ethos* corporal que se tornaria componente indispensável do seu trabalho artístico. Da mesma maneira como Elvis é hoje uma caricatura imitada pelos seus *covers*, Raul Seixas, com sua barba, cabelo desgrenhado sob óculos escuros, também o é.

Nos filmes que o inspiraram, seus heróis do cinema eram todos ídolos de massa, admirados e afamados. No desenho de infância, acima destacado, seu anseio maior, que antecede qualquer projeto artístico, é “Ser popular no mundo”. O artista que “Raulzito” se tornaria foi também sequioso por aplausos maiores e pela tietagem dos fãs. Difícilmente se via satisfeito com um reconhecimento mais restrito, seja da crítica ou de outros músicos. Ele se aventurou em grandes e populares shows pelo interior e deu a sua produção musical um forte caráter comercial: “pois eu sou mesmo um artista compositor comercial, só quero fazer aquilo que vende. [...] quero que as pessoas entendam o que eu faço” (SEIXAS. *In*: SEIXAS, 1995, p. 54).

Se for retomada a ideia da Bahia de Raul Seixas é possível perceber que sua terra natal era, evidentemente, um local de secular legado histórico, cultural e social, mas em profunda transformação. A “baianidade” de “Raulzito” se constrói com um pé

<sup>11</sup>Em inúmeros momentos da carreira Raul Seixas disse estar trabalhando em um filme (que nunca se realizou). Além disso, é possível notar como alguns clássicos do cinema dos anos de 1950, assistidos por “Raulzito”, inspiraram canções de sucesso. “O Dia em que a Terra Parou” (Warner, 1977) tem o mesmo título do filme de ficção científica dirigido por Robert Wise, em 1951, “The Day the Earth Stood Still”.

em convencionais costumes regionais, mas com olhar voltado, diretamente, às informações e aos modelos internacionais, expressão de uma Salvador moderna e, ao mesmo tempo, tradicional. Em alguma medida, as lembranças que Caetano Veloso (1997, p. 31) carrega de Raul Seixas reforçam essa ideia: “Seu inglês era fluente e natural e, aos nossos ouvidos, soava perfeitamente americano. Quando voltava para o português, ele parecia fazer questão de exagerar nas marcas de baianidade”. Uma característica que acompanha também a sua produção artística: “essa combinação nós reconhecíamos no seu trabalho: em seus discos e em suas apresentações ao vivo, tudo o que não era americano era baiano.” (p. 31).

### **Raul Seixas: *Habitus*, Identidade e “Baú”.**

A imagem ostentada por Raul Seixas de um “Maluco Beleza”, ou até mesmo as memórias da sua infância, associadas à ideia de uma “juventude roqueira transviada”, dificultam a percepção da nobiliarquia de seu *habitus* social. Mas ele existe e tornou-se uma disposição durável, com efeitos decisivos que podem ser notados, inclusive, em suas escolhas matrimoniais. Sua primeira esposa, Edith Wisner, com quem Raul Seixas se casou, em 1967, em Salvador, era filha de um pastor evangélico em missão no Brasil. Como lembra o cantor: “Eu, com toda minha baianice na cabeça, tinha que me casar com uma virgem protestante” (SEIXAS. *In*: PASSOS, 1990, p. 139).

De certa forma, a identidade roqueira a qual “Raulzito” perseguia representava uma negação direta ao seu *habitus* de origem. Quando o cantor lembrava o significado daquele comportamento em sua infância, a imagem familiar surgia como contraponto: “Foi uma revolução comportamentista mesmo, que dizia assim: ‘eu sou contra você meu pai. Eu sou diferente de você. Eu me visto diferente. [...] Aí a mania era dar porrada no pai’” (*In*: ALVES, 1993, p. 88). Esse personagem social roqueiro que “Raulzito” pleiteava para si exigia dele todo um empenho performático que ia de encontro com a distinta educação que aprendera em casa: “A gente procurava brigas na rua, quebrava vidraças e roubava bugigangas das lojas, como nos filmes. Eu não gostava muito daquilo, mas como o rock estava ligado a uma maneira de ser, eu ia na onda” (*In*: PASSOS, 1990, p. 18).

Mas essa ruptura com as suas origens sociais, que era exigida de “Raulzito” para se tornar o Elvis Presley, o James Dean, a personificação de uma juventude transviada, foi algo, em muitos momentos, sofrido para ele. A um jovem de periferia, pouca coisa seria perdida se optasse em tornar-se realmente um roqueiro, mas para um menino de elite, como foi Raul Seixas, esse personagem cobrava uma rejeição com quase tudo que lhe ensinaram a ser. Depois das inúmeras visitas ao psiquiatra, ele desabafou em seu diário: “muitas pessoas dizem que eu sou maluco porque faço coisas estranhas. Por exemplo: eu penso que sou maluco e ninguém quer me dizer para eu não cair no desgosto. Às vezes, eu tenho até certeza que sou maluco! Que sou meio biruta! E não sei de nada!” (SEIXAS. *In*: ESSINGER, 2005, p. 30).

Raul Seixas, durante a infância, se apresenta como um sujeito duplamente cobrado, por dois personagens sociais antagônicos, mas de perfis igualmente fortes e bem definidos. De um lado, o “jovem educado de elite”, do outro o “roqueiro rebelde e transgressor”. O primeiro exigia dele uma conduta que mal se adaptava aos anseios de quem “Raulzito” gostaria de ser, e o segundo cobrava-lhe uma performance social oposta às práticas e aos costumes que foram ensinados a ele. Foi a partir dessa dupla coerção que Raul Seixas encontrou uma forma de sublimação que ele carregou por toda a vida: um “baú”. Em inúmeras entrevistas, durante a carreira, Raul Seixas falou da existência de um baú, que o acompanhava desde a infância, onde ele guardava seus escritos, pertences mais íntimos, matérias de jornais e revistas sobre ele, veiculadas pela imprensa. Embora o cantor advertisse, em algumas ocasiões, que esse baú somente deveria ser aberto após a sua morte, o baú foi destrancado em alguns momentos: o próprio diário de infância, publicado em 1983, estava no baú. Evidentemente, esse baú ganhou significados diferentes no transcorrer da sua vida. O artefato, que surgiu em sua infância, pode ter outros sentidos ao cobiçado cofre do final da vida.

O baú foi aberto, em definitivo, em 1993, dando origem a três livros: “O Baú do Raul” (1992), “Raul Rock Seixas” (1995) e “O Baú do Raul Revirado” (2005). Seus escritos e contos de juventude são emblemáticos ao lançarem luz sobre o período em análise. Em um deles, “Raulzito” (1983, p. 54) confessou: “é mais difícil a gente fazer o nosso próprio papel na vida que encarnar outro personagem”. O jovem Raul parece direcionar ao seu baú aquilo que, em maior ou menor medida, não se enquadrava no

perfil socialmente desenhado pelos personagens sociais aos quais ele estava submetido. No baú, ele se pintava de Elvis e cobiçava a sua popularidade, a despeito da censura imposta pela sua severa educação, ao mesmo tempo que desabafava a sua timidez, o seu medo e a sua introspecção, características que nada combinavam com o personagem roqueiro que ele buscava para si.

Ao que parece, o baú não representava o local de um Raul Seixas mais livre, mais autêntico, mas sim um instrumento de sublimação, de uma alternativa de afirmação e efetivação indireta de algo socialmente interdito. No trabalho de Freud (2006) sobre Leonardo Da Vinci, o autor trata o talento artístico como fenômeno intimamente ligado à sublimação, como processo de redirecionamento de forças resultantes de instintos reprimidos para uma atividade profissional que pode ser altamente valorizada, entre elas a arte. Ao falar do jovem Mozart, Norbert Elias (1995, p. 61) destaca a habilidade prematura que o músico tinha em direcionar as suas tensões comuns da infância através da sublimação, sob a forma de fantasias musicais, o talento de transformar fantasias desordenadas em material sonoro, a capacidade de desprivatizar suas ideias, uma “ponte de sublimação”. O paralelo serve também para Raulzito e o seu baú. Nele não se encontram as suas músicas, a sua arte propriamente dita. Há, sim, fragmentos, estrofes, trechos e ideias que inspirariam canções famosas, mas ainda carentes de um trato que as transformasse em música popular. Enfim, o que existe no baú são epifanias de Raul Seixas, de algum modo interditas pelos papéis sociais que ele se via a interpretar.

É preciso ressaltar como isso tudo marcou o artista conhecido, Raul Seixas. Em inúmeras ocasiões, ele tratou a sua carreira musical como uma grande atuação de personagens, que ele interpretaria de tempos em tempos, mas que tinham, por trás, um oposto: “Eu não dou o menor valor ao artista que personifica ‘Raul Seixas’. Eu o inventei. Raul Seixas não tem nada a ver comigo. Depois do trabalho cênico [...] estar acabado, eu volto para minha própria personalidade” (SEIXAS. *In*: ESSINGER, 2005, p. 168). Kika Seixas (1995, p. 5), uma das suas esposas, rememora um marido diferente do artista conhecido pelo público: “Raul não era irreverente: detestava esse título que deram a ele”. Rosana Teixeira (2008, p. 45), ao pesquisar várias pessoas que conviveram com o cantor, destaca como as lembranças sobre ele caminham no sentido de uma separação entre o homem e o artista Raul Seixas. O primeiro, da

esfera privada, “mostrava-se justo, fino e tímido, na esfera pública manifestava-se uma outra face: a do devasso, desequilibrado, extravagante e agressivo”. Completa a autora dizendo: “Se o artista denotava rebeldia, irresponsabilidade, o homem falava baixo, era compreensivo, humano, honesto”. Todas essas características, em alguma medida, lembram os dois personagens fundamentais da sua infância, o educado e o fino menino de família e o roqueiro rebelde e transgressor.

## Referências bibliográficas

- ALVES, Luciane. *Raul Seixas, o Sonho da Sociedade Alternativa*. São Paulo: Martin Claret, 1993.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Adriano; BRANDÃO, Paulo. *Geografia de Salvador*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- Bourdieu, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
- BUENO, Zuleica. *O Juvenil como Gênero Cinematográfico*. IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte – São Paulo, v.1, n. 1, abr./ago, 2008.
- CASTRO, Zeão. *A Jovem Guarda na Bahia*. Salvador: Alba, 2015.
- DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ESSINGER, Silvio (Org.). *O Baú do Raul Revirado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- FREUD, Sigmund. *Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci*. In: \_\_\_\_\_. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- FRIEDLANDER, Paul. *Rock and roll: uma história social*. São Paulo: Ed. Record, 2002.
- GAMA, Thildo. *Raul Seixas: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: Pen Comércio e Comunicações LTDA., 1997.
- GARSON, Marcelo. *Jovem Guarda: a construção social da juventude na indústria cultural*. Tese – Doutorado em Sociologia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- GUERRA, Paula. *A instável leveza do rock*. Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2010.
- GUERRA, Paula; ALVES, Thiago; SOUZA, Lucas. *Para uma nova caixa de Pandora: esboço de um roteiro heurístico pela Sociologia da música*. Música Popular em Revista, Campinas, ano 4, v. 1, p. 102-134, 2015.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Censo Demográfico 1950).
- LEAL, Geraldo; FILHO, Luis. *Um cinema chamado saudade*. Salvador: Gráfica Santa Helena, 1997.
- LUDWIG, Selma Costa. *Mudanças na vida cultural de Salvador 1950-1970*. Dissertação – Mestrado em Ciências Sociais - Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.
- MATTOSO, Kátia. *Bahia, século XIX; uma província no império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MEAD, Herbert. *Mind, Self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: The University of Chicago, 1972.
- MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- OLIVEIRA, Francisco (Org.). *Bahia de Todos os Pobres*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- OLIVEIRA, Francisco (Org.). *O elo perdido: classe e identidade de classe*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- OLIVEIRA, Paulo. *Organização da cultura na “Cidade da Bahia”*. Tese – Doutorado em Comunicação – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.
- PASSOS, Sylvio. *Raul Seixas por ele mesmo*. São Paulo: Martin Claret, 1990.
- RISÉRIO, Antônio. *Avant-gard na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo e PM Bardi, 1995.
- RISÉRIO, Antônio. *Uma História da Cidade da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2004.
- RISÉRIO, Antônio. *Edgar Santos e a reinvenção da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2013.

RUBIM, Antônio; COUTINHO, Simone; ALCÂNTARA, Paulo Henrique. *Salvador nos anos 50 e 60: encontros e desencontros com a cultura*. Revista de Arquitetura e Urbanismo. Salvador, vol. 3, n. 1, 1990.

SANTANA, Jussilene. *Impressões modernas: teatro e jornalismo na Bahia*. Salvador: Vento Leste, 2009.

SEIXAS, Kika (Org.). *Raul Rock Seixas*. São Paulo: Ed. Globo, 1995.

SEIXAS, Raul. *As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor*. Rio de Janeiro: Shogun Art, 1983.

SOUZA, George. *Entre o religioso e o político: uma história do círculo operário na Bahia*. Dissertação – Mestrado em História – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

SOUZA, Lucas. *Construção e autoconstrução de um mito: análise sociológica da trajetória artística de Raul Seixas*. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOUZA, Tárík (Org.). *O Baú do Raul*. São Paulo: Globo, 1993.

SPANNENBERG, Ana Cristina *et al.* *Do ceticismo à consolidação: a TV na Bahia* Notas sobre a primeira década de televisão em Salvador. Revista Brasileira de História da Mídia. Vol. 1, n. 2, 2012.

VELOSO, Caetano. *A Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

### **Matérias de Jornais:**

CABRAL, Sérgio. “Do lado errado”. O Globo, Rio de Janeiro, p. 35, (29/11/1975).

OLIVEIRA, Carlos. “Ouro de tolo”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, ed. 154, p. 61, (09/09/1973).

**Recebido em:** 29 de outubro de 2022.

**Aceito em:** 30 de dezembro de 2022.

### **COMO REFERENCIAR**

SOUZA, Lucas; LOBO, Janaina. Raul Seixas: “Baú”, *habitus* e juventude em Salvador nas décadas de 1950/1960. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 216-241 ago./dez., 2022.

---

## Dinâmicas de engajamento e desengajamento político: uma análise no âmbito do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo

### Dynamics of political engagement and disengagement: an analysis within the scope of the “Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo”

**Náthani Siqueira Lima**

Pesquisadora da Fundação Norte Fluminense de Desenvolvimento Regional; doutora em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). E-mail: [nathanislima@gmail.com](mailto:nathanislima@gmail.com)

**Marcelo Carlos Gantos**

Professor do Programa de Pós-graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [mcgantos@gmail.com](mailto:mcgantos@gmail.com)

#### Resumo

Este artigo busca contribuir com a literatura sobre o engajamento e o desengajamento político em instituições participativas, na medida em que traça um paralelo entre os conceitos de ‘carreira militante’ e ‘esferas da vida’ e seus reflexos práticos no âmbito do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo. Partiu-se da análise das informações contidas no documento “Quem Somos?” produzido no âmbito do projeto para criar um perfil dos sujeitos engajados e desengajados entre as suas segunda e terceira fases, chegando-se à conclusão que um dos principais fatores de engajamento é a confiança em sujeitos já participantes; e, para o desengajamento, é a priorização de outras esferas da vida, como trabalho e educação.

**Palavras-chaves:** Engajamento; Desengajamento; Carreira Militante; Esferas da Vida; Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo.

#### Abstract

This article seeks to contribute to the literature on engagement and disengagement in participatory institutions, as it draws a parallel between the concepts of 'militant career' and 'spheres of life' and their practical consequences within the scope of the *Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo*. The starting point was the analysis of the information contained in the document “Who are we?” produced within the scope of the project to create a profile of subjects engaged and disengaged between its second and third phases, reaching the conclusion that one of the main factors of engagement is trust in subjects already participating; and, for disengagement, it's the prioritization of other spheres of life, such as work and education.

**Keywords:** Engagement; Disengagement; Militant Career; Spheres of Life; *Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo*.

## **Introdução**

Este trabalho tem por objetivo analisar critérios objetivos e subjetivos de engajamento e desengajamento político no âmbito do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo (PEA-TP), que é uma medida de mitigação oriunda do licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Ibama, pela exploração de petróleo e gás pela Petrobras na região da Bacia de Campos. Serão analisados critérios como renda, escolaridade, idade, dentre outros, a fim de traçar um perfil de sujeitos que integram e retiram-se do PEA-TP, buscando respostas sobre as dinâmicas de engajamento e desengajamento político, partindo-se de uma análise de caso para futuros enfrentamentos para além do local. Além disso, serão também analisados critérios subjetivos, que possam demonstrar quem são, para além de suas definições objetivas, esses sujeitos e as razões que conformam o processo de participação.

Parte-se, portanto, de uma análise bibliográfica, que se fundamenta nos estudos sobre a participação política sob a perspectiva dos conceitos de ‘carreiras militantes’ e ‘esferas da vida’, buscando criar um paralelo entre os aspectos teóricos e os processos de participação no âmago do projeto. Tais propostas teóricas estabelecem que a qualidade e a constância da participação do indivíduo em certas instâncias não é fruto de uma decisão vazia, senão da convergência de suas experiências de vida e dos contextos social e histórico aos quais é submetido ao longo de sua existência. Assim, laços de confiança – em sujeitos que já participam ou em instituições envolvidas – podem conduzi-lo à participação tanto quanto ou até mais fortemente do que, por exemplo, sua identificação com a causa – que pode, inclusive, ser fortalecida ao longo do processo. Além disso, as fases da vida também influenciam diretamente nesse processo. Acredita-se, então, que algumas situações podem induzir à participação ou miná-la, já que as chamadas esferas da vida – casamento, trabalho, educação etc. – não possuem o mesmo peso e umas podem ser priorizadas em detrimento de outras.

Este trabalho, portanto, é resultado de uma análise documental e bibliográfica, convergindo o aporte teórico com dados produzidos pelo PEA-TP, em que buscou-se informações acerca do perfil dos sujeitos que se engajaram e desengajaram entre a segunda (2017-2019) e a terceira (2020-2022) fases; além de analisar as razões

subjetivas e individuais que levaram à deserção, buscando compreender se há uma causa comum – tanto de engajamento, quanto de desengajamento – que, uma vez detectada, possa auxiliar na compreensão das dinâmicas de participação. A intenção é a de fortalecer o compasso entre a riqueza das experiências participativas no âmbito do licenciamento ambiental federal e o conhecimento sobre seus efeitos.

## **1 Ciclos de participação política a partir da Sociologia das carreiras militantes e das esferas da vida**

A análise dos aspectos inerentes à participação política, tomada como sinônimo de engajamento, pode passar por incontáveis variáveis, das quais destaca-se a perspectiva de ‘sistema participativo’, utilizada por Almeida (2018), para designar as várias formas pelas quais um indivíduo pode participar das decisões públicas. Para a autora, os estudos clássicos comportamentalistas que dirigiam a ideia de participação a partir das instâncias convencionais, institucionalizadas na esfera estatal – a exemplo do ato de votar; e a perspectiva das ‘instituições participativas’, fundamentada no reforço democrático em decorrência da ampliação da participação não convencional – como protestos e organizações da sociedade civil, convergem-se para o consenso de que a participação política não pode ser tão ampliada a ponto de abarcar a proximidade do indivíduo com qualquer coletivo, como associações religiosas ou com o voluntariado; pelo contrário, deve-se entender essa participação como a possibilidade de influir nas decisões de Estado e, portanto, voltar-se ao estudo da atuação dos sujeitos no âmbito dessas instâncias, sejam elas mais ou menos institucionalizadas.

Avritzer (2007) dá à discussão elementos para compreender que as formas de participação chamadas de não convencionais pela teoria clássica, ou comportamental, alcançam maior destaque pela deslegitimação das formas de participação convencional, nomeadamente da representação política a partir do voto. Para o autor, a representação política por excelência é o Parlamento, caracterizado pelo voto no mercado eleitoral. No entanto, é possível dizer que instituições da sociedade civil também exercem um tipo de representação, mas que se enraíza em outras razões, que não apenas a autorização para a advocacia, ou a dinâmica de falar pelo sujeito – no

que consiste, basicamente, o voto. Para o autor, diferentemente da representação clássica, aquela exercida pelas organizações civis, que exemplifica pelo Greenpeace, “não é a autorização, e sim a afinidade ou a identificação de um conjunto de indivíduos com a situação vivida por outros indivíduos que legitima a advocacia” (AVRITZER, 2007, p. 457).

A afinidade a qual se refere Avritzer (2007) é tratada por Freire (2014) a partir da teoria do capital social, que busca compreender quais são as razões que levam um indivíduo a engajar-se em uma organização. Para essa corrente, a proximidade do indivíduo com determinada instância participativa se daria a partir da formação de laços de confiança com instituições ou outros sujeitos nela envolvidos, o que, imediatamente, tenderia a reduzir as incertezas relacionadas à participação. Pode-se dizer que essa perspectiva se soma à teoria da escolha racional, segundo a qual o engajamento seria o resultado do equacionamento entre custos e benefícios da participação. Afirma ele:

a confiança interpessoal aumenta as chances de uma pessoa se engajar no provimento de bens coletivos quando aliada aos demais fatores vinculados à participação, tais como a relação custo-benefício, os níveis de escolaridade e de renda, as redes de contatos à disposição do indivíduo, o interesse por questões políticas, entre outros (FREIRE, 2014, p. 24).

Nesse sentido, Lerbach (2014) afirma que nas dinâmicas de engajamento e desengajamento, indivíduo e sociedade não podem ser considerados esferas distintas, ao contrário, verifica-se um interacionismo simbólico, abordagem que, na perspectiva da participação, liga o indivíduo ao “estudo de situações a fatores contextuais mais amplos e a normas e ordens sociais” (LERBACH, 2014, p. 60). Significa dizer que o ato de participar ou não de determinada instância é produto da interpretação obtida a partir de uma dialética entre a história individual e o contexto social e institucional vivido pelo sujeito.

É no âmbito dessa perspectiva que emerge a ideia de ‘carreiras’ na área do engajamento político, convergindo critérios objetivos, caracterizadores dos sujeitos participantes – como idade, renda e escolaridade – e também aspectos subjetivos, como as dinâmicas interacionais e as lógicas que permeiam esse processo, o que pode, como dito, passar pelos laços de afeto ou por decisões mais racionais. É, para

Gutierrez (2020), uma perspectiva de análise eficiente para convergir “trajetórias individuais, instituições e estruturas sociais, evitando que se sobrevalorize apenas uma destas instâncias” (GUTIERREZ, 2020, p. 226).

A noção de ‘carreiras militantes’, portanto, fundamenta-se na existência de um modelo processual da ação, ou seja, a participação do indivíduo não é apenas reativa às normas sociais vigentes, mas fruto de um processo de acumulação de experiências, sejam familiares, profissionais ou até mesmo políticas. Oliveira (2010) afirma:

[...] dificilmente os militantes decidem participar de uma organização ambientalista de forma espontânea ou repentina sem certo “conhecimento prévio” referente à problemática ambiental. Do mesmo modo, eles raramente chegam sozinhos nas associações, sem contatos preliminares com simpatizantes ou militantes que participam da entidade e com os quais mantêm relações de parentesco, de vizinhança, de amizade ou de afetividade. De modo geral, o engajamento e a militância em associações ambientalistas são precedidos pela interação, pelo contato e pela conversação com parentes, namorados(as), amigos(as), colegas, professores(as) etc., que conhecem ou participam de determinada associação (OLIVEIRA, 2010, p. 54-55).

O autor afirma, ainda, que a militância pode ser dividida em três fases: a pré-militante, em que o sujeito é mobilizado ou instigado a participar, por intermédio de sua rede de contatos; a fase militante, na qual o indivíduo ocupa lugar em instituições participativas, até mesmo em cargos de direção; e a pós-militante, “a qual compreende os momentos de desengajamento e abandono temporário ou definitivo da associação e da militância [...]” (OLIVEIRA, 2010, p. 55).

Sawicki e Siméant (2011) apontam que nem sempre a comunhão de ideais e objetivos são suficientes para levar o indivíduo a aderir a determinado coletivo, no entanto, em grande parte dos casos, a mediação de pessoas conhecidas é senão suficiente, determinante para tanto. Com o que anuem Silva e Ruskowski (2010, p. 29):

as redes sociais são fundamentais para a explicação do envolvimento militante na medida em que elas não apenas possibilitam o contato entre os militantes potenciais e seus recrutadores, mas também porque criam uma estrutura de significados compartilhada sobre compromisso militante, que ajuda a criar e sustentar a mobilização.

O engajamento tem, então, por consequência, a formação ou reformação de identidades, ou seja, os membros de determinado grupo passam a ser identificados

por características comuns e esse processo tende a fortalecer ou enfraquecer a participação, na medida em que essa identificação se aproxima ou não das expectativas daqueles que formam laços com o indivíduo engajado. Vale dizer que:

O ajuste ou, ao contrário, o desajuste entre esfera de amigos, familiar, profissional e militante condicionam as chances de se permanecer ou não engajado, ou até de aumentar a intensidade do engajamento (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 216).

Assim, o engajamento é uma ação motivada por inúmeros fatores, dentre eles o coeficiente entre as possíveis perdas e ganhos projetados pelos indivíduos a partir da ação participativa. Esses ganhos são considerados recursos, ou seja, retribuições que cada um espera receber por sua participação e não são homogêneos, muitas vezes não sendo sequer percebidos no processo. Ocorre que essas expectativas, quando não satisfeitas, podem gerar frustração e, por consequência, enfraquecer o vínculo criado com a causa ou o grupo, chegando, justamente, na última fase do engajamento, chamada por Oliveira (2010) de pós-militante, ou seja, contribuindo para o processo de desmobilização (Gutierrez, 2020).

O conceito de ‘esferas da vida’ também se dispõe na mesma direção da ideia de ‘carreira militante’. Se para essa última o engajamento decorre de uma construção histórica do indivíduo a partir das suas vivências no mundo, a compreensão das esferas da vida faz inferir que cada experiência vivenciada tem seu lado objetivo, composto pelo pertencimento do indivíduo em determinado grupo e pelas relações que dele advém; e um lado subjetivo que se forma pela percepção que o próprio sujeito tem de sua participação. Pode-se dizer, então, que há, nesse campo, dois pressupostos principais: o primeiro de que o indivíduo constrói e reconstrói a sua percepção da realidade a partir das interações que estabelece com os demais sujeitos e com ele próprio, ou seja, das interações externa e interna; e, em segundo lugar, que essas esferas da vida – trabalho, família, amigos, estudos, ação política – não são independentes entre si, mas interconectadas (LERBACH, 2014).

É importante considerar que essas esferas de vida não possuem um mesmo peso na vida do indivíduo, podendo umas terem mais prioridade do que outras, mas é possível afirmar que quanto mais alinhadas essas esferas estiverem com o engajamento político, mais estável tende a ser a participação. De modo oposto, quanto

menos interação entre elas, maior a chance de ocorrer a deserção, muitas vezes relacionada também com o avanço dos ciclos de vida do indivíduo (LERBACH, 2014).

Essas mudanças na trajetória de vida dos indivíduos impactam diretamente no engajamento, como afirma Okado (2013):

Os marcadores de transição das etapas do ciclo de vida: o casamento, a entrada no mercado de trabalho, a aposentadoria e a viuvez desempenham funções que influenciam o ativismo, uma vez que tais mudanças vão alterar as redes de relacionamento do indivíduo, ampliando ou restringendo-as (OKADO, 2013, p. 42).

Caminhando em direção ao pressuposto de que as esferas da vida influenciam diretamente nos ciclos de engajamento ou deserção, Okado (2013) explicita a bipartição da socialização política em primária e secundária e afirma que os processos de construção dessas instâncias são determinantes para a qualidade e o tempo da participação. Segundo o autor, a socialização primária ocorre nas primeiras décadas de vida – “neste período são centrais os papéis desempenhados por instituições mediadoras, como a escola, a família ou grupos de pares” (OKADO, 2013, p. 39) – e se dá em três períodos distintos: infância, adolescência e a entrada no mundo adulto.

Na infância, o indivíduo assimila os comportamentos e as crenças familiares, especialmente dos pais, momento em que a política é um processo naturalmente incorporado. Já na adolescência ocorre o que se denomina “apoio difuso às instituições”, iniciado a partir do aprendizado sobre o processo político e as instituições, quando, ainda, a escola tem um papel fundamental na formação da identidade política. A última etapa, compreendida entre o final da adolescência e início da vida adulta, é marcada pela consolidação do aprendizado e o início das experiências com a vida política, como votar, participar de coletivos, dentre outros (OKADO, 2013). Já na socialização secundária, o indivíduo passa a ter contato com uma série de novos lugares e vivências, fazendo com que tenha que adaptar às novas experiências tudo aquilo que foi apreendido na fase primária, passando, ainda, a reinterpretar os fatos segundo essas novas experiências (ROBALLO, 2010).

As socializações secundárias são o resultado da trajetória biográfica, que podem ser, por exemplo, ascendentes ou declinantes, de pertencimento a diversos meios (conjugual, familiares, profissionais, de amizades, culturais, comunitários, confessionais, associativos, sindicais, de vizinhança ou outros) e das posições ocupadas no espaço social e as divisões do trabalho

(notadamente entre os sexos, as gerações, as categorias sociais) (LERBACH, 2014, p. 69 *apud* GAXIE, 202, p. 148).

Não é errado afirmar, então, que no processo de socialização secundária pode haver sobreposição de princípios absorvidos na fase primária, isso vai depender primordialmente das experiências vividas pelos indivíduos ao longo de sua vida. A alternância de contextos sociais, por exemplo, pode levá-lo a reconsiderar posições identitárias ou reforçá-las, movimento que é contínuo, o que pode explicar porque algumas organizações produzem meios próprios de manter o engajamento de seus membros, a exemplo do que Silva e Ruskowski (2010) chamam de *mística* do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), uma prática cultural e política, com raízes nos rituais religiosos, que busca, especialmente, fortalecer a identidade do movimento, por meio da memória.

#### *A mística do MST:*

Fundamenta e representa o seu mundo, e o mundo que está por vir através das lutas dos trabalhadores e das trabalhadoras. O seu celebrar se configura como um lugar privilegiado em que se processam construções de representações. Na mística, o Movimento cria suas visões de mundo, estabelece quais são seus valores e ideais, expressa o que espera de seus integrantes, legitima a luta pela terra e ressalta quem são seus aliados e inimigos na luta pela terra (COELHO, 2017, p. 121).

Avritzer (2007) afirma, nesse sentido, que o que imprime legitimidade nas instâncias de representação por afinidade, como é o caso do MST, por exemplo, é, justamente, a ideia de identidade e solidariedade. Isso quer dizer que o indivíduo tende a criar ou fortalecer os seus laços de confiança entre sujeitos que agem da mesma forma que ele, já que “a identificação com a causa se tornou mais importante que a autorização explícita para representá-la” (AVRITZER, 2007, p. 457).

Todas essas imbricações podem contribuir para a existência de ciclos de participação, ou seja, por momentos de maior propensão ao engajamento ou não. Cada indivíduo, portanto, absorve determinados padrões e hábitos de comportamento que em certo momento de sua vida podem influenciar no seu grau de comprometimento com alguma causa ou coletivo, o que possibilita compreender as razões pelas quais o ativismo político pode ser entendido como uma “atividade social específica e

duradoura, constituída de um “ciclo de vida” representado pelos momentos de adesão, comprometimento e deserção” (GUTIERREZ, 2020, p. 224).

As condutas das organizações, portanto, influem diretamente no ciclo de participação dos indivíduos, considerando a forma com a qual encorajam ou desencorajam o engajamento individual. Esse processo pode ser analisado sob três aspectos principais: o primeiro deles diz respeito ao *know how*, ou seja, ao conhecimento adquirido no seio da instituição, o que é considerado um recurso valioso, porque é a partir desse processo que o indivíduo fortalece o seu arsenal de recursos a serem mobilizados para a participação; em segundo lugar está a visão de mundo, ou ideologia, que deve ser reforçada pelo grupo, a exemplo da já citada *mística* do MST; e, por último, a consolidação de identidades individuais e coletivas a partir das redes de sociabilização. A coesão entre essas três categorias pode contribuir para o fortalecimento do grupo ou, acontecendo ao contrário, para seu desgaste (GUTIERREZ, 2020).

Tem-se, portanto, que o engajamento e o desengajamento não podem ser vistos apenas sob a perspectiva da escolha individual, mas também através de critérios objetivos e subjetivos da percepção do sujeito sobre as perdas e os ganhos no processo de participação. “É preciso pensar questões como a rotina, a institucionalização das atividades ou até mesmo a perda de convicção com a efetividade da causa” (GUTIERREZ, 2020, p. 233-234). Em algumas dessas questões é possível que a organização interfira, por exemplo, na adoção de práticas que reforcem os laços afetivos e identitários de seus membros; ou, ainda, com ações pedagógicas que reforcem a percepção de retribuição, como em ações políticas diretas que influenciem na vida dos sujeitos engajados – a exemplo da preparação para a atuação em espaços institucionais. No entanto, para outras questões, há menor nível de influência, como nos casos em que as demais esferas da vida acabam exigindo do sujeito um afastamento das atividades de engajamento.

Na próxima seção serão analisados critérios objetivos e situacionais de engajamento e desengajamento no âmbito do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo (PEA-TP), buscando compreender quais são as dinâmicas que conformam a entrada e a saída de membros do projeto.

## 2 Dinâmicas de engajamento e desengajamento no âmbito do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo

O Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo (PEA-TP) está inserido no âmbito do Programa de Educação Ambiental da Bacia de Campos (PEA-BC) e faz parte das medidas mitigadoras dos impactos causados pelos empreendimentos vinculados ao licenciamento ambiental federal, conduzido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) nessa área de exploração. Especificamente enquanto medida mitigadora, o PEA-BC foi instituído pelo Ibama no ano de 2010, por meio da Nota Técnica CGPEG/DILIC/Ibama 01/10, com a previsão de desenvolver projetos de educação ambiental pelas empresas que atuam na indústria de petróleo e gás na região da Bacia de Campos, tendo, como público-alvo, as comunidades afetadas pelos impactos socioambientais dos empreendimentos licenciados (GANTOS, 2016).

Como uma das ações do PEA-BC, no ano de 2012, foi publicado um documento intitulado “Diagnóstico Participativo do PEA-BC” que apresentou informações sobre os impactos socioeconômicos das atividades marítimas de petróleo e gás sobre a vida dos grupos sociais que vivem na região da Bacia de Campos. Esse documento identificou e definiu cinco macro-impactos socioeconômicos derivados da atividade petrolífera na região, sendo eles: 1) a ocupação do espaço marinho; 2) dinâmica demográfica; 3) ocupação e uso do solo; 4) pressão sobre a infraestrutura urbana, social e de serviços; 5) *royalties*. Especificamente sobre esse último macro-impacto, o diagnóstico considera-o como positivo na medida em que os recursos advindos dos *royalties* elevavam os orçamentos municipais, aumentando assim, a capacidade de financiamento do poder público local em políticas públicas, com vistas à minimização dos problemas existentes, potencializando os desenvolvimentos local e regional (SOUZA; TERRA; SANTOS, 2006).

O diagnóstico revelou que o tema dos *royalties* do petróleo representava um dos que mais interessavam aos grupos sociais pesquisados, porém, ainda foi identificada e apresentada no documento a existência de significativa desinformação em todos os segmentos sociais pesquisados com relação a esse tema. Diante dessa constatação, o projeto Territórios do Petróleo surgiu com o intuito de elaborar estratégias coletivas

de qualificação e articulação nas comunidades vulneráveis aos impactos da cadeia produtiva de petróleo e gás, a partir da criação de processos educativos que pudessem contribuir para o aumento do capital informacional da população, bem como para “promover o aumento dos níveis de organização e de efetividade do controle social dos cidadãos (tomados como sujeitos da ação educativa) sobre os recursos financeiros das participações governamentais provenientes do empreendimento petrolífero na BC [Bacia de Campos]” (GANTOS, 2016, p. 27).

Nesse sentido, o PEA-TP pretende apoiar os participantes do projeto com relação ao entendimento sobre os *royalties*, tanto no acompanhamento, na divulgação e na discussão pública em torno da distribuição dos recursos, quanto na aplicação deles pelo poder público (GANTOS, 2016). Dessa forma foram planejadas e executadas ações integradas e gradativas de educação ambiental, que resultaram no desenvolvimento e na implantação de grupos denominados “Núcleos de Vigília Cidadã” (NVC) formados por até 20 pessoas em cada um dos dez municípios de abrangência do PEA: Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Campos dos Goytacazes, Carapebus, Casimiro de Abreu, Macaé, Quissamã, Rio das Ostras e São João da Barra.

A Vigília Cidadã (VC) se tornou, então, o alicerce das ações e metas que foram sendo pautadas nos planos de ação do projeto em suas consecutivas fases de realização, pensada como uma atividade cívica, subjetiva e coletiva, mediante o desenvolvimento de um processo pedagógico popular, contínuo, cumulativo e não linear. Destarte, o principal objetivo da Vigília Cidadã foi e ainda é:

reduzir as incertezas existentes sobre a “caixa preta” dos *royalties*, ampliando o acesso dos sujeitos da ação a fontes informativas e conhecimentos cívicos que estimulem o aprimoramento de aspectos ativos da cidadania. Assim, a VC busca oportunizar aos membros dos NVC ferramentas e conhecimentos para diminuir a assimetria informacional e comunicacional existente sobre o tema nos grupos sociais definidos como impactados pelo Diagnóstico Participativo do PEA-BC (GANTOS, 2019, p. 37).

Para a formação dos NVCs, na primeira fase de execução do PEA-TP (2014-2016), denominada de etapa de sensibilização comunitária, foi realizada a “Caravana Territórios do Petróleo”, que consistia em um espaço não formal e itinerante de aprendizagem com o objetivo principal de proporcionar à população da BC um espaço educativo diferenciado para serem tratados os temas evidenciados no Diagnóstico

Participativo. Para tal, o marco inicial consistiu na sensibilização da comunidade para a adesão à causa do PEA-TP e no convite das comunidades para participação ativa nas futuras etapas do plano de trabalho. Já em sua segunda fase (2017-2019), o projeto teve por objetivo o fortalecimento dos NVCs a partir de ações de mobilização contínua realizadas não apenas pela equipe técnica, mas também pelos próprios participantes. E, em sua terceira e atual fase (2020-2023), tem como meta “aumentar o conhecimento e a informação sobre as rendas petrolíferas e promover a incidência política no controle social mediante o acompanhamento na condução da gestão pública de sua aplicação [...]” (PEA-TP, 2019, p. 2).

Vê-se, portanto, que o público mobilizado desde a primeira fase do PEA-TP é diversificado em vários aspectos, como gênero, etnia, crenças e origens sociais. Tal diversidade faz com que o público seja caracterizado como um desafio e, ao mesmo tempo, uma potencialidade. Os autores ainda destacaram que tal heterogeneidade pode ser delimitada pela composição dos NVCs que possuem como seus membros, sujeitos oriundos de comunidades tradicionais (quilombolas, pescadores/as, agricultores/as, assentados/as), por variadas faixas etárias (jovens, adultos e idosos) e residentes em áreas geográficas diversificadas (áreas rurais e urbanas) (SILVA; VICENTE FILHO, 2019).

É importante salientar, então, que o PEA-TP se enquadra no que Bordernave (1994) denomina de instância de participação provocada ou dirigida, ou seja, quando o engajamento não se dá, prioritariamente, por voluntariedade pura e simples do indivíduo, mas a partir de ações intermediadas por outros atores, institucionais ou não. Como explica Nogueira (2016), o engajamento se dá a partir dos laços de confiança que o sujeito já possui, o que está em consonância também com os estudos de Sawicki e Siméant (2011) e Silva e Ruskowski (2010), aqui já apresentados.

Ratificando os elementos teóricos, a pesquisa realizada na segunda fase do PEA-TP, em 2018, chamada “Quem Somos?”, evidenciou que dos 150 entrevistados, 80 pessoas, ou seja, 53,33%, ingressaram no projeto a partir do convite de uma pessoa conhecida que já estava participando das ações; enquanto 53, ou seja, 35,33%, participaram a partir de ações de mobilização da equipe técnica. 10% – 15 pessoas – engajaram-se por intermédio de outros projetos do PEA-BC; enquanto apenas 2

integrantes entraram por motivação autônoma, o que representa 1,34% (PEA-TP, 2018).

Sobre a carreira militante, um fato importante a ser destacado é que, a despeito da afirmação de Oliveira (2010) de que os sujeitos envolvidos em instituições ambientais dificilmente engajam-se em uma organização sem conhecimento prévio do tema, tem-se que apenas cerca de 44% dos membros disseram fazer parte de outras instituições participativas (PEA-TP, 2018), o que pode sugerir que os projetos de educação ambiental na região sejam o ponto de partida na discussão em torno da gestão ambiental pública.

Aliás, o próprio autor adverte sobre a necessidade de criação e fomento de processos de socialização que considerem o contexto de vida dos sujeitos, para que se fortaleçam concepções e condutas a respeito de categorias como “natureza”, “problemas ambientais”, “meio ambiente”, dentre outras (OLIVEIRA, 2010). Em outro trabalho chega a afirmar que a qualificação técnica é elemento imprescindível para a intervenção na gestão ambiental, considerando que essa se caracterizaria por uma *expertise* política, ou seja, a capacidade de articulação entre o conhecimento técnico e os aspectos políticos (OLIVEIRA, 2009).

Afirma ainda que, nesse contexto, há o que chama de “carreiras desviantes”, em que o engajamento se dá a partir de:

impulsos e desejos vagos que constituem uma espécie de curiosidade inicial em relação a tal conduta, que vão se transformando em concepções e formas de atividades definidas. Sendo assim, é por um processo de socialização e de aprendizagem realizado no curso das próprias experiências desviantes, mediante a aproximação, os contatos e as interações frequentes com praticantes de tais condutas, que se adquire um sistema estável de categorias necessário ao exercício e à continuidade de tal comportamento (OLIVEIRA, 2010, p. 55).

O afirmado, mais uma vez, encontra sustentação nas teorias fundadas nos elos de confiança e de afetividade do sujeito, que fazem com que a participação se torne menos custosa, já que o tema pode ser suscitado por pessoas conhecidas e que já participam do PEA-TP. Nesse contexto, a questão da confiança parece ter um pouco mais de determinância para o engajamento do jovem do que para o adulto, considerando que naquela faixa etária o percentual dos que entraram no projeto a partir de um convite de um membro já atuante ou de outros projetos de educação

ambiental que já participava foi de cerca de 68%, enquanto 32% ingressaram a partir de ações de mobilizações da equipe técnica. Já para os adultos, os percentuais foram de 60% e 37%, respectivamente, enquanto apenas 3% afirmaram ter ingressado por motivação própria (PEA-TP, 2018).

O perfil do participante do PEA-TP foi analisado por Silva e Vicente Filho (2019) que afirmaram ser: adulto – com mais de 29 anos, autoidentificado pelo gênero feminino e pela cor branca, solteiro, que ganha até um salário mínimo, com o ensino médio completo e que já participava do projeto desde a sua primeira fase. É interessante notar que a maior parte do público que compõe o projeto é de pessoas solteiras, o que converge com os estudos de Gutierrez (2020) de que os ciclos da vida, como o casamento, por exemplo, podem influenciar no engajamento. De outro lado, quase 50% dos participantes declaram ter filhos, fator, portanto, que parece não impactar diretamente no engajamento, o que não quer dizer que não seja um determinante na qualidade da participação, já que pode refletir, por exemplo, na frequência de comparecimento nas ações do projeto, o que não foi analisado e, inclusive, surge como questão para pesquisas futuras a partir deste trabalho.

É importante ponderar também os aspectos que dizem respeito ao desengajamento desses sujeitos, buscando compreender as dinâmicas que levam à saída do PEA-TP. Analisando ainda o questionário “Quem Somos?”, produzido na segunda fase do projeto e as listas de presença da atual terceira fase, foi possível chegar ao número e ao perfil dos sujeitos desengajados. Considerando os critérios que foram denominados de objetivos, tem-se que são pessoas que, em sua grande maioria, tinham ingressado ainda na primeira fase; com renda de até dois salários mínimos; na faixa etária entre 16 e 29 anos, ou seja, ainda jovens; com ensino médio completo; e que não participam de outros projetos de educação ambiental (PEA-TP, 2018; 2022).

Esse perfil sugeriria dois aspectos principais: em primeiro lugar, que existiria um ciclo de participação com duração de uma fase no projeto; e, em segundo lugar, que os ciclos da vida poderiam interferir também, além de no engajamento, no desengajamento desses sujeitos, na medida em que esse movimento de saída se deu por pessoas que, em tese, estariam em um momento de alternância de rotinas, como a entrada no mercado de trabalho ou em outra fase dos estudos.

Para que melhor fosse compreendido, no entanto, foi necessário adentrar nos aspectos subjetivos, ou seja, as razões individuais de cada um deles, para o afastamento do projeto. Assim, enviou-se às equipes técnicas de cada município uma listagem com os sujeitos identificados como “desengajados” entre as fases dois e três e questionando aos técnicos sobre as razões das saídas. Com as respostas foram criadas oito categorias: “mudança de cidade”; “equipe técnica”; “estudo”; “trabalho”; “quebra de expectativas”; “retorno”; “acesso remoto”; e “sem justificativa”.

Haviam 59 sujeitos que estavam na fase dois e não foram encontrados nas listas de presença da fase três. No entanto, foram excluídos da análise apresentada abaixo 3 deles, que faleceram e, portanto, não podem ser considerados desengajados. Assim, os 56 estão distribuídos, segundo o critério subjetivo, da seguinte maneira:

**Tabela 1 - Sujeitos desengajados por categoria.**

<b>Categoria</b>	<b>Número Absoluto</b>	<b>Percentual</b>
Mudança de Cidade	12	21,4 %
Equipe Técnica	11	19,6 %
Estudo	10	17,8 %
Trabalho	8	14,3 %
Quebra de Expectativas	8	14,3 %
Retorno	2	3,6 %
Acesso Remoto	1	1,8 %
Sem Justificativa	4	7,2 %

**Fonte:** Elaborado pelos autores a partir de PEA-TP (2018; 2022).

Vê-se, então, que a maior fração dos desengajados pertencem à categoria “Mudança de Cidade”, representando 21,4% do total. Somando às categorias ‘Estudo’ e ‘Trabalho’, com 17,8% e 14,3%, respectivamente, esse conjunto representa a maioria, ou seja, 53,5%. Isso ratifica a hipótese de que as esferas da vida influenciam diretamente na participação do indivíduo em instâncias de discussão política, como afirma Gutierrez (2020, p. 228): “geralmente essas transformações são fruto de algum tipo de alteração do *status* individual de cada militante (emprego, casamento etc.) ou em decorrência de uma série de outros eventos biográficos (crises, perdas etc.)”.

Outro dado que chama a atenção é em relação à categoria “Equipe Técnica”. Nela estão aqueles sujeitos que deixaram de fazer parte dos Núcleos de Vigília Cidadã, instância participativa do projeto, para integrar a equipe técnica. O grupo

corresponde a 19,6% do total, o que é expressivo e faz compreender os ganhos individuais pelo engajamento. O ingresso na equipe técnica pode ser visto, ainda, como consequência de uma gama de outros recursos adquiridos pelo sujeito no decorrer de sua participação, a exemplo da aquisição de conhecimentos e habilidades.

Estes ganhos são uma espécie de recurso; são retribuições que cada um adquire por estar inserido no processo de militância. Por outro lado, é preciso destacar também que a aquisição desses recursos varia em função dos demais recursos que são adquiridos em outros espaços sociais e dimensões da vida, que podem ser até mesmo anteriores ao engajamento (GUTIERREZ, 2020, p. 230).

Tal achado converge com um dos preceitos que permeiam o Territórios do Petróleo, que é a noção de cultivo do entorno, conceito mencionado desde o seu primeiro plano de trabalho (PEA-TP, 2013). Como exposto por Leitão (2019), o acesso a recursos estratégicos, como a informação, por exemplo, pode contribuir para a apropriação ativa de outros recursos – técnicos, ambientais, sociais e culturais – pela comunidade, ainda que advindos de experiências individuais, como acontece com o ingresso de membros dos núcleos na equipe técnica, acessando, assim, “dispositivos e manifestações de um empoderamento real na relação direta entre os agentes sujeitos e os seus ambientes e condições de vida” (LEITÃO, 2019, p. 78).

Com relação à quebra de expectativas, estão inseridos nessa categoria aqueles sujeitos que se desengajaram por acreditar que o projeto não correspondia ao que eles esperavam. Severo e Severo (2015) afirmam que aspectos emocionais, como o envolvimento ou a decepção, devem ser analisados para compreender as dinâmicas de participação e Gutierrez (2020, p. 230), na mesma esteira, pontua que “participar de um movimento social ou de uma manifestação é algo que implica uma série de expectativas por parte daqueles que militam e se comprometem”. Assim, para o autor, se na ponderação entre os recursos necessários para participar e aqueles apreendidos pela participação, o indivíduo entende que os ganhos não superam o investimento no engajamento, tende a afastar-se, o que é um processo normal dentro das instâncias participativas e não reflete, sozinho, o sucesso ou insucesso dessas.

Por fim, há ainda as categorias que representam uma menor parte da análise, que são aqueles que se afastaram do projeto, mas acabaram retornando; uma pessoa que optou por desvincular-se por não querer participar das atividades virtuais

adotadas durante a pandemia e aqueles que se desengajaram sem expor os seus motivos.

## Considerações finais

O arcabouço teórico exposto neste trabalho faz inferir que o engajamento político deve ser considerado a partir da possibilidade de influir nas decisões sobre a coisa pública, sob pena de expandir o conceito, a ponto de perder a sua essência. Dessa forma, foi possível concluir que a noção de carreira militante parece amoldar-se às situações concretas de engajamento e desengajamento no âmbito do PEA-TP no que diz respeito à sua convergência com a teoria do capital social, ou seja, ratificando que o engajamento se dá, especialmente, a partir da confiança que o indivíduo possui a sujeitos já envolvidos na causa. De outro passo, no entanto, a realidade do Projeto tendeu-se a divergir no tocante à existência de uma participação prévia, já que boa parte dos participantes afirmaram não estarem engajados em outras instâncias, o que sugere que o PEA é uma porta de entrada na militância ambiental na região.

Também foi possível compreender como as esferas da vida interferem diretamente no desengajamento, já que os dados inicialmente demonstraram que o perfil do desengajado é composto por jovens em idade de ingresso no mercado de trabalho ou em outras etapas educacionais e, depois, ratificou-se com a análise da subjetividade da deserção, em que estabeleceu-se que a maioria dos sujeitos que se afastaram o fizeram por questões não relacionadas à participação em si, seja por mudança de cidade ou pela priorização dos estudos ou do trabalho.

Os resultados não significam que os processos estabelecidos no âmbito das próprias instâncias participativas não podem interferir no desengajamento, já que há também aqueles que se desengajaram pela quebra de expectativas em relação aos resultados possíveis do projeto. Como mencionado, é possível que se criem metodologias de reforço da identidade do projeto, a exemplo do que o MST realiza com a sua chamada *mística*. Não obstante, como o índice é pequeno em relação aos demais, considera-se que esse é um trabalho que já vem sendo desenvolvido no âmago do PEA-TP.

Por fim, um resultado que se destaca dentre aqueles mencionados, é que boa parte dos sujeitos que saem dos Núcleos de Vigília Cidadã o fazem para serem empregados na equipe técnica do PEA, o que reforça a ideia de que a apreensão de recursos também é um fator determinante nas trajetórias individuais dos indivíduos.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Carla. *A participação política nas democracias contemporâneas: mapeando o debate*. In: MARTELLI, Carla Gandini Giani; JARDIM, Maria Chaves; GIMENES, Éder Rodrigo. *Participação política e democracia no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.

AVRITZER, Leonardo. *Sociedade Civil, Instituições Participativas e Representação: da Autorização à Legitimação da Ação*. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 50, n. 3, p. 443-464, 2007.

BORDENAVE, Juan Díaz. *O que é participação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

COELHO, Fabiano. *A prática da mística e a construção de uma memória histórica no MST*. *Hist. R.*, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 119-138, jan./abr. 2017.

DEBONI, Fábio; MELLO, Soraia. *Panorama da Juventude Ambientalista*. In: BRASIL, 2006. *Juventude, cidadania e meio ambiente: subsídios para elaboração de políticas públicas*. Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. Brasília: Unesco, 2006.

FREIRE, Alessandro. *Engajamento Cívico: Um Desafio Teórico para a Ciência Política Contemporânea*. 35º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu/MG: 24 a 28 de outubro de 2011.

GANTOS, Marcelo Carlos. *Introdução*. In: GANTOS, Marcelo Carlos (Org.). *A caravana Territórios do Petróleo: ressignificando a educação ambiental na Bacia de Campos*. Campos dos Goytacazes, RJ: EdUENF, 2016.

GANTOS, Marcelo Carlos. *A Vigília Cidadã, um método em construção*. In: *Experiências e reflexões sobre a vigília cidadã para o controle social dos royalties* [recurso eletrônico]. Campos dos Goytacazes, RJ: EdUENF, 2019.

GUTIERREZ, Daniel. *O engajamento militante enquanto prática social: ciclos de adesão, comprometimento e deserção*. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 51, n. 1, mar./jun., 2020, p. 223-248.

LEITÃO, Andreza Barreto. *Reuniões ordinárias: motor para a consolidação dos NVC - Apresentação*. In: *Experiências e reflexões sobre a vigília cidadã para o controle social dos royalties* [recurso eletrônico]. Campos dos Goytacazes, RJ: EdUENF, 2019.

NOGUEIRA, Fernando Simões. *A transformação das formas de engajamento associativo no contexto da institucionalização do orçamento participativo de Porto Alegre*. Dissertação.

Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2016

OKADO, Lucas Toshiaki Archangelo. *Juventude e participação política no Brasil: efeitos de ciclos de vida ou geração?* Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Maringá: 2013.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. Significados e Usos Sociais da Expertise na Militância Ambientalista. *Avá*, n.º. 15. Jul. 2009, p. 161-185.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n.º 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, pp. 49-77.

PEA-TP. Plano de Trabalho do Projeto de Educação Ambiental – EA. *Projeto Territórios do Petróleo: Royalties e Vigília Cidadã na Bacia de Campos*. Novembro de 2013. Disponível em: [http://pea-bc.ibp.org.br/arquivos/projetos/plano\\_trabalho/9\\_territorios%20do%20petroleo%20plano%20de%20trabalho\\_final\\_digital.pdf](http://pea-bc.ibp.org.br/arquivos/projetos/plano_trabalho/9_territorios%20do%20petroleo%20plano%20de%20trabalho_final_digital.pdf). Acesso em: 26 jun. 2022.

PEA-TP. Questionário “Quem Somos?”. *Projeto de Educação Territórios do Petróleo*, 2018.

PEA-TP. *Listas de Presença*. Projeto de Educação Territórios do Petróleo, 2022.

ROBALLO, José Henrique Machado. Cultura e socialização política dos estudantes de ensino médio e seus pais: um estudo de caso a partir de duas gerações em Rio Pardo/RS. *Fazendo Gênero* 9. *Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. 23 a 26 de agosto de 2010.

SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante: nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, n.º 28, set./dez. 2011, p. 200-255.

SEVERO, Ricardo Gonçalves; SEVERO, Renata Vieira Rodrigues. Dinâmicas de engajamento: Análise de trajetórias em uma rádio comunitária. *Revista Pós Ciências Sociais*, 12(24), p. 253-276, 2015.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Levante juventude, juventude é pra lutar: redes interpessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n.º 3. Brasília, janeiro-julho de 2010, pp. 23-48.

SOUZA, Joseane de; TERRA, Denise Cunha Tavares; SANTOS, Ana Cristina Coelho dos. “Territórios do Petróleo”: nível de conhecimento sobre royalties, participação e controle social. *In: A caravana territórios do petróleo* [livro eletrônico]: ressignificando a educação ambiental na Bacia de Campos. Campos dos Goytacazes, RJ: EdUENF, 2016.

***Recebido em: 9 de dezembro de 2022.***

***Aceito em: 31 de dezembro de 2022***

### **COMO REFERENCIAR**

LIMA, Náthani Siqueira; GANTOS, Marcelo Carlos. Dinâmicas de engajamento e desengajamento político: uma análise no âmbito do Projeto de Educação Ambiental Territórios do Petróleo. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 242-260, 2022.

## **Profissionais tradicionais de saúde e suas estratégias populares no combate a sinais e sintomas de doenças em Santarém-PA.**

### **Traditional Health Professionals and Their Popular Strategies to Fight Signs and Symptoms of Diseases in Santarém-PA.**

#### ***Teógenes Luiz Silva da Costa***

Universidade Federal do Pará - Ufopa; doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC.

#### ***Paola Marcélia Acioly Fernandes***

Bacharelado interdisciplinar em saúde na Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA.

A Amazônia é um emaranhado de formas de viver, com diferentes sistemas de identidade, tradições e memórias. Apresentamos reflexões iniciais sobre sujeitos que detêm saberes e práticas tradicionais em saúde na região amazônica, especificamente aqueles naturais do município de Santarém, Pará. Refletimos sobre a continuidade e (re)existência de saberes não biomédicos possibilitados por Profissionais Tradicionais de Saúde (PTS), que mantêm vivo um conjunto de estratégias populares para o combate de sinais e sintomas de doenças. Também investigamos em quais espaços se encontram os PTS e quais funções sociais eles exercem em suas comunidades. Usamos a pesquisa exploratória, pois caracteriza-se como um estudo preliminar para a familiarização com o tema investigado. Foi dividido em quatro etapas, sendo a etapa final a de entrevistas com onze profissionais tradicionais de saúde, realizadas entre outubro de 2018 a abril de 2019 na cidade de Santarém - PA. Tais profissionais se diferenciam dos profissionais de saúde porque usam, em maior medida, a escuta em seus processos, pois entendem a integralidade dos seus pacientes. Todavia, ainda existe muito estigma com relação ao conhecimento desses profissionais e que esta pode ser, apesar de embrionária, uma iniciativa capaz de aproximar o conhecimento científico da comunidade acadêmica ao conhecimento empírico desses curadores.

**Palavras-chaves:** Biomedicina. Conhecimentos Tradicionais em Saúde. Profissionais Tradicionais em Saúde.

#### **Resumo**

The Amazon is a tangle of ways of living, with different systems of identity, traditions and memories. We present initial reflections on subjects who hold traditional knowledge and practices in health in the Amazon region, specifically those born in the municipality of Santarém - Pará. We reflect on the continuity and (re)existence of non-biomedical knowledge made possible by Traditional Health Professionals (Profissionais Tradicionais de Saúde - PTS) who keep alive a set of popular strategies to combat signs and symptoms of diseases. We also investigated in which spaces the PTS are located and what social functions they play in their communities. We used exploratory research, as it's characterized as a preliminary study for familiarization with the investigated topic. It was divided into four stages, the final stage being interviews with eleven traditional health professionals carried out between October 2018 and April 2019 in the city of Santarém - PA. Such professionals differs from health professionals because they use listening to a greater extent in their processes, as they understand the integrality of their patients. However, there's still a lot of stigmas regarding the knowledge of these professionals and that this can be, although embryonic, an initiative capable of bringing the scientific knowledge of the academic community closer to the empirical knowledge of these curators.

**Keywords:** Biomedicine; Traditional Knowledge in Health; Traditional Health Professionals.

## **Abstract**

## **Introdução**

A Amazônia é um emaranhado de formas de viver, com diferentes sistemas de identidade, tradições e memórias. Dessa forma, o presente artigo apresenta reflexões iniciais sobre sujeitos que detêm saberes e práticas tradicionais em saúde na região amazônica, especificamente aqueles naturais do município de Santarém, no Oeste do Pará.

Refletimos sobre a continuidade de re(existência) de saberes não biomédicos em saúde possibilitada por Profissionais Tradicionais de Saúde (PTS), que mantêm vivo o conjunto de estratégias populares de saúde para o combate de sinais e sintomas de doenças. Também investigamos em quais espaços se encontram os PTS e quais funções sociais eles exercem em suas comunidades.

Segundo a World Health Organization (WHO) (2000), a medicina tradicional é a soma de diversos conhecimentos, habilidades e práticas baseadas em teorias, experiências e crenças de povos tradicionais, de culturas diferentes, explicáveis cientificamente ou não, usadas na manutenção da saúde, bem como no diagnóstico ou no tratamento de enfermidade física ou mental.

O presente artigo apresenta reflexões sobre os processos de saúde-doença-cura, a partir da observação de saberes e práticas não biomédicos no Oeste do Pará, especificamente, em Santarém - PA (Amazônia, Brasil). Os dados e resultados aqui trazidos resultam de pesquisa realizada no âmbito de um projeto de Iniciação Científica, desenvolvido no Instituto de Saúde Coletiva – ISCO, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. A pesquisa foi feita pelo Grupo de Pesquisa e Extensão em Saúde Coletiva na Amazônia – PESCA.

Apresentamos relatos de uma investigação exploratória em que a ideia central foi organizar dados sobre saberes e práticas não acadêmicos em saúde, muitas vezes denominados “conhecimentos tradicionais”, “medicinas paralelas”, “curandeirismo”, ou ainda, de maneira depreciativa, “charlatanismo”. Dessa maneira, cabe salientar que ao conjunto de saberes e práticas em saúde não vinculados ao pensamento biomédico, iremos nos referir como Medicina Tradicional Popular Amazônica (MTPA). Nossa adesão a esta conceituação se baseia nas proposições teóricas concebidas por Filho e Bentes (2019) para designar esse sistema complexo de combate às doenças e cura de pessoas.

Para a pesquisa, escolhemos o município de Santarém, localizado no oeste do estado do Pará, inserido na região amazônica, em razão de ser o local de atuação profissional e acadêmica dos pesquisadores. A cidade possui cerca de 306.480 habitantes, segundo a estimativa de 2020, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia

e Estatística (IBGE)<sup>1</sup>, sendo formada pela confluência de indígenas, quilombolas, ribeirinhos e nordestinos, que vieram na seca de 50 e são descendentes dos invasores europeus que colonizaram o Brasil.

Ainda em relação às pessoas que formam a população santarena, devemos destacar que com os incentivos criados na Ditadura Militar, iniciada em meados da década 60 no Brasil, que conheceu-se por “integração nacional”, e com financiamento de grandes obras públicas na Amazônia, mato-grossenses e gaúchos também foram atraídos pelo *slogan* ufanista de “integrar para não entregar” e isso deu espaço a novos fluxos migratórios, como ressalta Gomes e Cardoso (2019). Além daqueles grupos étnicos há, ainda, a presença de colônias de japoneses. Portanto, a região possui influências de muitas culturas, vivências e conhecimentos muito diversos. Ademais, conta com uma área territorial de 17.898,389 km<sup>2</sup>, divididos, genericamente, em áreas rurais, indígenas, remanescentes de quilombos e urbanas.

O estudo foi aplicado em diferentes bairros do município de Santarém e em uma feira popular da cidade no período de outubro de 2018 a abril de 2019, visto que é o local onde se encontram os PTS ou até mesmo os conhecedores de estratégias populares de saúde, evidenciados na segunda etapa da pesquisa. Em Santarém, o acesso é fácil não apenas para o uso de plantas medicinais, mas também às pessoas que possuem conhecimentos não biomédicos, no que tange aos processos de saúde-doença-cura, bem como à compra de produtos à base de plantas medicinais. Durante a pesquisa (na dimensão de revisão bibliográfica especificamente) descobrimos que são os benzedeiros, rezadeiras, pais de santo, curandeiros ou até mesmo vendedores em mercados populares que são conhecidos como PTS (FILHO; BENTES, 2019).

As feiras populares de Santarém possuem vários conhecedores do uso de plantas medicinais e grande parte desse conhecimento foi passado de geração em geração, através da tradição oral. Cardoso *et al.* (2017) apontam as feiras nas cidades da Amazônia como lugar de circulação dos produtos do trabalho camponês, acrescentaríamos que circula ali também, além da materialidade dos produtos, a subjetividade dos saberes tradicionais dos povos do campo, das águas e das florestas.

---

<sup>1</sup>Os dados sobre a população estimada podem ser encontrados em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/santarem.html>>. Acesso em: 02 mar. 2023.

## **Metodologia**

No processo de colhimento dos dados da presente investigação utilizamos o método de pesquisa exploratória, pois caracteriza-se enquanto um estudo preliminar para a familiarização com o tema investigado, não intencionamos formular hipóteses generalistas a respeito da temática, mas tão somente objetivamos apresentar uma visão geral acerca do tema escolhido, como ressalta Oliveira (2011).

Intencionamos compreender o que são os saberes não biomédicos em saúde na Amazônia, a partir do contato com profissionais tradicionais de saúde que mantêm vivo o conjunto de estratégias populares de saúde para o combate de sinais e sintomas de doenças. Também investigamos em quais espaços se encontram esses profissionais e quais funções sociais exercem em sua comunidade.

A pesquisa foi feita com onze pessoas, dentre elas, benzedeiros, curandeiros, conhecedores das propriedades medicinais das plantas, rezadeiras e puxadores. A partir de um Roteiro de Entrevista semiestruturado foi possível conseguir as informações desejadas. Todos eles faziam o uso de plantas medicinais com o intuito de combater os sintomas e sinais de doenças, principalmente as infecciosas e parasitárias. Tais doenças são endêmicas, em sua maioria, na região amazônica.

O estudo foi realizado em quatro etapas, com técnicas distintas:

1) Pesquisa Bibliográfica – Permitiu realizarmos um levantamento sobre o estado da arte no que se refere ao tema proposto. Nessa etapa, priorizamos buscar trabalhos realizados na Amazônia, pois Santarém localiza-se nessa região, portanto, recorreremos às plataformas virtuais de bibliotecas públicas federais e estaduais e após, acessamos o acervo de universidades privadas da cidade. Nesta etapa nos familiarizamos com o tema;

2) Pesquisa de Campo – Quando conhecemos quem eram os PTS e o que eram as estratégias populares de saúde, e se eram adotadas, também identificamos qual seria a linguagem que poderíamos abordar os PTS.

Essa etapa foi imprescindível, pois os livros, teses e afins não possuem nada a respeito do termo que adotam e qual tipo de abordagem realizam. Deparamo-nos com um grande aprendizado nesse momento. Para chegarmos nessas pessoas recorreremos a diversas recomendações de usuários frequentes da MTPA, sem distinção de idade, identidade de gênero ou perfil socioeconômico. Começamos a delimitar quem seriam as pessoas que entraríamos em contato para conhecermos suas estratégias, seus contextos socioeconômicos e um pouco de como tornaram-se pessoas reconhecidas como PTS em suas comunidades;

3) **Análise Documental** – Nessa etapa buscamos quais Políticas Nacionais tinham relação com o tema, desde Política Nacional de Plantas Medicinais à Práticas Integrativas e Complementares. Foram, também, recomendadas leituras sobre os contextos brasileiro e mundial acerca desse tema, além de verificar qual é o entendimento da gestão municipal de saúde sobre os profissionais tradicionais de saúde e quais são os incentivos feitos para essa área; e,

4) **Realização de Entrevista** – Consistiu na realização de uma pesquisa com 11 pessoas, tendo sido elaborado um Roteiro de Entrevista semiestruturado, pois possibilitava ao PTS falar livremente. Descobrimos na segunda etapa que os PTS dificilmente respondiam às perguntas de forma direta, mas através de exemplos, parábolas e fatos.

## **Os profissionais tradicionais de saúde e as estratégias populares de saúde**

Os profissionais tradicionais de saúde (PTS) são benzedores, puxadores, curandeiros e os diversos conhecedores das propriedades de diversas plantas medicinais da Amazônia, cujo conhecimento promove saúde, combate agravos e até os previne.

As estratégias populares de saúde são as práticas não convencionais de saúde as quais os PTS (curadores, benzedores, puxadores etc.) adotam para promover saúde, curar enfermidades e promover o bem-estar das pessoas que os procuram. Dentre as estratégias populares de saúde estão a benzeção, a reza, a puxação, os sonhos e até mesmo jogar cartas para saber qual remédio deverá ser feito para o paciente. Usam óleos para puxar; plantas medicinais para defumar, chás, garrafadas; usam pomadas

para curar machucados; rezam para afastar maus espíritos, mau olhado e “indisposição”.

É fundamental falar sobre o profissional tradicional de saúde e relacioná-lo à estratégia popular de saúde que adota, pois ele é conhecido dessa forma na sua comunidade: se benze é benzedor; se reza é rezador; se puxa é puxador. Sua principal atividade – alguns possuem várias estratégias – é sua “função social”, como relatam Filho e Bentes (2019). Segundo Cordeiro (2017, p. 54) os PTS são “homens e mulheres legitimados(as) pelo grupo social como referência de cura dos males do corpo ou do espírito, padecimentos e suas enfermidades, através de rezas, magia e rituais, indicando ou não remédios caseiros aos(às) ‘pacientes’.

A população santarena busca, muitas vezes, esses profissionais para ser curada de suas doenças ou até mesmo para o alívio de dores e mal-estar, pois, muitos dos itens utilizados para o uso de estratégias, como as plantas medicinais são de fácil acesso, haja vista que podem ser plantadas nos quintais das casas ou até mesmo comercializadas em feiras livres e mercados populares da cidade. Além disso, a população local acredita que ao se tratar com plantas, não colocam a saúde em risco em razão de efeitos adversos, como é o caso dos fármacos. Outra variável importante a ser levada em conta é que muitas vezes o acesso que os santarenos possuem ao sistema de saúde é precário (GARNELO, *et al.*, 2019) e, também, os medicamentos não biomédicos são de baixo custo em comparação ao valor dos fármacos. Todavia, mesmo quando as pessoas têm acesso à medicina oficial, continuam à procura dos profissionais tradicionais de saúde, pois é parte da cultura local.

O resultado mais expressivo foi o fato de que todos os PTS participantes da pesquisa tinham aprendido as propriedades dos remédios populares (plantas, cascas, raízes etc.) com familiares. Eles ainda relataram acreditar serem portadores de um dom, em alguns casos, esses dons, ao serem percebidos por seus pais, avós, eram desenvolvidos e aprimorados com a ajuda de religiões, como espiritismo, catolicismo, umbanda e candomblé. Muitas vezes não achavam respostas para seus dons em livros acadêmicos, mas no “elevar” do espírito. Alguns outros responderam que encontravam respostas aos seus questionamentos em livros e até mesmo na internet.

Ser um profissional tradicional de saúde não é uma escolha pessoal, como ser enfermeiro ou médico, é antes de tudo uma designação que remete à estrutura social

tradicional, pois envolve um sistema simbólico específico, que se destina às estruturas cosmológicas transcendentais. A cultura amazônica, especificamente entre ribeirinhos, indígenas e quilombolas, concebe que são os encantados que dão o “dom divino” para os PTS. Nas palavras do antropólogo indígena João Paulo Barreto: “a ‘tradição intelectual’ indígena, de ver, de pensar e de organizar o mundo, os seres e as coisas, de relacionar, de manipular e perceber as mudanças, está ancorada em uma epistemologia que não é aquela que aprendemos nas escolas e nas universidades convencionais. Ela está ancorada na cosmologia e na cosmopolítica, que são a base de conhecimento e o fio condutor de pensamento e das práticas indígenas” (BARRETO, 2017, p. 603).

Com o dom, os PTS adquirem, naturalmente, habilidades e aptidões que consideram supranaturais, ou seja, pertencem à dimensão da subjetividade, daquilo que não é material. Seus guias os ajudam a formular receitas de remédios homeopáticos, dito caseiros, de acordo com o conjunto de sinais e sintomas que os seus pacientes apresentam.

As “fórmulas” dos remédios utilizados pelos PTS são mostradas através de sonhos, previsões, sensações: o místico também faz parte do processo de cura de uma pessoa. Ao relacionar seu dom a uma divindade, o PTS encontra na religião, em muitos casos, seu alicerce para desenvolver seu dom. Com isso, o profissional passa a entender todos os códigos recebidos em forma de sonhos, previsões e sensações. É em terreiros, igrejas, barracões e casas espíritas que o profissional de saúde se sente seguro para desenvolver seu dom.

A oralidade também é parte do processo de conhecimento de um PTS. Parte do conhecimento sobre o uso dessas práticas utilizadas pelos PTS é ensinada pela família e amigos próximos, segundo Filho e Bentes:

as técnicas são fundamentadas em conhecimentos adquiridos tradicionalmente junto a um familiar mais velho com ascendência sobre o futuro [PTS], como pais e avós, os quais também obtiveram sua formação de modo semelhante, ou conhecimentos adquiridos junto a um terapeuta da comunidade. Tal fato configura um dos elementos mais recorrentes entre os [PTS]: o caráter familiar e/ou comunitário da formação (FILHO; BENTES, 2019, p. 33).

Portanto, percebemos haver um sistema mais ou menos organizado em torno de tais conjuntos de saberes e práticas populares em saúde. Há a sistematização de

tais conhecimentos, como aponta Cordeiro (2017) quando relata que o diagnóstico e o tratamento de alguns sintomas e sinais das doenças são aprendidos com pais, avós e avôs, tios e tias.

**Quadro 1 – PTS e suas funções.**

Profissional tradicional de saúde (PTS)	Função Social (qual a forma como é conhecido na sociedade?)	Aprendizagem (com quem aprendeu sobre os saberes e práticas usadas?)	Que estratégias populares de saúde (quais atividades realizadas)?
PTS 1	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rezadeira</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mãe</li> <li>• Livros</li> <li>• Internet</li> <li>• Interação com outras pessoas</li> <li>• Espiritismo</li> <li>• Catolicismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reza, faz chás, banhos, garrafadas, xaropes</li> </ul>
PTS 2	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Curandeiro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pai de santo</li> <li>• Família</li> <li>• Umbanda</li> <li>• Candomblé</li> <li>• Catolicismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Faz banhos, garrafadas, reza, faz chás, Joga búzios, cartas</li> </ul>
PTS 3	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Benzedeira</li> <li>• Rezadeira</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Benze, faz chás, banhos, garrafadas, reza.</li> </ul>
PTS 4	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rezadeira</li> <li>• Benzedeira</li> <li>• Puxadora</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Benze, reza, faz chás, garrafadas, banhos, óleos</li> </ul>
PTS 5	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rezadeira</li> <li>• Parteira</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mãe</li> <li>• Catolicismo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Banhos, chás</li> </ul>
PTS 6	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Puxadora</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mãe</li> <li>• Avó</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Óleos</li> </ul>
PTS 7	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecedor da função de plantas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Chás, pomadas, óleos, gel, xarope, garrafadas</li> </ul>
PTS 8	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecedor da função de plantas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família</li> <li>• Internet</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Xarope, garrafada, chás, óleos, pós.</li> </ul>
PTS 9	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecedor da função de plantas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família</li> <li>• Internet</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Óleos, garrafadas</li> </ul>
PTS 10	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecedor da função de plantas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Família</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Chás, óleos, xarope</li> </ul>
PTS 11	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecedor da função de plantas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Internet</li> <li>• Família</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Garrafadas, chás, gel, pomada, banhos</li> </ul>

**Fonte:** esta tabela baseia-se na classificação apresentada na tese de Doutorado de Nobre (2009).

A partir desta Quadro 1, podemos compreender um pouco melhor o campo dos saberes e das práticas em saúde não biomédicos, ou seja, conhecemos elementos da Medicina Tradicional Popular Amazônica.

Quando perguntávamos sobre as práticas que utilizavam para combater os sintomas e sinais de doenças específicas não sabiam como responder ao certo. Apenas diziam que combatiam os sintomas e sinais dessas doenças através de chás para reduzir a febre, por exemplo; benzer e rezar afastar “coisas ruins” das pessoas, para promover o bem-estar geral no usuário; gel para aliviar as dores no corpo; pomadas de uso tópico para melhorar feridas e a aparência de cicatrizes. Banhos eram utilizados para afastar “energias negativas” que poderiam ter afetado os pacientes e acometê-los com doenças. Óleos eram empregados para fazer massagens quando os pacientes sentiam dores, por isso eram “puxados” por “puxadores”. O xarope era indicado para melhorar dores na garganta, por exemplo. Garrafadas melhoravam as condições de órgãos afetados pelas doenças, como rins, estômago e fígado, como acontece com a malária. A estratégia popular de saúde utilizada tinha mais relação com os sinais e sintomas de algum mal-estar, como febre e dores, do que com os sintomas de uma doença como malária e dengue.

Dentro do local que os PTS estão inseridos – em seu bairro, zona, comunidade – são referência em cura não apenas de doenças físicas, mas espirituais e até mesmo psicológicas. O profissional tradicional de saúde atende à população a partir da concepção de integralidade do ser humano, diferente da atuação de diversos profissionais de saúde que, inseridos no modelo biomédico, acabam por ver o ser humano como um corpo doente que precisa ser curado, sem entender seu contexto socioeconômico ou como está seu estado psicológico, por exemplo, o que difere no tipo de escuta do profissional tradicional de saúde, como relata Cordeiro (2017).

Normalmente, os PTS têm uma relação de proximidade com a população que os rodeia. Dessa forma, acaba por conhecer a realidade local e desenvolve um vínculo com seus pacientes. Filho e Bentes (2019, p. 35) relatam que o PTS “adota uma postura de acolhimento e escuta do paciente, intervindo pouco em uma atitude de anuência e encorajamento para que este relate a sua história”.

Perguntados sobre o uso de seus dons/conhecimentos e se essa seria a principal fonte de renda deles, dos 11 entrevistados, 8 responderam que sim. Os outros 3 faziam

seus trabalhos, pois, ao receberem tal dom, sentiam-se na obrigação de retribuir à população. Por terem um “dom” sentem-se obrigados a retribuírem para a comunidade o presente dado pelas divindades. Vaz (2016) revela ainda uma curiosidade sobre o dom: há a noção na qual o PTS que recebeu o dom não deve cobrar pelos seus serviços e trata-se de uma exigência ética do profissional. É uma forma de os usuários dessas práticas avaliarem se o PTS é um bom profissional. Entretanto, eles aceitam retribuições pelo trabalho prestado.

### **Estratégias populares de saúde que existem e resistem**

O termo “medicina tradicional”, ou “alternativa”, remete ao pressuposto de que as práticas populares de saúde são um emaranhado de conhecimentos ultrapassados, residuais e sobreviventes, como relata Loyola (1989). Todo conhecimento não oficial, que não passou pelo crivo acadêmico, é logo separado e diminuído. Todavia, essas práticas continuam a existir e resistem à perseguição de instituições e pessoas.

É notória a importância das plantas medicinais e seus usos, a tempos imemoriais, elas fazem parte da existência humana e diversos povos as utilizavam como um recurso terapêutico para vencer a morte ou sanar o seu sofrimento. O conhecimento empírico (aquele adquirido por meio da prática, da tentativa e erro) foi a forma pela qual descobriram as propriedades úteis e/ou nocivas de diferentes plantas. Observavam o comportamento dos animais, por exemplo, ou até mesmo experimentavam diferentes elementos naturais da fauna e da flora na intenção de tratarem-se.

Sob essa ótica destacamos que Botelho (2013) aponta como os especialistas em História da Medicina articularam respostas para descobrir como os homens “primitivos” iniciaram a luta para sanar a dor, promover saúde e ir além dos limites da vida: trata-se de ter um comportamento semelhante aos animais, de lamber feridas e até mesmo de comer plantas eméticas. Ainda segundo Botelho (2013, p. 29), “o conhecimento historicamente acumulado moldando os saberes empíricos da natureza circundante, [...] estava presente na administração de receitas competentes”. Historicamente, tais saberes e práticas foram, a princípio, transmitidos por intermédio da tradição oral, com o surgimento da escrita, aos poucos foram sendo compiladas e arquivadas.

No Brasil, as pessoas que usavam saberes tradicionais em processos de cura eram socialmente rotuladas como “charlatões”, como aponta Sampaio (2005). Por mais que recebessem apoio da comunidade em que viviam, até mesmo de pessoas importantes e influentes, sofriam ameaças de médicos higienistas ou eram perseguidos pela imprensa.

Burke (2010, p. 352) propõe o termo “reforma da cultura popular” para “descrever a tentativa sistemática por parte da cultura de elite [...] de modificar as atitudes e valores do restante da população ou, como costumavam dizer os vitorianos, ‘aperfeiçoá-los’”. E isso está longe de ser apenas fatos que aconteciam no final do século XIX. Até hoje, os profissionais tradicionais de saúde carregam o mesmo estigma.

Bentes (2019, p. 16) mostra que “os conhecimentos, criações e práticas populares existiam à margem dos conhecimentos formais, desvalorizados e discriminados pelas políticas públicas”. Um dos motivos para esta perseguição, de acordo com Filho e Bentes, aconteceu, pois:

após a Declaração da Independência, [...], cristalizou a desigualdade entre os diferentes grupos que formavam a nova nação, permitindo que elementos culturais dos povos tradicionais brasileiros e dos afrodescendentes fossem desqualificados e caracterizados como inferiores (FILHO e BENTES, 2019, p. 27).

Dessa maneira podemos perceber que houve, e ainda há, tentativas de silenciamento da cultura popular – e, portanto, também dos saberes e práticas tradicionais em saúde-doença-cura de cada povo – de forma estruturada, a partir de instituições políticas (por exemplo, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA) e científicas (como os Conselhos Profissionais que pretensamente se arvoram arautos do saber geral da humanidade, a exemplo do Conselho Federal de Medicina – CFM, entre outros) que aliados à mercantilização da saúde, marginalizam o conhecimento tradicional.

Ainda sobre saberes e práticas tradicionais em saúde, Mendes (2007) aponta que houve um aumento na busca por métodos alternativos (leia-se, relativos a medicinas não acadêmicas) de obter saúde tanto pela saúde em si quanto pelos profissionais de saúde, a partir da segunda metade do século XX, com o movimento da contrarreforma. A autora ainda ressalta que esse crescimento se dá em resposta à

dupla crise da saúde na sociedade atual: a sanitária e a médica. Além do mais, a sociedade contemporânea tem voltado a perceber o homem como um ser integral.

Outro fator importante, segundo Brandelli e Monteiro (2017, p. 11), foi a valorização da flora brasileira como fonte inestimável de estudo para a descoberta de propriedades de diversas plantas para a criação de medicamentos fitoterápicos: “atualmente, as plantas medicinais e os fitoterápicos não são mais considerados apenas terapia alternativa, mas uma forma sistêmica e racional de compreender e abordar os fenômenos envolvidos nas questões da saúde e da qualidade de vida. Para Filho e Bentes (2019, p. 45) “os remédios e terapias propostos são essencialmente derivados dos recursos naturais disponíveis. A flora é [...] a principal fonte desses recursos”, o que torna a biodiversidade do bioma amazônico como um dos principais colaboradores para a riqueza de recursos da Medicina Tradicional Popular Amazônica.

Todavia, no que tange à MTPA, no Brasil se observa uma relação dúbia do Estado com relação à medicina tradicional (FILHO; BENTES, 2019): ora possui alguns dos seus elementos reconhecidos por instrumentos oficiais e é pesquisada por alguns cientistas, ora é tratada com estranhamento e incompreensão por um sistema de saúde que, na prática, ainda utiliza a visão biomédica nos processos de adoecimento e cura. Laplantine (1989, p. 89) também ressalta que “o mundo científico, principalmente o médico, se mostra facilmente ambivalente quanto à reintrodução da preocupação de globalidade e subjetividade nos campos de pesquisa onde os limites da fria objetividade correm o risco de diluir-se”.

A exemplo disso, em uma pesquisa feita em 2015 por acadêmicos de medicina da Universidade Estadual do Pará (campus Santarém), com 30 médicos de diferentes especialidades e cadastrados no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), evidenciou-se que 90% dos entrevistados não sabiam informar sobre a interação medicamentosa e os remédios tradicionais e 66,6% dos que diziam saber não responderam da forma correta. Esse estudo apontou o quanto não há adesão, por parte dos médicos, às práticas fitoterápicas do paciente, evidenciando ainda, o desconhecimento sobre tratamentos alternativos, ou seja, não biomédicos.

Mesmo que haja a iniciativa feita pela Secretária Municipal de Saúde de Santarém com o “Projeto Arranjo Produtivo Local de Plantas Medicinais e

Fitoterápicos (APL Fito Santarém)”, que possui a “missão de articular e fomentar a produção adequada de plantas medicinais”, objetivando aliar o conhecimento tradicional ao científico, ainda é incipiente para agregar todos os saberes locais e evidenciar a importância das estratégias populares de saúde e dos profissionais de saúde, uma vez que, como a pesquisa anteriormente apontada demonstrou, é insuficiente o conhecimento médico sobre as práticas não biomédicas. Dito de outra forma:

Quando se é considerado o sistema de atenção à saúde como um sistema multicultural que se fortalece fora do espaço hospitalar de modelo biomédico, por conta de que sua organicidade leva os gestores a incentivar a busca por medicina popular para curas de enfermidades, então o reconhecimento das práticas populares de saúde se torna necessidade social e cultural, e certamente sua valorização e investimento organizacional deveria ser ao nível desse compromisso (BARROS, 2019a, p. 42).

Dessa maneira, concordamos com Barros (2019a), ao refletir no processo saúde-doença, propondo que a atenção à saúde é um sistema multicultural. A partir do exposto anteriormente, entendemos que, por mais que existam a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, bem como a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, ainda não são suficientes para esse conhecimento fazer parte das grades curriculares de cursos de graduação em saúde.

### **Considerações finais**

Notamos que, a partir dos achados de pesquisa aqui apresentados, ainda há grande estigma com relação ao conhecimento empírico imputado aos profissionais tradicionais de saúde que, apesar de acumularem, através da tradição oral, conhecimentos em saúde passados por gerações entre familiares ou até mesmo sendo instruídos por pessoas mais experientes. Esse preconceito com relação ao conhecimento popular em saúde acabou por afastá-los da nossa pesquisa, pois achavam que iríamos colocar seu conhecimento à prova. A comunidade acadêmica, representada por nós, assustava-os. Além do mais, esses profissionais tradicionais de saúde estão cada vez mais difíceis de encontrar.

O estudo, apesar de representar uma iniciativa ainda embrionária na região Oeste do Pará, apresenta boas projeções no que se refere à reflexão sobre os saberes e as práticas dos profissionais tradicionais em saúde, que atuam no município de

Santarém. Ao dar visibilidade a eles, a seus dons, suas habilidades, buscamos dar visibilidade à cultura local e refletir sobre novas possibilidades na atenção à saúde de forma integral à população santarena.

Esperamos, também, que esse estudo desperte interesse por parte da comunidade acadêmica e que os saberes e práticas tradicionais aqui apresentados possam ser trazidos para debates em sala de aula, de forma que se respeitem os saberes não biomédicos, obtidos tradicionalmente no decorrer de gerações.

Além do mais, as informações vistas em campo apontam para o fato destes saberes e práticas tradicionais, sistematizados pelos profissionais tradicionais de saúde, estarem cada vez mais obliterados pelo conjunto de saberes da medicina acadêmica. O conhecimento da geração anterior não está sendo transmitido às atuais gerações, o que torna a busca por esses profissionais mais difícil porque muitos são idosos ou já faleceram.

## Referências Bibliográficas

BARRETO, João Paulo Lima. **Bahserikowi - Centro de Medicina Indígena da Amazônia: concepções e práticas de saúde.** Amazonica - Revista de Antropologia, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 594-612, abr. 2018. ISSN 2176-0675. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5665>. Acesso em: 29 maio 2022. doi:http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v9i2.5665.

BARROS, E. A. **O benzer quilombola amazônica: a resistência ao modelo oficial de saúde e o fortalecimento de comunidades afrodescendentes de Óbidos-Pará.** Dissertação do Programa de Pós-graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida. Santarém, 2019a.

BARROS, E. A. **Prevenção e Proteção: a medicina tradicional no cuidado em saúde de jogadores de futebol do município de Óbidos - Pará.** In: Rosineide da Silva Bentes. (Org.). Série Vidas: **A Medicina Tradicional Popular Amazônica (MTPA) e temas afins.** 1. ed. Curitiba: CRV, 2019b, v. 1, p. 1-300.

BARROS, E. A.; JÚNIOR, A. R. da S. **Raizamas do Brasil: benzeções amazônicas no oeste do Pará.** In: FOUQUET, B. KUPFER, E.; ROTHFUSS, D. (Orgs.). Martius-Staden-Jahbuch. Edição: n. 63. Editora São Leopoldo. Oikos, 2020. (p. 177-188).

BENTES, R. da S. (org.). **A Medicina Tradicional Popular Amazônica (MTPA) e Temas Afins.** Série Vidas, vol. 1. Editora CRV. Curitiba. 2019.

BOTELHO, J. B. **História da Medicina**: da abstração à materialidade. 3º ed. Editora Valer. Manaus, 2010.

BRANDELLI, C. L. C.; MONTEIRO, S. da Cruz. **Farmacobotânica**: Aspectos Teóricos e Aplicação. 1ª ed. Editora Artmed, 2017.

BRASIL. IBGE. **Censo demográfico 2000**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/santarem>. Acesso em: 20 dez. 2019.

BRASIL. **Resolução nº 196**, de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 16 out. 1996. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196\\_10\\_10\\_1996.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html). Acesso em: 3 nov. 2020.

BRASIL. **Resolução nº 466**, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. **Resolução nº 510**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BURKE, P. **Cultura Popular na Idade Média**. Editora Cia. de Bolso, 2010.

CARDOSO, C. F.; GUEDES, E. B.; MORAIS, L. B. Feiras Livres: Espacialidade e Temporalidade da reprodução Camponesa. **Anais do VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária**. Curitiba, 2017.

CHAVES, M. do P. S. R.; RODRIGUES, D. C. B., RODRIGUES, J. D. de L. **Saúde sob o prisma da sustentabilidade**: práticas tradicionais em comunidades ribeirinhas da Amazônia. In: BENTES, R. da S (Org.). *A Medicina Tradicional Popular Amazônica (MTPA) e Temas Afins*. Série Vidas, vol. 1. Editora CRV. Curitiba, 2019. Capítulo 3 (p. 65-90).

CORDEIRO, M. A. de S. **A canoa da cura ninguém nunca rema só**: o se ingerar e os processos de adoecer e curar na cidade de Parintins (AM). Tese do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2017.

FILHO, A. A. P; BENTES, R. da S. **Medicina Tradicional Popular Amazônica (MTPA)**: seus saberes e praticantes. In: *A Medicina Tradicional Popular Amazônica (MTPA) e Temas Afins*. Série Vidas, vol. 1. Editora CRV. Curitiba, 2019. Capítulo 1 (p. 27-51).

FILHO, F. A. V. **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras: os imprescindíveis sacerdotes do povo na Amazônia.** Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém, 2016.

GARNELO, L.; HERKRATH, F. J.; LIMA, J. G.; ROCHA, E. S. C. **Acesso e cobertura da Atenção Primária à Saúde para populações rurais e urbanas na região norte do Brasil.** Saúde Debate, v. 42, número especial 1, p. 81-99, setembro 2018. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42nspe1/0103-1104-sdeb-42-spe01-0081.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GOMES, T. V.; CARDOSO, A. C. D. **Santarém: o ponto de partida para o (ou de retorno) urbano utopia.** Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, 2019.

LAPLANTINE, L.; RABEYRON, P. L. **Medicinas paralelas.** São Paulo: Brasiliense, 1989.

LOYOLA, M. A. Representações sobre a saúde e a doença, concepção e uso do corpo. *In:* BUCHILLET, D. (Org.). **Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia. Contribuições científicas apresentadas no Encontro de Belém.** Belém, 1991. p. 125-133.

MACHADO, R.; LOUREIRO, A.; LUZ, R.; MURICY, K. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

Mendes, M. I. B. De Souza. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais.** Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2008, v. 13, n. 4 [Acesso em: 02 dez. 2019], pp. 1371-1372. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000400035>. Epub 08 Jul 2008. ISSN 1678-4561.

NOBRE, A. H. **Atravessando Fronteiras: rumo à saúde tradicional.** Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará. Belém, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/4936>. Acesso em: 10 dez. 2019.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração.** Universidade Federal de Goiás: Catalão, 2011.

RENDERS, Helmut. **A Alteridade Negada: o "Descobrimento" das Américas Segundo o Discurso Imagético de Selos Europeus de 1992.** Contexto Internacional [online]. 2015, v. 37, n. 2 [Acesso em: 16 dez. 2022], pp. 597-628. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-85292015000200009>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SAMPAIO, G. dos R. **Nas Trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial.** São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

WHO. **General Guidelines for Methodologies on Research and Evaluation of Traditional Medicine**. Genebra: WHO Press, 2000. Disponível em: <[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/66783/WHO\\_EDM\\_TRM\\_2000.1.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/66783/WHO_EDM_TRM_2000.1.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 15 dez. 2019.

***Recebido em: 31 de maio de 2022.***  
***Aceito em: 31 de dezembro de 2022***

### COMO REFERENCIAR

COSTA, Teógenes Luiz Silva da; FERNANDES, Paola Marcélia Acioly. Profissionais tradicionais de saúde e suas estratégias populares no combate a sinais e sintomas de doenças em Santarém - PA. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 2, p. 261-178, ago./dez. 2022.